

Autora de *HERESIA*

S.J. PARRIS

PROFECIA

*No reino de Elizabeth,
lealdade se compra com sangue*







O ARQUEIRO

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Autora de *HERESIA*

S.J. PARRIS

PROFECIA

FORMATAÇÃO/CONVERSÃO E PUB: RELIQUIA



Título original: Prophecy: An Elizabethan Thriller

Copyright © 2011 por S. J. Parris

Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com Little, Brown and Company, New York, New York, USA.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Maria Luiza Newlands

epub: Reliquia

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

P585s

S. J., Parris, 1974-

Profecia [recurso eletrônico] / [tradução de Maria Luiza Newlands]; São Paulo: Arqueiro, 2013.

recurso digital

Tradução de: Prophecy: An Elizabeth Thriller

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Multiplataforma

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-127-0 (recurso eletrônico)

1. História de suspense. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos I. Título: Profecia.

11-3827

CDD: 810

CDU: 811.111(71)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Índice

Prólogo

Mortlake, casa de John Dee,
3 de setembro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 1

Barn Elms, casa de Sir Francis Walsingham,
21 de setembro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 2

Palácio de Richmond, sudoeste de Londres,
21 de setembro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 3

Salisbury Court, Londres,
26 de setembro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 4

Salisbury Court, Londres,
27 de setembro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 5

Palácio Whitehall, Londres,
28 de setembro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 6

Mortlake, Londres,
29 de setembro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 7

Palácio Whitehall, Londres,
30 de setembro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 8

Palácio Whitehall, Londres,
30 de setembro do ano do Senhor de 1583, cont.

Capítulo 9

Salisbury Court, Londres, 1o de outubro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 10

City, centro de Londres,
1o de outubro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 11

Mortlake, sudoeste de Londres,
1o de outubro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 12

Barn Elms, sudoeste de Londres,
1o de outubro do ano do Senhor de 1583, Noite

Capítulo 13

Salisbury Court, Londres,
2 de outubro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 14

Arundel House, Londres,
2 de outubro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 15

Arundel House, Londres,

3 de outubro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 16

Salisbury Court, Londres,

3 de outubro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 17

City, centro de Londres,

3 de outubro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 18

Mortlake,

1º de novembro do ano do Senhor de 1583

Epílogo

Palácio de Whitehall, Londres

17 de novembro do ano do Senhor de 1583,

Vigésimo quinto ano da Ascensão de Sua Majestade Elizabeth Regina ao Trono da Inglaterra

Prólogo

Mortlake, casa de John Dee,

3 de setembro do ano do Senhor de 1583

SEM AVISO, AS CHAMAS de todas as velas dos cantos do aposento tremulam e enfraquecem, como se uma repentina lufada de vento houvesse entrado, mas o ar está parado. Ao mesmo tempo, os pelos dos meus braços se arrepiam e estremeço: um sopro frio desce sobre nós, embora lá fora a claridade do dia não tenha terminado. Arrisco um olhar de soslaio para o Dr. Dee, que se mantém de pé, imóvel como se fosse feito de mármore. Suas mãos estão juntas, como se ele rezasse, os nós dos polegares pressionando ansiosamente os lábios - ou o que se vê deles através da barba acinzentada e pontuda, que lhe desce até o peito, semelhante à de Merlin, de quem Dee secretamente se considera herdeiro. Ned Kelley, o benzedeiro, ajoelha-se no chão, de costas para nós diante da mesa de prática, olhos fixos no cristal pálido, translúcido, mais ou menos do tamanho de um ovo de ganso, engastado em uma armação de latão e colocado em cima de um lenço quadrado de seda vermelha. Os postigos de madeira das janelas do gabinete de trabalho foram fechados. Esse assunto deve ser tratado no escuro e à luz de velas. Kelley inala o ar como um ator antes de recitar seu prólogo e abre os braços numa postura de crucifixão.

- Sim... - ele finalmente respira, a voz pouco mais do que um suspiro. - Ele está aqui. Chama por mim.

- Quem? - Dee curva-se para a frente, ávido, os olhos brilhando. - Quem é ele?

Kelley espera um momento antes de responder, a testa franzida, concentrando o olhar no cristal.

- Um homem mais alto do que um mortal, de pele escura como mogno polido. Está vestido dos pés à cabeça com uma roupa branca rasgada, e seus olhos são de fogo vermelho. Na mão direita erguida segura uma espada.

Dee vira bruscamente a cabeça e agarra meu braço, encarando-me. A perplexidade no rosto dele deve estar refletida na minha própria face. Assim como eu, ele reconheceu a descrição: o ser que Kelley vê no cristal é igual à primeira figura do signo de Áries, de acordo com a descrição do antigo filósofo Hermes Trismegisto. Existem 36 dessas figuras, os deuses egípcios do Tempo que regem as

divisões do Zodíaco e são chamados por alguns de "demônios estrelas". Poucos estudiosos na Cristandade poderiam identificar a figura que o benzedeiro vê, e dois deles estão neste gabinete de trabalho em Mortlake. Se é isso de fato o que Kelley vê. Não falo nada.

- O que ele diz? - pergunta Dee em tom impaciente.

- Está segurando um livro - responde Kelley.

- Que tipo de livro?

- Uma obra antiga, com a capa gasta pelo uso e as páginas todas de ouro batido. - Kelley aproxima-se mais do cristal. - Espere! Ele está escrevendo no livro com o dedo indicador, e as letras são traçadas com sangue.

Quero perguntar o que ele fez com a espada enquanto escreve no livro - enfiou embaixo do braço, talvez? mas Dee não me agradecerá por tratar esse assunto com leviandade. A meu lado, ele prende a respiração, impaciente para saber o que o espírito está escrevendo.

- XV - informa Kelley após um momento.

Vira-se para erguer o olhar para nós, depois espia por cima do ombro direito, com expressão perplexa, talvez na esperança de que Dee interprete os números.

- Quinze, Bruno - murmura Dee, olhando de novo para mim à espera de confirmação.

Balanço a cabeça duas vezes, concordando. O 15º livro perdido de Hermes Trismegisto, aquele que eu viera à Inglaterra procurar, o que Dee tivera nas mãos anos antes, que lhe fora brutalmente roubado e que se perdera outra vez. Seria possível? Ocorre-me que Kelley deve saber da obsessão de seu mestre por tal obra.

O vidente levanta uma das mãos pedindo silêncio. Seus olhos não se despregam do cristal.

- Ele virou a página. Agora, está desenhando... parece um... sim, um símbolo. Rápido, tragam papel e tinta!

Dee corre para lhe trazer essas coisas. Kelley estende o braço e agita a mão com impaciência, como se temendo que a imagem desaparecesse antes que tivesse tempo de copiá-la. Apanha a pena e, ainda de olhos fixos no cristal, desenha o símbolo astrológico do planeta Júpiter e o segura no alto para nos mostrar.

Meu corpo se retesa. Dee sente a tensão na mão que segura meu braço e virase um pouco para me olhar com uma interrogação no movimento das sobrancelhas. Mantenho o rosto impassível. O símbolo de Júpiter é meu código, minha assinatura. Substitui meu nome como sinal de que minhas cartas com informações secretas são autênticas. Só duas pessoas no mundo sabem disso: eu e

Sir Francis Walsingham, principal ministro de Estado de Sua Majestade e chefe do serviço secreto. É um símbolo bastante comum em astrologia e é uma coincidência, certamente, que Kelley o tenha desenhado. No entanto, cada vez mais desconfiado fito a nuca de Kelley.

- Na página à frente - continua Kelley - ele desenha outra imagem; dessa vez o símbolo de Saturno.

Ele também desenha uma cruz com uma cauda em curva, a pena arranhando devagar o papel, como se o tempo se adensasse enquanto ele acompanha o desenrolar da cena nas profundezas do cristal. A respiração de Dee se acelera quando ele pega o papel e bate na folha com dois dedos.

- Júpiter e Saturno. A Grande Conjunção. Você compreendeu, não foi, Bruno? - Sem esperar a resposta, volta-se, impaciente, para Kelley. - Ned, o que ele está fazendo agora, o espírito?

- Ele abre a boca e com um gesto ordena que eu escute.

Kelley se cala e não se mexe. Passam os momentos, Dee curvado para a frente, ansioso, imóvel como se uma corda o esticasse, equilibrando-se entre a vontade de se lançar sobre o vidente e o desejo de não pressioná-lo. Quando Kelley fala novamente, sua voz está alterada: mais sombria, de certa forma, e ele declara, como se estivesse em transe:

- "Todas as coisas chegaram quase à sua plenitude. O próprio tempo será alterado, e estranhas serão as maravilhas contempladas. A água vai perecer em fogo, e uma nova ordem surgirá daí."

Ele então faz uma pausa, em seguida solta um grande suspiro trêmulo. Dee aperta meu braço com mais força. Sei o que ele está pensando. Kelley continua, com a mesma voz portentosa:

- "O próprio Inferno se cansa da Terra. Neste tempo, virá aquele que é chamado Filho da Perdição, Mestre do Erro, Príncipe das Trevas, e ele enganará muitos com suas artes mágicas, de tal modo que parecerá que desce fogo das alturas e o céu se tinge de sangue. Impérios, reinados, principados e Estados serão derrubados, pais se voltarão contra filhos e irmãos contra irmãos, haverá turbulência entre os povos da Terra e pelas ruas das cidades correrá sangue. Com isso, conhecereis os últimos dias da velha ordem."

Ele para de falar, deixa-se cair sobre os calcanhares, arquejante, o peito arfando como se tivesse corrido um quilômetro no calor. A meu lado, sinto Dee tremendo, a mão ainda segurando meu braço. Sinto-o sôfrego por mais palavras do espírito, instando em silêncio ao vidente que não se detenha ali, sem querer se manifestar em voz alta por temor de quebrar o encanto. De minha parte, adiei meu

juízo.

- "No entanto, Deus providenciou remédio para o sofrimento do homem" - exclama Kelley no mesmo tom de voz, sentando-se de repente e nos causando um sobressalto. - "Também surgirá um príncipe que governará pela luz da razão e da compreensão, que golpeará as trevas dos velhos tempos, e nele a alteração do mundo começará, e assim ele estabelecerá uma fé, uma antiga religião de unidade que porá fim à discórdia."

Dee bate palmas alegremente, virando-se para mim com olhos brilhantes e a excitação de uma criança. É difícil acreditar que este é o seu 56º outono.

- A profecia, Bruno! O que mais pode ser isso se não a profecia da Grande Conjunção, do fim do velho mundo? Você interpreta isso do mesmo modo que eu, meu amigo. Por intermédio dos bons serviços do mestre Kelley aqui, os deuses do tempo escolheram nos falar sobre a vinda do Trígono de Fogo, quando a velha ordem será derrubada, e o mundo, renovado à imagem da antiga verdade!

- Ele decerto falou de assuntos graves - digo, em tom imparcial.

Kelley vira-se, então, a testa úmida de suor, e olha para mim com aqueles seus olhos tão próximos um do outro.

- Dr. Dee, o que é esse Trígono de Fogo? - pergunta, com sua própria voz, um tanto nasalada.

- Você não pode imaginar, Ned, o significado daquilo que seus dons nos revelaram hoje - responde Dee, agora de maneira paternal -, mas você nos transmitiu uma profecia de fato magnífica. Magnífica.

Ele sacode a cabeça devagar, cheio de admiração, depois se anima e começa a andar pelo aposento enquanto explica, reassumindo sua autoridade, outra vez um professor. No decorrer da sessão, ele depende de Kelley, mas não é seu costume ser subserviente. Afinal de contas, ele é o astrólogo pessoal da rainha.

- A cada 20 anos - diz, levantando um dos dedos como um professor de escola -, os dois planetas mais poderosos de nossa cosmologia, Júpiter e Saturno, alinham-se um com o outro, a cada vez movendo-se através dos 12 signos do Zodíaco. A cada 200 anos, aproximadamente, essa conjunção se move para um novo Trígono - ou seja, o grupo de três signos que corresponde a cada um dos quatro elementos. E a cada 960 anos, o alinhamento completa seu ciclo através dos quatro Trígonos, voltando ao início em fogo. Durante os últimos 200 anos, os planetas se alinharam nos signos do Trígono de Água. Mas agora, meu caro Ned, neste ano do Senhor de 1583, Júpiter e Saturno entrarão mais uma vez em conjunção no signo de Áries, o primeiro signo do Trígono de Fogo, a mais potente conjunção de todas e que não ocorre por quase mil anos.

Faz uma pausa para causar impressão. Kelley está de boca aberta, feito um peixe morto.

- Então, essa é uma ocasião grave nos céus?

- Mais do que grave - digo, assumindo o fio da narrativa. - A vinda do Trígono de Fogo significa a aurora de uma nova época. É apenas a sétima conjunção desse tipo desde a criação do mundo, e a cada vez foi marcada por acontecimentos que abalaram a história. O dilúvio de Noé, o nascimento de Cristo, a chegada de Carlos Magno, todos coincidem com a volta do Trígono de Fogo. E essa transição para o signo de Áries no final de nosso século tão atormentado foi profetizada por muitos como sendo o fim da história.

Dee concorda, pensativo. Ele chegou à frente de seu alto zograscópio, com sua delicada moldura dourada, colocado num canto, junto à janela que dá para oeste. A peculiaridade do aparelho é refletir a imagem verdadeira, e não a imagem invertida de um espelho comum. O efeito é desconcertante. Agora ele se vira para nós e levanta a mão direita; no espelho, seu reflexo faz o mesmo.

- O astrônomo Richard Harvey escreveu o seguinte sobre essa conjunção: "Teremos uma assustadora, maravilhosa e horrível alteração de impérios, reinos e Estados, ou a destruição do mundo inteiro" - acrescento.

- De fato, Bruno, de fato. Podemos esperar sinais e prodígios, meus amigos, nos dias que virão. Nosso mundo vai mudar a ponto de não ser reconhecido.

Seremos testemunhas de uma nova era.

Dee está trêmulo, os olhos úmidos.

- Então... o espírito no cristal... ele veio nos lembrar dessa profecia? - pergunta Kelley, o rosto cheio de reverência.

- E apontar sua relevância especial para a Inglaterra - completa Dee, a voz impregnada de significado. - Porque o que mais pode indicar a não ser a derrota da velha religião de uma vez para sempre em favor da nova, com Sua Majestade como a luz da razão e da inteligência?

- Eu não fazia a menor idéia - diz Kelley, com ar apreensivo.

Observo-o com atenção. Existem duas possibilidades. Uma: ele realmente tem um dom. Não a descarto ainda, pois embora nunca me tenha sido concedido, em outros países ouvi contar sobre homens que falam com aqueles a quem chamam de anjos ou de demônios em pedras reveladoras semelhantes a essa aqui ou em refletores feitos para esse fim, como o de obsidiana que fica sobre a lareira de Dee. Porém, em meus tempos de perambulação pela Europa, também encontrei muitos desses videntes itinerantes, desses benzedeiros, desses médiuns de aluguel, que têm

um conhecimento superficial de assuntos esotéricos e que, pelo preço de uma cama para dormir e uma caneca de cerveja, dizem ao homem crédulo tudo o que ele quiser ouvir. Talvez seja esnobismo de minha parte, mas não posso deixar de pensar que, se os deuses egípcios do tempo decidissem falar com os homens, seria com indivíduos instruídos, filósofos como eu ou John Dee, os autênticos herdeiros de Hermes, não com um homem como Ned Kelley, que usa seu barrete de pano esfarrapado enfiado até a testa mesmo dentro de casa, para encobrir a ponta de uma orelha cortada como punição por ter falsificado moedas.

Mas preciso ter cautela ao falar a Dee sobre Ned Kelley. O vidente já tinha uma posição garantida na casa do astrólogo muito antes de minha chegada à Inglaterra, e esta é a primeira vez que Dee me permitiu participar de uma dessas "atividades", como ele as chama. Kelley não vê com bons olhos minha recente amizade com seu mestre. Percebo o modo como me olha sob a ponta de seu barrete. John Dee é o homem de maior erudição da Inglaterra, mas me parece depositar uma confiança inexplicável em Kelley, apesar de saber muito pouco sobre a história do médium. Afeiçoei-me a Dee e não gostaria de vê-lo ser enganado. Ao mesmo tempo, não quero perder suas boas graças e ficar impedido de usar sua biblioteca, a mais primorosa coleção de livros que se pode encontrar em todo o reino. Portanto, guardo minhas opiniões para mim.

Com uma repentina lufada de ar, a porta do gabinete de trabalho se abre e todos estremecemos como criaturas culpadas. Kelley, com surpreendente rapidez, joga seu chapéu para cima da bola de cristal. Nenhum de nós se ilude - o que estamos praticando aqui seria considerado feitiçaria, uma ofensa grave contra as leis da Igreja e do Estado. Bastaria um criado mexeriqueiro farejar as atividades de Dee e todos enfrentaríamos a fogueira. As autoridades protestantes desta ilha, mais tolerantes em determinadas questões do que a Igreja de minha Itália nativa, ainda atacam fortemente qualquer coisa que cheire a magia.

A luz empoeirada do sol do crepúsculo chega de viés do corredor do lado de fora, e na soleira está parado um menino pequeno, de não mais de 3 anos, que olha para cada um de nós com uma curiosidade estupefata.

O rosto de Dee se contrai numa expressão de ternura, mas também de alívio.

- Arthur! O que você quer? Sabe que não pode me incomodar quando estou trabalhando. Onde está sua mãe?

Arthur Dee dá um passo à frente e ao mesmo tempo estremece com o corpo todo.

- Por que está tão frio aqui no seu gabinete, papai?

Dee me lança um olhar semelhante ao de triunfo, como se dissesse: *Está vendo? Não fomos enganados.* Escancara as janelinhas do lado oeste e lá fora

vemos que o sol está se pondo, manchando o céu de escarlate, cor de sangue.

Capítulo 1

Barn Elms, casa de Sir Francis Walsingham,

21 de setembro do ano do Senhor de 1583

O BANQUETE DA BODA de Sir Philip Sidney e Francês Walsingham ameaça se prolongar pelo dia seguinte afora. Caiu o crepúsculo, acenderam-se as luzes e, acima do rumor dos músicos e das risadas dos convidados, a jovem com quem estou dançando me conta, animada, que houve uma festa de casamento que durou quatro dias inteiros. Ela se encosta mais em mim quando diz isso e aperta a mão no meu ombro. Seu hálito recende a vinho doce. Os músicos atacam mais uma galharda. Minha parceira solta uma exclamação de prazer e agarra minha mão com ímpeto, rindo. Estou prestes a protestar que está quente no salão, que eu gostaria de tomar uma taça de vinho ao ar livre e desfrutar de um momento de descanso antes de voltar ao trabalho, mas, assim que abro a boca, o ar me foge quando um punho me golpeia entre os ombros e ouço um grito entusiástico.

- Giordano Bruno! Mas o que vejo aqui? O grande filósofo abandonando sua capa acadêmica de sábio e levantando a perna com a flor da corte de Sua Majestade? Você aprendeu a dançar assim no mosteiro? Seus talentos ocultos não param de surpreender, *amico mio*.

Recuperando o equilíbrio, viro-me e abro um enorme sorriso. Cá está o noivo em todos os seus enfeites, 1,80 metro de altura e corado de vinho e de triunfo: calções de seda cor de cobre tão volumosos que fico admirado de ele conseguir passar por uma porta; gibão de seda marfim todo bordado de pérolas-de-arroz; uma gola de renda franzida ao pescoço tão rigorosamente engomada que seu rosto bonito, sem barba, parece o de um menino pequeno espiando por cima de um muro. O cabelo ainda se projeta para o alto na frente, como o de um estudante que saiu às pressas da cama. Com todo o tumulto, não trocamos uma palavra sequer desde a cerimônia da manhã, já que ele e sua jovem noiva estiveram rodeados por parentes e pessoas proeminentes a lhes desejar felicidades, todos os mais ilustres ornamentos da corte de Sua Majestade.

- Então - diz ele, abrindo um grande sorriso vai me dar os parabéns agora ou está aqui só por causa da comida servida em minha mesa?

- Na mesa de seu sogro, foi o que pensei - respondo, rindo. - Ou, me diga, qual foi a parte do banquete que você mesmo pagou?

- Hoje você pode deixar de lado o seu pedantismo de salão de debates, Bruno. Mas espero que tenha comido e bebido à vontade.

- Há comida e bebida aqui suficientes para alimentar uns cinco mil. - E aponto para as duas mesas compridas em cada uma das extremidades do grande salão, onde estão espalhados os restos do banquete de casamento. - Vocês vão comer as sobras durante semanas a fio.

- Pode ter certeza de que Sir Francis cuidará disso - diz Sidney. - Hoje, generosidade; amanhã, parcimônia. Mas venha, Bruno. Não faz idéia de como estou contente por você estar aqui.

Ele abre os braços para mim e eu o abraço com sincera afeição. Minha altura é perfeita para que sua gola de renda engomada me acerte em cheio no nariz.

- Cuidado com a roupa - diz ele, meio brincando. - Bruno, permita que lhe apresente meu tio Robert Dudley, conde de Leicester.

Sidney dá um passo para trás e faz um gesto para o homem postado a pouca distância, mais ou menos de sua altura, com uns 50 anos porém ainda atlético, o cabelo cinza-azul nas têmporas mas o rosto bem desenhado e bonito por trás da barba aparada curta. O homem me observa com olhos castanhos atentos.

- Meu senhor.

Faço uma profunda reverência, reconhecendo a honra. O conde de Leicester é um dos nobres de posição mais elevada na Inglaterra e o homem que desfruta de maior influência sobre a rainha Elizabeth. Levanto a cabeça e deparo com sua arguta avaliação. Comenta-se que na juventude ele foi o único amante da rainha e que ainda hoje a duradoura amizade deles é mais íntima do que muitos casamentos. Ele sorri, e há cordialidade em seu olhar.

- Dr. Bruno, o prazer é meu. Quando soube de sua coragem em Oxford fiquei ansioso para conhecê-lo e lhe agradecer pessoalmente.

Nesse ponto, ele abaixa a voz. Leicester é o presidente honorário da Universidade de Oxford, incumbido de fazer cumprir as medidas necessárias para eliminar a resistência católica entre os alunos. O fato de o movimento ter adquirido tanta força no período de sua gestão tem sido motivo de certo constrangimento para ele. Minhas aventuras com Sidney lá durante a primavera contribuíram para desarmar esse movimento, ao menos temporariamente. Estou prestes a responder quando somos interrompidos por um homem vestido com um gibão avermelhado e tão exageradamente acolchoado na frente que parece que ele está grávido. O conde me dirige um aceno de cabeça cortês e viro-me outra vez para Sidney.

- Meu tio gosta da sua maneira de ser. Está louco para saber mais sobre suas

teorias escandalosas a respeito do Universo. - Devo estar com um ar apreensivo, porque ele me acotovela alegremente as costelas. - A amizade de Leicester tem grande valor.

- Estou contente por tê-lo encontrado - digo, esfregando a lateral do corpo. - E agora posso apresentar meus cumprimentos à sua noiva?

Sidney olha em torno, como se procurasse alguém para cuidar do assunto por ele.

- Creio que ela está por aí. Dando risadinhas com suas damas. - Ele não parece estar com muita pressa de encontrá-la. - Mas você se faz necessário em outro lugar.

Ele se vira e inclina-se cumprimentando minha companheira, que se afastou discretamente uns poucos passos para nos observar sob as pálpebras abaixadas, as mãos entrelaçadas com recato.

- Vou lhe tomar emprestado o grande Dr. Bruno por um instante. Devolvo-o a você a qualquer hora. Haverá mais danças depois do espetáculo de teatro.

A moça enrubesce, sorri com ar tímido para mim e obedientemente se mistura à massa farfalhante e colorida dos convidados. Sidney a acompanha com uma expressão divertida no olhar.

- Pelo jeito, lady Arabella Horton está de olho em você. Não se engane com todo esse bater de pestanas e sorrisos afetados. Metade da corte já caiu em seus encantos. E ela vai perder o interesse por você assim que souber que é filho de um soldado, sem nenhum capital além de sua inteligência e uma mesada insignificante do rei da França.

- Eu não estava planejando contar isso a ela de imediato.

- Contou que foi monge durante 13 anos?

- Não chegamos a isso também.

- Pode ser que ela goste de saber... pode querer ajudá-lo a compensar o tempo perdido. Mas, por enquanto, Bruno, meu sogro sugere que você talvez queira dar uma volta no jardim.

- Ainda não tive oportunidade de cumprimentá-lo.

É evidente que se trata de negócios. Sidney pousa a mão no meu ombro.

- Ninguém teve. Sabia que ele desapareceu por duas horas inteiras essa tarde para rascunhar uns documentos? No meio da festa de casamento da própria filha?

Ele sorri, indulgente, como se fosse preciso tolerar tais fraquezas, embora nós dois saibamos que Sidney não pode se queixar. Do ponto de vista financeiro, ele

precisava mais desse casamento do que a jovem Srta. Walsingham, que desconfio alimentar mais esperanças românticas do que seu novo marido.

- Imagino que a grande máquina do Estado tenha que continuar funcionando.
- Com certeza. E agora é sua vez de azeitar as engrenagens. Vá até ele. Encontro você mais tarde.

Por todos os lados, somos pressionados por aqueles que desejam cumprimentar o noivo. Eles empurram, sorrindo de modo agressivo e tentando apertar a mão de Sidney. Na confusão, aproveito para escapulir para a porta.

Lá fora, sinto o ar da noite cortante com a primeira geada de outono, e o terreno em torno da casa está silencioso, um alívio bem-vindo das comemorações no interior. Ali perto, no jardim, foram acesas lanternas e casais passeiam pelos caminhos bem cuidados, murmurando, as cabeças muito próximas. Mesmo nas sombras, vejo que Sir Francis Walsingham não está aqui. Estendendo os braços, curvo a cabeça para trás a fim de olhar o céu, as constelações destacando-se em nítido prateado contra o azul-escuro do Armamento, sua disposição diferente da do céu de Nápoles, onde comecei a aprender os padrões estelares ainda menino.

Chego ao fim do caminho e ainda nem sinal do homem, de modo que me disponho a atravessar a vasta extensão de gramados, fora dos caminhos iluminados, na direção de uma área arborizada que beira a parte cultivada do jardim, os fundos da casa de campo de Walsingham. Conforme vou andando, uma forma esguia ganha substância fora das sombras e passa a acompanhar meus passos, lado a lado. Parece feita de noite. Nunca vi Walsingham usar roupa de outra cor que não fosse preto, nem mesmo hoje, dia do casamento da filha, e ele continua com seu solidéu de veludo negro ajustado na cabeça, o que dá a seu rosto um aspecto ainda mais severo. A essa altura, já tem mais de 50 anos e ouvi dizer que esteve doente no mês passado - uma das crises que o confinam ao leito por dias a fio, embora quando se pergunte por sua saúde ele evite a questão com um gesto ligeiro da mão, como se não tivesse tempo para considerar tais ninharias. Apesar de não parecer uma figura imponente à primeira vista, esse homem, o principal ministro de Estado da rainha Elizabeth Tudor, é quem tem a segurança da Inglaterra nas mãos. Walsingham criou uma rede de espiões e informantes que se estende pela Europa à terra dos turcos no leste e às colônias do Novo Mundo no oeste, e as informações que levam a ele são a primeira linha de defesa da rainha contra a miríade de conspirações católicas que têm como objetivo lhe tirar a vida. Mais extraordinário ainda é ele parecer guardar todas essas informações em sua própria mente e poder ter acesso à vontade a qualquer uma delas quando necessita.

Eu tinha chegado à Inglaterra seis meses antes, no início da primavera, enviado por meu protetor, o rei Henrique III da França, para passar uma temporada

com seu embaixador em Londres e escapar das atenções dos extremistas católicos, que estavam arregimentando apoio em Paris, liderados pelo duque de Guise. Fazia apenas duas semanas que estava no país e Walsingham quis me encontrar, minha inimizade de longa data com Roma e minha posição privilegiada como hóspede da embaixada francesa tornando-me perfeitamente adequado a seus objetivos. Walsingham é um homem que aprendi a respeitar profundamente e a temer um pouco no decorrer dos últimos meses.

Mas suas faces se encovaram desde a última vez que o vi. Ele agora entrelaça as mãos nas costas. À medida que nos afastamos da casa, a algazarra das comemorações vai diminuindo.

- *Congratulazioni, Excelência.*

- *Grazie*, Bruno. Imagino que esteja aproveitando bastante os festejos.

Quando conversa comigo sozinho, ele fala italiano, acho que em parte para me deixar à vontade e em parte porque quer ter certeza de que não perdi nenhum ponto crucial do assunto - pois seu italiano de diplomata é bem superior ao inglês que aprendi sobretudo com mercadores e soldados durante as minhas viagens.

- Só por curiosidade: onde foi que aprendeu nossas danças inglesas? - acrescenta, virando-se para mim.

- Quase sempre as improviso na hora. Acredito que quando se dá os passos com bastante confiança, as pessoas deduzem que a gente sabe o que está fazendo.

Ele ri, aquela risada retumbante e grave de urso que tão raramente sai de seu peito.

- Esse é o seu lema para tudo, não é, Bruno? De que outra maneira um homem passa de monge fugitivo a conselheiro particular do rei da França? Falando da França - ele mantém o tom trivial da conversa -, como vai seu anfitrião, o embaixador?

- Castelnau está bem animado, agora que a mulher e a filha acabaram de chegar de Paris.

- Hum. Não conheço Madame de Castelnau. Dizem que é muito bonita. Não admira que o velho pilantra pareça sempre tão bem-disposto.

- É bonita, sim. Ainda não conversei muito com ela. Soube que é uma filha muito devota da Igreja Católica.

- Ouvi dizer o mesmo. Então precisamos observar qual é sua influência sobre o marido. - Os olhos deles se estreitam. Chegamos às árvores, e ele faz um sinal para que eu o siga, ambos abrigados pela escuridão que elas oferecem. - Achei

que Michel de Castelnau preferisse, como o rei francês, negociações diplomáticas com a Inglaterra. Pelo menos é o que ele alega nas audiências comigo. Mas ultimamente aquele fanático que é o duque de Guise, junto com os membros de sua Liga Católica, estão ganhando força na corte francesa e, em sua carta da semana passada, você me disse que Guise está mandando dinheiro para Maria da Escócia através da embaixada francesa. - Faz uma pausa para controlar a raiva, batendo em silêncio com o punho fechado na palma da mão. - E que necessidade tem Maria Stuart do dinheiro de Guise? Está mais do que generosamente sustentada no Castelo de Sheffield, considerando-se que é nossa prisioneira.

- O dinheiro seria para assegurar a lealdade dos amigos dela? - sugiro. - Ou para pagar seus mensageiros?

- Exatamente, Bruno! Durante todo o verão, trabalhei para levar as duas rainhas a um ponto em que estivessem preparadas para manter suas conversas frente a frente, talvez negociar um tratado. Nada agradaria mais à rainha Elizabeth do que dar liberdade à sua prima Maria, contanto que ela renunciasse a qualquer reivindicação ao trono inglês. Da parte de Maria, sou levado a crer que ela está cansada da prisão e pronta para jurar qualquer coisa. Por isso é que essa troca de cartas e presentes dos partidários dela na França através da embaixada me incomoda tanto. Será que ela está fazendo jogo duplo comigo?

Walsingham olha para mim com ar penetrante como se esperasse uma resposta, mas antes que eu consiga abrir a boca ele continua, como se falasse para si mesmo.

- E quem são esses mensageiros? Mando interceptar e inspecionar a correspondência diplomática toda semana... ela deve ter outros meios de enviar suas cartas particulares. - Sacode a cabeça ligeiramente. - Enquanto viver, Maria Stuart será uma bandeira a reunir os católicos ingleses e todos aqueles na Europa que esperam ver um monarca papista de volta ao nosso trono. Mas Sua Majestade não vai tomar nenhuma atitude antecipada contra a prima, mesmo diante da insistência do Conselho Real para que ela enxergue o perigo. Por isso sua presença na embaixada francesa é mais crucial para mim do que nunca, Bruno. Preciso ver toda correspondência entre Maria e a França que passe pelas mãos de Castelnau. Se ela estiver conspirando contra a soberania da rainha outra vez, preciso ter provas concretas que a incriminem. Pode cuidar disso?

- Fiz amizade com o escrevente do embaixador, Excelência. Pelo preço certo, ele diz que pode nos dar acesso a qualquer carta que Castelnau escreva ou receba, se o senhor assegurar que não haja nenhum vestígio de que os documentos foram violados. Ele tem muito medo de ser descoberto e pede garantias da proteção de

Vossa Excelência.

- Bom homem. Dê-lhe todas as garantias de que precisar. - Por um instante ele envolve meu ombro com um dos braços. - Se ele nos der um modelo do sinete do embaixador, faço meu funcionário Thomas Phelippes criar uma falsificação. Não existe na Inglaterra homem mais hábil nas artes da interceptação. Nestas circunstâncias, Bruno, não acho prudente que você seja muito visto com Sidney - acrescenta. - Agora que ele está tão publicamente ligado a mim. Castelnau não pode pôr em dúvida sua lealdade à França nem por um momento.

Mesmo no escuro, meu rosto deve trair meu desapontamento. Sidney é a única pessoa que considero de fato um amigo na Inglaterra. Nós nos conhecemos anos antes em Pádua, quando eu estava fugindo pela Itália, e renovamos nossa amizade na primavera, na viagem que fizemos juntos a Oxford, a serviço de Walsingham. As aventuras que vivemos lá serviram apenas para nos aproximar. Sem a companhia dele, vou me sentir ainda mais exilado.

- Mas arranjei outro contato para você. Um escocês chamado William Fowler. Vai encontrá-lo oportunamente. Trata-se de um advogado que trabalhou para mim na França, portanto vocês terão muito o que conversar.

- O senhor confiaria num advogado, Excelência?

- Você parece achar graça, Bruno. Advogados, filósofos, padres, soldados, comerciantes: não há quem eu não use. Fowler é bem relacionado na Escócia, não apenas com nossos amigos, mas com aqueles que são leais à rainha escocesa, que acredita que ele é simpático à sua causa. Ele também se aproximou de Castelnau, que pensa que Fowler é um católico em segredo insatisfeito com o governo de Sua Majestade. Tem o talento de se tornar o que quer que seja para todos os homens se a necessidade exigir. Fowler está bem colocado para levar os seus relatórios de dentro da embaixada sem que você comprometa sua posição.

Faz uma pausa e ergue a cabeça. Sons esparsos de música e risos chegam fracamente até nós e ele parece se lembrar da ocasião. - Por enquanto, é só. Venha, hoje é um dia de alegria. Você precisa voltar às danças.

Nós nos viramos para as janelas iluminadas do outro lado do gramado, a mão dele levemente pousada em minhas costas. Aqui fora, tão longe do centro da cidade, a brisa nos traz os agradáveis cheiros noturnos de terra, relva e geada. Até o Tâmis, seguindo seu curso moroso além da fileira de árvores atrás de nós, tem um odor fresco aqui, tão longe do oeste de Londres. Estamos a pouco mais de um quilômetro da casa de Dee e me surpreendo por ele não ter sido convidado. Afinal, é o antigo preceptor de Sidney e de certa forma amigo de Walsingham. Como se lesse meus pensamentos, o ministro de Estado diz, em tom displicente:

- Pelo que soube, você tem passado um bocado de tempo em Mortlake ultimamente.

Não é bem uma pergunta.

- Estou escrevendo um livro - explico, enquanto nos encaminhamos devagar para a direção de onde vem a música. - A biblioteca do Dr. Dee tem sido de valor inestimável.

- Que tipo de livro?

- Sobre filosofia. E cosmologia.

- Em defesa de seu amado Copérnico, presumo.

- Algo assim.

Não queria falar muito sobre o livro em que estou trabalhando até terminá-lo. As idéias que tento apresentar não são apenas polêmicas, mas revolucionárias, muito além das teorias que Copérnico propôs. Desejo ao menos tê-las escrito antes de ser obrigado a defendê-las.

- Hum. - Segue-se um silêncio pesado. - Cuidado com John Dee, Bruno.

- Pensei que ele fosse seu amigo. Não é, Excelência?

- Até certo ponto. Em questões de cartografia, cifras, ou sobre a reforma do calendário, não existe ninguém no reino cujos conhecimentos eu mais aprecie. Mas ultimamente a conversa dele tem sido em grande parte sobre profecias e presságios.

- Ele acha que estamos vivendo o fim dos tempos.

- Estamos vivendo tempos de turbulência sem precedentes, isso é certo - retruca ele bruscamente. - Mas Sua Majestade já tem bastante a temer, portanto Dee não precisa ficar sussurrando essas previsões apocalípticas no ouvido dela a fim de se tornar indispensável. É o que todos nós queremos, imagino, cada um à sua própria maneira - admite ele, com um suspiro. - Só que depois essa influência repercute até a câmara do Conselho Real, e de repente ela não permite que nenhuma decisão seja tomada sem antes consultar um mapa estelar, o que torna a tarefa de governar muito difícil. Além disso - ele abaixa a voz -, tenho a firme convicção de que o Deus Todo-Poderoso escreveu no Livro da Natureza alguns segredos que não devem ser desvendados. Pelo que ouço dizer, as mais novas experiências de Dee estão perigosamente próximas de cruzar essa linha.

Não adianta perguntar como ele sabe sobre as experiências de Dee - os olhos e os ouvidos de Walsingham alcançam toda a Europa e até as colônias do Novo Mundo. Não seria surpresa nenhuma ele saber o que se passa a um quilômetro de

sua própria casa. E, no entanto, Dee tem sido muito escrupuloso com o sigilo quando se trata de suas sessões com a bola de cristal.

- Certas pessoas na corte acham que ele exerce influência demais sobre Sua Majestade e que precisa perder as boas graças - continua Walsingham.

- Vossa Excelência entre elas?

Seus dentes brilham no escuro quando ele sorri.

- Tenho grande respeito por John Dee e não faria nada que ferisse sua reputação. O mesmo não se pode dizer de outros membros do Conselho de Sua Majestade. Lorde Henry Howard está publicando um livro, disseram-me, para ser apresentado à rainha. Trata-se de um ataque feroz a profecias e astrologia e a todos aqueles que afirmam predizer o futuro, chamando-os de necromantes, acusando-os de falar com demônios. Howard não menciona o nome de Dee, mas o propósito é bem claro... Se o nome dele for manchado pela suspeita de feitiçaria, tanto pior para aqueles de nós que são vistos como seus amigos: eu, Sidney, o conde de Leicester. Os Howard são perigosamente poderosos, e a rainha sabe muito bem disso. Talvez você queira comentar com Dee algo a respeito na próxima vez que for usar a biblioteca dele.

Inclino a cabeça para mostrar que o aviso foi compreendido. Quando faço uma reverência e me preparo para me despedir, avisto uma figura vindo correndo pela grama em nossa direção, um manto curto de montaria ondulando atrás de si. Esbaforido, um homem cai de joelhos aos pés de Walsingham e, mesmo à fraca luminosidade prateada, consigo distinguir o brasão real em sua libré, por baixo dos respingos de lama que revelam que ele cavalgou muito para chegar aqui. O homem balbucia algo sobre Richmond, um assunto urgente; vê-se o alarme nos olhos protuberantes. Afasto-me discretamente para que ele possa dar suas notícias em particular, mas Walsingham me chama de volta.

- Bruno! Espere por mim um momento, sim?

Mantenho-me um pouco distante, batendo os pés no chão e esfregando as mãos para espantar o frio, enquanto o homem se põe de pé e informa o que tem a dizer em arrancos nervosos, Walsingham curvando-se para a frente para ouvir, as mãos ainda entrelaçadas e imóveis nas costas. Qualquer que tenha sido a notícia que esse mensageiro trouxe da casa real, sem dúvida deve ser algo bem sério, para interromper uma festa de casamento.

Finalmente, Walsingham murmura uma resposta, o mensageiro faz uma reverência e sai na direção da casa com a mesma pressa. O ministro acena para que eu me aproxime.

- Precisam de mim no Palácio de Richmond por conta de um assunto muito

grave, Bruno, e quero você comigo. Temos que sair sem alarde, sem chamar atenção. Aquele sujeito foi ordenar aos criados que nos preparem um barco. Contarei a você o que sei ao longo do percurso.

A voz está tensa mas controlada. Se alguma desventura sucedeu a Sua Majestade, Walsingham é seu homem de confiança para trazer ordem, disciplina e calma.

- Não vão sentir falta do senhor? - faço um gesto indicando a festa. Ele solta uma risada curta.

- Enquanto meu mordomo estiver encarregado das chaves da adega, duvido que alguém note minha ausência. Vamos.

Ele me conduz pelos fundos da casa e através do jardim até o pequeno cais, onde luzes balançam suavemente, refletidas na água negra. Tenho que esperar que ele me conte a história do mensageiro quando lhe convier.

Capítulo 2

Palácio de Richmond, sudoeste de Londres,

21 de setembro do ano do Senhor de 1583

- A MORTE FOI VIOLENTA - informou o mensageiro.

Walsingham precisa levantar a voz acima do ritmo dos remos enquanto o criado impele obstinadamente a pequena embarcação contra a corrente, rumo a oeste. O vento joga os respingos de lado em nossos rostos. À luz do dia, levaríamos metade do tempo para cavalgar de Barn Elms ao Palácio de Richmond, percorrendo o caminho como o corvo atravessa voando o parque dos veados, mas no escuro o rio é a via mais segura, apesar de seu curso serpentear preguiçosamente pelo promontório.

- Mas há algum significado especial que justifique incomodarem Vossa Excelência? - O vento arrebatava minhas palavras assim que elas saem de minha boca.

- Aparentemente, uma das damas de honra de Sua Majestade foi morta a poucos passos dos aposentos particulares da rainha, bem debaixo do nariz de sua escolta pessoal e da guarda real. Você pode imaginar que a casa inteira está em rebuliço. Mas foi o tipo de morte que fez lorde Burghley me convocar com tanta urgência. Vamos saber mais muito em breve.

Ele se recosta e aponta para o alto quando a fachada de pedra branca do palácio surge adiante, uma sombra pálida sob a lua, a capela e o grande salão elevando-se numa altura imponente de cada lado da casa da guarda, com suas janelas vivamente iluminadas. Da área que margeia o rio, uma floresta de pequenas torres esguias se eleva contra as nuvens, todas encimadas por minaretes dourados em forma de cebola, como a residência de um sultão. Um criado espera por nós no embarcadouro atrás do palácio, onde uma fileira de barcas de madeira estão amarradas, a água lambendo-lhes os cascos. Ele recebe o ministro com uma reverência, mas seu rosto está tenso. Ali, onde os apartamentos reais dão para o rio, ele nos indica um pequeno portão lateral que se abre no muro. Junto à entrada postam-se dois homens, cada um segurando uma lança, que se afastam para o lado, deixando o criado passar. Este bate com força na porta e chama em voz alta. Em seguida uma pequena grade desliza e se abre e ouve-se uma troca de palavras brusca e sussurrada, antes que a porta seja escancarada e passe por ela um homem baixo, de rosto redondo e cabelo branco penugento sob um barrete preto, braços

estendidos, o rosto contraído numa expressão aflita. Ele abraça Walsingham rapidamente, então nota minha presença e a ansiedade em seu olhar abatido se intensifica.

- Esse é...

Walsingham pousa a mão no braço dele para acalmá-lo.

Giordano Bruno. Um servo muito leal de Sua Majestade - acrescenta, com um meneio de cabeça significativo.

O homem mais velho me olha por um instante, depois uma luz de reconhecimento passa por seu rosto.

- Ah. Seu italiano, Francis? O monge renegado?

Inclino a cabeça, concordando. Não é um cumprimento, embora seja um título que carrego com certo orgulho.

- Assim a Inquisição de Roma gosta de me chamar.

- O Dr. Bruno é um *filósofo*, William - corrige-o Walsingham cortesmente.

O velho estende a mão para mim.

- William Cecil, lorde Burghley. Francis me falou de seu talento em termos altamente elogiosos, Dr. Bruno. O senhor serviu bem a Sua Majestade em Oxford nessa primavera, pelo que eu soube.

Sinto meu peito se encher e meu rosto corar ao ouvi-lo. Walsingham não costuma fazer esses elogios diretos, o que leva a pessoa a se esforçar ainda mais para merecê-los. No entanto, falou sobre mim de modo favorável a lorde Burghley, o tesoureiro-mor da rainha, um de seus mais influentes conselheiros. Seu bobo, ralho comigo mesmo, sorrindo. Você tem 35 anos, não é um menino em idade escolar sendo elogiado por sua caligrafia, apesar de ser exatamente como me sinto. Continuo intimamente radiante mesmo quando o rosto de Burghley volta a ficar sombrio.

- Por aqui, senhores. Não percamos tempo.

Dentro do palácio, o ar parece denso de medo. Rostos semiescondidos espiam nas portas conforme nossos passos ecoam ao longo de corredores revestidos de lambris de madeira, iluminados por velas cujas chamas tremulam com nosso deslocamento e fazem nossas sombras se agigantarem e se encolherem pelas paredes enquanto Walsingham e eu acompanhamos o andar determinado de Burghley.

- Quase esqueci, Francis - diz ele virando a cabeça para trás como foi o casamento?

- Bem, obrigado. Deixei a festa em plena atividade. Só Deus sabe o que vai sobrar de minha casa quando os convidados de Sidney acabarem de farrear.

- Sinto muito, de verdade, por tirá-lo da festa - diz Burghley, baixando a voz.
- Se as circunstâncias não fossem tão... bem, você vai ver. Sua Majestade solicitou a sua presença, Francis. - Ele hesita. - Bem, para ser franco, ela chamou Leicester primeiro. Mas achei que o conde, depois de um dia inteiro na festa de casamento do sobrinho...

Walsingham assente, balançando a cabeça.

- Achei que você era a melhor pessoa para cuidar disso, Francis. A rainha tem razão em estar assustada. Essa coisa aconteceu dentro das paredes do palácio e as implicações... - As palavras morrem em seus lábios.

- Compreendo. Mostre-me os fatos, William, depois me leve até a rainha.

Ele nos faz subir dois lances de escada, onde os painéis são pintados de escarlate, verde e têm ornamentos dourados. Em seguida nos conduz a um corredor mais ricamente decorado e consideravelmente mais aquecido, com paredes revestidas de tapeçarias e de tecidos adamascados. Imagino que estejamos perto dos apartamentos particulares da rainha. No caminho, passamos por três homens armados usando a libré real. Burghley se detém diante de uma porta baixa de madeira, junto da qual um homem robusto monta guarda, espada à cintura. O lorde tesoureiro faz um gesto com a cabeça, o homem recua um passo.

Burghley pousa a mão na maçaneta e seus ombros estremecem.

- A seu critério, cavalheiros.

A porta se abre e entro atrás de Walsingham num pequeno aposento, bem iluminado por velas de cera de boa qualidade, onde um corpo jaz numa cama cujas cortinas foram recolhidas. De início, penso que é um rapaz, pois os calções e a camisa certamente são de homem, mas, quando nos aproximamos, vejo o cabelo comprido e claro espalhado pelo travesseiro, fios dourados cintilando à luz das velas. O rosto imóvel está inchado e arroxado, com os olhos esbugalhados e a língua saliente, que indicam estrangulamento. A camisa de linho branco que veste foi rasgada na frente, embora as duas metades tenham sido arrumadas para proteger seu recato, mesmo na morte. Ela parece jovem, com não mais de 16 ou 17 anos. No pescoço esguio, há manchas roxas escuras e feios vergões de forma circular, os calções estão dilacerados, as meias de seda enlameadas e esburacadas. Lanço olhares rápidos para cada um de meus companheiros e, com um sobressalto, me dou conta de que estou ladeado pelos dois membros mais importantes do Conselho da rainha. Essa não é uma morte comum.

Walsingham faz uma pausa, talvez por respeito, depois circunda a cama examinando o corpo com ar impassível, como se fosse um médico.

- Quem é ela?

- Cecily Ashe - responde Burghley. Ele fechou a porta atrás de nós e postouse junto a ela, torcendo as mãos. Talvez sinta que não é adequado três homens ficarem reunidos olhando o corpo ainda quente de uma jovem morta.

- Uma das damas de honra de Sua Majestade, aos cuidados de Lady Seaton. Camarista de Sua Majestade - acrescenta ele.

- Ah - Walsingham balança a cabeça e prende o queixo com a mão, ocultando a boca. Já reparei que ele faz isso quando não deseja trair nenhuma emoção. - Ashe... então ela deve ser a filha mais velha de Sir Christopher Ashe, de Nottingham, não é? Pobre criança... não faz nem um ano que está na corte. Da mesma idade que a minha Francês.

Todos ficamos em silêncio por um momento, os nossos pensamentos acompanhando o de Walsingham até sua filha de 17 anos, a noiva recente que, talvez neste exato instante, esteja sendo levada ao leito nupcial por Sir Philip Sidney, um homem 11 anos mais velho que ela e com notórios apetites.

Quase da mesma idade que tinha a minha Elizabeth quando morreu - comenta Burghley baixinho.

Walsingham lança-lhe um olhar. Há um momento de muda solidariedade quando os olhos de ambos se encontram, e pressinto que esses homens partilham uma compreensão mais profunda que a política.

- E as roupas?

- Ah, sim - Burghley sacode a cabeça. - O problema de sempre, imagino. Tentando escapulir sem ser notada para um encontro amoroso com alguém que não deveria encontrar.

Ele fala como se isso fosse um transtorno comum.

- Ela foi violentada?

Walsingham emprega novamente seu tom de voz enérgico. Burghley tosse de leve.

- Ela não foi oficialmente examinada pelo médico, mas o corpo foi encontrado com os calções e roupas de baixo dilacerados, assim como a camisa rasgada ao meio. Há machucados e marcas de sangue nas coxas dela. Foi deixada no chão em forma de crucifixo, com os braços estendidos para os lados. E há outra coisa que precisam ver.

Ele respira fundo, aproxima-se do corpo e, pegando uma ponta do tecido rasgado cautelosamente entre o polegar e o indicador como se aquilo pudesse queimá-lo, dobra o lado esquerdo da camisa para expor o pequeno seio claro da moça.

Walsingham e eu prendemos a respiração simultaneamente: há uma marca cortada na macia carne branca, por cima do coração que já não bate mais. As linhas foram traçadas na pele com cuidado e o sangue enxugado, de modo que a marca se destaca entalhada em vermelho vivo, uma forma que parece com um número 2 com uma linha vertical cortando a ponta de sua base. Essa marca é sem dúvida o símbolo astrológico do planeta Júpiter. Walsingham me lança um olhar inquisitivo, ligeiro como uma piscadela, mas o olho perspicaz de Burghley o percebe.

- Não é só isso - diz o lorde tesoureiro, cobrindo novamente a moça. - Em cada uma das mãos estendidas ela segurava estes objetos.

Da cômoda ao lado da cama, ele levanta um rosário de madeira escura enfeitado com uma cruz espanhola de ouro e com a outra mão entrega a Walsingham uma pequena imagem de cera, mais ou menos do tamanho de uma boneca.

- Deus do céu - murmura o ministro, mostrando-me a estatueta.

Apesar de toscamente feita, com toda a certeza representa a rainha Elizabeth: lã vermelha no lugar do cabelo, um manto feito com um retalho de seda púrpura, uma coroa de papel na cabeça, uma agulha de costura projetando-se do peito, onde foi cravada para atravessar o coração. Ambos olhamos para Burghley, que balança a cabeça uma vez. De fato, não se trata de um crime qualquer.

- Quem a encontrou? - pergunto, quebrando o silêncio.

O capelão da rainha - responde Burghley, virando-se e afastando-se do corpo.

- O que o capelão estava fazendo no quarto dela?

- Ah... ela não foi encontrada aqui - diz ele, com um risinho contido. - Não... o corpo estava lá fora. Existe uma capela em ruínas atrás do pomar particular... o que resta do priorado que havia ali. É separada do conjunto de construções do palácio por muros altos, e o jardim cresce meio abandonado. Ultimamente dizem - Burghley franze a testa - que está se tornando um local popular para encontros entre as damas da rainha e os cavalheiros da corte, porque fica fora do caminho e não é devidamente vigiado. Esse tipo de coisa é estritamente proibido por Sua Majestade, sabem. Sendo um homem de rígido decoro, o capelão achou que deveria inspecionar o lugar quando escurecesse. E encontrou-a deitada lá como descrevi.

- Ele não viu ninguém fugindo quando se aproximou? - pergunto.

- Ninguém, ele afirma, embora haja uma entrada para o jardim abandonado junto ao rio. O assassino poderia ter escapulado e se escondido na margem, talvez tivesse até um barco amarrado mais acima. O único outro acesso é através da casa da guarda do pomar particular, mas àquela hora do anoitecer há sempre gente indo e vindo do lado do palácio, inclusive as sentinelas da guarda pessoal da rainha.

Ninguém se lembra de ter visto qualquer coisa fora do comum. Mas era a hora do crepúsculo e, como ela estava vestida de homem... - Burghley suspira, corre a palma da mão pelo barrete.

- Você colocou mais guardas em torno dos portões? - pergunta Walsingham.

- Naturalmente. O cais nos fundos, onde vocês desembarcaram, já estava sendo vigiado, assim como a casa da guarda na frente. Porém o comandante da guarda do palácio ordenou que mais homens fossem instalados em torno das muralhas externas e enviou uma subdivisão de regimento para fazer uma busca no pomar particular e no parque dos veados. Sob o manto da escuridão, no entanto, receio que não obtenham grandes resultados. O criminoso pode já estar longe.

- Ou pode estar dentro do palácio - sugiro.

Os dois se viram para me olhar. Walsingham ergue as sobrancelhas, indicando que devo continuar a falar.

- É que não parece que esse crime tenha sido um gesto irrefletido. Todos esses objetos e acessórios foram preparados com cuidado. E a vítima também foi escolhida deliberadamente, ao que tudo indica... dama de honra da rainha? Esse criminoso pretendia fazer uma ameaça direta à soberana, certamente, e ele está mostrando quão perto pode chegar de Sua Majestade. E se a moça estava vestida para um encontro amoroso, então quem a matou sabia quando e onde a encontrar ou era a própria pessoa que ela estava esperando.

Walsingham me olha com a cabeça inclinada para um lado e reflete.

Faz sentido o que você diz, Bruno. Mas vamos guardar para nós essas especulações. Sua Majestade não vai ficar nada tranqüila se pensar que alguém de seu círculo próximo pode estar por trás disso, e preciso tentar acalmar a mente dela.

- Já existe especulação demais no palácio sem isso - comenta Burghley, os lábios apertados. - O capelão fez tamanho estardalhaço ao encontrá-la, que, quando a notícia chegou a mim, metade dos criados já tinha ido se embasbacar com o espetáculo e enfeitá-lo à sua própria moda antes de passar a história adiante. Não podemos esperar agora que não comentem os detalhes. Os criados mais inferiores já murmuram sobre bruxaria, que isso é coisa do anticristo, que veio para cumprir a profecia sobre o fim dos tempos.

- A profecia?

Olho de um a outro, espantado.

Walsingham capta a preocupação em minha voz e ri baixinho.

- Pensou que só homens instruídos como você e o Dr. Dee soubessem dessas profecias? Não, não, aqui na Inglaterra, Bruno, este ano do Senhor de 1583

tem sido o assunto do povo muito antes de começar. Até a família mais pobre tem um almanaque predizendo a Grande Conjunção de Júpiter e Saturno, a primeira em quase mil anos, mais as terríveis conseqüências dela: as inundações e fomes e tempestades e estiagens, as maravilhas nos céus... ah, já faz tanto tempo que circulam panfletos e se apresentam encenações nas tabernas e praças de mercados que nem me lembro mais desde quando, todos garantindo que a profecia do fim dos tempos será cumprida por estes dias que correm.

- As guerras religiosas dos últimos anos só fizeram atizar esse fogo - acrescenta Burghley, o maxilar contraído.

- "Quando ouvires falar de guerras e rumores de guerras, não te perturbes; pois é forçoso que essas coisas aconteçam, mas ainda não é o fim" - pondero, citando o Evangelho de Marcos.

- As guerras atuais começaram nas universidades e nas alcovas dos reis, não nos movimentos celestes - intervém Walsingham, em tom mordaz. - Ainda assim, o resultado foi um aumento do frenesi e do terror da população. E, quando as pessoas iletradas se amedrontam, elas caem outra vez nas velhas superstições. Não sei o que há com os ingleses, mas eles têm uma queda peculiar por profecias e vaticínios.

- Este ano prendemos cinco pessoas só em Londres por espalharem impressos com profecias sobre a morte da rainha - informa Burghley, o rosto sisudo.

- As pessoas levam a sério essa bobagem sobre a Grande Conjunção, e não apenas a gente mais humilde - diz Walsingham, com um breve olhar para o seio da moça. - Vai ser muito mais fácil para os padres saírem de suas tocas e conclamarem o povo a voltar para Roma se todos acreditarem que a Segunda Vinda é iminente.

Ela estava segurando um rosário - diz o lorde tesoureiro quase num sussurro. - Uma imagem da rainha morta e na outra mão um rosário. A mensagem é clara, não é? O triunfo de Roma e a morte de Sua Majestade?

- Alguém quer que pensemos assim, com certeza. - Walsingham trava o maxilar e um nervo se contrai bruscamente em sua face. - E há também o símbolo de Júpiter. Sua Majestade já é bastante impressionável no que se refere a esses movimentos dos planetas, graças a John Dee. Agora ela vai insistir que seus temores têm fundamento. - Ele suspira. - Tenho que ir encontrá-la sem demora. Bruno, você pode começar falando com alguém próximo de Lady Cecily, alguém que possa lançar alguma luz sobre os movimentos da moça. Diga que está a serviço de lorde Burghley. William, você indicaria a Bruno as pessoas certas com quem ele deve falar? E faça a guarda real revistar todos os apartamentos particulares do prédio, assim como as cozinhas, a capela e todas as áreas comuns. Se esse criminoso ainda está por aqui, haverá uma camisa e uma faca sujas de sangue que ele pode ter

tentado esconder em algum lugar.

Burghley concorda, passa a mão sobre a cabeça outra vez e de repente parece fatigado. Deve ser bem uns dez anos mais velho que Walsingham, talvez esteja com uns 65 anos, apesar de aparentar uma saúde melhor. Lança-me um rápido olhar de esguelha, as sobrancelhas franzidas de preocupação.

- O senhor vai encontrar as damas de companhia da rainha um tanto histéricas, Dr. Bruno - avisa secamente. - Compreensível, é claro, embora eu tenha penado para obter delas alguma informação que fizesse sentido. No entanto, talvez um homem mais jovem com belos olhos escuros e um sorriso agradável possa ter mais sorte. - Ele sorri com ar austero e me dá um tapinha no ombro enquanto segura a porta do quarto aberta para mim.

- Isso é o mais parecido com um elogio que você vai receber de Burghley, Bruno - diz Walsingham, seguindo atrás de mim.

- Achei que ele estava falando do senhor, Excelência.

Burghley lança um olhar divertido por cima do ombro.

- No mínimo ele sabe como lisonjear, esse aí - comenta o tesoureiro real. Esperemos que faça bom uso disso com aquelas mulheres.

Lady Margaret Seaton, camarista da rainha Elizabeth, não parece histérica quando entro no aposento particular onde ela aguarda. Pelo contrário, ela parece notavelmente controlada, quase se poderia dizer reservada. Lorde Burghley me apresenta como um assistente de confiança, antes de se retirar polidamente. Sentada entre suas almofadas, lady Seaton está vestida de preto, como se já estivesse de luto, e me fita com olhos perspicazes. É mais velha, tem mais de 40 anos, idade mais próxima à da própria rainha, e embora sua pele bonita comece a revelar os sinais do tempo, é evidente que deve ter sido considerada uma beldade na juventude. Duas mulheres mais jovens estão sentadas em almofadas de chão de cada lado da cadeira dela, agarradas às suas mãos, ambas com vestidos de seda branca e chorando copiosamente. Por fim, ela ergue uma das mãos e as moças fazem um esforço para refrear os soluços.

- O que o senhor é? - pergunta ela com voz clara. Há um traço de acusação em seu tom. Sinto que sua aparente aversão não é pessoal, mas ela tem forte consciência de sua posição e teria preferido que lhe enviassem alguém com mais autoridade.

- Sou italiano, minha senhora. Lorde Burghley pediu que eu verificasse se a senhora se lembra de algo que...

- Refiro-me à profissão. O senhor não é da corte, creio eu. É um diplomata?

- De certa forma, senhora.

Ela rearruma as saias amplas, fazendo as sedas farfalharem de modo pomposo, evitando me olhar.

- É estranho que Burghley tenha enviado um estrangeiro. Mas continue.

- A jovem dama, Cecily Ashe... a senhora tem alguma idéia de quem ela poderia estar indo encontrar esta noite na capela em ruínas?

- Foram os papistas que fizeram isso, sabe - dispara Lady Seaton, ríspida, inclinando-se para a frente. Ao mesmo tempo, noto que a moça de cabelos vermelhos ajoelhada do lado esquerdo da cadeira dela morde o lábio e baixa os olhos para o chão.

- Por que diz isso, minha senhora?

- Por causa do aspecto sacrílego do crime. - Ela olha para mim como se isso fosse óbvio. - Imagino que o senhor seja um papista, ou tenha sido um.

- Fui. Mas Sua Beatitude o papa Gregório me excomungou e deseja me queimar. Por isso é que agora vivo sob os céus mais benevolentes de Sua Majestade Elizabeth.

- Sei. - A expressão dela assume um ar curioso. - O que o senhor fez para perturbar o papa?

- Li livros proibidos pelo Santo Ofício. Abandonei a ordem dominicana sem permissão. Escrevi que a Terra gira em torno do Sol, que as estrelas não são fixas e que o Universo é infinito. - Dou de ombros. - Entre outras coisas.

Ela reflete sobre isso com um leve franzir do nariz, como se um cheiro ruim flutuasse em sua órbita.

- Céus. Então não fico surpresa. Respondendo à sua pergunta, não tenho a menor idéia de por que Cecily estaria na tal capela. Eu a vi mais ou menos às quatro da tarde de hoje, quando ela estava ocupada com as outras damas de honra, sob a minha supervisão, em preparar as jóias da rainha para a noite. Haveria um recital de música no grande salão depois da ceia. Mestre Byrd iria tocar. - Nesse ponto ela faz uma pausa e se nota um leve tremor em sua voz. A moça de cabelos vermelhos abafa um soluço. - Cecily retirou-se com as outras moças para se vestir antes das vésperas, e essa foi a última vez que a vi.

- Mas evidentemente ela saiu às escondidas para encontrar alguém, disfarçada de rapaz. Sabe quem pode ter sido?

Os olhos de Lady Seaton se estreitam.

- Um absurdo - diz ela afinal, embora sua voz permaneça firme. - A mera insinuação. Essas moças estão sob minha direta autoridade, Mestre...

- Bruno.

- ...sim, portanto a idéia de que eu possa ser tão negligente com a honra e a reputação delas é profundamente desagradável para mim, sobretudo nessas circunstâncias. Sua Majestade não tolera imoralidades em sua corte. Quaisquer que sejam seus costumes na Itália, as damas de honra da rainha da Inglaterra não vão a encontros amorosos em plena luz do dia à vista de todos.

Sou tentado a perguntar se elas sempre esperam escurecer, mas pressinto que lady Seaton não vá reagir bem à zombaria. A moça de cabelos vermelhos lança um olhar furtivo para cima e seus olhos encontram os meus por um instante antes de se desviarem depressa, com expressão visivelmente angustiada.

- Só posso presumir que ela estava atravessando o pátio e foi arrastada para o jardim da capela por seu agressor - afirma Lady Seaton, balançando a cabeça no fim da frase, como se desse a última palavra sobre o assunto. Então seu rosto se suaviza em algo semelhante a pena. - Cecily era especialmente preferida por Sua Majestade. A rainha gostava que ela lhe lesse Sêneca à noite. Cecily era quem tinha o melhor latim, de todas as moças.

- Sêneca?

- Oh, sim, Mestre Bruno... não precisa ficar tão espantado. Nossa soberana é imensamente instruída e espera os mesmos padrões de suas damas de companhia.

Não aceita moças que não possam ler para ela e compreender o que lêem.

Olho rapidamente para a moça ruiva, que pisca para mim outra vez, mordendo o lábio. É com ela que preciso falar, se conseguir um jeito de encontrá-la a sós. Pergunto-me se ela também lê Sêneca. Pela idade que aparenta, não deve ter aprendido mais do que as primeiras letras.

- Por que ela estava vestida com trajes masculinos?

- Não sei explicar, Mestre Bruno. As moças são cheias de vivacidade, às vezes fazem brincadeiras e troças. Fantasiando-se, coisas assim... - As palavras morrem em seus lábios. Está claro que ela será capaz de jurar que preto é branco se for necessário antes de consentir em dizer algo que possa comprometer a vigilância que mantinha sobre a jovem morta.

- Obrigado por sua ajuda, minha senhora. - Curvo-me e faço menção de sair, depois me viro e volto, como se me ocorresse algo de repente. - Existe alguma razão

para supor que Cecily fosse leal à fé romana?

Lady Seaton mostra-se tão ofendida com isso que se põe de pé, embora o amplo volume de suas anquinhas quase a prenda à cadeira, de modo que o gesto perde um pouco do impacto. Ela sacode as mãos das moças pousadas em seu braço.

- Como ousa, senhor! A lealdade da família dela à rainha é inquestionável, e se pensa que eu não seria capaz de farejar um papista bem debaixo de meu nariz...

- Perdoe-me. Estava apenas pensando em voz alta. Ela foi encontrada com um rosário na mão.

- Plantado lá pelos conspiradores papistas que perpetraram aquele ato odioso! - vocifera, apontando um dos dedos para meu nariz. - Acho que deveria sair, senhor. Veio aqui incumbido de encontrar o assassino da pobre Cecily, mas em vez disso a acusa de prostituição e papismo!

Murmuro desculpas por qualquer ofensa que tenha cometido e me retiro, recuando para a porta em uma profunda reverência. Ao sair, procuro os olhos da moça ruiva e tento indicar com um olhar que receberia de bom grado qualquer confidência que ela quisesse me fazer. Não fica claro se ela compreendeu.

As muitas ricas tapeçarias penduradas nas paredes mantêm o corredor livre de correntes de ar, mas escuto um vento insistente importunando as esquadrilhas das janelas ao instalar-me quase fora da vista num vão diante das escadas, de onde posso observar a porta do aposento que acabo de deixar. Walsingham vai levar algum tempo com a rainha, calculo, e nada mais posso fazer a não ser esperar e torcer para que a jovem dama de honra de cabelos vermelhos apareça em algum momento, sem a companhia de Lady Seaton.

Minutos e mais minutos se passam. Rangidos de madeira e passos denotam atividade em outros pontos desse labirinto de corredores, mas o meu continua vazio. Ponho as mãos em concha em torno do rosto junto à vidraça e distingo, sob a claridade do luar, a vastidão das construções do palácio à minha frente, o grande salão na ala oeste e a capela na leste, ligados ao conjunto de apartamentos particulares por uma estreita ponte coberta, que passa por cima do fosso que nos separa do Grande Pátio. O palácio é bem protegido, cercado em um dos lados pelo parque dos veados e no outro pelo rio, e todas as suas entradas e saídas são fortemente guardadas contra intrusos. Mas a verdade é que qualquer assassino potencial tem grande chance de correr para a rainha Elizabeth ao longo de seu cortejo aberto da Capela Real aos salões de audiência todo domingo, ou durante seus deslocamentos pelo país no verão, ou em qualquer uma de suas muitas aparições públicas. Walsingham aflige-se incessantemente por conta da confiança que ela tem no amor de seus súditos - ingenuidade, segundo ele - e o desejo de se mostrar destemida no meio deles. Mas ela insiste em dizer que não será intimidada

por ameaças veladas. Gosta de encontrar seu povo frente a frente, dar-lhes sua mão a beijar. Talvez seja por isso que o senhor ministro Walsingham não conte a ela tudo o que escuta sobre conspirações tramadas em seminários na França, agora repletos de jovens ingleses exilados, que acreditam que a bula papal de 1570 declarando que Elizabeth é herege também lhes deu, indiretamente, autorização para matá-la em nome da Igreja Católica.

Mas o crime desta noite não é o ato temerário de um jovem de sangue quente disposto a se tornar um mártir de sua fé. Nesse ato criminoso há um arrepiante toque teatral, um grau de planejamento calculado para inspirar medo verdadeiro. Medo de quê, porém? Dos católicos? Dos planetas? Há uma mensagem, também. Burghley a lê objetivamente, mas eu já não tenho tanta certeza. O símbolo de Júpiter me perturba, talvez somente porque chegue tão perto de mim e do Dr. Dee e de nosso trabalho secreto. Estico minhas pernas e suspiro. Depois de minha experiência em Oxford, esperava ter um pouco de descanso das subcorrentes de violência que fluem pela corte de Elizabeth. Afinal de contas, sou um filósofo. O que realmente desejo é ter disponibilidade para trabalhar em paz no meu livro, por tanto tempo quanto Henrique III de França achar por bem continuar me pagando para morar aqui com seu embaixador. Quando concordei em trabalhar para Walsingham logo depois de minha chegada na Inglaterra, achei que teria apenas que manter os olhos abertos na embaixada, observando quais nobres ingleses iam jantar lá, quais ficavam para a missa, quem se tornara próximo do embaixador e quem se correspondia com quem entre os católicos no exílio. Agora, pela segunda vez, me via envolvido num caso de morte violenta e não sabia ao certo o que esperavam de mim.

Meus pensamentos são interrompidos pelo clique discreto de uma porta se abrindo no final do corredor. Encolho-me no assento da janela e inclino a cabeça cautelosamente, mas na penumbra só consigo distinguir uma figura feminina, esguia demais para ser Lady Seaton. Ela leva uma vela num castiçal e caminha com passos ligeiros na minha direção. Quando passa por uma arandela cujas velas estão acesas, vislumbro um reflexo de vermelho-dourado sob a touca de linho branco e assovio baixinho entre os dentes. Ela dá um gritinho que imediatamente abafa com a mão. Faço um sinal para que fique em silêncio, descruzo as pernas e ambos permanecemos móveis, como se fôssemos feitos de mármore, esperando para ver se algum guarda aparece correndo. Um instante se passa antes de estarmos seguros de que ninguém escutou.

- Esperei por você. Podemos conversar em particular? - pergunto a ela, mal pronunciando as palavras.

Ela hesita um instante, depois relanceia os olhos por cima do ombro e por fim concorda com um meneio de cabeça. Ela faz sinal para que eu não faça barulho

e gesticula indicando que eu a siga escada abaixo, ao longo de outro corredor e para uma galeria vazia, às escuras a não ser pelo luar que se derrama através dos vidros das janelas, projetando vagas sombras no assoalho de tábuas de madeira levemente coloridas. Depois que as portas se fecham atrás de nós, ela parece se arrepender de sua decisão. Seus olhos se arregalam de medo e ela olha nervosamente ao redor de si.

- Se me encontrarem aqui...

Emito ruídos suaves e tranquilizadores, como os que se fariam para um cavalo assustado, enquanto a afasto da porta e levo para junto de uma das amplas janelas.

- Você era amiga de Cecily?

Ela balança a cabeça enfaticamente, concordando, depois abafa um soluço com o lenço.

- Qual é o seu nome?

- Abigail Morley.

- Acho que você sabe mais do que Lady Seaton, Abigail - insinuo com delicadeza.

Ela balança a cabeça de novo, desconsolada. Não fita meus olhos e imagino que receia ser desleal à sua amiga morta.

- Cecily tinha um amante? Ela comentou se ia encontrar alguém? Se você sabe de alguma coisa, pode ajudar a capturar o assassino.

Finalmente a moça levanta a cabeça.

- Lady Seaton diz que foi magia negra.

- As pessoas falam de magia para encobrir sua ignorância. Mas você sabe que não foi, creio eu.

Os olhos dela se arregalam ao ouvir isso, cheios de surpresa, e ela quase sorri. Que audácia alguém questionar a autoridade de sua senhora. Está parada perto de mim e noto que é bonita, tem aquela beleza leitosa bem inglesa, embora em seus traços haja algo de insípido que não me atrainha. Prefiro mulheres com mais fogo nos olhos.

- Não podemos nos relacionar com os cavalheiros da corte - cochicha ela. - É estritamente proibido. Até um simples boato pode nos mandar de volta para nossas famílias, desonradas e sem possibilidade de retorno, compreende?

- Parece um sistema rigoroso.

A moça dá de ombros, como se dissesse que as coisas sempre foram desse modo.

- Ser dama de honra de Sua Majestade é o passo mais garantido para se fazer um casamento grandioso na corte. É por isso que nossos pais nos mandam para cá e pagam pelo privilégio. Cecily me contou que o pai dela pagou mais de mil libras para lhe conseguir um lugar aqui.

- Pobre homem. Foi uma dupla perda para ele, então. Mas como vocês conseguem arranjar esses casamentos importantes se não podem chegar perto dos cavalheiros da corte?

- Ah, os casamentos são arranjados para nós - diz ela, fazendo um bico com os lábios. - Entre nossos pais e a rainha. E naturalmente nenhum homem vai querer nos conhecer se correrem boatos na corte sobre a nossa virtude. Além disso - acrescenta, com um sorriso malicioso Sua Majestade é conhecida como a Rainha Virgem, portanto quer que todas nós sigamos seu exemplo. Ela deve saber de fato que todos os truques para manter segredo tornam tudo mais excitante.

- Por exemplo, vestir-se de homem?

- Cecily não foi a primeira a fazer isso. É só porque se é menos notada... fica mais simples escapular. É tão mais fácil para os homens - acrescenta, encarando-me, como se essa desigualdade fosse culpa minha.

- Bem, receio que sua pobre amiga esteja além de qualquer desonra agora. Quer dizer então que Cecily tinha um namorado?

- Ela havia encontrado alguém - confidencia a moça. - Bem recentemente, pois durante o mês passado era toda sorrisos e segredos, e andava bastante distraída. Quando Lady Seaton a punia por devanear e esquecer seus deveres, ela corava e dava risadinhas, lançando-me olhares cheios de significado. - O tom de voz de Abigail adquire um traço de ressentimento.

- Mas ela contou a você quem era?

- Não - admite, depois de uma ligeira hesitação, e no silêncio que se segue seus olhos se desviam rapidamente. - Mas no Quarto das Damas, na hora de dormir, ela dava a entender que se tratava de alguém muito importante, alguém que ela evidentemente achava que nos impressionaria, em todo caso. Ele devia ser rico, pois deu lindos presentes a ela. Um anel de ouro, um medalhão e um espelho de tartaruga dos mais requintados. Estava convencida de que ele pretendia se casar com ela, mas Cecily sempre foi muito fantasiosa mesmo.

- Então ele estava aqui na corte?

Em minha pressa, sem querer agarro a manga dela, assustando-a. Então retiro a mão depressa e ela dá um passo para trás.

- Imagino que sim. De qualquer forma, deve ter sido um visitante freqüente, porque ultimamente ela andava sumindo de vez em quando e voltava toda afogueada e guardando seu segredo, embora fizesse questão de que todas nós soubéssemos. Ela implorava que eu dissesse a Lady Seaton que estava se sentindo mal, mas a velha não é boba, como o senhor viu. Estava ficando desconfiada. Cecily seria descoberta mais cedo ou mais tarde... ou acabaria de barriga.

- Mas alguém acabou com ela antes - afirmo. - Então ela nunca mencionou o nome do homem? Tem certeza? Nem nada que pudesse identificá-lo?

Ela sacode a cabeça, com mais convicção dessa vez.

- Não, nunca disse nome nenhum, juro. Nada, a não ser que ele era excepcionalmente bonito, ao que parece.

- Bem, isso já restringe as possibilidades na corte inglesa.

Ela ri, enfim fitando meus olhos. Então um som de passos ecoa no corredor lá fora e o riso morre em seus lábios.

- Você contou isso a mais alguém? - pergunto, sibilante. Ela sacode a cabeça.

- Bom. Não diga nada sobre o pretendente secreto, nem você nem qualquer outra moça que saiba a respeito. E não comente com ninguém que falou comigo.

Caso se lembre de mais alguma coisa, pode me enviar um recado em segredo para a embaixada francesa. Estou hospedado lá.

Seus olhos se arregalam na meia-luz.

- Estou em perigo?

- Até descobrirmos quem matou sua amiga e por quê, não se sabe quem pode estar correndo risco. É bom ficar alerta.

As passadas - de duas pessoas, pelo som - aproximam-se. Assim que param do lado de fora das portas da galeria, faço sinal a ela para que se mantenha nas sombras, fora da vista. Em seguida abro a porta no momento em que os guardas estão prestes a alcançar a maçaneta e finjo tomar um susto enorme ao vê-los.

- *Scusi*, eu estava procurando pelo gabinete de meu senhor lorde Burghley. Acho que me perdi pelos corredores. - E solto uma risadinha autodepreciativa.

Eles se entreolham, mas logo se afastam sem olhar mais além da porta.

- Lorde Burghley uma ova. Você vai responder ao capitão da guarda do palácio, seu espanhol desgraçado - diz um deles, arrastando-me com grosseria para as escadas. - Como foi que entrou aqui?

- Lorde Burghley me fez entrar - repito, com um suspiro. Depois de seis meses na Inglaterra, já não me surpreendo mais com esse tipo de tratamento. Eles consideram todos os estrangeiros - sobretudo os de olhos escuros e barba - papistas espanhóis que vieram assassiná-los. O que interessa é que ninguém deve saber que a dama Abigail falou comigo. O misterioso *innamorato* de Cecily talvez não saiba que ela manteve sua identidade em segredo, portanto há uma grande probabilidade de querer silenciar as amigas dela também. Supondo-se - e aprendi a não supor coisa alguma sem provas - que ele esteja relacionado a esse crime grotesco.

Capítulo 3

Salisbury Court, Londres,

26 de setembro do ano do Senhor de 1583

- CORTOU FORA os DOIS peitos dela, foi o que ouvi dizer.

Archibald Douglas recosta-se em sua cadeira e palita os dentes com um osso de galinha, visivelmente satisfeito por ter apresentado a versão definitiva do caso. Então se lembra de outro detalhe e inclina-se para a frente apressado, um dedo acenando para ninguém em especial.

- Cortou fora os dois peitos dela e enfiou-lhe um crucifixo espanhol. Animal desgraçado. - Deixa-se cair no assento outra vez e esvazia o copo.

- Monsieur Douglas, *s'il vous plaît...* - Courcelles, o secretário particular do embaixador, ergue as sobrancelhas quase invisíveis, num maneirismo perfeito de quem está chocada mas que, como todos os seus gestos, parece ensaiado. Passa uma das mãos no cabelo cuidadosamente arrumado e estala a língua, franzindo os lábios, como se sua objeção fosse principalmente ao palavreado vulgar do escocês. - Um amigo meu que frequenta a corte me contou que ela foi estrangulada com um rosário. Nas escadarias da Capela Real, imaginem.

Ele aperta uma das mãos no peito e respira profundamente. Deveria estar numa companhia de teatro, penso eu, pois cada um de seus movimentos é uma encenação. Do lado oposto da mesa, William Fowler e eu nos entreolhamos entre uma piscadela e outra, e ele desvia o olhar.

- Esses relatos tendem a aumentar, cada vez que são transmitidos - diz Fowler, calmo, olhando para o embaixador. Ele também fala com sotaque escocês, embora, para meus ouvidos estrangeiros, sua conversa soe mais compreensível do que o tom carregado de Douglas. É um homem bem cuidado e reservado entre os 20 e 30 anos, bem barbeado e de cabelos castanhos que lhe caem quase até os olhos. Sua voz é contida, como se estivesse sempre fazendo uma confidência, de modo que é preciso aproximar-se dele a fim de o escutar. - Nos últimos dias tenho visitado a corte com frequência em caráter oficial, a negócios, e creio que a verdade seja menos sensacional.

Porém não se estende mais no assunto. Já reparei que Fowler, meu novo contato, que encontrei pela primeira vez esta noite e com quem ainda não falei em

particular, tem grande talento para insinuar que sabe mais do que está disposto a dizer. Talvez seja por isso que ele atrai o embaixador francês. Como Castelnau tolera Douglas, entretanto, ninguém sabe muito bem. O escocês de cerca de 40 anos é uma espécie de nobre menos graduado, de cabelos avermelhados prematuramente grisalhos e um rosto endurecido e gasto pela bebida e pelas intempéries, que se ligou à embaixada com a promessa de apoiar a rainha escocesa em suas reivindicações ao trono da Inglaterra. Por incrível que pareça, é senador no Scottish College of Justice, a Suprema Corte da Escócia, um título que equivale ao de juiz, e dizem que é bem relacionado entre os nobres escoceses, tanto os católicos quanto os protestantes. Veio pessoalmente recomendado pela rainha Maria da Escócia. Para o embaixador, esses relacionamentos devem valer o custo de alimentá-lo. Tenho minhas dúvidas. Considerando-se que fui obrigado a sobreviver durante os últimos sete anos buscando a proteção de homens influentes, talvez devesse ser mais caridoso com Archibald Douglas, mas gosto de pensar que pelo menos ofereço algo a meus benfeitores em retribuição à sua hospitalidade, mesmo que seja apenas uma conversa agradável à mesa e o prestígio de meus livros. Douglas nada traz, pelo que sei, e não estou convencido de seu declarado interesse por Maria e seus partidários franceses. Ele me parece ser daqueles que sempre vão concordar com quem quer que esteja servindo o vinho. O que me aborrece é Claude de Courcelles, o secretário bonitinho do embaixador, incluir-me na mesma categoria de Douglas. Courcelles é responsável pelo equilíbrio das contas da embaixada e encara com o mesmo indisfarçável rancor os que considera parasitas. Vejo-me constantemente obrigado a lembrar-lhe que sou amigo pessoal de seu soberano, ao passo que Douglas - bem, este alega ser amigo de muitas pessoas influentes, inclusive da própria rainha da Escócia. Mas não posso deixar de ponderar: se ele é tão popular assim entre os nobres escoceses e ingleses, por que não vai jantar na casa de um deles de vez em quando? Por que, igualmente, nunca está na Escócia jantando em sua própria casa?

O crime na corte foi o principal assunto da conversa ao jantar, ofuscando até mesmo a preocupação habitual com a rainha escocesa e com as ambições de seus primos da família Guise. Na noite do assassinato, no Palácio de Richmond, contei a Burghley e Walsingham sobre minha conversa com Abigail. Desde então, as damas de honra tiveram a guarda reforçada e os homens na corte estão sendo interrogados outra vez - mas, naturalmente, quando se trata de casos amorosos proibidos, as pessoas costumam mentir. Walsingham está cada vez mais ansioso. Há mais de 600 pessoas junto à rainha em Richmond. Embora as hierarquias sejam rigorosamente definidas - cada criado mais antigo e mais graduado sendo responsável pelos deveres daqueles abaixo dele como é possível fazer tantas pessoas prestarem contas de seus movimentos em uma noite? A rainha Elizabeth, por sua vez, prefere acreditar que um intruso enlouquecido invadiu as dependências do palácio. Sua solução é

transferir a corte mais cedo para seu palácio no centro de Londres, em Whitehall, que não está tão exposto ao campo aberto e é mais fácil de defender. Não admite a possibilidade de que o criminoso possa estar entre eles. Walsingham disse que vai mandar me chamar caso necessite de ajuda. Enquanto isso, diz ele, devo voltar para casa e concentrar minha atenção nas conversas atrás das portas na embaixada francesa.

Na sala de jantar revestida de lambris de madeira em Salisbury Court, as velas acesas estão no fim e o relógio já bateu meia-noite, mas os pratos com as sobras do jantar suntuoso de Castelnau ainda enchem a mesa, os molhos já frios e endurecidos fazem tempo. Os criados limparão a mesa de manhã, porque depois da refeição o embaixador trata de assuntos particulares com os convidados. Os nobres católicos mais influentes e inquietos se reúnem com tanta frequência em torno da mesa de Castelnau que é mais sensato não correr o risco de essas conversas serem escutadas pelos criados. Afinal, diz o embaixador, todo cuidado é pouco. Assim, fingimos não ver Archibald Douglas brincando com os ossos da galinha ou passando o dedo no molho frio e o lambendo enquanto profere suas opiniões mal-formadas.

Michel de Castelnau, Seigneur de Mauvissière, empurra seu prato, apoia os cotovelos na mesa e corre os olhos por seus convivas. Ele é extraordinariamente vigoroso para um homem de 60 invernos. E preciso olhar com atenção para encontrar fios prateados em seu cabelo escuro, e o rosto austero com o nariz comprido e bulboso é animado por olhos penetrantes a que nada escapa. Castelnau é um homem culto, mas não sem vaidades, que gosta de ver sua mesa movimentada por homens inteligentes e de idéias progressistas, que não temem controvérsias e gostam de uma boa discussão para a busca do conhecimento, seja sobre ciências, teologia, política ou poesia. Ainda não entendo onde um homem como Douglas se encaixa nesse esquema, exceto por ele ter a bênção pessoal de Maria Stuart. Na meia claridade cor de âmbar, nossas sombras se agigantam atrás de nós, oscilando nas paredes.

- Uma virgem deflorada na própria corte da Rainha Virgem.

O olhar do embaixador se fixa em cada um de nós, um por um.

- Meus amigos, isso foi feito para difamar os católicos. Que outra razão haveria? Crucifixo, rosário, pouco importa. Os detalhes podem ser diferentes nos relatos, mas o propósito é o mesmo: despertar medo e ódio... como se precisássemos de mais. *Foram os católicos*, é o que os ingleses estão dizendo nas ruas.

Nada vai deter os católicos, eles pretendem matar nossa Rainha Virgem e nos fazer de escravos do papa outra vez. É o que estão falando.

Ele faz uma imitação rabugenta e lamurienta da voz de um inglês para simular os falatórios do povo. Courcelles ri servilmente. Douglas arrota.

- O que ouvi - diz uma voz nova que corta o silêncio como um diamante no vidro - é que o corpo dela estava todo marcado em sangue com símbolos de magia negra.

Ele olha diretamente para mim ao dizer isso, aquele que falou com essa entonação acentuada, aristocrática, aquele que se senta quase no escuro da outra ponta da mesa. Tudo nele é aguçado; rosto e barba pontudos, sobrancelhas iguais a arcos góticos, olhos penetrantes como pontas de setas. Esteve inusitadamente calado esta noite, mas posso sentir o rancor emanar dele toda vez que pousa em mim aqueles olhos apertados, que não piscam. Castelnau lança um rápido olhar nervoso em minha direção. A despeito das apreensões de seu secretário, o embaixador nunca deixou de ser um anfitrião cordial e até bondoso para mim desde que cheguei, em abril, como hóspede a pedido de seu rei, mas sei que esta parte da minha reputação o incomoda. Em Paris, ensinei a arte da memória - um sistema que desenvolvi a partir dos gregos e romanos - ao próprio rei Henrique, que me chamou de seu filósofo pessoal. Naturalmente, essa posição elevada despertou a inveja dos doutores eruditos da Sorbonne, que cochichavam em todas as orelhas que minhas técnicas de memória eram uma espécie de feitiçaria, nascida da comunhão com os demônios. Foram esses rumores, junto com a influência crescente da facção radical da corte francesa, que levaram ao meu exílio temporário em Londres. Castelnau é um católico respeitável, não é um extremista como o bando dos Guise, mas é devoto o bastante para se preocupar quando as pessoas fazem troça e dizem que ele mantém um feiticeiro em sua casa. É mais um a me prevenir que minha amizade com o Dr. Dee não vai acrescentar nada de favorável à minha reputação. Desconfio que diz isso porque seu amigo íntimo Henry Howard odeia Dee, embora a causa desse ódio veemente seja um mistério para mim.

Lorde Henry Howard continua a me fitar sob suas sobrancelhas arqueadas, como se a posição dele exigisse que eu lhe desse uma satisfação.

- Não ouviu falar disso, Bruno? - pergunta ele, com sua voz mais macia. - É a sua especialidade, não é?

Abro um sorriso afável ao olhar de volta para ele, imperturbável. Seria um choque se soubesse que só eu naquele grupo vi a moça morta com meus próprios olhos, mas evidentemente ninguém em Salisbury Court sabe da verdade sobre meu trabalho para Walsingham. Castelnau acha que meu relacionamento com Sidney lhe traz vantagens. De vez em quando, forneço-lhe fragmentos de informações falsas sobre a corte inglesa que mantêm essa ilusão. Coitado do crédulo Castelnau. Enganá-lo não me dá nenhum prazer, mas preciso me defender neste mundo, e acredito que meu futuro é mais seguro com os poderosos da Inglaterra, não com os da França. Não tenho tais escrúpulos sobre informações com gente do tipo de Henry

Howard, que é um homem perigoso, Walsingham já me avisou. Desde a execução de seu irmão mais velho, o último duque de Norfolk, por traição, Henry, de 43 anos, é agora o membro mais velho da mais poderosa família católica da Inglaterra. Portanto, não pode ser subestimado. Diferentemente de muitos nobres ingleses, tem uma cabeça excelente e até ensinou retórica na Universidade de Cambridge. Sidney tem consciência de que a rainha o nomeou para seu Conselho Real porque sabe que é prudente ter seus inimigos por perto e porque gosta de manter em alerta seus ministros mais puritanos.

- Meu senhor está enganado, sou apenas um humilde escritor - retruco, levantando as mãos num gesto de humildade. - Como Vossa Senhoria - acrescento, porque sei que a comparação vai irritá-lo. Funciona, pois ele fecha a cara como se eu tivesse questionado a legitimidade de seu nascimento.

- Ah, sim, e como vai seu livro, Howard? - pergunta Castelnau, talvez grato pela mudança de assunto.

Howard inclina-se para a frente, um dedo acusador erguido para o teto.

- Esse assassinato... é *essa* exatamente a questão central de meu livro. Quando a própria rainha recorre tão abertamente à adivinhação do futuro e a mágicos como John Dee, seus súditos são estimulados a fazer o mesmo. Já que os afastou todos da devida obediência ao papa, alguém pode se admirar que eles se agarrem a supostas profecias e quaisquer histórias da carochinha sobre estrelas e planetas? E onde há confusão, é lá que o demônio esfrega as mãos de alegria e semeia suas maldades. Mas as pessoas não dão atenção a isso.

- O que está dizendo, meu senhor, se bem compreendi, é que esse crime ocorreu porque as pessoas não leram seu livro direito? - pergunto, cheio de inocência. Castelnau me fuzila com um olhar de advertência.

- Estou dizendo, *Bruno* - Howard pronuncia meu nome como se lhe desse nos nervos -, que todas essas coisas estão relacionadas. Uma soberana que dá as costas para a Igreja ungida por Deus, que reivindica para si toda a autoridade espiritual, mas não dá um passo sem consultar as constelações? Profecias sobre o fim dos tempos, sobre a vinda do anticristo, rumores sobre guerras... a ordem correta das coisas está subvertida, e agora loucos se enchem de coragem para trucidar inocentes em nome do demônio. Aposto como aquela moça não vai ser a última.

Douglas levanta bruscamente a cabeça ao escutar isso, como se afinal a conversa promettesse ficar mais interessante do que os ossos da galinha.

- Mas, se os relatos forem dignos de crédito - digo, cuidadoso -, parece que esse criminoso fez seu trabalho em nome da Igreja Católica.

- Aqueles que fugiram da autoridade da Santa Madre Igreja serão sempre os primeiros a blasfemar contra ela - rebate Howard, tão depressa quanto se estivessemos esgrimindo, um sorriso fino curvando-lhe os lábios. - Como acho que deveria saber, Mestre Bruno.

- Dr. Bruno, na verdade - murmuro. Não teria insistido, mas por acaso sei, informado por Walsingham, que, embora conte com um título de nobreza, Henry Howard tem apenas o título acadêmico de Mestre. Entre homens de universidade, essas coisas importam. Pela cara dele, vejo que marquei um ponto.

- *Alors...* - Castelnau sorri meio inseguro, segurando no alto a garrafa de vinho para nos interromper, espiando nossas taças para ver quem quer mais bebida. Douglas, o menos precisado do grupo, estende a sua avidamente. Quando o embaixador está passando a garrafa adiante, todos nos sobressaltamos como criaturas amedrontadas ao ouvir o leve clique da porta, os nervos à flor da pele por causa da natureza sigilosa desses encontros.

Todos respiram aliviados ao verem entrar os recém-chegados. Apesar da hora avançada, aparentemente eram esperados, pelo menos por nosso anfitrião. À primeira vista, poderiam ser tomados por um casal, pois entram na sala parecendo tão próximos, com ar conspiratório, até a moça tirar o capuz da cabeça e ir imediatamente na direção de Castelnau com os braços estendidos. Ele se levanta e recebe a jovem esposa com um olhar de devoção canina. Quando ela se coloca sob a luz, vê-se que não é tão jovem quanto se pensa de início - o corpo pode ser o de uma mocinha, mas o rosto revela que passou muito dos 30. Mesmo assim, é quase três décadas mais jovem que o marido, o que talvez explique o brilho nos olhos dele. Ela pousa a mão delicada no ombro dele, depois ergue rapidamente o olhar, que faz circular pela mesa. Marie de Castelnau é pequenina e esbelta como uma boneca, o tipo de mulher que os homens correm para proteger, embora ande com a postura de uma bailarina, de um jeito que insinua que está bem consciente de seu jeito sedutor. O cabelo castanho está preso na nuca com um pente de tartaruga, embora mechas soltas balancem em torno de seu rosto em formato de coração. Ela afasta uma dessas mechas ao tirar o manto e examinar os hóspedes reunidos.

Seu olhar encontra o meu. Ela me fita por um instante com algo parecido com curiosidade, então recatadamente volta sua atenção para Castelnau, que acaricia a mão dela com afeto. Walsingham tinha razão: ela é muito bonita. Procuro abafar esse pensamento imediatamente.

- Você encontrou então o nosso caro Throckmorton - diz o embaixador, sorrindo radiante para o rapaz que entrou depois da mulher e que agora parou, indeciso, junto à porta, ainda vestido com seu manto de viagem. - Feche a porta e

entre, venha tomar um pouco de vinho. - Faz um gesto largo indicando uma cadeira vazia. Courcelles sai incumbido de ir buscar mais uma garrafa, porém não se mostra muito contente por ter de assumir as tarefas de criado quando o segredo está em jogo. De minha parte, estou surpreso por me permitirem ficar para o que é evidentemente uma reunião clandestina. Henry Howard pode não gostar de mim, mas pelo jeito a confiança de Castelnau em minha lealdade à França, se não necessariamente a Roma, está inabalada. Meu coração se acelera com a expectativa.

- Ele entrou pelo jardim? - pergunta Castelnau à esposa, ansioso.

- Vim por Water Lane, meu senhor - diz o rapaz que chamam de Throckmorton, ao sentar-se na cadeira que lhe foi oferecida. Isso significa que ele entrou na casa pelos fundos, pelo lado do rio, onde não seria visto. Salisbury Court é um prédio comprido e esparramado de pelo menos 100 anos de idade, cuja porta principal dá para a Fleet Street, junto à igreja de St. Bride, mas seu jardim desce em declive até as vastas águas amarronzadas do Tâmesa. Quem quiser visitar a embaixada em particular pode atracar um barco em Buckhurst Stairs depois do escurecer, passar por Water Lane e entrar por um portão no muro do jardim sem recear ser visto. Esse tal de Throckmorton parece jovem. Seu rosto imberbe é fino, pequeno e frágil, emoldurado pelo cabelo, tão comprido que ondula em cima da gola. Tem um sorriso agradável, franco, mas seus olhos claros dardejам em torno, nervosos, como se receassem um ataque. Sentado, ele desata seu manto. Como não me conhece, seus olhos se demoram na minha pessoa, de modo interrogador mas sem hostilidade.

Dr. Bruno, o senhor não conhece Francis Throckmorton, não é? - pergunta Castelnau, reparando na direção do olhar do jovem. - Um amigo muito precioso da embaixada entre os ingleses. - Ele balança a cabeça expressivamente.

Howard observa os recém-chegados sem sorrir, depois estala as juntas dos dedos.

- Muito bem, Throckmorton - diz ele, sem preâmbulos. - Quais são as novidades da rainha?

Ele se refere à outra rainha, é claro: à prima de Elizabeth, Maria Stuart, que eles acreditam ser a rainha da Inglaterra de direito, a única legítima herdeira Tudor. "Eles" sendo os extremistas da Liga Católica na França, liderada pelo duque de Guise (primo de Maria pelo lado materno), e os nobres católicos ingleses que estão vendo a maré se virar contra eles em seu próprio país e que se reúnem ao redor da mesa de Castelnau para rosnar e confabular a fim de que se faça alguma coisa. Exceto que, no momento, Maria Stuart não é rainha de nada. Seu filho Jaime VI governa a Escócia sob o olhar vigilante de Elizabeth, e Maria é mantida prisioneira no Castelo de Sheffield, costurando, e por isso mesmo não pode inspirar uma

rebelião. Esse fato aparentemente nada fez para diminuir o número de conspirações fomentadas em seu nome dos dois lados do canal da Mancha.

Colocando as mãos em cima da mesa com as palmas viradas para baixo, Throckmorton corre os olhos pelo grupo mais uma vez, depois se apruma como se estivesse prestes a iniciar uma grande peça de oratória e sorri com ar tímido.

- Sua Majestade, a rainha Maria, pediu que eu lhes comunicasse que seu ânimo foi bastante revigorado pelo carinho e apoio que vem recebendo de seus amigos em Londres e Paris, e muito particularmente pelas 1.500 coroas de ouro que meu senhor embaixador muito generosamente enviou a fim de contribuir para o bem-estar de sua real pessoa.

Castelnau inclina a cabeça modestamente. Howard senta-se, empertigado, espantado.

- Você falou com ela?

- Não - responde Throckmorton em tom de desculpas. - Com uma de suas damas. Walsingham determinou que ela não pode receber visitas por enquanto.

- Mas pode receber cartas?

- Suas cartas oficiais são todas abertas e lidas por seus carcereiros. Mas suas damas levam e trazem minha correspondência secretamente, escondida em suas roupas de baixo. - Ele enrubesce com o pensamento e continua, falando apressado. - Ela está confiante de que seus guardiões ainda não encontraram uma forma de ler essas cartas. E tem permissão para ter livros. - Lança um olhar significativo a Howard. - Aliás, ela muito especialmente pede ao senhor que lhe envie um exemplar de seu novo livro sobre profecias, lorde Howard. Está ansiosa para lê-lo.

Ela o receberá na sua próxima entrega - diz Howard, encostando-se, sua satisfação evidente no sorriso.

- Ela também está particularmente ansiosa - continua Throckmorton, olhando com expressão esperançosa de Douglas para Fowler - para receber notícias do filho. Quer saber o que pensa o rei da Escócia.

Castelnau deixa escapar uma risada curta, amarga.

- Não é o que todos nós também gostaríamos de saber? Onde será que o jovem Jaime vai fincar seu estandarte quando finalmente tiver que decidir? - E dá de ombros de uma maneira exagerada.

- Quer dizer então que ele não escreve diretamente para a mãe? - pergunta Howard, franzindo a testa.

- Raramente - responde Throckmorton. - E quando escreve, usa a linguagem

da diplomacia, portanto ela não pode ter certeza de suas intenções. A rainha teme que a lealdade dele não esteja inteiramente voltada para onde deveria.

- O rei Jaime tem 17 anos - diz Fowler, com sua voz baixa e cheia de autoridade, de modo que todos têm que se inclinar na direção dele. Está vestido com simplicidade, sem rufos franzidos, só uma gola de camisa aparecendo acima de seu gibão de lã marrom. De alguma forma, isso me agrada, pois desconfio instintivamente dos janotas. - Ele acabou de emergir da sombra de seus regentes. Que rapaz de 17 anos, tendo provado a independência, devolveria de bom grado as rédeas do governo à sua mãe? Ele vai precisar de maior vantagem material do que de sentimento filial para ser convencido a apoiar a causa dela. Além do mais - acrescenta ele não tinha nem 1 ano quando a viu pela última vez. A mãe pode achar que os dois têm uma ligação natural, mas Jaime sabe que tem mais a ganhar de uma rainha no trono que de uma na prisão.

- Bem, Sr. Throckmorton, o senhor pode garantir à rainha Maria que, neste exato momento, seu filho mantém em sua corte um embaixador do duque de Guise - interrompe Madame de Castelnau, olhando por baixo de suas pestanas -, que lhe oferecerá a amizade da França se ele reconhecer seus justos deveres como filho da rainha Maria.

Ouvem-se murmúrios de surpresa ao redor da mesa. Um lampejo de fúria passa brevemente pelo rosto de Castelnau - é claramente a primeira vez que ouve tal coisa, e, no que lhe diz respeito, a amizade da França não está nas mãos de Guise para ser oferecida -, mas vejo-o controlar sua raiva, sempre o diplomata profissional. Não quer repreender sua mulher em público. Ela não olha para o marido, mas há um sereno triunfo nas linhas de sua boca quando baixa os olhos para a mesa mais uma vez.

- Seja como for - interfere o embaixador com vivacidade, como se estivesse participando de uma conversa inteiramente diferente -, há bastante motivo para se acreditar que logo teremos um tratado que dará a liberdade à rainha Maria de modo pacífico, devolvendo-a para o convívio de seu filho e permitindo à França preservar a nossa amizade tanto com a Inglaterra quanto com a Escócia.

Danem-se os tratados!

Henry Howard joga sua cadeira para trás e dá um soco na mesa, tão de repente que outra vez todos estremecemos em nossas cadeiras. As velas se consumiram tanto que a sombra dele salta e ondula nos painéis de madeira que estão atrás e se prolonga para o teto, crescendo como um ogro numa história infantil.

- Em nome de Cristo, homem, o tempo das conversas acabou! Não compreende isso, Michel? - vocifera Howard, inclinando-se para a frente com as

duas mãos na mesa para encarar o embaixador, enquanto Courcelles faz pequenos gestos inúteis para que ele abaixe a voz. - Será que você está tão confortável agora na corte inglesa que não sente para onde sopra o vento em Paris?

- O rei da França ainda tem esperança de estabelecer uma aliança política com a rainha Elizabeth, e é minha função fazer todos os esforços para isso enquanto eu for o representante dos interesses dele - diz Castelnau, procurando manter a paciência. Mas Howard não se acalma.

- O povo francês não deseja uma aliança com uma protestante herege, e seu rei Henrique sabe muito bem disso, ele sente a força da Liga Católica crescendo às suas costas. Chega de tratados, de casamentos, de procurar apaziguar e oferecer amizade à fingida Elizabeth. Só nos resta um caminho a seguir agora! - Ele bate na mesa outra vez para reforçar sua argumentação e os pratos chacoalham.

- Se bem me recordo - diz Castelnau rigidamente, mantendo a compostura -, você foi meu grande aliado não faz muito tempo por ocasião das negociações de casamento entre sua rainha e o irmão de meu rei.

- Para salvar as aparências. Mas aquilo já estava condenado a não dar certo antes de começar. - Howard faz um gesto amplo com o braço em soberbo repúdio. - O duque de Anjou jamais quis realmente se casar com Elizabeth. Ela é pelo menos 20 anos mais velha do que ele, por piedade! Ou seja, vocês se casariam, nessas circunstâncias? - Olha para os homens que o rodeiam, solicitando o seu desdém. Douglas reage com um cacarejo lascivo. - E assim que ela farejou a inquietação de seus súditos com a idéia - continua Howard -, mandou-o passear. Não vai planejar nenhum casamento agora. E, mesmo que faça isso, nunca será com um príncipe católico. Ela já viu em que isso vai dar.

- Muito menos terá um herdeiro agora, aos 50 anos - observa Marie de Castelnau, com desprezo na voz. - A melhor alternativa para a França é pôr Maria Stuart no trono da Inglaterra e deixá-la lidar com o filho como mãe e como soberana católica, para fazê-lo voltar à sua obediência natural. *Et voilà!* - Ela estende as mãos para nós com um sorriso satisfeito, como se tivesse realizado um número de prestidigitação, embora suas mãos estejam vazias. - A ilha inteira unida outra vez sob a égide de Roma.

- *Et voilà?* - Olho para ela, incrédulo. - Problema resolvido? A senhora fala como se fossem peças de um jogo de xadrez... mova essa para cá, tire aquela do tabuleiro, vamos deixar essa aqui ver que está ameaçada. *Fin de partie.* É tão simples assim, madame, a senhora acha?

Marie comprime os lábios até ficarem brancos, mas devolve meu olhar, desafiadora. Howard me fulmina com os olhos.

- Você se atreve a falar... - balbucia ele, mas Castelnau levanta uma das mãos. Ele parece cansado.

- Continue, Bruno - diz ele amavelmente. - Você quase não falou. Gostaria de ouvir o que tem a dizer. Você conhecia as idéias do rei Henrique tanto quanto qualquer um de seus conselheiros.

Sinto os olhos de Fowler em mim. Sem me virar na direção dele, sei que deseja que eu seja circunspecto, que não comprometa minha posição privilegiada àquela mesa parecendo hostil. Contudo, Castelnau espera que eu seja franco; creio que ficaria desconfiado se eu não assumisse o papel de advogado do diabo.

- Digo apenas que essas rainhas não são bonecas para serem movidas de um lado para outro à vontade. - Ao dizer isso, tenho uma visão repentina da boneca de Elizabeth apertada na mão morta de Cecily Ashe, a agulha se projetando do peito. Estremeço; a lembrança me faz hesitar. - Essa reunificação gloriosa sob a égide de Roma não poderia ser realizada sem um grande derramamento de sangue na Inglaterra. Não vejo ninguém mencionar isso aqui.

- Essas coisas são óbvias, seu tolo - rosna Howard.

- Alguém faz pão sem moer o grão? - indaga Marie, com um meio sorriso, os olhos ainda fixos em mim. Seus dentes são regulares, brancos, e ela parece não ter medo de usá-los.

- A rainha da Escócia não se furtará de fazer derramar sangue quando lhe for conveniente, posso lhes garantir - declara Douglas, confiante, ao grupo, despertando de seus próprios pensamentos para se servir de mais um copo de vinho, que bebe até o fim quase de um gole só. - Agora, posso lhes contar uma história sobre a rainha da Escócia. - Ele ri dentro de seu copo vazio.

- É mesmo? É aquela sobre a torta? - diz Courcelles, com um revirar de olhos teatral.

- É. - Os olhos de Douglas se acendem. - Depois que o marido dela morreu, houve um grande banquete...

O secretário do embaixador levanta a mão.

- Talvez em outra ocasião. Acho que Madame de Castelnau pode não apreciá-la.

- Oh. É mesmo. Desculpe-me.

Douglas olha rápido para Marie e toca sua franja com uma careta zombeteira.

Segue-se um silêncio breve e desconfortável. Todos se viram para olhar para

ele e tenho a sensação de que alguma coisa me escapou. Marie e Henry Howard se entreolham um instante, mas não consigo interpretar o que isso significa. As faces dela estão afogueadas de excitação sob as sombras em movimento que esculpem as linhas de seu rosto, os olhos estão brilhantes e determinados, os lábios levemente entreabertos, cintilantes. Ela nota que eu a observo e baixa o olhar recatadamente, mas levanta os olhos numa rápida espiadela para ver se ainda estou olhando.

- Meus senhores, os seminários na França ainda estão trabalhando de modo incansável para enviar padres missionários para cá em segredo, e a rede católica que lhes fornece apoio contínuo permanece forte - diz Fowler, e o grupo se vira para olhar para ele. - Podemos rezar para que o empenho deles consiga levar almas de volta para a Santa Igreja Romana...

- Sim, Fowler, admiro sua devoção e tenho certeza de que estamos todos rezando pela mesma coisa - interrompe-o Howard, impaciente. - Mas eles estão estripando naquele cadafalso em Tyburn todos os jesuítas missionários que encontram, como se fossem porcos num açougue, para servir de aviso aos que desejam se converter. Chegou a hora de entender que este país não será católico outra vez por meio de política nem de pregação. Só pela força.

- Então... perdoe-me se demoro a compreender, mas está falando de uma invasão? - e me viro, de olhos arregalados, de Howard para Castelnau. Não se trata realmente de uma pergunta. O rosto do embaixador me responde com uma expressão de tristeza impotente.

- Michel... acha isso prudente, que ele esteja sentado aqui conosco? - Howard estala os dedos na minha direção, agora sem nenhuma paciência. - Todos sabemos que este homem é procurado pelo Santo Ofício sob acusação de heresia. Diga-me: para que lado acha que pesa naturalmente a lealdade dele nesse caso? Hein? Para Roma ou para sua companheira de excomunhão, Elizabeth?

- O Dr. Bruno é um amigo pessoal do meu rei - diz Castelnau em voz baixa -, e respondo pessoalmente por sua lealdade à França. As idéias dele podem às vezes parecer um tanto... - ele procura o termo diplomático - ...*heterodoxas*, mas ele continua sendo católico. Assiste à missa regularmente com minha família aqui na capela da embaixada e sempre observa as condições de sua excomunhão. O que é algo que poderemos resolver oportunamente, não é, Bruno?

Assumo o que espero ser uma expressão de piedade e balanço a cabeça gravemente, concordando.

Howard arma uma carranca, porém não diz mais nada, e sinto uma súbita onda de afeição pelo embaixador junto com uma pontada de remorso por minha fraude. Qualquer que seja o desdobramento deste caso, resolvo que Walsingham vai

saber que o embaixador se manifestou a favor da paz. Castelnau, como o rei Henrique da França, é um moderado, o tipo de católico que acredita que a fé deveria poder acomodar pontos de vista diversos. É um homem íntegro, a seu modo. Não optaria pela guerra, mas talvez não lhe deem escolha. Sua mulher, em contrapartida, parece que mal pode esperar.

- Ouçam - diz ela agora, entrelaçando as mãos e correndo os olhos faiscantes pelo grupo, com um calculado baixar das pestanas. - Meus senhores, meus amigos, nós nos reunimos em torno desta mesa vindos de diferentes origens, mas todos partilhamos um objetivo comum, não é? Todos acreditamos que Maria Stuart é a legítima herdeira do trono inglês e que ela restabeleceria a fé católica que nos une, não é verdade?

Há um coro murmurado de consentimentos vindo do grupo, alguns mais entusiásticos do que outros. Meu olhar encontra o de Fowler outra vez e desvio rapidamente.

- Além do mais, Maria Stuart no trono serviria melhor aos interesses de nossas respectivas nações - continua Marie vivamente, esticando seus dedos elegantes e fingindo examinar a coleção colorida de anéis que está usando. - Isso nos une em nossos propósitos tanto quanto nossa religião. Precisamos ter o cuidado de lembrar o que faz de nós aliados naturais, mesmo quando há possíveis discordâncias, ou perderemos toda esperança de sucesso.

Nesse ponto, ela levanta a cabeça e direciona toda a radiância de seu sorriso para mim antes de voltá-la para os outros. Observo a mulher do embaixador com curiosidade renovada. O que quer que digam de sua piedade, não há como duvidar de sua sagacidade política. Debaixo dos sorrisos e dos rubores tímidos existe uma força de vontade férrea que contrasta com o hábito do marido de tentar equilibrar harmoniosamente todos os interesses. Olho de soslaio para Castelnau, que aperta o osso do nariz com o polegar e o indicador e parece fatigado. Aparentemente, o equilíbrio de poder na embaixada se alterou de modo sutil desde o retorno de Marie.

- Deseja que eu vá buscar velas novas, meu senhor? - murmura Courcelles. Sem que percebêssemos, as chamas fracas quase se extinguíram e estamos sentados praticamente no escuro.

- Não - responde Castelnau, empurrando sua cadeira para trás e se levantando pesadamente. - Vamos nos retirar. Minha mulher voltou há pouco de Paris e precisa descansar. Amanhã à noite meu capelão vai rezar missa aqui antes da ceia. Boa noite, cavalheiros. Claude, acho que Monsieur Douglas talvez precise de um quarto de hóspedes. Indica com a cabeça a ponta da mesa onde Douglas parece ter adormecido com o rosto caído em cima das mãos. Courcelles faz uma pequena

careta de repugnância.

Nosso anfitrião abre a porta da sala de jantar e a segura para nós, dizendo boa-noite à medida que passamos por ele e entramos no corredor. Sou obrigado a me deter abruptamente quando Henry Howard, na minha frente, beija Castelnau no rosto à moda francesa, embora com uma falta de cordialidade muito inglesa.

- E por falar em aliados naturais, você sabe que precisamos conversar com a Espanha se isso for adiante - sibila ele ao ouvido do embaixador ao se inclinar em sua direção. - O mais rápido possível.

Castelnau suspira.

- Se é o que você acha...

- Throckmorton também leva cartas da embaixada da Espanha para Maria. Ah... você não sabia?

Castelnau parece magoado com a notícia, como se acabasse de descobrir que a mulher lhe é infiel. Ainda está segurando Howard pelo braço.

- Ela envolve Mendoza? Mas aquele homem é tão...

- Franco?

- Ia dizer rude. Para um embaixador.

- Mendoza é um homem de ação - diz Howard enfaticamente, depois inclina a cabeça num cumprimento seco e sai, deixando a crítica implícita pairando no ar.

Já no corredor, quando não podemos mais ser ouvidos, Howard se vira para trás na minha direção, apontando um dedo pesado de ouro para meu rosto.

- Você pode ter enganado o rei francês e o embaixador dele, mas quero que saiba que não simpatizo nem um pouco com você.

- Só posso lhe pedir desculpas, meu senhor. Foi assim que Deus me fez.

Ele aperta os olhos e recua para me avaliar longa e rigorosamente, como um homem que desconfia estar sendo enganado ao comprar um cavalo.

- Sei o que dizem de você em Paris.

- E o que seria isso, meu senhor?

- Não brinque comigo, Bruno. Que você pratica a magia proibida.

- Ah, isso.

- E dizem que você conversa com demônios.

- Ah, o tempo todo. Eles sempre perguntam pelo senhor. Dizem que estão lhe guardando um lugar bem aquecido.

Howard chega ainda mais perto de mim. É mais alto que eu, mas não recuo. Sinto seu hálito quente em meu rosto.

- Brinque quanto quiser, Bruno. Você não passa de um bufão glorificado, como era na corte francesa, e um bobo da corte credenciado pode dizer qualquer coisa. Mas quando o rei Henrique não tiver o poder de protegê-lo, vamos ver quem ri por último, está bem?

- É possível um soberano perder o poder com essa facilidade, meu senhor? Ele ri então, um riso baixo de quem sabe algo mas não diz.

- Espere e verá, Bruno. Espere e verá. Enquanto isso, vou ficar de olho em você.

Soam passos no assoalho de madeira atrás de nós. Howard para abruptamente, me fulmina com um último olhar desaprovador e depois se afasta apressado, pedindo a um criado que lhe traga seu manto. Viro-me e vejo William Fowler com Courcelles a seu lado.

- Boa noite, Dr. Bruno - diz Fowler, o rosto liso inescrutável à luz da vela. - Foi um prazer conhecê-lo.

Igualmente, digo a ele, a expressão de meu rosto tão neutra quanto a dele. Fowler estende a mão para apertar a minha e há um papel dobrado em sua palma. Prendo-o na minha com um dos dedos e desejo-lhe uma boa viagem enquanto me dirijo para a escada, pensando que gostaria de ir agora caminhando com ele para que pudéssemos conversar abertamente e juntos procurar dar sentido ao que escutamos naquela noite.

Capítulo 4

Salisbury Court, Londres,

27 de setembro do ano do Senhor de 1583

SINTO QUE MAL FECHEI os olhos quando ouço um bater leve e insistente na porta de meu quarto. A aurora apenas se insinua pelos cantos dos postigos - só más notícias fazem alguém vir chamar tão cedo. Ponho meias compridas e uma camisa e vou abrir a porta a meu visitante impaciente, preparando-me para o que vier, mas é somente Léon Dumas, o escrevente do embaixador, que entra no quarto com tanta pressa para não ser visto que quase me faz cair de costas e ainda bate com a cabeça na inclinação do teto. Aqui, no segundo andar da casa, sob as vertentes do telhado, os quartos são projetados para pessoas da minha altura, não da dele. Dumas esfrega a testa e senta-se pesadamente em minha cama. É um zeloso rapaz de 27 anos, alto e magro, com cabelo rareando e olhos ligeiramente protuberantes, o que lhe confere uma expressão permanente de susto - embora eu tenha que admitir que isso se intensificou desde que o persuadi a me mostrar a correspondência do embaixador. Agora ele me fita com aqueles olhos enormes e a expressão contraída e aflita, como se eu também fosse responsável pela pancada na cabeça. Está completamente vestido.

- Léon. Você levantou com as galinhas. Aconteceu alguma coisa?
Ele sacode a cabeça.

- Só queria avisá-lo... meu senhor embaixador já desceu a seu escritório particular para começar a cuidar da correspondência do dia. Passou metade da noite acordado lendo as cartas de Maria Stuart que Monsieur Throckmorton trouxe de Sheffield e agora vai escrever as respostas. Quer que sejam entregues na casa de Throckmorton em Paus Wharf hoje mesmo, antes do anoitecer. Parece que o emissário cavalga de volta para Sheffield amanhã cedo, ao nascer do dia.

- Ótimo. Quer dizer então que Throckmorton espera por você esta tarde a qualquer hora?

- Acredito que sim. Castelnau vai passar a manhã escrevendo suas cartas e as cifrando, e tenho que estar presente para atendê-lo. Então ele me deixa sozinho passando as cartas a limpo enquanto ele e a família fazem a refeição, e, depois de comer, ele as aprova e lacra, e eu saio para fazer a entrega.

- Portanto... - repasso a cronometragem em minha cabeça. - Vamos precisar trabalhar depressa. Você viu as cartas da rainha Maria?

Ele sacode a cabeça, num movimento nervoso, espasmódico.

- Não. Mas o maço está na escrivaninha dele.

- Leia as cartas enquanto ele estiver fora. Se não tiver tempo para fazer cópias, ao menos procure captar o sentido para que possa transcrevê-lo. Mas é possível que ela tenha enviado um novo código. Eles o mudam de vez em quando por medo de as cartas serem interceptadas. Esse código tem de ser copiado, se estiver lá.

Dumas engole em seco e assente com a cabeça, sentando-se em cima das mãos.

- E se não der tempo para eu fazer duas cópias da resposta dele antes que ele queira lacrá-la...?

Ando de um lado para outro no quarto por um momento, refletindo.

- Nesse caso teremos que fazer uma visita a nosso amigo Thomas Phelippes no caminho da casa de Ihrockmorton. Não faça essa cara tão apavorada, Léon. Phelippes é muito hábil na arte da interceptação, desconfio de que seja um feiticeiro. Ninguém vai dar falta de nada.

Dumas tem um ar angustiado e se bamboleia com mais vigor ainda em cima das mãos.

- Mas e se formos apanhados, Bruno?

- Aí vamos ser jogados na rua - respondo em tom solene. - Seremos obrigados a nos juntar a uma trupe de saltimbancos. Podemos nos oferecer para fazer o papel do asno na entrada de Cristo em Jerusalém no Domingo de Ramos.

- Bruno...

- Ah... já sei o que vai dizer. Está bem, você pode ser as pernas da frente.

- Você tem de fazer troça de tudo?

Ele sorri a contragosto, enquanto eu recordo o insulto mordaz da véspera. *Um bufão glorificado*. Seria realmente isso o que falavam de mim em Paris? A rainha Elizabeth mantém um bufão italiano na corte que atende pelo nome de Monarcho. Posso ser comparado a ele? O insulto me magoou porque reconheci o que havia de verdadeiro naquelas palavras: sem dinheiro, títulos ou terras em meu nome, preciso me tornar indispensável aos homens de poder para progredir, e aprendi pelo método mais difícil que a maioria dos poderosos prefere quem os entretenha a quem os esclareça. Mas será que não posso ambicionar fazer as duas coisas? Esta,

pelo menos, é a intenção do livro que estou escrevendo agora, que divulga minhas novas idéias sobre o universo num estilo que possa ser lido fora das universidades, por homens e mulheres comuns, em sua própria linguagem.

Sento ao lado de Dumas na cama e passo um dos braços por seus ombros para melhorar seu ânimo.

- *Courage, mon brave*. Pense nas moedas tilintando na sua bolsa. Você deveria dar um pulinho do outro lado do rio, em Southwark, e procurar uma moça bem-disposta numa daquelas casas de tolerância. Isso poria um sorriso em seu rosto. Além do mais - viro-me com um suspiro para a janela, onde uma claridade pálida se infiltra pelas frestas dos postigos e se reflete enviesada nas tábuas nuas do assoalho -, ainda não sei em que estamos envolvidos, Léon, mas se fizermos nosso trabalho direitinho, um bocado de gente pode acabar nos devendo suas vidas. Inclusive - acrescento, num sussurro, ao que os olhos do jovem escrevente quase lhe saltam da cara - a própria rainha da Inglaterra.

Saio por volta das 11 horas para a manhã dourada de outono, como se o fraco sol inglês estivesse tardiamente tentando compensar sua ausência durante todo o úmido e frio verão passado. No jardim da embaixada em Salisbury Court, as árvores são uma profusão de cores, quase luminosas de encontro ao azul, com a luz empoeirada do sol por trás delas: carmesim, ocre, âmbar queimado, verdes delicados ainda remanescentes do verão, todas vistosas como as sedas coloridas que Sidney e seus amigos usam para desfilar pela corte. Estou vestido de preto hoje como em todos os outros dias, uma sombra escura e solitária nessa paisagem de cores. Por 13 anos, usei o hábito negro da ordem dominicana. Mais tarde, quando ganhava a vida ensinando nas universidades da Europa, enverguei a beca negra dos doutores e acadêmicos. Agora que estou livre das limitações de um uniforme, ainda uso negro, pois poupa-me o trabalho de pensar muito no assunto. A moda nunca me despertou muito interesse. Às vezes me pergunto como os jovens dândis conseguem se movimentar com desenvoltura em seus trajes, enfunados como ficam em calções e mangas bufantes, peças tão recortadas que os ricos forros aparecem em cores contrastantes, sufocados pelas golas de amplos rufos de renda engomada. Minha única indulgência com a remuneração que Walsingham me paga é comprar roupas feitas com tecidos de boa qualidade, camisas de fino linho debaixo do gibão de couro negro, cortadas para se ajustarem ao meu corpo, sem desperdício de material. Sidney caçoa de mim dizendo que estou usando a mesma roupa toda vez que ele me encontra. Sou exigente com a limpeza de minha roupa branca, que troco com mais frequência do que a maioria dos ingleses que conheço. Talvez isso venha dos meses que passei correndo da Inquisição depois que fugi do mosteiro em Nápoles, quando dormia em estalagens de beira de estrada na companhia de ratos e piolhos, às vezes

andando quilômetros num dia para me distanciar o suficiente de Roma, e vestindo apenas a roupa do corpo. Basta lembrar aquela fase de minha vida, mesmo de modo fugaz, e começo a me coçar todo, querendo mudar de camisa.

Através dos desenhos dispersos das folhas vivamente coloridas, caminho pelo jardim à medida que a manhã vai ficando mais quente, um livro fechado na mão. Além do muro que cerca o jardim, escuto os gritos dos barqueiros no rio, o bater suave das águas na praia barrenta. O bilhete de Fowler pedia que eu o encontrasse hoje às três horas na taberna Mermaid em Cheapside. Não tenho nada para fazer até Dumas acabar de copiar as cartas secretas do embaixador e estar pronto para levá-las ao jovem Throckmorton. Se a sorte e o tempo estiverem do nosso lado, no caminho poderemos levar as cartas para o homem de Walsingham, Thomas Phelippes, em Leadenhall, abri-las, copiá-las e lacrá-las novamente, e então Dumas poderá entregar os originais em Pauis Wharf enquanto eu levo as cópias para Fowler na taberna.

Passei a manhã em meu quarto tentando fazer meu livro progredir um pouco. Desde que voltei de Oxford nessa primavera, esta tem sido minha principal ocupação, a obra que acho que vai virar de cabeça para baixo todo o conhecimento estabelecido das academias europeias. Assim como a teoria de Copérnico - que afirma que o Sol, e não a Terra, está no centro do Universo conhecido - repercutiu por toda a Cristandade, obrigando todo cosmólogo e astrônomo a reconsiderar o que acreditava ser fato, também meu tratado é uma nova maneira esclarecida de compreender a religião, e que espero ser capaz de abrir os olhos dos homens e das mulheres dispostos a associá-la à possibilidade de união. Minha filosofia é nada menos do que uma compreensão revolucionária da relação entre o homem e aquilo a que chamamos de Deus, uma visão que transcende as atuais divisões entre católicos e protestantes que têm causado tanto sofrimento desnecessário. Tenho certa esperança de que a rainha Elizabeth da Inglaterra seria capaz de compreender minhas idéias, se apenas eu tivesse uma oportunidade de apresentá-las. Para isso, tenho passado meus dias tanto quanto possível na biblioteca de Dee, imerso nos escritos remanescentes de Hermes Trismegisto e dos neoplatônicos, bem como em outros, obras secretas, cheias de sabedoria e conhecimentos antigos duramente adquiridos, livros dos quais Dee possui os únicos exemplares.

Entretanto, desde o casamento de Sidney e o assassinato de Cecily Ashe, fui arrastado do mundo das idéias para a presente violência que espero um dia ver terminar. Minha mente não sossega, portanto eu trouxe um livro para o jardim, onde o que faço é apenas roçar os pés nas folhas caídas e rever a imagem de Cecily Ashe estendida numa cama no Palácio de Richmond em seus trajes masculinos, o rosto lívido e deformado, aquela marca talhada no seio. A morte dela não é mais da minha conta, e a imagem de seu cadáver ainda me atormenta. Na noite passada sonhei com

o crime, sonhei que perseguia uma figura sombria com um crucifixo em meio ao nevoeiro de um cemitério abandonado até que, finalmente, a pessoa se virou e entrevi sob o capuz o rosto do Dr. Dee.

Esse crime lembra muito as mortes que presenciei em Oxford na primavera. Não foi um ato violento perpetrado no calor do momento mas um assassinato a sangue-frio com a intenção de servir como símbolo, advertência. De quê, porém? E se o autor foi o jovem pretendente mencionado por Abigail, quanto planejamento e cálculo ele deve ter dedicado à tarefa! Seduzir uma jovem durante quase um mês inteiro com palavras doces e presentes caros, pretendendo o tempo todo usar mais tarde seu corpo frio como uma página em branco, onde ele escreveria sua mensagem com o próprio sangue dela. Penso na moça Cecily como Abigail a descreveu, encantada com o romance secreto, a inocência desse primeiro amor aos 17 anos, jamais imaginando que caminhava para a própria destruição. Talvez inevitavelmente meus pensamentos sigam esse rumo por causa de uma outra jovem cuja vida foi destruída por uma paixão: Sophia, a moça que conheci em Oxford e que me tocou o coração por um breve período, embora eu não soubesse na ocasião que ela já entregara o seu a um homem que a traiu e quase matou. Para prolongar mais meus dissabores, minha memória recua ainda mais até Morgana, a mulher que amei há dois anos quando morava em Toulouse. Estava apaixonada por mim, mas, como eu não tinha nem dinheiro nem posição para me casar com ela, certa noite fugi discretamente para Paris sem me despedir. Achei que estava fazendo a coisa certa, deixando-a livre para o casamento que agradaria a seu pai e lhe proporcionaria uma vida confortável, mas ela também morreu cedo demais. Teria sua vida chegado ao fim prematuramente porque ela cometeu o erro de se apaixonar?

Nunca vou saber, mas lembro o olhar que Walsingham e Burghley trocaram por cima do corpo de Cecily Ashe e senti uma profunda onda de alívio por não ter uma filha por quem temer. Estremeço, apesar do calor incomum para esta época do ano. A fragilidade dessas moças, quanto se tornam vulneráveis quando depositam sua confiança num homem! Se eu fosse uma pessoa de oração, rezaria para que a donzela Abigail permanecesse em segurança. Nestas circunstâncias, só posso esperar que o assassino ache que sua mensagem foi compreendida. Se não, ele pode sentir a necessidade de escrevê-la novamente. Todas essas reflexões me trouxeram ao fim do jardim. Fazendo a volta no caminho que leva à casa, quase sou derrubado por um cão pequenino todo enfeitado com laços de fita, que corre atrás de uma bola feita de trapos e por sua vez é perseguido por uma menina de uns 5 anos, que vem voando em meio às pilhas de folhas, o cabelo e o vestido azul ondulando. A bola rola até meus pés e a apanho exatamente antes que o cão a alcance. Seguro-a no alto e os latidos do animal ficam frenéticos, enquanto ele salta e se contorce para pegá-la, os olhos fixos na minha mão. A menina para na minha frente, com ar desconfiado.

Arremesso a bola de trapos para ela por cima da cabeça do cachorro, e a criança fica tão surpresa que a apanha, mais por acaso que por intenção. O cachorro se atira para ela, que o recolhe nos braços, dandolhe a bola, que ele abocanha com um rosnado engraçado, como se tivesse dominado um grande inimigo.

- *Pierrot, tu es méchant!* - exclama a criança, zangada com ele.

- Pierrot? - pergunto, abaixando-me para poder olhá-la nos olhos. - Ele é menino?

Ela concorda, balançando a cabeça, tímida.

- E as fitas?

- Ele gosta delas - diz a menina, e dá de ombros, como se isso fosse óbvio.

Uma voz de mulher vem do outro lado do muro.

- Katherine! Katherine, *viens ici! Ou es-tu?*

Marie de Castelnau aparece sob a arcada que divide esta parte do jardim dos caminhos mais bem cuidados próximos à casa. A luz suntuosa toca seu cabelo quando ela afasta um cacho que lhe caiu sobre o rosto, dando-lhe um leve halo; está com a testa franzida, mas, quando seu olhar pousa em mim e em sua filha, sua expressão se suaviza e ela vem caminhando mais devagar na nossa direção.

- *Ah. Monsieur Vhérélique. Bonjour.*

- Madame - cumprimento-a com uma reverência.

Ela se inclina para a criança e põe uma das mãos em seu ombro.

- Katherine, leve Pierrot para dentro. Olhe, agora seus sapatos estão todos sujos e está quase na hora da sua aula. Você pode vir brincar depois no jardim, se estudar direito.

A menina estica o lábio inferior.

- Quero ter aula aqui. - E aponta para meu livro. - *Monsieur Vhérélique* pode trazer seu livro aqui para fora.

Marie me lança um rápido olhar e sorri, meio se desculpando, antes de se virar para a filha.

- Bem, *Monsieur Vhérélique* pode fazer todo tipo de coisas que não são permitidas e é melhor você não seguir o exemplo dele. Ele é muito malvado - diz, piscando para mim.

A criança ergue os olhos para mim de boca aberta, esperando uma confirmação ou uma negativa. Então arregalo os olhos e balanço a cabeça.

- É verdade.

Ela dá uma risadinha.

- Vá, agora vá - diz Marie, mais enérgica dessa vez, com um tapinha nas costas da menina. Katherine sai correndo, o cachorrinho choramingando atrás de seus calcanhares.

- Desculpe, agora minha filha acha que esse é seu nome.

A mulher de Castelnau dá uma risada e se põe com desenvoltura a meu lado, acompanhando meus passos, os braços cruzados no peito, e andamos devagar de volta para a casa.

- É assim que o rei Henrique o chama. Mas com intenção afetuosa. Da parte dele, pelo menos - acrescenta depressa, olhando-me rapidamente de soslaio e depois voltando a olhar para os pés.

- Falou sobre mim com o rei Henrique?

Ela ri outra vez, um som brando, aflautado.

- Não. Mas seu nome era citado com freqüência quando eu estava com a rainha Luísa. Conheço-a desde que éramos meninas. Parece que o rei sente a sua falta. Diz que não há pensadores originais em Paris, agora que *Monsieur Vhérétique* o abandonou e foi para Londres.

- Bem, é gentil da parte dele dizer isso.

Caminhamos alguns passos em silêncio, o calor do sol em nossos rostos.

- Devo dizer que estava curiosa para conhecê-lo - continua ela, depois de um momento, e em sua voz macia como seda algo soa como uma advertência. - A rainha Luísa disse que o senhor era um grande favorito das damas de Paris.

- Era mesmo? Isso é novidade para mim. Houve flertes inconseqüentes na corte parisiense, mas nada que merecesse a atenção da rainha consorte, não que eu me lembre. Depois de minha experiência em Toulouse, jurei dedicar minha energia a escrever e a endurecer o coração contra a possibilidade do amor.

- Ah, sim, com certeza - diz Marie, tocando ligeiramente meu braço e deixando a mão se demorar ali por um instante -, porque o senhor era um grande enigma, aparentemente. Havia muitas histórias a seu respeito, mas nenhuma sequer chegou perto o bastante para que se pudesse dissociar a verdade dos boatos. E é claro que o senhor frustrou as damas por não ter escolhido nenhuma, o que só fez estimular o falatório.

- Eu não possuía recursos para me casar.

- Talvez não tivesse a inclinação? - diz ela, com um sorriso malicioso.

Paro e olho para ela. Será que quer dizer o que estou pensando?

- Houve mulheres na minha vida - digo, na defensiva. - Quero dizer, amei mulheres no passado. Mas sempre tive a infelicidade de me apaixonar por aquelas que não posso ter.

Ela sorri, como se fosse apenas para si mesma.

- Não é sempre mais interessante assim? Mas não quis insinuar o que o senhor pensou. - Segue-se uma breve hesitação. - Sabe o que dizem de lorde Henry Howard, porém?

- O quê? Que ele não olha para mulheres? - Lembro-me de Howard socando a mesa na noite anterior, o furor de seus olhos. Talvez essa explicação esclareça a impressão que ele transmitia de raiva reprimida.

- Ele nunca se casou. Embora - acrescenta Marie, inclinando-se para mim com ar confidencial - seja possível que tenha sido apenas dissuadido de se casar. Soube por que o irmão dele foi executado?

- Traição, não?

- Sim. Mas a natureza exata dessa traição... o senhor não sabe? O duque de Norfolk pretendia casar-se com Maria Stuart e assim tornar-se rei da Inglaterra quando ela retornasse ao trono, depois que se livrassem de Elizabeth.

Ela sacode a cabeça com veemência, esperando uma resposta, os olhos azuis acesos com a emoção da história, como se tivesse me contado algo que não deveria. Está inconvenientemente próxima de mim, a mão ainda no meu braço, e agora já andamos o suficiente para sermos vistos da casa. Por instinto, levanto depressa o rosto e avisto adiante a silhueta de uma figura de pé, nos observando. Mas, apesar de proteger os olhos com uma das mãos e apertá-los para tentar enxergar, não consigo distinguir quem é. No mesmo instante, afasto-me um passo de Marie, como se a mera proximidade dela me fizesse culpado de alguma coisa. Já estou traindo Castelnau em outra frente, logo a última coisa que desejo é que ele suspeite de que o trato com desonestidade em outra.

- Henry Howard não confia de todo em você - diz ela, num tom repentinamente sério. - Por causa de seu rompimento com Roma. Mas meu marido o defende e diz que o senhor é um católico verdadeiro e amigo da França, não importa quão estranhas sejam as filosofias com que possa se envolver. E Howard responde que se o senhor fosse um católico verdadeiro já teria se reconciliado com a Igreja a esta altura.

- O que está me perguntando?

- Não sei. Creio que também o vejo como uma espécie de enigma. Não é possível que os dois tenham razão. Devo confessar que nunca encontrei um católico verdadeiro que ficasse feliz por ter sido excluído da Igreja. Por que não se arrepende e procura um bispo para dar-lhe o sacramento da penitência?

- Fui excomungado ao deixar a ordem dominicana. Se a excomunhão fosse suspensa, eu seria obrigado a voltar, e receio não ter sido feito para a vida de monge.

Ao ouvir isso, ela me dirige um olhar astuto, meio sorridente. Presume que minha justificativa é pela razão óbvia. Presume erradamente: a verdade é que não posso aceitar que me digam o que devo pensar. Um monge copia a sabedoria que já existe; não se espera que descubra uma nova filosofia própria.

- Bem, *Monsieur Vhérétique*, não vou desistir do senhor. Vou rezar pela sua alma. Quem sabe, com paciência e preces, conseguimos trazê-lo de volta ao rebanho?

Ela ri, então, e se afasta depressa com passos saltitantes à minha frente, segurando as saias longe dos sapatos para chutar as folhas secas caídas. Não sei o que pensar sobre essa mulher. Talvez ela apenas goste de mexericos e sinta falta de visitas na embaixada, mas tenho a impressão de que é astuta demais para isso, e há algo em sua maneira de ser que me deixa de sobreaviso. Não posso ter certeza se ela está flertando comigo para se divertir ou se desconfia de que eu seja mais ou menos o que aparento e esteja tentando me apanhar em falta. Seja como for, estou consciente de que não devo sucumbir às atenções dela e acabar revelando alguma coisa. Uma coisa no mínimo é certa: Madame de Castelnau é muito mais do que apenas uma piedosa esposa católica. Mas a informação dela a respeito do irmão de Howard valeu a pena.

- Quer dizer que o posto ainda está vago? - pergunto em voz mais alta, quando ela se detém para colher um raminho de urze roxa em um arbusto à beira do caminho. - O de marido de Maria Stuart, digo?

Ela se vira, espatifando a planta entre os dedos e espalhando os pedaços.

- Por quê, está interessado? - Sua risada clara ecoa pelo jardim. - Devo preveni-lo, Bruno: os maridos dessa senhora são incrivelmente fadados à desgraça. O primeiro morreu de um abscesso, o segundo ela mandou explodir e o terceiro morreu louco numa prisão dinamarquesa. E o duque de Norfolk perdeu a cabeça simplesmente por aspirar a ser o quarto.

Nesse momento, a figura que nos observa da casa se destaca da parede e vejo que se trata de Claude de Courcelles, o cabelo louro refletindo fragmentos de luz enquanto ele desce os degraus, lépido, vindo ao nosso encontro.

Madame, sua filha a procura para começar as aulas - diz ele, fazendo uma

pequena e nervosa reverência, tolhida pelos rufos da gola, e me dando uma olhadela acusadora. Marie sacode a cabeça e dá um estalido com a língua.

- Onde está a governanta dela? Devia estar cuidando da menina. Será que não posso ter um momento de paz? - Com um farfalhar de cetins, ela ergue as saias para subir os degraus e entrar na casa. - Aliás, Courcelles - diz ela em tom displicente por cima do ombro -, Bruno está pensando em se casar com a rainha da Escócia. O que você me diz disso?

- Meus cumprimentos - diz o secretário, brindando-me com um sorriso fino, duro como gelo. - Embora talvez deva saber que ela prefere um cavalheiro *com recursos próprios*.

- Ouvi dizer que ela não é tão exigente assim - diz Marie junto à porta. - Parece que se encontra monstruosamente gorda.

Courcelles e eu acompanhamos com os olhos o vulto flexível dela, que desaparece no interior de Salisbury Court, e nos entreolhamos. Com cortesia exagerada, ele faz um gesto para que eu eu passe na frente.

- Imagino que tenha escutado as novidades da corte, não? - diz Fowler com seu sotaque cadenciado quando me dirijo para o assento à sua frente na taberna Mermaid, que fica na esquina da Friday Street e com a Bread Street, em Cheapside. A leste da grande igreja de St. Paul, ela é popular entre os comerciantes e profissionais. A maioria dos homens amontoados em torno das mesas de madeira está vestida em trajes bem cortados e com plumas nos chapéus e reúne-se aqui para discutir acordos e contratos, carregamentos, ações judiciais, empréstimos.

Em meio ao burburinho de conversas animadas e de uma ou outra praga, percebe-se o tilintar de moedas. O ar é cálido e efervescente. Depois de correr os olhos em torno por algum tempo, encontrei o escocês enfiado numa mesa nos fundos do bar, sentado sob um feixe de luz do sol, cortado de sombras em forma de losango dos vidros da janela. Os espaldares altos dos bancos de madeira formam de fato uma barricada em nosso canto, protegendo-nos de olhos curiosos ou ouvidos aguçados. Quando sacudo a cabeça, negando, ele se aproxima e afasta a franja dos olhos.

- Eu estava em Whitehall hoje de manhã. Prenderam Sir Edward Bellamy pelo assassinato da dama de honra da rainha.

- E mesmo? Então era ele o amante da moça?

- Ele diz que não, mas acontece que eram dele as roupas que ela vestia quando foi encontrada. O jovem idiota esqueceu que seu monograma estava bordado na camisa.

- Mas ele nega o crime?

- Evidentemente. Ele alega que eram roupas velhas que a moça lhe pediu para comprar, e que fora isso eles mal se haviam falado antes. É verdade que se trata de um velho truque que essas moças usam para escapular disfarçadas, mas parece que não acreditam nele quanto ao resto. Foi arrastado aos chutes e gritos para a Torre, e o pai da moça veio a galope de Nottingham cuspidando fogo e exigindo explicações. O pobre coitado perdeu seu investimento.

Fowler faz uma cara séria e encosta-se quando uma criada chega com uma jarra de cerâmica para encher nossas canecas de cerveja. Ela tenta fazer gracejos, mas logo conclui que meu companheiro e eu somos austeros e enfadonhos demais para qualquer brincadeira. Assim que ela se vai, ele ergue a caneca em minha direção.

- À sua saúde, Dr. Bruno. Estou contente por finalmente termos a oportunidade de conversar. Ouvi referências bastante elogiosas a seu respeito de nosso amigo em comum. - E arqueia a sobrancelha para indicar o segredo que nos une.

- Digo o mesmo, Mestre Fowler. - Encosto minha caneca rapidamente na dele. O homem faz um breve aceno com a cabeça indicando a mesa com os olhos e coloca uma das mãos debaixo dela. Levo um momento para compreender. Sentindo-me um tanto tolo, retiro de dentro de meu gibão as cópias das cartas de Castelnau que acabaram de ser feitas na casa de Thomas Phelippes e deslizo-as por baixo da mesa para a mão de Fowler, que está à espera. Com dedos treinados, ele as enfia agilmente dentro de suas roupas e depois envolve sua caneca de cerveja com as duas mãos. Por cima do ombro, relanceio os olhos pela taberna, mas a troca parece não ter sido notada.

- Obrigado. Vou levar isso a Whitehall hoje à tarde - murmura ele, de modo quase inaudível.

- Posso lhe perguntar uma coisa?

- Por favor - diz e abre as mãos num gesto receptivo.

- O que exatamente *o senhor faz* na corte?

Pela primeira vez, ele ri e seu rosto relaxa. A franja do cabelo lhe cai de novo sobre a testa quando ele abaixa a cabeça e a levanta em seguida, revelando penetrantes olhos azuis.

- Torno-me útil. Sabe como isso funciona na corte inglesa... como em qualquer lugar, imagino. Os nobres mandam os filhos para apresentar seus respeitos

à rainha na esperança de obter favores. A dificuldade é que só existe uma rainha e dezenas de cortesãos esperançosos, todos procurando obter seus favores. - Faz uma pausa para dar um gole. - E assim temos uma porção de jovens cavalheiros que nada mais têm com que se ocupar o dia inteiro a não ser perambular pelas galerias e pelos salões, na esperança de que a rainha passe por ali em algum momento e repare neles. Nesse meio-tempo, há amplas oportunidades para que eles percam o dinheiro dos pais no jogo, ou se vejam presos a um casamento apressado porque engravidaram alguma moça, ou se metam em duelos perigosos. E quando se veem em dificuldades, muitas vezes têm medo ou vergonha de pedir socorro aos pais.

- E é aí que o senhor entra em cena.

Exatamente. Eles são muito inexperientes sobre a vida mundana, alguns desses rapazes, e em geral estão sozinhos. Querem conselhos e alguém que os escute. E sou bem relacionado na City, o centro de negócios de Londres. Conheço advogados que podem fazer sumir contratos de casamento indesejados, encontrar soluções para dívidas inconvenientes, esse tipo de coisa. Pessoas que podem providenciar empréstimos discretamente. Dessa maneira, sei de tudo sobre a vida de todo mundo na corte, os casos amorosos, as queixas, as alianças, às vezes até os estados de espírito. Todos aqueles fragmentos de informação que interessam ao nosso amigo comum.

- Imagino como isso deve ser útil. E eles confiam no senhor, esses homens da corte?

- Eles são gratos a mim. Sou conhecido como alguém que guarda segredos. Mas desconfio que pelo menos a metade deles não se lembra sequer de meu primeiro nome, o que é ainda melhor.

Olho para ele com interesse. Tem o rosto imberbe, o cabelo castanho e a pele clara. Só os olhos são particularmente memoráveis e ardem com uma luz intensa, perspicazes e atentos. Com suas maneiras brandas, ele some com facilidade no ambiente, é um observador ideal. Começo a compreender seu valor para Walsingham.

- Com tantas confidências que lhe fazem, não escutou nada que o fizesse desconfiar de Sir Edward antes de o prenderem?

- Ele era um dos que viviam discretamente. Sempre me pareceu ser uma pessoa amável. - Fowler faz uma cara perplexa por um instante, depois esvazia sua caneca e levanta a mão pedindo mais cerveja.

- Suspeita-se de um motivo religioso para o crime?

- Sei apenas o que lhe contei. Parece que ele tem um primo que certa vez foi

multado por se recusar a freqüentar a igreja, mas em quase todas as famílias há alguém assim. Edward Bellamy não estava entre os suspeitos de tendências papistas perigosas, se é o que quer dizer. Mas arrisco afirmar que vão obter dele uma confissão na Torre, de um jeito ou de outro. Vão querer resolver depressa esse assunto para a rainha poder dormir tranqüila em sua cama.

Os dedos dele se dobram e se fecham, depois se esticam novamente enquanto ele fala. Eu estremeço. É melhor não pensar no que se faz dentro da Torre. No verão, vi o estado de um prisioneiro depois dos interrogatórios. A morte lhe teria sido uma bênção. Esse pensamento desperta outra lembrança.

- Ele é um homem bonito, esse Sir Edward? - pergunto, e a criada reaparece com sua jarra de cerveja. Fowler parece surpreso, e parece achar graça.

- Não posso dizer que o tenha considerado sob esse aspecto. Não é a maneira como costumo avaliar os jovens.

- Nem é a minha - acrescento depressa. - Só pensava cá comigo, sabe, se ele teria seduzido a moça ou a violentado.

Fowler ainda está me olhando com uma expressão curiosa no rosto.

- Pensando bem, não acho que as mulheres possam considerá-lo um homem bonito. Ele tem um pequeno defeito físico, o que na Inglaterra é chamado de lábio leporino, e uma aparência bastante doentia. Não que uma temporada na Torre vá melhorar as coisas nesse aspecto.

Ele pega sua cerveja e nós dois refletimos sobre isso em silêncio por um momento. Depois ele se aproxima de mim.

- Mas temos que nos concentrar no nosso assunto. Alguma outra notícia da embaixada, além destas aqui? - E bate de leve no peito, onde escondeu as cartas, dentro do gibão.

- Não muito desde ontem à noite.

Léon Dumas e eu havíamos caminhado até a casa de Thomas Phelippes depois do jantar com o embrulho que Throckmorton levaria para o Castelo de Sheffield. Dumas estava inquieto, resmungando sem parar, mesmo enquanto Phelippes removia habilmente os lacres das cartas para a rainha Maria, de modo que pudéssemos fazer nossas cópias para Fowler levar para Walsingham. A meus olhos, as cartas novamente lacradas não tinham o menor vestígio de violação, mas Dumas estava quase febril de tanta ansiedade quando saímos para entregá-las em Pauis Wharf. Precisei fazê-lo parar para tomar uma bebida a fim de acalmá-lo antes de permitir que seguisse caminho.

- Se aparecer à porta dele nesse estado, vai ser o mesmo que pendurar uma

placa no pescoço confessando a traição - comentei.

Dumas torceu as mãos.

- E se ela perceber que foram abertas? - choramingou ele. - A rainha Maria, quero dizer? Castelnau vai me matar!

- Quando chegarem a ela já terão passado por muitas mãos, como descobririam que foi você? - suspirei. - Além disso, Castelnau é incapaz de matar uma mosca - acrescentei. - Embora eu não ponha a mão no fogo por alguns de seus amigos.

Neste momento, os originais já foram levados para Throckmorton a tempo de sua partida amanhã e Dumas está voltando para a embaixada. Até agora, tudo está andando a contento. Seguro minha caneca e abaixo a voz.

- O embaixador está enviando uma longa carta a Maria: quatro páginas, tudo em código. Mas seu escrevente conseguiu fazer uma cópia do novo código, de modo que não vai ser complicado. Está no pacote que lhe dei. E lorde Henry está enviando a ela um exemplar de seu livro contra profecias com uma dedicatória em que se assina "*votrefrère*".

Fowler balança a cabeça.

- Que tocante. Howard teria sido irmão dela pelo casamento se a conspiração do irmão dele tivesse sido bem-sucedida. Havia algo dentro do livro?

- Não. Phelippes verificou quando abriu o pacote.

Fowler fica pensativo.

Então o livro inteiro deve conter alguma mensagem, ou ter algum significado. Um de nós vai precisar lê-lo. Você é o estudioso, creio.

Reviro os olhos num arremedo de protesto.

- Vou arranjar um exemplar. No mínimo estarei mais bem armado para discutir com ele no próximo jantar.

Fowler sorri, mas levanta um dos dedos em advertência.

- Tenha muito cuidado com Howard, Bruno. Ele acha que a família sofreu mais do que todo mundo com as reformas protestantes e está disposto a ser implacável em represália. Quando o irmão foi executado, os Howard perderam as terras e os títulos do ducado de Norfolk por confisco, e ele vem esperando a ocasião propícia para se vingar.

- E agora ele quer uma guerra.

Fowler faz uma careta.

- Está começando a parecer que sim. Nenhum deles se importa realmente

com Maria Stuart, eles todos a usam como desculpa para ir atrás de seus próprios interesses. Mas estão bastante dispostos a mergulhar a Inglaterra numa guerra para conseguir alcançá-los. Mendoza já foi a Salisbury Court?

- O embaixador espanhol? Não sei se eu o reconheceria.

- Ah, você vai saber que é dom Bernardino de Mendoza se o vir. Parece um urso, a voz é igual a um tambor de guerra. Assim que ele for falar em particular com Castelnau, avise-me para que eu passe a informação ao nosso amigo comum. Se Howard e o duque de Guise conseguirem obter dinheiro espanhol, toda essa conversa sobre invasão pode vir a ser mais do que apenas palavras.

- Não bastaria a conversa sobre traição, se a rainha soubesse?

Ele sacode brevemente a cabeça.

- A rainha não vai fazer acusações contra Howard nem contra Maria Stuart, muito menos contra os embaixadores da França ou da Espanha, aliás, sem ter uma prova definitiva de que querem prejudicá-la ou ao país. Eles são poderosos demais. E estou falando de prova que possa ser exibida na frente deles num tribunal. Nosso amigo quer que esse negócio progrida bastante até que alguém escreva as intenções desses homens num papel e assine embaixo.

- É um jogo perigoso.

Percebo que me irrita profundamente a segurança descontraída com a qual ele afirma as intenções de Walsingham, como se privasse dia a dia dos pensamentos mais secretos do principal ministro de Estado. Reconheço também que isso é somente ciúme de minha parte, um desejo irracional de ser assim tão íntimo de Walsingham, ou ser alguém em quem ele confie tanto.

- Sem dúvida. - Fowler comprime os lábios até eles quase desaparecerem.

- Embora não seja nenhum jogo. Minhas fontes em Paris me dão a entender que Guise já está arregimentando tropas, que serão organizadas para o combate assim que eles receberem a confirmação de que a Inglaterra está pronta para tal.

As fontes dele em Paris. Fowler fala como se fosse veterano nessa atividade de espionagem, e no entanto não deve ter mais de 26 ou 27 anos.

- Já trabalha para ele há muito tempo? Para o nosso amigo, quero dizer. Ele dá de ombros.

- Há alguns anos.

- E como veio a se envolver nisso tudo? - pergunto, com um gesto vago de mão indicando a rede que Walsingham tece em torno de si e que não citamos.

Sua boca se curva num meio sorriso.

- No início, por espírito de aventura, acho eu. Meu pai é um respeitável burguês de Edimburgo que desejava que eu seguisse a carreira das leis. Contudo, ao chegar em Paris há alguns anos para continuar meus estudos, fiquei surpreso com a quantidade de jovens ingleses descontentes que encontrei lá. Eram convertidos vindos de Oxford e Cambridge, com os humores exacerbados, todos prontos para promover uma rebelião católica contra a rainha inglesa. - Ele faz uma pausa para um gole. - Claro que é fácil falar de rebelião entre seus amigos na segurança de uma taberna parisiense, quase tudo era fanfarronice, mas logo descobri que um ou dois entre eles eram sinceros e tinham conhecimento de coisas importantes. Eu só precisava ficar sentado e calado, concordando com um gesto da cabeça na hora certa, e eles presumiam que eu pensava da mesma forma.

- Lança um olhar cauteloso em torno. - Mas fui também esperto para perceber que aquilo que aprendia com eles poderia ter valor considerável para outros, portanto esperei até juntar um volume significativo de informações úteis e então me apresentei na casa do embaixador inglês. Depois, voltei para a Escócia e me dediquei a cultivar amizades entre os poucos nobres católicos escoceses proeminentes, aqueles que são a favor de Maria Stuart. Viajo de vez em quando a Edimburgo para ficar em dia com a política de lá. É essencial para o nosso amigo saber quais são as intenções deles, e, pelo jeito, lá e aqui, passo por alguém que apoia a causa.

- Muito arrojado da sua parte.

Ele inclina a cabeça como se dissesse *Talvez*.

- Foi a primeira vez na vida que escolhi um caminho para mim, em vez de seguir aquele que meu pai estabeleceu. Achei estimulante. - E encolhe os ombros, dando a entender que posso pensar o que quiser a respeito.

- E quanto à sua religião?

- Religião? - ele parece surpreso. - Nunca foi meu motivo principal, por estranho que pareça. Sim, fui criado na Igreja Protestante, mas muitas vezes acho que tenho mais em comum com católicos moderados do que com os praticantes mais extremados de minha própria crença. Religião de qualquer tipo em excesso é coisa muito perigosa, na minha opinião. Elizabeth Tudor compreende isso, penso eu.

Concordo, balançando a cabeça expressivamente.

E o senhor? - pergunta ele, por sua vez. - Sei que se diz católico em Salisbury Court.

- É uma questão de liberdade - explico, depois de um instante, olhando o interior de minha caneca. - Não existe liberdade de pensamento sob o jugo da

Inquisição, não há liberdade para perguntar *E se?* e em seguida imaginar ou especular, e, num ambiente assim, como é possível haver progresso no conhecimento? O livro que estou escrevendo agora, por exemplo... em meu país, eu seria queimado apenas por colocar essas idéias no papel. Então, quando Wal... quando nosso amigo me procurou, concordei porque penso que vale a pena defender as liberdades intelectuais da Inglaterra de Elizabeth.

- Mas ainda não me contou qual é a sua religião - lembra ele, com um olhar astuto.

- Fui acusado de heresia pelos católicos em Roma e pelos calvinistas em Genebra - rebato, sorrindo - e, quando se trata de facções, não fico do lado de nenhuma. Minha filosofia transcende ambas. Para isso, porém, terá que ler meu livro.

- Espero ansioso por isso - diz, levantando a caneca com um brilho malicioso no olhar.

Ficamos sentados em amigável silêncio por alguns instantes, terminando nossa cerveja.

- Mas de vez em quando também não se sente... - sacudo a cabeça, pouso as mãos na mesa. - Não sei... Culpado?

Ele me fita com aqueles olhos claros, sérios.

- Por trair a confiança? Por ter duas caras? Claro - admite e sorri com ar triste. - Não sentir culpa nenhuma significaria não ter consciência, e nosso amigo jamais confiaria num homem que não tivesse consciência, porque então também não haveria lealdade. Acalmo minha consciência com o pensamento de que, se preciso trair alguém no nível pessoal, faço isso pelo bem do país.

Balanço a cabeça, pensativo. Esse é o argumento que Walsingham sempre me apresentou. O que ele não disse é que os relacionamentos pessoais são muitas vezes os mais envolventes, e que trair alguém cuja confiança você conquistou contraria a natureza humana.

- Acho que isso o afeta bastante, porém - sussurra Fowler, examinando minha expressão com cuidado. - Você gosta do embaixador.

Reconheço essa fraqueza inclinando a cabeça para o lado.

- Ele é o único homem bom em Salisbury Court.

- Ele está tentando agradar gente demais - diz Fowler, como se esse fosse o julgamento definitivo da questão. - E é o que vai arruiná-lo. Mas precavenha-se contra seus sentimentos, Bruno. Se ele acabar colaborando com planos para uma invasão católica, ele será um traidor, não obstante suas boas intenções.

- Sei disso. - Percebo o tom mordaz em minha voz. Mais uma vez, constato que me incomoda o tom de veterano dele e me envergonho disso. Será que ele acha que precisa me ensinar como desempenhar meu papel na embaixada? Talvez eu esteja sendo sensível demais. O aviso é precioso para qualquer um na nossa atividade, como aprendi a duras penas em Oxford.

- Claro. - Fowler encosta-se, levantando as mãos como se quisesse mitigar qualquer ofensa. - Por ora, a questão são as cartas. Essa tarefa depende do senhor e de seu amigo escrevente.

Pagamos a cerveja e abrimos caminho entre as muitas pessoas que enchem a taberna, saindo à luz oblíqua da tarde. O tempo melhorou o humor dos londrinos. Ao longo de nosso percurso pela Friday Street, as pessoas sorriem e se cumprimentam, comentando o calor inusitado para a estação, em vez de se empurrarem, de cara feia, com sua habitual determinação. Fowler e eu andamos em silêncio a princípio, ainda sob o peso de nossa conversa. Só agora, ao ver os passantes indo alegremente cuidar de suas vidas, compreendo melhor a importância do trabalho em que estamos envolvidos. Estamos falando em nada menos do que uma possível invasão, pela França ou pela Espanha, ou por ambas, cujo objetivo final é destronar Elizabeth e colocar a Inglaterra de novo sob o controle de Roma. E o que será feito de seus súditos protestantes, então, desses negociantes de rosto corado e dessas donas de casa de quadris largos, que se desviam jovialmente do esterco de cavalo nas pedras do calçamento enquanto acenam uns para os outros, gritando pela centésima vez que até parece que estamos em julho, não é?

Sidney e Walsingham estavam ambos em Paris durante o massacre do Dia de São Bartolomeu, em 1572, quando milhares de famílias huguenotes comuns foram sistematicamente massacradas pelas forças católicas, e nas sarjetas da cidade correu sangue protestante. Isso, eu sei, é o que Walsingham teme acima de tudo: que o mesmo aconteça nas ruas de Londres se os católicos reassumirem o poder. Em Paris, há um bocado de gente que comenta que o duque de Guise foi responsável pela carnificina do Dia de São Bartolomeu.

- Aqui me despeço - diz Fowler ao chegarmos à esquina da Watling Street. - Se precisar fazer chegar algum recado ao nosso amigo, pode me encontrar em meus aposentos em St. Andrews Hill, junto da arena da rinha de galos. - Faz uma pausa e põe uma das mãos em meu braço. - Observe quem irá à missa em Salisbury Court esta noite. Veja se Howard leva consigo algum inglês que ainda não conhecemos. E fique de olho em Archibald Douglas. Ele não é bem o bêbado grosseirão que finge ser.

- Então é um mestre do disfarce - retruco. - Não sei como Castelnau e

Howard toleram as maneiras dele.

- Eles o toleram porque Maria Stuart os manda tolerar. E Douglas tira proveito do fato de que ela lhe deve enormemente. Sabia que foi ele quem arquitetou o assassinato do segundo marido dela, lorde Darnley?

- O que foi morto na explosão?

O próprio. - Vendo meus olhos se arregalarem, ele sorri. - É por isso que Douglas não pode voltar para a Escócia: há um mandado de prisão contra ele. E um intriguista notório, além de suspeito de outras conspirações políticas com assassinatos. E é diabolicamente esperto nas maquinações para fingar as pessoas. A prova disso é o rei Jaime gostar dele, embora Douglas seja suspeito de ter assassinado o próprio pai de Jaime. As mulheres aparentemente o acham sedutor.

- Não dá para se levar em conta o gosto das mulheres - digo eu, rememorando os tocos grisalhos da barba de três dias por fazer e os arrotos de Douglas.

Fowler revira os olhos e sacode a cabeça, concordando por completo, enquanto as pessoas vão passando por nós.

- Que história de torta era aquela?

- Ah, é melhor você ouvir da própria fonte. - Ele dá um sorriso largo. - Só Douglas consegue dar à história o sabor que merece. Tenho certeza de que você vai ter oportunidade de ouvi-la contada por ele. Bem, nos encontraremos outra vez em breve, Bruno. Até lá, mande me avisar se qualquer enviado espanhol puser o pé em Salisbury Court. Boa sorte.

Faz um rápido aceno com a cabeça, vira-se e é engolido pela multidão colorida que se desloca aos esbarrões.

O sol caía sobre os telhados conforme o anoitecer ia chegando, banhando Londres numa generosa luminosidade cor de âmbar, que reluz nas vidraças à medida que cruza a cidade de volta para casa. Em um dia como este, chego a pensar que talvez pudesse aprender a me sentir em casa aqui. Acima de minha cabeça, range docemente à brisa uma confusão de placas pintadas, ornadas com desenhos de cores vivas que anunciam farmacêuticos, fabricantes de velas, cirurgiões-barbeiros, negociantes de tecidos e vinho, tabernas com nomes de todos os tipos e matizes de animais - cisnes negros, ursos azuis, raposas vermelhas, veados brancos, cães, lebres, gaios e até unicórnios. De cada lado da rua, um mar de gente se comprime: vendedores ambulantes apregoando seus artigos, homens com gaiolas de galinhas cacarejantes balançando em varas atravessadas em seus ombros, mulheres equilibrando cestas de laranjas na cabeça e mascates com bandejas de madeira

penduradas ao pescoço cheias de toda espécie de quinquilharias - pentes, penas de escrever, botões, escovas e facas, às vezes tudo misturado. No vasto pátio da Catedral de St. Paul, que mais parece uma praça de mercado, crianças mendigas andam descalças no meio do povo, importunando as damas e os cavalheiros mais bem-vestidos, enquanto num canto um homem em farrapos toca um velho alaúde gasto e entoa uma canção melancólica, esperando que lhe joguem umas moedas. O cheiro de carne sendo cozida briga com o fedor de restos apodrecendo, e os mais ricos seguram junto ao nariz bolas de louça cheias de material perfumado e ramalhetes de flores para manter os maus odores a distância.

Ao cruzar o pátio, além do ponto onde antigos altares e capelas estão agora dilapidados ou se transformaram em bancas para vendedores de livros e outros comerciantes, um vendedor de panfletos se põe à minha frente e exhibe seus produtos diante de meu rosto. Quase o dispenso, mas a imagem na página da frente de seu panfleto chama minha atenção e pego um para olhar mais de perto. Aqui, mais uma vez, estão os símbolos de Júpiter e Saturno juntos, sob um título ousado: *Fim dos tempos?* O sujeito que o vende estende a mão para receber sua moeda, abanando os dedos com impaciência. Está usando seu capuz levantado, apesar do sol; uma sábia precaução, pois vejo com uma olhadela rápida que nem o impressor nem o autor se atreveram a colocar seus nomes no trabalho, o que significa que foi impresso ilegalmente. Intrigado, procuro nos bolsos uma moeda e me afasto, esbarrando nas pessoas enquanto leio o papel. O autor anônimo escreve num tom sinistro: tentou fazer o horóscopo da rainha desde o nascimento e associar suas previsões dramáticas à vinda do Trígono de Fogo, o aterrorizante alinhamento dos grandes planetas cujos símbolos decoram a página da frente. Os dias da rainha Elizabeth estão contados, escreve ele: Deus vai prostrar a Inglaterra com guerras e fomes, e seus súditos desobedientes vão implorar a vinda de um salvador. Dentro do panfleto há uma xilogravura de um demônio espetando um homem com um forcado. Enfio o panfleto no gibão para mostrar a Walsingham, apesar de achar que, se ainda não o viu, logo verá.

Acabo de fechar a porta de entrada em Salisbury Court e Courcelles já se materializa das sombras ao lado da escada, como se estivesse esperando pela minha chegada.

- Há um menino aqui dizendo que tem uma carta para o senhor - avisa ele, pousando uma das delicadas mãos brancas na águia de madeira esculpida que enfeita a ponta do balaústre. - Passou quase a tarde inteira esperando e, por mais que insistíssemos, não o convencemos a deixar a carta para lhe ser entregue, nem em troca de pagamento. Muito menos quer dizer quem o enviou. Disse que recebeu instruções para entregá-la somente em mãos e que se trata de um assunto muito

urgente e confidencial. - Suas sobrancelhas finas se arqueiam graciosamente quando diz essas palavras. É evidente que espera de mim alguma explicação.

- Então é melhor que eu vá vê-lo - respondo com voz calma, embora minha pulsação se acelere. Primeiro penso em Walsingham, depois em Sidney, depois em Dee. Qualquer um deles pode querer entrar em contato comigo para assuntos urgentes, mas Walsingham decerto não despertaria suspeita mandando uma mensagem obviamente secreta direto para a embaixada, e Sidney ainda está em lua de mel, pelo que sei. Resta Dee, e sinto um nó no estômago. Teria Ned Kelley feito alguma coisa a ele?

Courcelles comprime os lábios e me indica as estrebarias ao lado da casa. Lá encontro um menino esquelético de uns 12 anos sentado com ar abatido num fardo de palha e roendo as unhas enquanto os cavaleiros zombam dele em francês.

Mostra sinais de ter entrado numa briga.

- Sou Bruno. Você trouxe algo para mim?

Ele se põe de pé num salto, como se o espetassem, e tira uma carta amassada de dentro do casaco. Não usa libré, mas não está malvestido. Faz um sinal para que eu me aproxime e me passa a carta como se esta contivesse informações secretas.

- De Abigail Morley - diz, a voz quase um sussurro. - Ela disse que a entregasse apenas em mãos, senhor, embora eles a quisessem tirar de mim. - Lança olhares ressentidos para os cavaleiros, que se viram, embaraçados, e desviam o olhar.

- Você fez bem.

Dou-lhe uma moeda para compensar seus aborrecimentos e o acompanho até o portão lateral, antes de me deter num ponto sombreado, longe de olhares curiosos, para abrir a carta. Está redigida numa letra elegante, ondulada: Abigail pede que a encontre no dia seguinte às 11 da manhã em Holbein Gate, Whitehall. Diz que está com medo.

Capítulo 5

Palácio Whitehall, Londres,

28 de setembro do ano do Senhor de 1583

OUTRA MANHÃ DE CÉU AZUL limpo e luminosidade quente. Tomo uma barca rio acima rumo a Whitehall e desço em Westminster Stairs, o embarcadouro público mais próximo do palácio. O Tâmisa está calmo e largo, abrilhantado por reflexos do sol e brancas ondulações onde a brisa encrespa a superfície da água. Recosto-me no barco enquanto o barqueiro abre caminho pela flotilha de pequenas embarcações que transportam produtos e passageiros para outros pontos de Londres rio acima, rio abaixo ou para leste, na direção das docas.

Das escadas, retorno pela King Street, para ir além das muralhas que delimitam o palácio até Holbein Gate, essa grande e imponente construção que atravessa a principal via pública da saída de Londres para oeste e que une os espaçosos apartamentos particulares e salões de audiência de Whitehall ao pátio de justas e torneios e ao Parque St. James, do outro lado. Com três andares de tijolos vermelhos e pedras brancas, uma torre octogonal no estilo inglês em cada extremidade e salões grandiosos acima do arco principal, Holbein Gate é patrulhada pela guarda palaciana e sempre intensamente movimentada, pois todos os viajantes na estrada precisam convergir para ela quando seguem em qualquer das duas direções. Abigail escolheu sabiamente: em geral o melhor lugar para se passar despercebido é no meio de uma multidão.

De algum ponto das proximidades, um sino de igreja bate 11 horas e espero, hesitante, na passagem por baixo da torre leste dessa casa da guarda, reservada para os que vêm a pé. Através do arco central, carroças puxadas por cavalos ou mulas levantam nuvens de poeira do chão seco, guiadas por comerciantes que trazem seus produtos para dentro do palácio ou seguem com eles para o centro da cidade. As pessoas passam alvoroçadas com embrulhos ou pacotes, e eu me encosto na parede, fora do caminho delas. De repente, uma velha sem dentes aproxima a mão suja do meu rosto, pedindo dinheiro ou comida, e recuo, assustado. Por experiência, sei que, se enfiar a mão no bolso para pegar uma moeda, mais uns 100 mendigos vão surgir num instante das sombras com as mãos estendidas, mas há tamanho desespero no rosto dela que não posso recusar. A velha fecha penosamente os dedos de juntas inchadas em torno da moeda que coloco na sua palma, agarra meu paletó e me puxa para perto de si.

- Quando fiarem o cânhamo, a Inglaterra estará acabada - diz, a voz áspera crocitando diante de meu rosto, o hálito fedorento fazendo-me cambalear para trás. - Tome cuidado, senhor. Os sinais estão todos aí diante de nós. - E aponta um dedo trêmulo e torto para o céu, depois me solta e se esgueira outra vez para o meio da multidão.

Acompanho-a com os olhos, atônito com aquelas palavras, quando outra figura envolta num manto fino chega mais perto, e, cheio de culpa, me arrependo de minha generosidade. Lá vêm eles, e não tenho moedas suficientes para dividir com todos. Mas essa mulher aproxima-se silenciosamente, procurando alguma coisa dentro da roupa, e, das profundezas de seu capuz, sussura meu nome com uma voz educada.

- Abigail!

- Psiu. Não podemos ser vistos. Ande junto comigo pela passagem por um instante.

Entramos nas sombras da arcada da torre. Imediatamente, a friagem intensa da pedra úmida penetra em minha pele. A passagem através da torre não é larga, e os transeuntes esbarram em nós e nos empurram, xingando de vez em quando, enquanto procuramos nos colocar discretamente num dos lados. Abigail mantém o capuz puxado sobre o rosto.

- Eles prenderam o homem errado - cochicha ela, sem preâmbulos. - Não sabia a quem mais contar.

- Como sabe?

- Porque Sir Edward Bellamy tentou me cortejar antes, e rimos disso... Cecily e eu, quero dizer. Foi maldade nossa, mas ele é um homem tão insignificante! Nenhuma mulher iria querê-lo, apesar de todas as suas terras, a menos que não se importasse mais. - Esfrega o pescoço com ar constrangido ao falar. - Mas Sir Edward é um cavalheiro e não merece ser acusado desse crime. Ele não era o namorado secreto dela, eu seria capaz de jurar.

- Mas o namorado dela não foi necessariamente o assassino. Basta que tenha sido alguém que sabia que ela marcara um encontro amoroso naquela noite. O namorado poderia ser um dos amigos de Sir Edward, talvez?

A parte inferior do rosto dela está visível sob o capuz. Abigail mastiga o lábio, em dúvida.

- É que não acredito que ele pudesse matar ninguém, nem estar envolvido nisso. Tem maneiras tão delicadas.

- Homens tranquilos já mataram antes.

Ela sacode a cabeça com determinação.

- Não combina. Ele vendeu suas roupas velhas a Cecily para que ela se disfarçasse de homem: nisso eu acredito. Mas acho que a guarda do palácio ficou satisfeita em fazer uma prisão fácil para que a rainha pense que realizaram seu trabalho. Seja como for, não foi por causa disso que pedi que viesse até aqui. Foi por outra coisa.

Faz um sinal para que eu me aproxime e tira de dentro do manto uma bolsinha de veludo amarrada no alto com uma fita.

- Lady Seaton arrumou as coisas de Cecily para entregar ao pai dela quando ele viesse. - Fala tão baixo que seu rosto quase toca o meu para que eu consiga escutar. Sinto o calor de seu hálito em minha face. - Mas desconfiei de que ela estivesse procurando algo que pudesse revelar o caso amoroso de Cecily. Minha senhora não encontrou nada. Não sabia sobre a almofadinha.

- Que almofadinha?

- Era um dos bens mais preciosos de Cecily, uma almofadinha que ela bordou quando criança. Um texto da Bíblia, flores, sabe, esse tipo de coisa. Ficava na cama dela. Eu achava que era apenas uma lembrança sentimental, para quando sentisse saudade de casa, mas um dia ela me mostrou como desmanchava uma costura e escondia seus presentes secretos dentro da capa da almofada.

Ela me entrega a bolsa e sinto seu peso na mão. É leve e tilinta um pouco quando a agito.

- Estão aí os presentes do admirador dela, tudo o que ela costurou dentro da almofada. Não sei para que podem servir, não vejo nenhuma pista neles, mas quem sabe o senhor possa encontrar alguma coisa. Sobretudo porque todo mundo parece decidido a achar que Sir Edward é culpado... seria terrível ele levar a culpa e ser punido por isso. - Abigail puxa a minha manga, e há algo de infantil no gesto. - O anel tem um desenho, um emblema. Não são as armas dos Bellamy, porém não reconheço de quem sejam. Mas o senhor podia mostrá-lo a lorde Burghley. Pode ser que ele saiba.

- Pode ser. Você contou a mais alguém sobre essas coisas?

Ela morde o lábio e desvia o olhar, então sacode a cabeça com firmeza. Mais uma vez tenho a sensação de que guarda algum segredo.

- Quase contei quando prenderam Sir Edward, mas não podia abordar lorde Burghley pessoalmente. Além do mais, me lembrei do que o senhor disse. Se o assassino for alguém de dentro da corte, poderia saber que Cecily era minha amiga,

não? E pensar que ela me contou seus segredos e querer fechar minha boca também, não é?

Levanta o rosto para mim e, à claridade fraca, vejo como está pálida, como seus lábios estão tremendo, apesar de tentar se controlar.

- Você foi corajosa em me trazer as coisas de Cecily. Obrigado. Não tenho dúvida de que serão de valor inestimável. - E pouso as mãos em seus pequenos ombros para tranquilizá-la. - Quanto ao perigo, acho mais provável que esse assassino, não sendo Sir Edward, fique contente por deixar outro homem levar a culpa e poder permanecer oculto. Por que ele se arriscaria a chamar atenção para si com outro ataque quando tem a oportunidade de se safar de um crime?

- Suponho que depende do motivo pelo qual ele matou Cecily, antes de mais nada - retruca ela, sensata. - Ou seja, um homem pode matar uma mulher porque ela está grávida e ele não quer se casar com ela. Há histórias assim. Falaram muito sobre isso na corte a princípio. Mas aquele espetáculo que ele fez do corpo dela - e estremece - me faz pensar que pode ser outra coisa. E se ele a matou porque ela sabia de algo que não deveria saber? Então iria querer silenciar as amigas dela também, não é, senhor, para o caso de ela ter feito confidências?

Olhando para o rosto dela tão compenetrado, começo a achar que subestimei Abigail Morley. Foi o mesmo que eu próprio pensei. Cheguei a conjecturar a respeito de Lady Seaton, se a atitude defensiva dela na noite do crime se deveria inteiramente ao receio de mexericos indecentes ou se estaria mascarando outros motivos. Aperto com delicadeza os ombros da moça.

- Por que diz isso? Cecily lhe deu razão para pensar que estava guardando segredos perigosos?

- Foi só porque - Abigail hesita, olha em torno -, desde que encontrou aquele homem, ela começou a falar sobre uma porção de profecias.

- Que tipo de profecias?

- Ah, o senhor sabe, daquelas mais comuns: que os dias da rainha estão contados, que a Inglaterra vai ser destruída. Ouvem-se coisas assim em todo lugar.

- Acabei de ouvir uma aqui, de uma velha. "Quando fiarem o cânhamo, a Inglaterra estará acabada."

Abigail sacode a cabeça com veemência.

- É uma das favoritas dos criados. Sabe o que significa, não sabe? - Ela abaixa a voz. - E a dinastia Tudor. Cânhamo, ou *hempe*, em inglês, representa Henrique, Eduardo, Maria, Philipe e Elizabeth. As velhas avós citam essa frase para profetizar a decadência da Inglaterra quando o último Tudor morrer. Cecily sabia

todas.

- Mas ela só demonstrou interesse por isso recentemente?

- Nesse último mês, se tanto. Fico me perguntando que idéias esse homem andou botando na cabeça dela. Eu lhe dizia: "Cecily, certas coisas que você está dizendo podem ser traição!" Ela só fazia rir, porém, como se não se importasse, e me contava que todo mundo estava falando disso.

- Ela fazia algum comentário sobre religião? Ou sobre quem ela achava que deveria ocupar o trono em vez de Elizabeth?

- Não, nada disso. Tinha mais a ver com um ressentimento pessoal - acrescenta Abigail, depois cobre depressa a boca com a mão. - Não sei se deveria lhe contar isso.

- Abigail - digo, encarando-a. - Seria bom me contar qualquer coisa que pudesse ajudar. Por que ela guardava ressentimento da rainha?

- Assim que Cecily chegou à corte, no ano passado - ela sussurra, chegando mais perto de mim quando um grupo de rapazes com trajes de aprendizes abre caminho para passar por nós -, tinha um namorado de sua terra, o filho de algum cavalheiro que ela conhecia desde criança. Ele veio para Londres na esperança de vê-la, mas quando Lady Seaton ficou sabendo contou para a rainha e mandaramno embora. Cecily foi proibida até de escrever para ele. O rapaz não era bemnascido, sabe. Ela o esqueceu bem depressa, mas continuou ressentida com a rainha por causa daquilo. E tinha medo de que a rainha pudesse interferir também no relacionamento dela com o novo pretendente. - Seus olhos vão de um lado para o outro, ariscos. - Por ser bem-nascido demais para ela.

Não posso deixar de achar graça nisso.

- Não tinha idéia de que o amor pudesse ser aferido de modo tão meticuloso. Vocês têm que avaliar a posição de seus maridos com esse cuidado todo? Ela dá uma risadinha, parecendo despreocupada por um momento.

- Pode ser que não escolha meu marido por amor, mas não tenho a menor dúvida de que vou escolher meu amante com muito cuidado. O que foi? Por que ficou tão chocado? - acrescenta, em resposta à minha expressão, que a faz rir mais ainda. - Não precisa parecer tão puritano, mesmo tendo sido monge.

- Vai ficar aí no meio do caminho o dia todo? - resmunga um homem corpulento usando um avental grosseiro ao passar com andar pesado, esbarrando em Abigail com tanta força que ela cambaleia e cai nos meus braços quando tento evitar que vá ao chão. Espantada, ela recupera o equilíbrio e limpa a poeira da saia

enquanto nos entreolhamos, depois desvia o olhar rapidamente.

- Acho que é melhor eu... - diz, fazendo um gesto para trás, para o muro do palácio.

- Sim. Mas tome cuidado, Abigail. Procure não andar desacompanhada pelo palácio. Alguém na corte sabe quem matou Cecily e por quê, e você tem razão: ele pode estar observando você. Escolha com cautela em quem confiar.

- Está difícil saber em quem confiar na corte depois disso. - Ela ri, um riso nervoso de som agudo, os dedos torcendo os cordões de seu manto. - Quero dizer, nem sei se posso confiar no senhor.

- Pode confiar em mim, Abigail. Não tenho nenhuma garantia a lhe dar a não ser minha palavra. - Segurando os ombros dela com um pouco mais de força, faço-a olhar dentro dos meus olhos. Ela os esquadrinha com seu olhar verde-claro e depois assente, com um gesto da cabeça.

- Sim, é estranho, pois todas as mulheres dizem que nunca se deve confiar em estrangeiros, sobretudo nos homens vindos da Espanha ou da Itália. Mas sinto que posso confiar no senhor. Vai me avisar se souber de algo mais? Assim eu me sentiria mais segura.

Estou prestes a prometer quando dois jovens dândis em trajes bufantes de cetim passam por nós com tanta descortesia que dessa vez jogam Abigail de encontro ao muro.

- Ei! Prestem atenção! - ralho com eles. O mais baixo, que usa um barrete escarlate com uma pluma de pavão, vira-se ao ouvir meu sotaque.

- Está falando comigo, seu espanhol filho de uma puta? - Ele para, cospe no chão e parece pronto a voltar para me agredir, mas seu amigo o detém, e, com um último olhar furibundo, eles seguem caminho.

- Idiotas - resmungo, apesar de aliviado por não estarem loucos por uma briga na rua. - Obrigado por confiar em mim. E escute, Abigail: você precisa me avisar se lembrar de qualquer outra coisa que Cecily tenha contado a você. Pode ser muito importante. - Falo com delicadeza, mas ela compreende minha insinuação: tenho a impressão de que está escondendo algo, alguma pista da identidade do namorado de Cecily, por medo ou por lealdade mal orientada. Ela sorri, hesitante, e reparo que ainda a seguro pelos ombros. Nossos olhos se encontram outra vez, durante um pouco mais de tempo do que deveriam. Por um instante, alimento o pensamento absurdo de, quando esse assunto estiver resolvido, talvez pedir para vê-la novamente. Há uma expectativa em seu olhar que faz com que eu me pergunte se ela não pensou o mesmo. Dificilmente posso ser considerado o grandioso

pretendente que o pai dela espera, mas ela já não deixou claro que teria critérios diferentes para escolher um amante? Afasto a suposição desagradável de esse pai provavelmente não ser muito mais velho do que eu. Constrangido por meus pensamentos não verbalizados, solto-a e ela puxa o capuz mais para junto do rosto.

- O perfume é horrível, aliás - diz ela, virando-se para ir embora, indicando com um gesto da cabeça o meu gibão, onde enfiar a bolsa de veludo. - Só um homem acharia que uma mulher iria querer usar aquilo. - Ela ri então e, com um pequeno aceno, sai da passagem sob a arcada para a luz viva da manhã.

Vejo-a desaparecer na multidão, então faço a volta e sigo na direção oposta. Só quando saio à claridade do outro lado é que sinto alguém atrás de mim. Rápido como um piscar de olhos, eu me viro, mas há dezenas de pessoas seguindo o mesmo rumo, nenhuma delas prestando a menor atenção em mim a não ser para manifestar desagrado com um estalido da língua por eu ter parado de repente no meio do caminho, interrompendo o ir e vir de pessoas mais uma vez. Viro-me ansiosamente para a direita e a esquerda, esticando o pescoço acima do povaréu, esbarrando nos transeuntes, mas só vejo um mar de rostos vindo na minha direção, na passagem sob a casa da guarda. Ninguém faz contato visual. É possível que eu tenha imaginado a sensação. No entanto, sei, por instinto, que havia alguém atrás de mim agora mesmo, me observando, e que deve ter me visto conversando com Abigail Morley.

Chamo um barco para voltar a Salisbury Court, pensando que seria mais difícil alguém me seguir pelo rio sem ser notado, mas, apesar de passar todo o tempo do percurso espiando outros barcos e seus passageiros, a ponto de até o barqueiro ficar nervoso e me perguntar o que estava acontecendo, nada vi que me causasse preocupação. Ao chegar à embaixada, quase me convenço de que me enganei. No meio da galeria do primeiro andar, com meus dedos ávidos para examinar o conteúdo da bolsinha de veludo, que não ousei abrir em nenhum local público para o caso de estar sendo seguido, ouço uma voz de mulher chamar meu nome. Tão ansioso estou para me ver na privacidade de meu quarto a fim de examinar o interior da bolsa que quase deixo escapar uma praga em voz alta ao me deter. Marie está parada junto a uma porta atrás de mim, olhando-me com a cabeça inclinada para o lado, o cachorrinho da filha nos braços. Relutantemente, viro-me e faço uma reverência.

- Madame.

- De quem era sua carta misteriosa de ontem, Bruno? Estamos todos morrendo de curiosidade de saber. - Ela se adianta em minha direção com um sorriso faceiro e para um tanto perto demais. Está usando um vestido de seda azul e preso em seu corpete há um grande broche cravejado de rubis e diamantes, que cintilam e

faíscam ao sol. O cão estica a cabecinha e lambe minha mão com ar indagador. - Especulei que você deve ter alguma moça inglesa enamorada que lhe envia versos, mas Claude está convencido de que se trata de algo mais enigmático. Quem poderia estar enviando cartas a Bruno, ele pondera, que não pode divulgar seu nome? - E ela arregala os olhos, afetando a possibilidade de uma intriga qualquer.

Sorriso educadamente, mas a situação é preocupante: não é conveniente para mim que as pessoas da casa andem especulando sobre aqueles com quem me comunico, sobretudo no meio de conspirações como as de que ouvi falar na noite anterior. Começo a achar que foi um erro pedir a Abigail que entrasse em contato comigo aqui. Pensando o mais rápido que posso, faço uma cara penalizada.

- Quisera que tivesse razão, madame, mas receio que não exista moça enamorada nenhuma. A carta veio de um rapaz da corte que leu um dos meus livros e deseja ter aulas particulares comigo.

- Um dos seus *livros*? - Ela parece desapontada.

- Por incrível que pareça.

- Quer ter aulas sobre o quê?

- Sobre a arte da memória. O mesmo que ensinei para o rei Henrique em Paris.

- Ah. - Ela reflete a respeito. - Então por que o segredo?

- Porque pessoas ignorantes murmuram que as técnicas da memorização têm algo a ver com as ciências ocultas. Espero que ele esteja sendo cauteloso. Embora eu lhe assegure que isso não é nem um pouco verdadeiro - acrescento mais do que depressa.

Ela continua a me examinar com a cabeça de lado, como se o que eu digo fizesse mais sentido olhado de través.

- Sendo assim, Bruno - diz, afinal -, insisto em ser também sua aluna particular. Gostaria de aprender seu sistema. Você pode combinar o pagamento com meu marido. Mas é possível que ele ache que a hospedagem que você recebe já baste como pagamento.

- Madame, não tenho muita certeza se isso seria...

- Não seja cansativo, Bruno. Seria perfeito. Não se pode dizer que você esteja empregado em outro lugar, e eu preciso preencher meu tempo de algum modo enquanto Katherine está com a governanta. Além do mais, minha memória é vergonhosamente fraca. Vim procurá-lo para lhe contar algo e agora esqueci por completo o que era. Está vendo? Preciso de você.

Sorri para mim com um movimento da sobancelha, toda inocência e astúcia. Procurando uma evasiva, estendo a mão para acariciar o cão e ela faz o mesmo, e como resultado sua mão acaricia levemente o dorso da minha. Retiro-a como se tivesse sido queimada, e ela enrubesce e abaixa o olhar. Cristo, penso: a noção de tentar ensinar alguma coisa a ela sozinho numa sala me amedronta mais do que qualquer tarefa que Walsingham pudesse me propor. O que me tranquiliza é pensar que Castelnau nunca daria sua autorização.

- Seja como for, aonde vai com tanta pressa?

- Oh, só para o meu quarto. Tive uma ou duas idéias enquanto estava andando lá fora e preciso anotá-las antes que se evaporem.

A risada dela soa musical.

- Você não é uma boa propaganda de suas técnicas de memorização, Bruno.

- A senhora foi avisada.

- Oh, isso não vai me dissuadir. Só sinto pena de seu jovem aluno. Espero que ele não desperdice seu dinheiro. Qual era mesmo o nome dele?

Hesito apenas por um piscar de olhos, mas ela é sagaz o bastante para notar.

- Ned. Ned Kelley. Bem, madame, preciso... - e faço um gesto para a porta na outra ponta da galeria. É um aposento bonito, que se estende ao comprimento da frente da casa, com janelas altas nas paredes de ambos os lados. O sol brinca nos lambris escuros, com a poeira dançando em perpétuo movimento nos feixes de luz brilhante. A mesma luz cai lateralmente no rosto de Marie, e sinto um impulso de estender a mão e tocar sua face, não por desejo mas apenas para ver como é macia, iluminada e dourada. Dou um passo atrás fazendo menção de sair e ela estende a mão e segura minha manga.

- Já sei. Agora lembrei o que era! O embaixador deseja falar-lhe em seu escritório particular. Andou perguntando por você a manhã inteira, mas ninguém sabia do seu paradeiro. - Diz isso como uma espécie de acusação.

- Então vou agora mesmo ao encontro dele - digo, sentindo o formato da bolsa ainda pressionando meu peito sob o gibão. - Primeiro preciso mudar de camisa.

Ela olha para a minha gola com ar de dúvida.

- Quando estiver com ele, diga-lhe que quero ter aulas sobre suas misteriosas artes mágicas.

- Madame, não há magia nenhuma envolvida, seja o que for o que dizem em Paris - começo eu, sério, mas então percebo o seu sorriso travesso.

- Ah, meu caro Bruno, você é fácil demais de se provocar. Acho que vou apreciar suas aulas.

Respondo com uma breve reverência, deixando-a parada sob um raio de luz, com suas jóias brilhando, ainda rindo para si mesma.

A bolsa de veludo, quando aberta, revela os objetos que Abigail mencionou antes para mim: um anel dourado de sinete com um brasão gravado; um espelho de mão feito de tartaruga lindamente polido; um frasco pequeno de perfume em forma de diamante, do tipo que as mulheres usam pendurado ao pescoço, com um fecho de ouro e uma corrente presos em cima. Prendas de amor, visivelmente caras, mas o que essas bugigangas podem me revelar sobre a história de Cecily Ashe e seu amante? Pego uma de cada vez e as examino à luz. O desenho no anel é o de um pássaro de asas abertas e bico recurvado, uma águia talvez, e contornando a borda há letras gravadas de forma espelhada, para que possam ser lidas corretamente quando comprimidas em cera quente de lacre. Franzindo a testa por um instante, tento decifrar a divisa até perceber que está escrita em francês: *Sa Virtù M'Atire*. "A virtude dela me atrai"- ou talvez "sua virtude". Mas a palavra "attire" está escrita errado - um erro curioso. É de se supor que, quando se manda gravar um anel, tenha-se o cuidado de fazer o ourives gravá-lo corretamente. E um ourives que vale o que custa não se arriscaria ao prejuízo de cometer um erro desses. Portanto, penso, girando o anel de novo enquanto meus olhos acompanham as letras ao redor, o que à primeira vista parece um erro deve ser de propósito, e sendo assim a divisa talvez tenha um significado oculto ou codificado. Se for o caso, não está se revelando a mim com facilidade. Estou tão longe quanto Abigail de saber a quem pertence essa divisa, embora pareça que quem deu o anel tenha uma ligação com a França. O que não ajuda grande coisa, é claro - metade da nobreza aqui tem algum ancestral daquele país e, além disso, toda a pequena nobreza e acima dela aprende pelo menos algumas palavras de francês.

O pequeno espelho é o objeto menos interessante. Viro-o nas mãos, mas ele nada me diz. A superfície de casco de tartaruga é tão polida que se pode ver tão bem o próprio rosto em seus motivos castanhos ondulantes quanto na prata do espelho. Frustrado, coloco-o de lado e abro o vidro de perfume. Levando-o ao nariz, compreendo imediatamente a queixa de Abigail. Sob o aroma de água de rosas há uma nota de algo amargo, um cheiro acre de planta que faz estremecer. Mas Abigail está errada sobre a ignorância dos homens para perfumes: quem deu esses presentes é sem dúvida um homem de bom gosto e considerável generosidade. Então, por que presentearia seu amor com um perfume tão obviamente desagradável? Inclinando o frasco, umedeço a ponta do dedo com uma gota minúscula do líquido incolor e a levo à língua, mas, quando estou prestes a prová-la, ouço uma batida repentina na

porta.

- Bruno? Você está aí?

Dumas. Enfio correndo os presentes de volta na bolsa de veludo e, na pressa, deixo cair o espelhinho no chão, onde ele aterrissa com um horrível estalido.

- Um momento! - Praguejando em silêncio, apanho o espelho e o viro, verificando com grande alívio que o vidro não se quebrou, mas a queda deve ter afetado a moldura, que parece mais solta, como se o espelho pudesse escorregar para fora. Mas não há tempo para ver melhor. Escondo a bolsa debaixo do travesseiro em minha cama e destranco a porta para Dumas. Lá está ele, torcendo as mãos, com uma cara de coelho assustado.

- Meu senhor embaixador mandou chamá-lo. Não sei do que se trata. Será que ele descobriu nosso... - titubeia ele, procurando a palavra certa.

- Negócio? Bem, não vamos chegar logo às piores conclusões, hein. - Dou-lhe um bom tapa no ombro para animá-lo ao passar por ele na porta, embora o fato de Castelnau estar procurando por mim a manhã inteira também me preocupe. Dumas me observa enquanto tranco a porta do quarto. É preciso guardar bem os segredos nesta casa.

Castelnau levanta os olhos da escrivaninha quando entro em seu gabinete particular, e sua expressão parece séria, mas não zangada.

- Bruno, que homem esquivo você é! Sente-se, por favor. - Ele me indica uma cadeira vazia, com estofamento de tecido de tapeçaria, posicionada perto da lareira. Dumas adeja atrás de mim, apoiando-se ora num pé, ora noutro, sem saber se deve ficar ou sair.

- Léon, você tem trabalho para fazer, não tem?

Dumas corre para sua pequena escrivaninha num canto.

Castelnau faz um gesto na direção dele.

- Não se preocupe com ele, Bruno. Não tenho segredos para ele. Não é mesmo, Léon? - E dá um sorriso cordial. Dumas produz um ruído que é meio um guincho, meio uma tossida. Lanço-lhe um olhar duro por trás das costas do embaixador. Nunca vi um homem exhibir sua consciência no rosto de modo tão evidente. Se Courcelles pudesse dar a ele umas aulas sobre insinceridade, nosso trabalho ficaria bem mais seguro.

- Aceita uma taça de vinho? - pergunta Castelnau, estendendo a mão para uma garrafa veneziana em cima da mesa. Agradeço e recuso, alegando que é muito cedo. O embaixador parece desapontado, mas serve-se generosamente e puxa a

cadeira que está à minha frente.

- Pensei muito em você nesses últimos dois dias, Bruno - começa ele, depois faz uma pausa para dar um grande gole. - Sei que deve ter ficado preocupado com o que ouviu no jantar daquela noite.

- A menos que eu tenha compreendido mal, meu senhor, tenho a impressão de que lorde Henry Howard está tentando começar uma guerra.

Castelnau suspira. Parece cansado, e, pela primeira vez desde que o conheci, dá mostras da idade que tem. Pergunto a mim mesmo se isso se deve às intrigas da rainha escocesa ou ao retorno da esposa.

- Você não compreendeu mal. Minha mulher, como viu, é uma grande defensora do duque de Guise, mas quero que saiba que não sou favorável a tais iniciativas, muito menos o rei Henrique, embora ele enfrente suas próprias dificuldades no momento. Preciso que você fique do meu lado, Bruno, para interceder a favor da tolerância, da diplomacia e da negociação quando eles falarem de invasão. Dê-me seu apoio. É preciso que eles continuem confiando em nós.

Estou fazendo o melhor que posso para convencê-los a serem pacientes.

- Talvez eles achem que já tiveram paciência demais.

- Hum. - Ele inclina sua taça e a esvazia, depois sacode a cabeça. - Se ao menos Elizabeth não tivesse sido tão teimosa quanto ao casamento com o duque de Anjou; então nossos dois países teriam firmado uma sólida aliança. Mas vejo agora que ela estava nos fazendo todos de bobos. Nunca teve vontade de se casar. Nisso, pelo menos, ela mostra sabedoria.

Acrescenta esse último argumento de modo tão veemente que desconfio de que não está mais pensando na rainha. Pelo que vi de Marie de Castelnau, acho difícil imaginar que seu próprio casamento dê a ele alguma paz de espírito.

- Henry Howard é tão poderoso neste país quanto o duque de Guise é na França - continua Castelnau. - Poderoso o bastante para deixar com medo os respectivos soberanos. Mas eles não são tão poderosos quanto gostariam. Por isso agora buscam uma aliança secreta com a Espanha para financiar seus planos.

- Uma grande reconquista católica.

- Sei que você não é nenhum entusiasta da Igreja Católica, Bruno - diz Castelnau, curvando-se para a frente e fitando-me com seus grandes olhos tristes, a taça de vinho nas mãos entrelaçadas. - Mas a maré está mudando. A fé protestante está se enfraquecendo, na França, na Holanda e nesta ilha também. Floresceu durante uma temporada, mas não podia competir com a outra. Sou capaz de apostar que, lá pelo fim deste século tumultuado, o protestantismo vai ser lembrado apenas como

uma experiência, uma advertência aos nossos filhos e filhas. Todos os presságios apontam para a vinda de uma nova era. Precisamos estar preparados.

- Então acha que essa guerra é inevitável, meu senhor? - Fricciono a testa com o polegar, confuso. - Neste caso, por que argumentar contra ela?

- Não. Acho que a reafirmação da supremacia católica é inevitável - diz, a face severa. - O rei Henrique deu liberdade demais aos protestantes em Paris, e não acho que possa resistir ao duque de Guise. Mas talvez os dois soberanos possam ser convencidos a ceder aos poderes católicos sem guerra. É a minha esperança. Então, veja a minha dificuldade, Bruno. Não posso parecer firmemente contrário a essa invasão para o caso de Guise ganhar poder em Paris. Mas também não posso me comprometer ou comprometer a França a apoiá-la. Como diplomata, devo induzir ambas as partes ao uso de meios pacíficos.

Ele sacode a cabeça para esse enigma e desvia o olhar para a janela. Compreendo o que Fowler quis dizer quando comentou que Castelnau estava tentando agradar a gente demais.

Estou formulando uma resposta quando a porta se escancara de repente, com tamanha força que a madeira estremece nos gonzos. No limiar, vê-se um homem que quase toma conta de todo o vão, braços cruzados sobre o peito largo, barba preta eriçada. Sua carranca seria capaz de empolar a tinta dos retratos que se alinham nas paredes. Dumas visivelmente se encolhe mais em seu canto.

Castelnau assume o rosto plácido da diplomacia e se põe de pé, dirigindo-se ao visitante em espanhol.

- Dom Bernardino. Que prazer inesperado.

- Guarde suas lisonjas para os ingleses, Castelnau. Nós dois sabemos que não é um prazer para nenhum de nós. Mas lhe trago notícias que vão acender uma fogueira debaixo do seu traseiro. - O embaixador da Espanha vira-se e me fuzila com seu olhar negro. - Quem é esse?

- Giordano Bruno de Nola, a serviço de Vossa Senhoria - digo eu, também em espanhol, levantando-me e fazendo uma reverência.

Os olhos de Mendoza se estreitam e ele sacode a cabeça devagar.

- Então esse é o herege do rei Henrique. Já ouvi falar de você. Deve achar que está seguro aqui. - Vira-se para Castelnau, o olhar luzindo de escárnio, e aponta o dedo indicador gordo para o rosto dele. - Esse é o seu problema, Michel, você mantém homens assim na sua casa, alimenta-os em sua mesa e depois não sabe por que ninguém leva você nem seu soberano a sério. Meu rei Filipe - e enfia o dedo com força no próprio peito - está fornecendo ouro espanhol e homens para lutar contra a heresia, enquanto seu rei Henrique abre a bolsa para patrociná-la. -

Mendoza dirige-me um olhar furioso. Devolvo-o da maneira mais imperturbável que posso, ao mesmo tempo deixando-o ver que não me intimidou.

- Mande-o sair - diz o espanhol, dando um piparote no ar, como se fosse ele o chefe. - E ele também - acrescenta, apontando para Dumas, trêmulo atrás de sua mesa no canto. - O que tenho a dizer não é para ouvidos de criados.

Com uma expressão de quem pede desculpas, Castelnau me faz um gesto com a cabeça, indicando a porta. Dumas vem em seguida, levantando-se e arrumando seus papéis numa pilha, enquanto Mendoza olha para a frente, bufando com impaciência.

Lá fora, no corredor, Dumas volta seu olhar ansioso para mim.

- Que notícias serão essas que ele traz? - murmura.

- Se tivesse que adivinhar, diria que Filipe de Espanha concordou em investir na campanha de Maria Stuart. E se eu estiver certo... - E deixo a frase inacabada. - Há muito mais em jogo do que imaginávamos. Não podemos falhar agora, Léon.

Ao entrar na galeria do primeiro andar, de volta para meu quarto, encontro Marie e Courcelles juntos no vão de uma das janelas de sacada, as cabeças próximas, falando baixo. Calam-se assim que me veem e ele recua depressa com um ar culpado. É um gesto que reconheço — talvez seja assim que todos os homens se comportam perto de Marie. Alguma coisa na maneira como ela fala e toca nas pessoas as faz sentir uma intimidade inconveniente. Ela, por sua vez, parece não ligar nem perceber isso, ou finge.

- Então, Bruno? - pergunta em tom despreocupado, quando aperto o passo, esperando passar por eles sem ser retido. - Perguntou a ele?

- Perguntar o quê, madame?

- Francamente, Bruno. Começo a achar que sou eu quem lhe deve dar aulas para a memória. Sobre nossas aulas.

- Ah, sinto muito, mas não houve tempo. Fomos interrompidos.

- Ah, sim? Por quem?

- Pelo embaixador espanhol.

- Mendoza está aqui? - Ela e Courcelles se entreolham. - Desculpem-me, cavalheiros.

Com um farfalhar das saias, ela percorre a galeria a passos largos e desaparece. Courcelles olha para mim e encolhe os ombros com aquele seu irritante jeito francês.

A bolsinha de veludo ainda está escondida em segurança debaixo de meu travesseiro. À luz que entra enviesada pelas janelas de meu quarto de dormir, disponho outra vez os três objetos em cima da cama. O espelho soltou-se do encaixe ao cair, e, ao mexer na moldura de tartaruga para ver se o conserto, sobressalto-me ao perceber que foi feita para ser aberta. Com cuidado, desloco o espelho de um lado para outro até tirá-lo da moldura. Atrás, há um pedaço de papel. Com os dedos trêmulos, desdobro-o e o aliso, e meu coração quase sai pela boca. Alguém desenhou ali os conhecidos símbolos de Júpiter e Saturno e, abaixo, escreveu uma data: 17 de novembro. Nada mais. Viro o papel, levo-o ao rosto e o cheiro, para o caso de haver alguma outra mensagem invisível escrita com suco de laranja, mas não sinto cheiro nenhum. Meu coração bate forte sob as costelas. Não sei o que descobri aqui, mas certamente tem relação com a morte de Cecily Ashe. A data nada significa para mim, mas, junto com os símbolos planetários, deve ter um sentido para quem quer que enviou esse bilhete secreto a ela, escondido atrás do seu espelho. Suponho que também deve ter significado algo para a moça quando o recebeu, embora ela jamais tivesse imaginado que não viveria para ver essa data.

Se o espelho continha uma mensagem secreta, teriam os outros presentes algum significado além de si mesmos que só quem deu e quem recebeu reconheceria? O anel, com sua divisa mal escrita - isso, certamente, deve ser um erro deliberado? *Sa Virtù M'Atire* - mas a virtude de quem? De Cecily? Ou de outra pessoa? O anel só cabe no meu dedinho. Meus dedos são finos, mas este anel não foi feito para a mão de um homem. Ao colocá-lo e virar a mão para examinar outra vez as palavras gravadas, reparo que há uma bolha vermelha onde molhei o indicador no perfume. A pele está levantada numa espécie de vergão, que coça e arde quando o esfrego. Não é bem o que se espera de um perfume, penso eu, e sinto alívio por não tê-lo experimentado. Deve ser um produto barato, o que parece esquisito, considerando-se que o frasco e os outros presentes dão a impressão de serem caros. Então, num instante, tenho um lampejo de compreensão e preciso me levantar, o frasco agarrado na mão, e andar pelo quarto, o suor brotando sob minha gola. Tenho que falar com alguém sobre essas idéias. Normalmente teria procurado Sidney, e, pela primeira vez, começo a sentir de fato a ausência dele. Nem mesmo sei se ele e sua jovem esposa estão em Londres. Porém, mesmo que estivessem, não posso esperar ficar tão próximo dele como em Oxford se quiser que continuem a confiar em mim aqui, dentro da embaixada francesa.

Com quem falar, então? Não posso ir diretamente a Walsingham com isso, embora tenha sido ele quem me envolveu na morte de Cecily Ashe; pelo menos, não quero ir a ele enquanto não tiver certeza de que minha teoria está correta. Há William Fowler, claro. Walsingham mandou-o a mim para substituir Sidney e acho

que devo confiar nele, embora sua natureza impenetrável e reservada não inspire o afeto que me desperta a exuberante fanfarronice de Sidney. Então me sento pesadamente na cama outra vez, dando-me conta de que perdi meu amigo. Seu casamento me fez sentir de modo ainda mais agudo a solidão que me acompanha aqui na Inglaterra. Mas há uma outra razão pela qual não quero falar com Fowler, além do fato de ele ter sido encaminhado a mim apenas para transmitir minhas informações sobre os conluíus que estão sendo tramados em Salisbury Court, e trata-se de uma questão de orgulho pessoal: Abigail Morley confiou a mim os segredos de Cecily Ashe e quero ser aquele que os desvendará. Quero provar que sou capaz de encontrar seu assassino sem envolver alguém como Fowler, que não posso deixar de considerar, sob certo aspecto, um rival na aprovação de Walsingham, apesar de estarmos supostamente trabalhando juntos.

Ando até a janela e me debruço no parapeito, olhando para o céu da tarde lá fora, que agora se desmancha num castanho-avermelhado brilhante. Meu quarto dá para os fundos da casa e daqui avisto os jardins até a faixa marrom do Tâmis, largo como uma estrada, suas águas morosas refletindo o sol poente. Para ser franco comigo mesmo, estou com medo. Qualquer que seja o resultado dessas conspirações com Maria Stuart, vejo com muita clareza que meu próprio futuro está numa balança. Se essa invasão, que no momento tem ares de fantasia de vingança noturna de homens privados de seus direitos civis e de uma rainha cativa furiosa, de alguma forma se tornar realidade, eu não teria a menor chance numa Inglaterra novamente católica. No entanto, se - como sinceramente espero - essas conspirações forem frustradas, parece improvável que Castelnau possa continuar aqui como embaixador com alguma credibilidade, uma vez que seu envolvimento seja conhecido. E, se ele for expulso, preciso me certificar de que tenho valor para Walsingham e para a corte inglesa por minha própria conta, não apenas por meu acesso à embaixada e às suas intrigas. Se conseguir descobrir quem matou Cecily Ashe, raciocino, a rainha Elizabeth não poderia duvidar de minha utilidade.

Então me ocorre: há um amigo com quem posso conversar, alguém que tem exatamente as habilidades necessárias para analisar minha teoria sobre o perfume e o anel, e que também sabe o que é discrição. Deixei-o de lado no alvoroço desses últimos dias, mas ele é a pessoa que mais tem conhecimentos sobre a Grande Conjunção em toda Londres. Amanhã, então, vou voltar a Mortlake, à casa do Dr. Dee.

Capítulo 6

Mortlake, Londres,

29 de setembro do ano do Senhor de 1583

A BIBLIOTECA DO DR. DEE é, para mim, uma das maravilhas não festejadas desta ilha chuvosa. A casa dele inteira é uma mistura espalhada de extensões, acréscimos, novas alas e salas secretas, de tal modo que, vendo-a pelo lado de fora, é impossível distinguir a forma do chalé original que um dia pertenceu à sua mãe, enterrado dentro do labirinto. Todos esses adendos foram projetados por ele mesmo de acordo com seus preceitos esotéricos próprios, para atender a algum propósito especial de seu trabalho, e a biblioteca é o ponto alto de sua proeza. Sua coleção de livros e manuscritos, e, na verdade, a sala em si onde eles se encontram, é mais grandiosa do que as bibliotecas das faculdades que vi em Oxford. Com grandes despesas, ele a construiu de acordo com o novo sistema vertical de prateleiras, popular nas universidades europeias, em vez do estilo antigo com suportes para livros, de tal modo que estes podem ficar expostos de maneira mais vantajosa do chão ao teto, em torno das paredes. O que não ajuda necessariamente o estudioso visitante, já que parece não haver nenhum método óbvio para catalogar as obras, a não ser algum critério enigmático que está somente na cabeça de Dee, pois ele consegue pôr a mão imediatamente em qualquer obra que você mencione, e lembra-se exatamente de onde deve guardá-la de volta depois.

Há prateleiras atravancadas com mapas e cartas geográficas antigas, enrolados em fusos de madeira e empilhados horizontalmente; vitrines envidraçadas com manuscritos antigos de pergaminho e iluminuras douradas, salvos da destruição de bibliotecas monásticas inglesas. Há livros que Dee atravessou um continente para encontrar, volumes que lhe custaram um ano de salário, obras encadernadas em bela pelica marrom com guarnições de bronze, livros pelos quais em outros países o queimariam na fogueira. Aqui se pode encontrar o *De Occulta Philosophia*, de Cornelius Agrippa de Nettesheim, o *Liber Experimentorum*, do místico Ramon Lull, o *Tratado de mágica* de Burgo, os escritos de Nicolau Copérnico e os estudos de criptografia do abade Trithemius. Se o assunto interessar, podem-se encontrar livros sobre matemática, metalurgia, arte divinatória, botânica, navegação, música, astronomia, marés, retórica e qualquer outro ramo do conhecimento que em algum momento tenha sido consignado em papel. Em um canto da sala, ele tem um par de globos pintados e encaixados em armações de bronze, um mostrando a Terra e o

outro os céus, um presente do grande cartógrafo Gerardo Mercator. Em outro canto, um quadrante de 1,5 metro de altura e outros instrumentos criados por ele mesmo para medir o movimento dos planetas. Além dessa biblioteca, profunda e fechada como uma caverna, com seu teto abobadado de madeira, onde se costumam encontrar estudiosos e escritores cansados de viagem, que atravessaram mares ou cavalgaram durante dias a fio para consultar alguns livros dos quais Dee possui os únicos exemplares conhecidos, situam-se os aposentos internos, onde somente seus amigos e colegas mais confiáveis são admitidos: seu laboratório de alquimia e seu gabinete particular, seu santuário.

- Acha que é algum tipo de veneno? - murmura Dee, curvado sobre a bancada de madeira do laboratório. Segura o frasco de perfume diante de uma lamparina a óleo pendurada em um gancho acima dele, de modo que as facetas do cristal refletem fragmentos de luz enquanto ele o vira com ar curioso de um lado para outro. Lá fora, o tempo ainda está luminoso com os últimos calores do verão, mas nesta sala os postigos estão sempre fechados. Estar no laboratório de Dee dá a sensação de se estar preso no ventre de um grande animal, com a escuridão e o calor de várias chamas continuamente acesas. Além disso, o aposento parece pulsar com uma vida autônoma: seis destiladores de tamanhos variados, com amplos recipientes interligados e frascos de barro, vidro ou cobre, resfolegam e borbulham constantemente, como se entretidos numa conversa permanente uns com os outros. Nuvens de vapor flutuam pelo teto e se dispersam em filetes de líquido pegajoso pelas paredes descascadas abaixo. Hoje há um cheiro desagradável no ambiente, um fedor de decomposição, de estábulo. - Ah, isso - diz Dee, com um largo sorriso malicioso, como um menino sendo apanhado numa travessura, ao me ver franzir o nariz. - Estou fazendo uma experiência destilando esterco de cavalo.

- Com que objetivo?

- Só vou saber quando vir o que vou obter daí. E agora...

Ele destampa o frasco de perfume e cheira o líquido com o nariz treinado de um viticultor avaliando um vinho novo. Espanto-me por ele poder sentir o que quer que seja em meio ao cheiro de esterco de cavalo fervente.

- Hum. Foi misturado com água de rosas. Mas você tem razão: existe algo mais misturado aqui. Algo acre. Mostre-me seu dedo de novo.

Ele puxa minha mão para a claridade. Apesar de a vermelhidão ter diminuído no ponto onde toquei o perfume, surgiu uma pequena bolha ali. Dee sacode a cabeça, pensativo.

- Um grande número de plantas e frutinhas comuns pode causar esse efeito se a seiva estiver concentrada. Poderia causar um desconforto considerável se fosse

friccionado numa pele delicada, como se faz normalmente com os perfumes. Um embuste odioso, no mínimo.

- E se alguém o bebesse? Poderia ser venenoso?

Ele franze a testa.

- Depende da substância básica que foi usada. Mas por que ele imaginaria que a moça iria cismar de beber o perfume?

- Talvez não fosse destinado à moça.

- Mas *por que* alguém beberia perfume?

- Ninguém beberia. A menos que não soubesse que fora derramado em sua comida ou em sua taça. O que seria fácil caso se estivesse todo dia em contato com essa pessoa.

Os olhos de Dee se arregalam e ele me fita, horrorizado, ao compreender o que quero dizer.

- A rainha? - Sua voz é um mero sussurro. - Está insinuando que essa moça pretendia matar a rainha?

- Não sei. É apenas uma teoria. - Ando entre os destiladores, tentando respirar pela boca enquanto falo para evitar inalar as emanções de esterco. - Como disse, parece estranhamente odioso e sem sentido dar a uma mulher um perfume envenenado que fará surgirem vergões em sua pele. Mas e se Cecily sabia que o perfume não devia ser usado, e se o pretendente dela deu-lhe o frasco com outro objetivo? Pense, Dee... há uma porção de homens desesperados prontos a assassinar a rainha pela liberação da Igreja Católica.

Dee sacode a cabeça com vivacidade.

- No mês passado prenderam um sujeito que passava pela estrada para York com duas pistolas carregadas, vangloriando-se para quem quisesse escutar que ele iria matar Elizabeth para recuperar a Inglaterra. Era visivelmente maluco, pobre coitado. Mesmo assim, foi enforcado e esquartejado para que servisse de exemplo.

- Mas nem todo mundo é tão esquentado assim. Um homem mais sagaz poderia raciocinar que a melhor maneira de chegar até a rainha seria convertendo à sua causa alguém em quem ela confiasse. Uma dama de honra como Cecily Ashe teria amplas oportunidades de colocar alguma coisa no vinho da rainha. - Vejo que ele não está convencido.

- Bem, Bruno, antes de embarcarmos nessas teorias, vamos ter uma noção melhor do que está dentro desse frasco.

Ele me entrega o perfume e se dirige a um engradado de madeira enfiado

num canto do quarto, atrás de um grande cadinho cônico fumegante da metade da altura de um homem, suspenso em uma armação de latão em cima de um bico de fogo aceso. Quando ele levanta a tampa do engradado, ouve-se de repente algo que arranha e se agita, junto com guinchos furiosos. Dee põe a mão lá dentro e traz um rato marrom que se debate.

- Vamos lá. - Levanta a cabeça e percebe minha expressão. - Eles se multiplicam como pragas nas dependências externas da casa, então peço ao garoto da cozinha que apanhe alguns para o laboratório. Você ficaria surpreso com a variedade de usos que se pode fazer deles. O que foi, Bruno?

- Parece algo meio cruel - digo, encolhendo os ombros.

- A busca do conhecimento pode muitas vezes ser brutal - diz ele, displicente. - Mas isso é ciência. E você não iria querer que eu testasse isso num criado, não é? Segure o rato.

Ele me põe nas mãos o corpinho esperneante e flexível. Sinto em meus dedos o coração minúsculo pulsando, o calor de sua vida frenética. A cauda bate de um lado para outro enquanto Dee anda sem pressa de uma bancada à seguinte reunindo utensílios - um tubo de vidro, um funil, uma caixinha com uma tampa articulada. Manda que eu segure a criatura deitada de costas. O rato gosta menos ainda disso e me morde bruscamente. Praguejo e quase o deixo escapar enquanto uma gota de sangue cresce no meu dedo.

- Mantenha-o parado - diz Dee, impaciente, como se fosse eu que não cooperasse.

Com certa dificuldade, ele insere o tubo na boca do pobre rato, que resiste com toda a sua escassa força, guinchando de dar pena, a ponto de eu ter medo de esmagá-lo enquanto tento conter seus movimentos. Dee encaixa o funil na extremidade e derrama nele um pouco de líquido do frasco de perfume. Uma quantidade considerável se derrama para fora e não se pode dizer se o rato engoliu alguma coisa, mas Dee abre a tampa da caixinha e manda que eu ponha a criatura lá dentro.

- E agora vamos esperar - diz ele jovialmente, como se tivesse posto uma leva de bolos no forno. - Enquanto isso, Bruno, também estou preocupado com algo que preciso desabafar com você. Venha.

Conduz-me pela porta ao fundo do laboratório para seu gabinete particular, onde estive antes com ele e Kelley para a sessão da bola de cristal. Sinto alívio ao ver que o outro homem não está lá.

- Ela me chamou a Whitehall hoje mesmo, à noite - diz ele, indicando-me uma cadeira com uma das mãos e cofiando a ponta da barba com a outra. - Não

acho que tenha boas notícias para me dar. Walsingham veio me ver ontem. E me mostrou isso aqui.

Atravessa o aposento até sua mesa e pega uma cópia do mesmo panfleto que comprei por uma moeda no pátio da Catedral de St. Paul, com os símbolos de Júpiter e Saturno ousadamente impressos na primeira página.

- Francis queria me prevenir - continua ele, em voz baixa. - Com a morte da moça em Richmond, parece que o mundo inteiro enlouqueceu com essa conversa de profecias e apocalipse, Trígonos de Fogo e Grandes Conjunções. Este tipo de coisa - e bate no papel com o dorso da mão - existe aos borbotões por aí, alimentando o medo e a inquietação do povo. O Conselho Real acha que isso está ficando sem controle e precisa ser impedido de continuar. - Ele suspira, com um ar de dignidade agitada, e pousa o papel virado para baixo na mesa.

- Mas nada disso é culpa sua.

- Pois é. Sou apenas o mensageiro. - Abre as mãos num gesto de humildade. - Mas parece que lorde Burghley fala de apresentar uma nova lei que tornaria ilegal fazer o horóscopo da rainha. Ele acha que isso vai pôr um fim nessa febre de previsões sobre a morte dela. Não sei em que vai ajudar. Um homem já corre o risco de ter a mão cortada por escrever esse tipo de porcaria e ainda assim eles a imprimem, e os tolos a lêem.

Senta-se pesadamente e inclina o corpo para a frente, apoiando-se nos joelhos com as mãos entrelaçadas, como se rezasse, e de olhos fixos num ponto próximo, como se visse alguém ali que estivesse tentando falar com ele. Adoto a mesma posição em silenciosa solidariedade, mostrando que compreendo seu dilema. Pobre Dee. Se for contra a lei fazer o horóscopo da rainha, ela dificilmente vai poder continuar a empregar um astrólogo particular, e o patrocínio real é quase sua única fonte de renda. Ele tem mulher e dois filhos pequenos para sustentar, sem falar naquele preguiçoso do Ned Kelley, que se incorporou à família. Ainda por cima, praticar alquimia e comprar livros não são ocupações baratas. Ele precisa de um fluxo confiável de dinheiro para financiar suas experiências e manter sua biblioteca, bem como precisa da proteção da rainha contra aqueles que falam mal dele.

- Henry Howard está por trás disso - resmunga Dee em tom sombrio, como se tivesse acompanhado meus pensamentos, o olhar ainda fixo no mesmo ponto. - Não vai descansar enquanto eu não for banido da corte e perder as boas graças dela de uma vez.

- Henry Howard? - olho para ele, intrigado. - Ele tem alguma coisa a ver com esses panfletos?

- Não. É ele quem lidera as acusações contra os panfletos! - exclama Dee,

pulando de sua cadeira e indo de novo até a mesa, onde apanha um livrinho pequeno encadernado em couro que abana para mim como prova. - Ele vocifera contra todas as formas de conhecimento que não têm a capacidade de compreender, fala de invocação de demônios, afirma que o fato de a rainha tolerar astrólogos como eu é que levou ao delírio coletivo atual, com profetas e adivinhos semeando o medo e a descrença por todo o país. Ninguém na corte quer mostrar que discorda do livro dele. Mas a idéia de Henry Howard se fazendo passar pelo defensor da fria razão! Escute isso, Bruno. - Ele folheia umas poucas páginas, limpa a garganta e lê. - "Certas pessoas intrometidas nesta comunidade, que, com papéis desenhados, livros pintados, figuras de animais selvagens e pássaros, levam os homens de seus deveres do momento para esperanças futuras." Ele se refere a mim, é claro. Ou isto: "A escuma da insensatez, a escória do orgulho, o naufrágio da honra e o veneno da nobreza." Tudo isso visando a minha pessoa, sabe, e há muito mais que eu poderia ler para você.

Estendo a mão para o livro rapidamente, antes que ele cumpra a ameaça. O título está gravado em dourado na capa: *Uma defesa contra o veneno das supostas profecias*.

- Por que Henry Howard o detesta tanto?

Dee senta-se outra vez e entrelaça as mãos.

- Ele já foi meu aluno - diz, com um laivo de tristeza. - Veio a mim em segredo, ávido pelo tipo de conhecimento que você e eu sabemos ser perigoso nas mãos erradas. Faz uns 10 anos, logo depois que o irmão foi executado. Na época Henry tinha a sua idade. Era um rapaz de inteligência assustadora, e em suas viagens encontrara filósofos e magos que lhe haviam mostrado os escritos de Hermes Trismegisto. Ele desejava se tornar um iniciado.

- E o senhor concordou?

- Ele era um estudioso cheio de talento e pagava generosamente, talvez porque quisesse manter em segredo que estava tendo aulas comigo. Mas... - Dee abre as mãos num gesto de arrependimento. - Os grandes mistérios dos grandes filósofos devem ser abordados com humildade. Logo vi que a ambição de Henry Howard era muito superior à sua sabedoria.

- O que quer dizer com isso?

- Ficou obcecado com o livro de Hermes. Ah, vejo que sorri, Bruno. Não ficamos todos, é o que está pensando? Mas eu lhe pergunto: aquele 15º livro, o que acha que contém?

- Ninguém sabe ao certo - respondo. - E é esse o seu chamariz irresistível.

Sabemos apenas que o grande filósofo e astrólogo Marsilio Ficino recusou-se a traduzi-lo para Cosimo de Médici porque temia as consequências para a Cristandade.

- Exatamente. Porque se acredita que o livro perdido explica o mistério da divindade do homem. É o apogeu da magia hermética.

- Dizem que tem o segredo de como se tornar igual a Deus - murmuro, visualizando o rosto pontudo de Howard, seus olhos redondos e brilhantes como contas.

- Mas enquanto você e eu compreendemos que esse conceito significa chegar a tal coisa por meio do conhecimento ou da gnose, a interpretação de Howard era muito mais literal - explica Dee, inclinando-se ainda mais e sacudindo a cabeça de modo significativo. - Foi isso o que me incomodou.

- Literal em que sentido?

- Não era ao divino conhecimento que Howard aspirava. - Ele abaixa a voz. - Era à divina imortalidade.

Nós nos calamos por um momento, olhando um para o outro. Duas vezes abro a boca para dizer que isso é impossível, mas a cada vez os olhos cinzentos de Dee me impedem. Sua fé na magia, se por isso entendemos um mundo que está além dos limites de nossos presentes conhecimentos e filosofia, é mais simples e mais confiante do que a minha. Se o Universo é infinito, como acredito, então certamente deve conter um número infinito de possibilidades que ainda não imaginamos ou tentamos dominar. Porém, quanto mais reflito sobre isso, mais descubro em mim mesmo um ceticismo instintivo a respeito das pretensões fáceis de alquimistas, charlatões e aqueles que se apresentam em traseiras de carroças para multidões dóceis, fazendo truques de leitura de mentes. Será que um homem pode verdadeiramente conseguir a imortalidade? E seria possível que um único livro de fato contivesse a chave que abre essa porta? Boatos e mitologia crescem em torno de livros perdidos. Estes adquirem poderes extraordinários quando somem. Mas a sedução da imortalidade - posso imaginar como isso atrairia um homem como Henry Howard.

- E o que aconteceu então?

- Não era só o livro de Hermes. Foi ficando cada vez mais claro que o interesse de Howard pela magia não tinha a ver com conhecimento, mas com poder.

- E um não leva ao outro? - pergunto, com um sorriso furtivo.

- Para aqueles que têm a sabedoria de usar ambos judiciosamente. Mas não

da maneira simplista que ele imaginava. Seu irmão mais velho tinha sido executado havia pouco tempo, não esqueça, e os Howard haviam perdido a maior parte de suas terras e de seus títulos. Ele queria uma forma de controlar e manipular seu retorno à proeminência. Percebi nele uma crueldade que me deixou profundamente apreensivo. No final, disse a ele que não podia continuar lhe ensinando.

- Imagino que ele não tenha aceitado isso bem.

- Oh, não. Os Howard não gostam de ser contrariados. Primeiro, ele me ofereceu mais dinheiro. Quando persisti recusando, ele me ameaçou.

- Com violência?

Dee puxa a barba e ergue a cabeça para a janela, o peso de uma grande tristeza em seus olhos.

- Nada tão grosseiro. Ele disse simplesmente que iria me destruir. Avisou que trabalharia contra mim como um veneno sutil, de tal modo que nem os que tenho como amigos iriam me aceitar. Desafiou-me a submetê-lo à prova.

- Mas isso foi há 10 anos - digo, procurando tranquilizá-lo.

- Pois é, e ainda estou aqui. Ah, houve muito falatório contra mim ao longo dos anos pelos ignorantes e invejosos... dizem que conjuro demônios, falo com os mortos, realizo uma infinidade de rituais proibidos e terríveis na calada da noite com corpos mumificados ou crianças natimortas, e sei lá mais o quê. Até agora, Sua Majestade nunca prestou atenção nessas tolices. - Ele pousa a mão em meu braço. - Mas nunca imaginei que Henry Howard tivesse esquecido seu ódio nem sua ameaça. Pessoas como você e eu, Bruno, andamos sobre gelo frágil.

Trabalhamos no próprio limite do conhecimento, e isso assusta muita gente. Nunca sabemos quando o chão pode ceder sob nossos pés.

Ele fica tão melancólico que aperto minha mão sobre a sua e a seguro por um instante.

- Então, a reação de Howard foi virar-se com violência contra toda forma de ciência oculta? - pergunto, indicando o livro. Dee franze o sobrolho.

- Publicamente, sim. Mas sempre me perguntei se ele não buscou secretamente satisfazer seu desejo, usando sua piedade religiosa contra esse desejo como disfarce. Henry Howard é antes de tudo tenaz. Há uns 14 anos, pensou-se que um exemplar do manuscrito perdido de Hermes havia sido encontrado. Essa parte da história você soube, Bruno, por intermédio daquele patife do Jenkes.

Concordo, enfático, Rowland Jenkes, o negociante de livros esotéricos e proibidos que havia tentado me matar em Oxford.

- Bem, então - continua ele - você lembra que Jenkes pensou ter encontrado o livro enterrado numa biblioteca da faculdade de Oxford. Ele me escreveu, sabendo de minha biblioteca, e viajei a Oxford a fim de encontrá-lo. O que Jenkes me permitiu ver do manuscrito me deixou suficientemente convencido a lhe pagar um alto preço por ele.

- O senhor o leu, então? - pergunto inclinando-me para a frente, ávido.

- Só uma pequena parte - responde ele. - Não posso afirmar com certeza, mas acreditei que era de Hermes Trismegisto. Meu plano era trazê-lo a Londres e fazer imediatamente uma tradução. Só que nem pude tentar. Como sabe, meu criado e eu fomos atacados e roubados na estrada assim que saímos de Oxford, e levaram o livro.

- Jenkes me contou a respeito - comento, sacudindo a cabeça. - Mas ele jurou que não foi o responsável pelo roubo.

- A princípio presumi que deveria ter sido ele, para que pudesse vender o livro de novo - disse Dee, esfregando a nuca sem prestar atenção ao gesto, como se a história tivesse reaberto a velha ferida. - Voltei para Oxford a fim de me recuperar, tinha me machucado bastante com o assalto, e fui lhe exigir satisfações, porém ele negou tudo, é claro. Com o passar do tempo, entretanto, ocorreu-me que havia outros além de Jenkes que desejavam possuir aquele livro e que teriam recursos para pagar espões dentro da minha casa e bandidos para roubá-lo de mim na estrada.

- Henry Howard? - baixo os olhos para o livro em minhas mãos.

- Não tenho provas. É somente uma suspeita. Mas durante anos, depois disso, perguntei a todo mundo que eu conhecia, todos os colecionadores e negociantes de antigüidades e manuscritos na Inglaterra e todos aqueles que eu conhecia na Europa, e ninguém ouvira mais falar sobre o livro de Hermes. Pode apostar que, se Jenkes tivesse contratado bandidos para tê-lo de volta, ele teria tentado passá-lo adiante para ter mais lucro. O que me faz acreditar que foi roubado de mim por alguém que não tinha nenhum interesse em vendê-lo, mas pretendia guardá-lo a fim de estudar seu teor.

- Acho que o único jeito de ter certeza é matando Henry Howard - digo, mantendo o rosto sério. - Se for imortal, podemos concluir que ele roubou o livro e verificou que é confiável.

Dee ri baixinho.

- Não me tente, Bruno. Seja como for, isso não ajuda a resolver meu dilema.

- Pensei que *esse* fosse o seu dilema.

- Receio que o dilema seja mais específico. Ontem - ele hesita, olha de soslaio para a porta - Ned Kelley teve uma visão horripilante. Ele receia que os espíritos lhe tenham concedido visões daquilo que vai acontecer, e eu devo decidir se aviso ou não à rainha.

Quero dizer a ele que deixe de tolice. Meu ceticismo com relação a Kelley me aperta o peito como um caroço duro, mas os olhos de Dee estão arregalados e seus lábios tremem um pouco. Com mais brandura, inclino-me para ele.

- Continue.

O homem respira fundo.

- Na bola de cristal, um espírito apareceu para Ned como uma mulher ruiva vestida de branco, com os símbolos dos planetas e todos os signos do zodíaco bordados na roupa. Na mão direita, ela segurava um livro e, na esquerda, uma chave dourada.

As figuras de Kelley estão sempre segurando um livro, penso. Talvez a imaginação dele esteja se esgotando.

- Essa figura eu não reconheço - digo apenas, embora no momento em que ele mencionou uma mulher ruiva minha mente tenha se voltado instantaneamente para Abigail Morley.

- Mas não é só. A mulher não falou, mas na visão ela desamarrou o corpete e o abriu para ele...

- Aposto que sim.

- Não caçoe, Bruno - diz ele, magoado. - Espere até ouvir o resto. Tinha no seio um símbolo gravado em sangue...

- Seria o símbolo de Júpiter, por acaso? - interrompo, sem conseguir disfarçar o sarcasmo na voz. Mas Dee parece abalado.

- Por Deus, não... mas você chegou perto. Era o símbolo de Saturno. Como é que você sabe?

Levanto-me, furioso, vou até a janela e me viro bruscamente de volta na direção dele.

- Ele tirou esse detalhe direto do assassinato na corte! Ora, John, admita, o homem é um charlatão. Está fazendo de você gato e sapato... será que não vê?

- Mas Ned nem chega perto da corte ou desses grupos de pessoas. Como iria saber de um detalhe como esse?

- Não se fala de outra coisa em Londres inteira! - grito, exasperado. - Ele só

precisa pôr o pé fora de casa para ouvir as pessoas tagarelando sobre isso nas ruas. Ele pegou um panfleto em algum lugar, leu as descrições melodramáticas e achou que dariam uma boa cena para sua próxima invenção! Não perca seu sono com isso, pelo amor de Deus!

- Calma, Bruno. - Ele parece esgotado. - Sei que você não gosta de Ned, mas, de verdade... ele é um vidente muito talentoso e você me ofende afirmando o contrário. Ele fala com os espíritos em sua própria linguagem celestial. Você mesmo ouviu.

- Ele é um criminoso! Não viu as orelhas dele? E o que fazem com quem falsifica moedas, não é? E se ele falsifica dinheiro, porque não agiria da mesma forma com visões, com linguagens?

- Ned teve uma vida dura e cometeu erros, mas tudo isso passou. Ele é um sujeito honesto agora, Bruno. Não cabe a nós julgar.

Corro meus dedos pelo cabelo, agarrando punhados de fios. Não adianta discutir com ele.

- Por Cristo, John! Você tem direito de julgar uma pessoa que vive à sua custa. Seu coração é mole demais.

Dee sorri com afeto.

- E isso quem diz é o homem que não queria fazer mal a um rato.

Nós nos entreolhamos, de repente lembrando-nos do rato.

Dee se levanta com rapidez espantosa de sua cadeira e corre para o laboratório, a túnica ondulando atrás dele. Sigo-o a passos rápidos. Ali, junto aos destiladores, com seu suave murmúrio interno, a atmosfera está mais úmida agora, mais fétida. O ambiente cheira como uma fazenda em meio a uma tempestade de verão.

Dee levanta a tampa e segura a pequena caixa de madeira perto do lampião. O rato jaz imóvel, os pés minúsculos virados para fora. Uma poça de fezes ralas, aguadas, espalha-se em torno de sua cauda, e ao redor da cabeça há uma poça semelhante, mas de um líquido avermelhado. Os olhos do roedor estão esbugalhados de modo pouco natural, como os olhos de vidro de um animal empalhado.

- Interessante - Dee o contempla, pensativo, como se aquele resultado lhe agradasse, a cabeça quase encostada na minha quando nos debruçamos para olhar. - A substância fez efeito depressa, esvaziando o estômago dele pelos dois lados. Tenho que confessar que não estava muito convencido da sua teoria, Bruno, mas parece que você tinha razão.

- Que substância teria esse efeito? - pergunto, observando mais de perto,

quase esperando o rato ter uma convulsão ou estremecer.

- Difícil dizer. Algo como teixo, ou briônia negra, possivelmente, ambos fáceis de encontrar nesta época do ano, fáceis de extrair.

- E funcionaria da mesma maneira numa pessoa?

- Não tão depressa, principalmente estando diluído em água de rosas. Mas em óleo essencial, acho que sim, numa dose grande o bastante. Teve claramente um forte efeito purgativo. Vou abrir esse animal e dar uma espiada cuidadosa nas entranhas, embora não vá ter tempo de fazê-lo esta noite antes de sair. Mas, Bruno - ele se vira para mim, os olhos outra vez arregalados com um medo crescente -, se o seu palpite estiver correto, alguém precisa prevenir a rainha imediatamente.

- Não! - A exclamação sai mais enfática do que eu pretendia. - Quero dizer... tudo o que sabemos com certeza é que um frasco de veneno foi dado a uma das damas da rainha como se fosse perfume. A moça está morta agora, mas nada sabemos sobre quem o deu a ela nem por quê. Até chegarmos a algumas definições, é melhor que a rainha não seja amedrontada nem se crie tumulto na corte. Ela já está fortemente protegida. Além do mais - acrescento -, a pessoa que me deu esse perfume pode ficar comprometida.

- Você não está entendendo, Bruno. - Ele agarra meus ombros e lhes dá uma sacudidela. - A visão de Ned, a mulher de cabelos vermelhos, a sua queda. Tudo se encaixa. Receio que Sua Majestade esteja em perigo terrível.

Não quero perguntar, mas sei que devo.

- Qual foi o fim da visão?

- Depois que mostrou o seio com o símbolo de Saturno talhado na carne, ela ergueu o livro e a chave e abriu a boca como se fosse fazer um grande discurso, mas, antes que pudesse pronunciar uma única palavra, seu coração foi trespassado por uma espada e ela foi arrastada por uma correnteza furiosa.

Ele aperta meus ombros com mais força e seus olhos procuram os meus com expressão desvairada. E evidente que espera uma reação melhor de minha parte.

- Bem, ele sem dúvida sabe ser teatral. Onde está Kelley, aliás? Corro os olhos pelo laboratório, como se o vidente pudesse estar escondido atrás de um dos grandes destiladores.

- Oh, não o vejo desde ontem à noite. Ficou tão abalado com a visão que precisou sair um pouco para se recompor. - Ele vê meus olhos se estreitarem. - Já fez isso antes, Bruno. Quando a sessão com os espíritos exige demais dele, Ned desaparece por uns dias para poder voltar reanimado.

- Não diga. Deve ser exaustivo para ele. - Franzo a testa. - E ele nunca diz aonde vai?

- Eu nunca pergunto.

Pouso as mãos nos ombros dele. Ficamos parados um momento, unidos por esse semiabraço, enquanto fito aqueles olhos cinzentos melancólicos, tão cheios de sabedoria e, no entanto, tão cegos, de certa forma.

- Não fale à rainha hoje à noite sobre essa visão, em nenhuma circunstância - digo, com brandura, como se repreendesse uma criança. - Se algum mal realmente acontecer a ela, vão dizer que o senhor o previu com o poder do demônio, e, no caso de nada acontecer, o que é muito mais provável, o senhor vai ser tomado como falso profeta, comparável a esses panfleteiros. Não vou fingir que compreendo os motivos de Kelley, mas o melhor é nos concentrarmos no que sabemos serem perigos de verdade para a rainha - indico com a cabeça o frasco de perfume em cima da bancada -, em vez de nos sonhos, sejam lá quais forem, que ele pode ou não ver no cristal.

Dee vai protestar, mas repentinamente parece que um grande cansaço toma conta dele, e ele baixa a cabeça.

- Talvez você esteja certo, Bruno. É melhor não dar aos meus inimigos mais flechas para me visar.

Olho de esguelha para o pequeno corpo rígido do rato na caixa ao lado, lembrando seu coração pulsando na palma de minha mão. Como uma vida se apaga rápido, penso. Se ao menos conseguíssemos apanhar a alma quando ela alça voo, a seguíssemos em sua jornada e voltássemos para mapear o território, como os aventureiros do Novo Mundo, como Mercator com seus globos! Mas o rato não foi sacrificado em vão. Ajudou a provar, se tanto, que os inimigos da rainha quase chegaram a seu quarto. Como fazer para encontrá-los, porém?

Quando estou me despedindo dele à porta da frente, lembro-me de repente de uma pergunta que Dee, melhor do que ninguém, saberá responder.

- O 17^a dia de novembro... esse dia tem algum significado astrológico? Tentei descobrir, mas não tenho aqui gráficos ou tabelas com detalhes suficientes para calcular se será a ocasião de algo digno de nota nos céus.

Dee dá uma risadinha.

- Não sei quanto aos céus, mas qualquer inglês lhe dirá que aqui nesta terra é o Dia da Ascensão. O aniversário da ascensão ao trono de Sua Majestade. Desde 1570 ela declarou esse dia feriado público, com apresentações teatrais e desfiles para comemorar seu reinado glorioso. Festas de rua e coisas assim. Vai valer a pena assistir este ano, que é o 25^o desde a coroação dela. Por que pergunta?

Hesito, avaliando se deveria contar a ele sobre o papel escondido dentro do espelho de Cecily Ashe, mas receio que ele chegaria instantaneamente à mesma conclusão que eu, a não ser pelo fato de que faria associações com a ridícula invenção de Kelley e sentir-se-ia obrigado a prevenir a rainha, daquele jeito meio histérico que adota de vez em quando. Minha mente funciona depressa enquanto Dee me olha, esperando uma resposta. Será que a pessoa que deu a Cecily um frasco de veneno disfarçado de perfume também lhe enviou a data na qual pretendia que ela o usasse? Seria o 25º dia da ascensão de Elizabeth também o dia planejado para a sua morte? O rebuliço que essa suposição causaria na corte criaria tamanho barulho e fumaça que iria encobrir qualquer pista da verdadeira trama. Além disso, algo obviamente dera muito errado se a intenção era mesmo essa. Cecily Ashe estava morta e o veneno guardado no laboratório de Dee. Isso significaria que o pretenso assassino encontraria outro meio para atacar a rainha no Dia da Ascensão? Não havia dúvida agora em minha mente de que Cecily havia sido morta pelo homem que lhe dera aqueles presentes, que a envolvera numa conspiração para envenenar a rainha e depois deixara seu cadáver segurando uma efígie de Elizabeth apunhalada, um lembrete da tarefa que ela de alguma forma deixara de levar a cabo.

- Bruno? Você parece perturbado por alguma coisa. - Dee franze a testa numa expressão paternal de preocupação. - O que houve?

- Não, não, ouvi um dos criados da embaixada mencionar a data e fiquei curioso para saber se seria importante. - Examino-lhe o rosto e sou tomado por uma repentina afeição por ele. Impetuosamente, agarro-o pelos ombros e o beijo em ambas as faces. Ele fica surpreso, mas contente. - Lembre-se: nada de falar sobre visões com a rainha - acrescento, por cima do ombro, ao me virar para partir.

Eu havia pagado ao barqueiro que me trouxe a Mortlake para esperar, já que é mais difícil encontrar barcos de aluguel neste ponto mais afastado do rio. Faz talvez 20 minutos de nosso percurso de volta para Londres quando noto a presença de outro pequeno barco nos acompanhando a uma distância de cerca de 50 metros. Ao que tudo indica, há somente um passageiro, um homem, usando um manto de viagem e um chapéu que lhe esconde o rosto, mas ele está longe demais para que eu o veja com nitidez.

- Esse barco está atrás de nós desde Mortlake? - pergunto ao barqueiro, que fita o outro barco com os olhos apertados sob o barrete.

- Aquele lá? Sim, senhor. Estava atracado na margem perto do lugar onde o senhor desembarcou.

- O tempo todo que fiquei em terra?

Ele dá de ombros.

- Não posso dizer com certeza, senhor. Uma boa parte do tempo, pelo menos.
- Com aquele mesmo passageiro? Ou ele embarcou em Mortlake?
- Não reparei.
- Mas ele partiu no mesmo momento que nós?
- Creio que sim, se está agora atrás de nós.
- Vá mais devagar - peço. - Deixe que nos alcance.

O barqueiro obedece e diminui o ritmo das remadas. Mas o barco atrás de nós parece fazer o mesmo, de modo que a distância permanece igual.

Digo ao meu barqueiro que pare de remar. O homem se queixa de que a correnteza está forte demais e que vamos ser arrastados para a margem. O outro barco ruma para mais perto do lado oposto, longe de nós. Quanto mais descemos o rio, maior o movimento de embarcações na água, mas nossos dois barcos continuam a manter o mesmo curso. Estico o pescoço para o lado, mas ainda assim não consigo ter uma boa visão do passageiro, que agora tenho certeza de que está me seguindo. Em Putney, o outro balseiro de repente abre caminho com sua embarcação para o outro lado do rio e para num desembarcadouro. Meu barqueiro segue obstinadamente em frente e só avisto a silhueta do homem quando ele desembarca. Não há nada que o possa distinguir: parece ser de estatura e compleição medianas e mantém o chapéu enterrado ao subir as escadas e desaparecer. Alguém evidentemente estava interessado em minha visita a Dee. Recordo a sensação de estar sendo seguido ontem em Whitehall. Teria sido a mesma pessoa? Mas quem teria tanto interesse assim em meus movimentos para perder tanto tempo me seguindo até Mortlake? Um calafrio me arrepiou o pescoço. A menos que seja alguém que me viu conversando com Abigail ontem e esteja me seguindo exatamente porque teme que ela me tenha transmitido alguma coisa que sabia. E, se for o caso, isso significa que o homem que acabei de ver subindo rapidamente as escadas em Putney poderia ser o assassino de Cecily Ashe. E, sendo assim, penso, sombrio, Abigail pode estar em perigo iminente - como eu, da mesma forma, embora esteja mais bem preparado para tomar conta de mim mesmo. Talvez eu devesse avisá-la... mas como lhe enviar uma mensagem na corte sem levantar mais suspeitas? Não tenho meios de entrar em contato com o ajudante de cozinha que me trouxe o recado dela da última vez, e também não tenho como saber se o garoto contou a alguém mais sobre eu já ter me encontrado com ela, intencionalmente ou não.

Quando o barco afinal me deixa em Buckhurst Stairs, depois de eu ter pago ao barqueiro uma quantia considerável pela longa viagem, reencontro Salisbury Court silenciosa, seus salões e suas galerias inexplicavelmente vazios, o que acaba

sendo conveniente para mim. Consigo chegar a meu quarto sem ser detido pelos chamados de Castelnau ou pelo flerte agressivo de sua mulher. Antes mesmo de enfiar a chave na fechadura, porém, tenho uma sensação de inquietude, tão vivida quanto se eu tivesse entrevisto uma presença no corredor. Então viro-me rapidamente para a direita e para esquerda, mas o patamar permanece tão incomumente quieto quanto o resto da casa. Ralhando comigo mesmo por estar ficando assustadido, tento virar a chave, mas ela não se move. Viro o trinco e a porta já está aberta. Todos os músculos de meu corpo se contraem, os pelos se eriçam em minha pele e minha mão vai instintivamente para a faca que carrego no cinto. Deixei essa porta trancada, poderia jurar por tudo que me é mais sagrado - sou atento a isso quase ao ponto da obsessão. Nunca, em seis meses, saí e deixei minha porta destrancada - há livros e escritos em meu baú que não seriam vistos com bons olhos por ninguém nesta piedosa casa católica. Como fui ingênuo em não cogitar que alguém na casa deve ter duplicatas das chaves de todos os quartos. Maldizendo em silêncio minha estupidez, empurro a porta para trás devagarinho e em seguida a chuto com força, pulando no umbral com a faca na mão. Mas o aposento está vazio, intocado, exatamente como o deixei, os lençóis dobrados com cuidado, alguns papéis arrumados em duas pilhas separadas em cima da escrivaninha na qual estive trabalhando, as penas, o tinteiro e o canivete espalhados ao lado deles. Por um momento, duvido de mim mesmo; talvez, na minha pressa de ir à casa de Dee esta manhã, eu de fato tenha me esquecido de fechar a porta. Ainda assim, continuo apreensivo. Viro-me devagar, correndo os olhos pelo quarto, pelos detalhes da escassa mobília, vasculhando minha mente para verificar se alguma coisa está fora do lugar, quase esperando algum movimento vindo das sombras. Só ao andar até a escrivaninha é que noto imediatamente que os papéis estão fora de ordem. Quem quer que tenha estado no meu quarto com certeza deixou de levar em conta que sou tão famoso na França por minha memória prodigiosa quanto por minha heresia. Rápido, examino as anotações: não há nada aqui que seja controverso demais, alguns cálculos matemáticos sobre os movimentos da Lua e da Terra e uma série de diagramas medindo como os corpos celestes refletem a luz, mas nada que possa me levar à prisão. Entretanto, os papéis do alto da pilha não são aqueles em que eu estava trabalhando por último. Esse pensamento me leva a verificar a arca de madeira entalhada em que guardo meus livros mais polêmicos. O cadeado que prende seu fecho de ferro está intacto, mas há pequeninos arranhões na poeira em torno que indicam que foi deslocado um pouquinho. Alguém lhe dedicou alguma atenção bem recentemente.

Na extremidade oposta do quarto há outro baú, um tanto maior, no qual guardo minhas roupas. Exala um leve aroma de âmbar quando levanto sua tampa, da bola de porcelana que mantenho ali para espantar as traças. Aqui, também, vejo

provas sutis de interferência. Minhas roupas foram retiradas e recolocadas no lugar, dobradas às pressas. Levanto um gibão de lã fina e o aliso, dobrando-o outra vez com cuidado. Nada parece estar faltando, mas a arca claramente foi revistada. Isso é ainda mais esquisito. Admito que possa haver gente aqui na embaixada - Courcelles, por exemplo - que acha que tem o direito de entrar às escondidas para investigar o que leio e escrevo debaixo de seu teto, mas não posso imaginar nenhuma razão pela qual alguém teria o menor interesse em remexer em minhas roupas. Só quem estivesse procurando algo muito especial se daria ao trabalho de mexer ali.

Pelo menos, penso com certo alívio, enquanto guardo o gibão no baú, levei comigo a bolsa de veludo contendo as prendas de amor de Cecily Ashe.

Esse pensamento me paralisa por um instante. Mas é impossível, claro. Ninguém na casa poderia saber qualquer coisa sobre minha presença no Palácio de Richmond na noite do crime, nem sobre meu contato com Abigail Morley. De pé, bato a poeira da roupa e sacudo a cabeça rapidamente, para afastar essas idéias tolas como se fossem moscas. O encontro com o homem do barco me fez enxergar sombras onde elas não existem, e nem provas concretas tenho de que fui seguido. No entanto, ao sair do quarto e me certificar duas vezes de que tranquei a porta, reflito que não imaginei um intruso em meu quarto, e alguém na embaixada sabe quem era.

O silêncio persiste pela casa toda: é como se tivesse ocorrido o apocalipse enquanto eu estava fora, os outros moradores de Salisbury Court houvessem sido levados e só eu restasse. Não encontro uma alma nem ouço um passo sequer no caminho para o gabinete particular de Castelnau nos fundos da casa, e, quando bato na porta, o único som é o eco de meus dedos na madeira.

Ao empurrar a porta, contudo, vejo uma figura delineada contra a janela. Ela se sobressalta e se vira, alerta, e eu o reconheço como sendo o jovem Throckmorton, o mensageiro. Quando me vê, seu rosto de elfo se endurece, cauteloso.

- Bom dia, Sr. Throckmorton. Meu senhor embaixador saiu? - pergunto, imprimindo um tom despreocupado à minha voz. Vejo-o relancear os olhos por uma fração de segundo para a escrivaninha de Castelnau. Ele faz um leve cumprimento com a cabeça e entrelaça as mãos nas costas.

- As pessoas da casa estão assistindo à missa no momento. Estou esperando que ele volte.

- Ah. Não vai assistir à missa com eles?

- Acabei de chegar - diz e novamente seu olhar se desloca de modo quase inconsciente para a escrivaninha do embaixador. - Não me esperavam hoje, portanto não quis interromper. - Ele sorri, mas parece tenso.

- Achei que já estivesse a caminho de Sheffield - digo. Nossa pressa em entregar as cartas dois dias atrás devia-se, eu acreditava, ao fato de Throckmorton ir para Sheffield na manhã seguinte. - O que aconteceu para retê-lo... alguma preocupação quanto à correspondência, talvez?

- Tive que adiar minha viagem. Circunstâncias imprevistas. Mas sigo em breve.

Ele se mostra cauteloso comigo. Mesmo aqui, na embaixada, é mais sensato não falar abertamente demais. Decido arriscar.

- Por causa das novidades de Mendoza?

- Tem conhecimento disso? - Imediatamente, ele parece desconfiado.

- Eu estava aqui quando ele veio visitar Castelnau ontem. - Simulo uma falta de interesse, pegando uma pena em cima da escrivaninha de Castelnau, revirando-a nos dedos e recolocando-a de volta, o tempo todo sem olhar para ele. - Novidades interessantes. - Olho de soslaio para Throckmorton, que parece aliviado e relaxa visivelmente.

- Sim, de fato - comenta ele. - Com tropas espanholas e dinheiro, temos uma chance verdadeira de sucesso. Não esperava que o rei Filipe concordasse tão depressa.

Portanto, minha especulação estava correta. Throckmorton tem o mesmo brilho nos olhos que observei em Marie de Castelnau quando ela falou sobre a tarefa gloriosa de devolver a Inglaterra ao catolicismo. Seu rosto liso, com olhos claros e afastados, está iluminado com uma excitação de menino diante da perspectiva de um pouco de aventura, seu entusiasmo nitidamente não arrefecido por qualquer experiência pessoal de guerra ou de massacre. Onde foi que um jovem assim, com sua pronúncia educada, seu gibão de lã verde bem cortado e suas caras botas de couro, adquiriu esse gosto para impor sua religião com navios de guerra espanhóis?

- Sua família deve ter sofrido um bocado, então, imagino. - Levanto a tampa de um tinteiro esmaltado e finjo dedicar a ele toda a minha atenção.

- Minha família? - Ele soa confuso. - Por que diz isso?

Viro-me para olhar para ele.

- Imagino que todo inglês que conspira contra sua rainha deve ter razões para nutrir ressentimentos contra os protestantes. Como meu senhor Howard.

Throckmorton inclina a cabeça para um lado.

- Não acha que um homem pode somente querer lutar por suas crenças? Por aquilo que acredita ser a verdade?

Dou de ombros.

- É possível. Mas vingança ou ganhos são motivos mais fortes, pelo que tenho observado.

Por um instante ele me contempla com ar desconfiado.

- Talvez o senhor nunca tenha acreditado em coisa alguma com paixão suficiente para lutar por isso.

Sorrio, não fazendo caso do desdém insinuado. É verdade, eu gostaria de dizer a ele que nunca considere as vidas de pessoas inocentes um preço que valesse a pena pagar por qualquer crença minha, mas preciso sustentar a mentira que criei.

- Acredito, é claro, ou não estaria aqui. Mas fui criado como católico. Só estava curioso para saber o que faz um jovem inglês se virar contra seu país.

Ao ouvir isso, ele parece um tanto envergonhado, e sinto que toquei num ponto sensível.

- Minha família era toda de leais protestantes, Dr. Bruno - diz ele, com um leve tom de desafio. - Meu tio, Sir Nicholas, era um diplomata da rainha Elizabeth na França e na Escócia, onde se tornou amigo de Maria Stuart. Embora não partilhasse da mesma fé, ele apoiava o direito dela à sucessão de Elizabeth e opôs-se publicamente à sua prisão.

Balanço a cabeça, como se estivesse impressionado.

- Depois de Oxford, estudei na França - continua ele - e lá encontrei muitos ingleses exilados favoráveis à causa da rainha Maria. Por intermédio deles, fui apresentado a Madame de Castelnau. - Quem não prestasse muita atenção poderia ter deixado escapar a quase imperceptível suavidade repentina na voz dele. Talvez não seja movido pela vingança, mas por motivos mais sutis. Sinto vontade de sorrir, mas mantenho meu rosto sério e atento. Ele não seria o primeiro homem - ou mulher - a mudar de religião por causa do desejo. Marie deve ter usado seus consideráveis poderes para atraí-lo para o conluio da embaixada.

- Então se converteu à fé católica na França? - Aqueles seminários de Rheims e Paris são o espinho na carne de Walsingham, caldeirões de zelo missionário fervilhando tramas e conspirações aquecidas pela fúria juvenil de estudantes ingleses ávidos por uma rebelião. Primeiro Fowler, agora Throckmorton - ambos nascidos em boas famílias, ambos se recusando a seguir o caminho próspero mas pouco inspirador preparado para eles. Um se torna espião; o outro, traidor, tudo em nome da aventura, do desejo de provar algo a si mesmos. Eu tinha mais ou menos a idade de Throckmorton quando desafiei a Inquisição e fugi de meu mosteiro em Nápoles, portanto não posso negar que a perspectiva do risco não faça o sangue correr mais depressa nas veias.

- Deus, com sua graça, me mostrou o caminho da verdadeira Igreja. - Throckmorton diz isso como se fosse uma frase em outra língua que ele aprendeu a falar com esmero. - Voltei à Inglaterra para prestar qualquer serviço à causa da rainha Maria. Madame de Castelnau me recomendou ao marido. - Mais uma vez, a ligeira mudança de tom quando ele pronuncia o nome dela, o baixar dos olhos, o leve rubor que se espalha.

- Sua família tem noção disso?

- Meu pai e meu tio estão mortos. Gostaria que principalmente meu tio tivesse vivido para ver estes tempos. - A voz fica tristonha. - Ele foi suspeito de envolvimento nos planos do duque de Norfolk para se casar com a rainha Maria em 1569.

- O irmão de Henry Howard? É mesmo? - Esqueço por um instante de disfarçar meu interesse, mas agora que se envolveu com o assunto ele está menos na defensiva.

- Pelo que sei, ele foi o intermediário dos dois por um tempo. Passaram a desconfiar da família inteira por causa disso, mas nunca encontraram nenhuma prova para acusá-lo. Eu tinha 15 anos na época, mas me lembro bem de tudo. - Seu rosto de novo se contrai com a lembrança.

- Trata-se de uma tradição de família, então - sorrio, para deixá-lo à vontade, mas ele mal repara, lançando olhares ansiosos para a porta atrás de mim. - Se Mendoza não me substituir.

- Substituí-lo?

Throckmorton fecha a cara.

- Ele teme que meu rosto se torne conhecido demais por perto do Castelo de Sheffield. Diz que se preocupa que possam me revistar e encontrar a correspondência, por isso está falando em usar um de seus mensageiros. Mas eles não conhecem a região como eu nem sabem como fazer chegar as mensagens às mulheres que servem a rainha.

Ele se empertiga ao pensar na possibilidade e vejo que receia ser privado de seu papel.

- Quem sabe ele quer também manter sua correspondência separada da dos franceses? - sugiro. - Talvez ele não confie nesta embaixada e pense que o senhor é antes de tudo um homem leal a Castelnau?

Outra vez seus olhos se desviam inadvertidamente para a escrivãinha, mas ele os refreia depressa e começa a puxar um fio solto em sua manga.

- É por isso que preciso falar com o embaixador. Existem ressentimentos entre ele e Mendoza, como deve saber, mas isso não pode afetar esses planos. Sou homem da rainha Maria, de mais ninguém.

Maria ou Marie, eu me pergunto.

- Bem, então vou deixá-lo em paz para esperá-lo - digo, dirigindo-me à porta.

- E quanto ao senhor, Dr. Bruno?

- Eu? - a pergunta me faz parar quando estendo a mão para a maçaneta, e sinto as raízes de meu cabelo se eriçarem. Viro-me e dou com os olhos claros dele fixos em mim, indagadores.

- Sim. O senhor é homem de quem?

- Do rei Henrique da França - respondo, do modo mais trivial possível. - Ele é meu protetor enquanto eu morar na Inglaterra, e vou me dedicar à causa que o embaixador dele julgar ser mais benéfica para os interesses da França.

Ele me examina por um momento através dos olhos estreitos.

- Então, para o senhor, é uma questão de política, não de religião? Devolver o trono a Maria, quero dizer?

Sorrio.

- Se existem homens cuja religião está dissociada da política, Throckmorton, eles não se encontram nas embaixadas da Europa. Estão provavelmente numa caverna de algum deserto, rezando e vestidos com peles de animais.

Ele ri ao ouvir isso e se curva num breve cumprimento quando me despeço, esperando ter dissipado qualquer dúvida que ele possa ter alimentado a meu respeito, pelo menos por enquanto. Volto pelo mesmo caminho através dos corredores vazios na direção dos fundos da casa, do pequeno anexo que o antecessor de Castelnau converteu em capela particular da embaixada. A rainha Elizabeth permite a celebração de missas dentro das embaixadas dos países ainda ligados a Roma, mas a participação é estritamente limitada aos funcionários e criados da embaixada e cidadãos estrangeiros batizados na fé católica. Na prática, as capelas das embaixadas ficam cheias de católicos ingleses, amigos dos embaixadores, para quem receber o sacramento em suas próprias casas seria estar sujeito à prisão ou à pena de morte.

Posiciono-me num assento na janela do lado oposto da porta da capela e espero para poder observá-los ao sair. Entre minhas obrigações a Walsingham está ver quem assiste à missa aqui e informar a presença de visitantes inesperados. Um lento murmúrio monótono que vem do interior é apenas audível, as palavras soam indistintas, pontuadas a intervalos pelas respostas abafadas dos praticantes. Uma

mosca zumbe indolente de encontro ao vidro, a luz esverdeada se derrama em linhas oblíquas, iluminando os juncos no chão. Perco a conta de quantos minutos se passam, o entoar de vozes continua, depois cai o silêncio e finalmente a porta se abre e eles saem, cochichando entre si com um alívio meio frenético, como crianças saindo da escola: o mordomo, a governanta, a cozinheira, os demais criados da casa. Em seguida, aqueles sentados mais perto do altar: Courcelles, Archibald Douglas (o que me surpreende, pois não sabia que ele assistia à missa), lorde Henry Howard, naturalmente, e, atrás dele, um rapaz alto com um rosto comprido, eqüino, a testa grande, e depois Castelnau e sua mulher, seguidos por um desconfiado padre espanhol, que anda a passos rápidos, com a cabeça abaixada e as mãos entrelaçadas atrás de si. Embora a missa seja legal para os que moram aqui, todos se comportam como se tivessem sido apanhados praticando alguma imoralidade, com olhares de esguelha para mim e passando ligeiros com os olhos baixos - todos menos Marie, que me dirige um sorriso coquete.

- Ah, Bruno, acho que você perdeu a missa hoje - diz o embaixador, parando com um sorriso de desculpas, como se fosse culpa sua. Courcelles emite um bufo zombeteiro.

- Peço que me desculpe, acabei de chegar - digo, com um breve cumprimento da cabeça. - Throckmorton o espera em seu gabinete, meu senhor.

- Throckmorton? - Castelnau para abruptamente e troca um olhar com Howard. - Por que cargas-d'água?

Só dou de ombros e sacudo a cabeça.

- Ele deve ter algum assunto urgente a discutir, creio.

- Então é melhor eu ir saber qual é. - O embaixador acelera o passo.

Howard se detém para me fulminar com o olhar, dos pés à cabeça, impregnado de seu desdém agora habitual. Encaro-o, porque quero que saiba que nem ele nem sua posição me intimidam. Sinto uma raiva súbita me queimando ao lembrar que esse homem pode ter friamente contratado assassinos para atacar o Dr. Dee e seu criado na estrada de Oxford, e imagino esse homem debruçado sobre o livro roubado à luz de uma vela, obcecado com a busca da imortalidade. Mas isso, também, é somente especulação, e recomponho a expressão do meu rosto. Howard afasta o olhar e minha atenção se volta para o jovem que o acompanha. Parece ter uns 20 e poucos anos, está ricamente vestido, com um gibão de veludo e uma grande gola de rufos engomados como qualquer outro cortesão de sua idade. No entanto, há alguma coisa inesperadamente familiar em seu rosto, com o bigode fino que parece ter sido pintado com um pincel delicado.

- Já nos conhecemos? - pergunto, quando ele se vira e me fita com seus

olhos escuros. Parece surpreso por ser assim tão diretamente interpelado. Atrás dele, Howard respira fundo com a minha quebra da etiqueta. A hesitação do rapaz é tão leve que quase não se nota, exceto por ele morder o lábio e os olhos se desviarem dos meus pelo tempo de uma piscadela.

- Acho que não tivemos o prazer de sermos apresentados - retruca ele. A voz soa branda e cortês.

- Meu sobrinho Philip Howard, conde de Arundel - anuncia Howard, brusco. E, com um gesto na minha direção: - Este é o hóspede do embaixador, Giordano Bruno, o napolitano.

Ele diz "hóspede" como se me apresentasse como a meretriz de Castelnau. O rapaz me cumprimenta com a cabeça e dá um sorriso inexpressivo, e é então que o reconheço: ele era um dos dois jovens cortesãos que esbarraram em mim e Abigail ontem na Holbein Gate. Não o que me chamou de espanhol filho de uma puta, mas o amigo alto que o impediu de voltar e acrescentar uma agressão ao seu insulto. Estou certo de que o jovem conde também me reconheceu. Talvez finja que não por constrangimento pela atitude do amigo. Os ingleses adoram ofender os estrangeiros na rua, como aprendi mais vezes do que sou capaz de contar desde que cheguei, mas aqui, como convidado de uma embaixada estrangeira, talvez ele prefira não estar associado a tais fanfarronices. Apenas o cumprimento, sem dizer nada.

- Ah, Bruno, quase esqueci - diz Castelnau, voltando ao chegar ao fim do corredor. - Amanhã vai haver um grande concerto no Palácio de Whitehall, com música nova de Mestre Byrd cantada pelo coro da Real Capela. Sua Majestade a rainha Elizabeth muito bondosamente convidou todos os embaixadores dos países da Europa católica, talvez para demonstrar que, enquanto mantém um católico tão proeminente em sua corte como Mestre de Música, não pode ser vista como inimiga da fé.

Ele sorri. Howard resmunga seu desdém.

- Seja como for - continua Castelnau, abanando a mão para mostrar que está com pressa -, Marie e eu gostaríamos que nos acompanhasse. Fui omissos em não apresentá-lo à corte mais cedo.

Abro a boca para lhe agradecer mas ele já se pôs a caminho a fim de encontrar Throckmorton. Encosto-me na parede. Ser oficialmente apresentado à corte de Elizabeth, talvez até à própria rainha... O que isso poderia significar para mim? No final, reflito, não sou diferente de nenhum dos jovens cortesãos que Fowler descreveu, perambulando por lá na vã esperança de que aquela fonte de todas as proteções e benefícios dirija os feixes de luz de seus favores na minha direção. Mas existe também a possibilidade de fazer contato com Abigail, avisá-la do que Dee

encontrou em seu frasco de perfume, insistir outra vez para que conte qualquer outra coisa de que se lembre. A chave desse mistério está no âmago da corte de Elizabeth, em seus mais íntimos aposentos, e agora tenho a chance de no mínimo dar um passo para chegar mais perto desse santuário interior.

Capítulo 7

Palácio Whitehall, Londres,

30 de setembro do ano do Senhor de 1583

HÁ LUZES ACESAS DE CADA lado da escada embora ainda não seja o crepúsculo, o sol poente desce a oeste sobre a cidade, espalhando na água uma luminosidade cor de âmbar. Marie pisa com leveza dentro do barco, um manto branco curto de pele em volta dos ombros por cima do vestido de noite de seda verde-pavão, a mão pousando de leve no braço do marido ao saltar do último degrau para a embarcação. Seu riso claro ressoa quando ela quase perde o equilíbrio e agarra a mão de um dos remadores para se aprumar. Parece atordoada hoje, fervilhante de bom humor, animada com a perspectiva de uma noite na corte. Nada surpreendente, penso: é uma mulher bonita, com o rubor da juventude ainda na pele, que mais do que tudo gosta de ser admirada, e há pouca oportunidade para isso em Salisbury Court. Não admira que sinta a necessidade de exercitar seus encantos em mim e em Courcelles. O secretário do embaixador desce e vem sentar a meu lado, observando Castelnau e a mulher se instalarem na barcaça da embaixada para o percurso rio acima até Whitehall. Está vestido com um traje sofisticado vermelho-escuro e a brisa noturna com apenas um indício do frio outonal afasta seu cabelo louro e fino do rosto, e reparo novamente quão excepcionalmente bonito ele é, embora eu ache que há algo de feminino demais em sua boca carnuda, seu queixo quase imberbe, os lacônicos lábios em ponta. Olha de lado para mim e depois volta a observar o rio.

- É bom ver você fazer um esforço para se vestir para a ocasião, Bruno - murmura ele.

Estou vestido com um gibão bem cortado e calções de fina lã negra, como em qualquer outra noite.

- Minha experiência diz que não é prudente competir com as damas em ocasiões assim - retruco em tom agradável, juntando as mãos atrás das costas e contemplando o tráfego fluvial. - Elas não apreciam.

Gaivotas gritam e volteiam, voando graciosas por cima do rio para a margem distante, enquanto as ondas lambem suavemente a base dos degraus do desembarcadouro. Courcelles baixa os olhos para sua roupa, de repente inseguro.

- Bruno, Courcelles, entrem no barco, pelo amor de Deus! - chama

Castelnau, batendo palmas. - Não podemos chegar atrasados!

Instalo-me diante de Marie, que sorri e se inclina para a frente. Ao fazer isso, meus olhos são novamente atraídos pelo broche de pedras preso em seu corpete. A forma me parece estranhamente familiar, e, concentrando-me no seu desenho em vez de no brilho inconstante dos diamantes, reparo que é um pássaro com o bico curvado, saindo do ninho com as asas abertas. Leva um momento até eu perceber onde vi aquela figura antes, e quase deixo escapar um grito: o desenho é idêntico ao do emblema gravado no anel de sinete dado a Cecily Ashe por seu amante misterioso. Instintivamente, minha mão se move para meu peito, onde carrego o anel em um bolso dentro de meu gibão, para o caso de meu quarto ser revistado outra vez.

- Está vendo algo que o interessa, Bruno? - pergunta Marie docemente. Levanto depressa os olhos e encontro a expressão brejeira no rosto dela, dando-me conta de que estive vergonhosamente fitando o broche, que ela prendeu num dos lados do corpete, onde os lisos e brancos hemisférios de seus seios se salientam, imperdíveis, por cima do decote baixo. Ela me lança um olhar de repreensão fingida, como se eu fosse um estudante travesso, e sinto a onda quente de sangue em minhas faces. Um olhar rápido para o embaixador me garante que ele não viu nada. Castelnau está ocupado resumindo nos mínimos detalhes os arranjos para nossa viagem de volta com Courcelles, cujo olhar penetrante me revela que ele, pelo menos, presta atenção também em nossa conversa.

- Seu broche - digo apressadamente, apontando, o que só faz com que me sinta ainda mais desajeitado.

- Ah. Lindo, não é? - diz ela, com a mesma voz sedosa. - É muito especial para mim. Foi um presente do duque de Guise quando deixei Paris. - Ela o toca de leve e deixa seus dedos deslizarem, quase distraída, pelo decote. Deixo meus olhos acompanharem a mão dela e pousarem juntos naquela clara extensão de pele, a linha delicada de sua clavícula e a meia-lua de sombras que mergulha entre seus seios. Enfim, forço os olhos para cima e dou com os dela fixos atentamente em mim.

- E mesmo? Perdoe-me - ouço um pequeno tremor na minha voz e o maldigo -, é que pensei reconhecer o desenho.

- A fênix? - E inclina um pouco o broche, curvando a cabeça para ele. - Você deve tê-lo visto na França: é o emblema de Marie de Guise, a tia do duque. Ele herdou o broche quando ela morreu.

- A tia do duque? Portanto... a mãe de Maria Stuart?

- Claro. A fênix era o símbolo pessoal dela. Porque ela própria ressurgiu das

cinzas muitas vezes. Os infortúnios não a aniquilavam. Ouvi dizer que Maria Stuart também adotou esse símbolo, para simbolizar sua futura passagem de prisioneira a rainha. Que em breve se dará, se Deus quiser.

Ela sorri, deliberadamente provocante, mostrando seus belos dentes brancos. Murmuro minha concordância, mas minha mente está acelerada. Não há dúvida de que aquele pássaro é idêntico ao símbolo do anel. A fênix - o que tomei como galhos de um ninho eram, na verdade, as chamas em torno da ave enquanto levantava as asas largas em triunfo. À medida que os remos entram em um ritmo constante e o vento sobre o rio esfria quando seguimos para o meio da correnteza, desvio minha atenção de Marie e fixo os olhos vagos na margem sul, deixando minha mente evocar a imagem das letras em torno do emblema da fênix no anel de sinete. *Sa Virtù M'Atire*. Não tenho dificuldade para fazer isso - meu sistema de memória baseia-se em técnicas de visualização - e, ao lembrar as letras, faço um esforço para não dar um grito nem bater em mim mesmo por causa da minha estupidez, pois de repente o que era obscuro surge com clareza tão ofuscante quanto o sol, suspenso acima de nós no céu violeta. Não é um código, é um anagrama. As letras rodopiam e se reordenam em minha cabeça tão facilmente que até uma criança poderia ter resolvido a charada: *Sa Virtù M'Atire* torna-se, de modo quase perfeito, Marie Stuart.

Mordo os nós dos dedos e me curvo para a frente por cima dos joelhos para que meu corpo não denuncie minha agitação, pois junto com essa compreensão vem outra, mais arrepiante: o anel dado a Cecily Ashe era mais do que um presente de namorado. Deve ter sido um penhor, o reconhecimento de uma ligação explícita com Maria, rainha da Escócia, ou com seus partidários. Sendo assim, o veneno no vidro de perfume também foi dado em nome de Maria? Então só se pode deduzir que Cecily estava de alguma forma envolvida nas tramas contra Elizabeth em nome de Maria Stuart, e, até onde sei, esses complôs todos giram em torno da embaixada francesa e daqueles que se reúnem em sua capela e sua sala de jantar. Desvio o rosto do vento e volto a olhar para Marie, como se a enxergasse direito pela primeira vez.

- Algo errado, Bruno? - pergunta ela, movendo-se para pousar a mão em meu braço com suavidade. - Você parece aflito. Foi alguma coisa que eu disse?

- Não, não, obrigado. - Retiro o braço com delicadeza, vendo que Castelnau levantou a cabeça e notou o gesto dela. - Não fui feito para viajar pela água, só isso. Basta eu pisar num barco que meu estômago dá voltas.

- O que deve ser muito incômodo para você, com todas as suas viagens pelo rio - observa Courcelles secamente.

Viro depressa a cabeça para ele.

- O que quer dizer com isso?

- Nada - ele sacode a cabeça depressa, como se não devesse ter falado. - É que você tem estado muito fora de casa nos últimos dias. E parece que vai para todo lado de barco, só isso. Não sei como seu bolso agüenta a despesa.

- Tenho cartas de apresentação para colecionadores de livros em Londres para continuar meu trabalho pessoal - digo, encolhendo os ombros. - O rio é o caminho mais rápido por aqui, afinal de contas, e prefiro me deslocar à minha própria custa, em vez de pedir para usar os cavalos de seu patrão. Para isso, procuro esquecer que não tenho estômago de marinheiro. Isso o incomoda?

Ele sacode outra vez a cabeça e cala a boca, e paro de pressioná-lo. Entretanto, a pequena farpa que não conseguiu conter o entregou. Como ele sabe, e por que se importaria, para onde vou e como me locomovo? Seria ele o homem no outro barco? Teria sido instruído a me seguir até Mortlake por aqueles na embaixada que duvidam da minha lealdade? Mas isso é impossível, claro - ele estava na missa ontem com a família do embaixador quando cheguei da casa de Dee, depois de ser seguido pelo estranho que desembarcou em Putney. Ainda assim, vejo que Courcelles está interessado em saber aonde vou. Olho discretamente para ele e sinto um pequeno arrepio de aversão. Preciso ser menos confiante e pensar que meus movimentos podem estar sendo observados aqui.

Castelnau nos distrai com comentários sobre as belas casas pelas quais passamos, cujos jardins descem até o rio atrás de muros altos, e conta detalhes sobre seus ocupantes. Aqueles telhados pertencem à Somerset House, onde a rainha morou quando princesa, antes de sua ascensão ao trono, e agora é uma residência temporária para diplomatas estrangeiros. Acolá podem ver a grande torre da casa da guarda do Hospital Savoy, que o pai da rainha fundou para atender os pobres, as escadarias do embarcadouro levando ao magnífico parque de York Place, que foi a residência do grande cardeal Wolsey, mas requisitada pelo pai da rainha para ser presenteada à sua - aqui Castelnau se contém, lembrando sua obrigação profissional, e omite a palavra amante - segunda mulher, ele continua, a mãe da rainha, Ana Bolena. Courcelles parece visivelmente entediado com o passeio guiado, mas, para Marie e eu, que não estamos em Londres há tanto tempo para já ter escutado as histórias escritas em suas pedras, o arquivo de detalhes do embaixador é fascinante. Os muros de tijolos cobertos de musgo e as florestas de chaminés parecem adquirir cor e vida quando ele fala das histórias passadas nos salões e nas galerias lá dentro. Marie parece especialmente tocada pelo destino de Ana Bolena.

- E pensar - diz ela, para ninguém em especial, com um gesto para os muros de York Place, quando os esforços dos remadores nos levam a contornar a curva do

rio e a casa vai saindo de vista - que o rei amou durante tantos anos e lutou para fazer dela sua rainha, e Ana esperou por ele, olhando por essas mesmas janelas. E todos se opunham ao casamento, mas eles não podiam negar a força de seu amor. Ele desfez seu reino por aquela mulher. É tão romântico. Não acha?

Ela se vira e dirige a pergunta a mim, com grandes olhos inocentes e lábios suavemente entreabertos. Noto como isso parece aborrecer Courcelles. É parte do jogo dela, calculo, jogar um de nós contra o outro, para despertar rivalidade. Deve fazer o mesmo com Throckmorton, quando ele está presente, e com outros homens também, sem dúvida. Parece que ela não percebeu que não concordei em participar.

- E assim que a teve, começou a arquitetar maneiras de lhe cortar a cabeça - digo, sorrindo. - O desejo realizado muito depressa se azeda.

- Essa é uma visão bastante cética do amor, Bruno - Marie ralha comigo.

- E baseada em observação. Como todas as minhas hipóteses.

- Olhem, lá está o palácio - interrompe Courcelles, e nos viramos para olhar os muros baixos de tijolos vermelhos das construções anexas darem lugar a fortificações mais altas de pedra clara e, logo adiante, uma estrutura se projetando sobre a água e em torno da qual há lanternas penduradas.

Castelnau levanta a mão pedindo silêncio e deixa seu olhar correr lentamente por nós, de modo que todos tenhamos oportunidade de reparar na expressão grave de seu rosto.

- Não conversaremos nem uma só vez esta noite com Henry Howard e seu grupo, apenas lhes dirigiremos um cumprimento polido - adverte ele, abaixando a voz. - A corte inglesa, e sobretudo Sua Majestade, não deve ter nenhuma razão para suspeitar de que mantemos relações especiais com ele. Está claro? - Embora ele diga "nós", dá a impressão de estar se dirigindo principalmente à mulher. Assentimos balançando a cabeça, respeitosos.

- Atrique na Privy Bridge - ordena Castelnau aos remadores, e Marie começa a alisar as saias e a arrumar seu manto, ansiosa.

A Privy Bridge é menos uma ponte e mais uma espécie de píer ou molhe, suspenso em estacas de madeira e equipado com uma passarela coberta que se assemelha a uma casa pequena, de modo que os membros da realeza possam evitar as intempéries quando se encaminham para a barcaça. Esta noite, as paredes da construção estão enfeitadas com estandartes em vermelho e dourado, bordados com as armas da rainha, o leão e o dragão rampantes, e ondulam à brisa. No final da ponte, um lance de degraus leva a um patamar, e ali dois homens com a libré da rainha estão esperando para ajudar os visitantes a desembarcar. Castelnau ajuda Marie a sair do barco e a segue; Courcelles e eu saímos atrás deles, e paro um

minuto na escada, olhando para o muro do palácio à frente. Esta vai ser minha primeira apresentação à corte inglesa, talvez até mesmo à própria Elizabeth, e sou tomado por uma estranha apreensão.

Somos conduzidos por um corredor e através de um largo pátio pavimentado, rodeado pelos quatro lados de imponentes construções de tijolos vermelhos, com balaustradas guarnecidas de ameias em cima e janelas altas com parapeito contornadas de pedra branca cor de pérola. Na entrada de todas as portas e em meio às sombras não se podia deixar de notar a quantidade de rapazes altos, armados e vestidos de tabardos nas cores reais.

- Elizabeth está ficando temerosa - observa Courcelles em voz baixa, apontando com um gesto da cabeça para um dos homens de rosto de granito. - Não costuma haver tantos membros da guarda do palácio à mostra.

- Talvez ela tenha razões - digo, e ele solta uma risada desagradável.

Pela grande abertura da porta do Grande Salão derrama-se uma balbúrdia de música e conversas, junto com ondas de algum óleo perfumado que está sendo queimado para aromatizar o ar. No limiar da entrada, Castelnau se vira e aponta um dos dedos para meu rosto, tão subitamente que quase tropeço nele.

- E nada de confusões, Bruno. - Ele sorri, mas o aviso é para valer.

Compreendo-o. Estou aqui a convite dele e isto não é pouca coisa. Tenho uma reputação na Europa de provocar controvérsias, mas esta noite estou representando a embaixada francesa e, por extensão, o próprio rei Henrique. Preciso me comportar mansamente em qualquer ocasião, mas, nas atuais circunstâncias, é vital que a rainha Elizabeth continue a ver com bons olhos o rei Henrique de França e seu embaixador. Do ponto de vista de Castelnau, o relacionamento deles pode ser a única coisa que se ergue entre a Inglaterra e a guerra. Courcelles dá um sorriso malicioso, mas eu apenas balanço a cabeça concordando, obediente. Castelnau, satisfeito, vira-se, ajeita seu gibão e se prepara para sua entrada. Quando ele adentra o recinto, Marie vira-se para mim e pisca o olho.

Mas o esplendor do espetáculo diante de nós afasta de minha mente todos os outros pensamentos. O salão se curva em arcos acima de nossas cabeças, a porção superior de suas paredes toda iluminada pelas altas janelas pontiagudas de vitrais, atraindo o olhar para cima, para a amplitude em madeira escura do grande teto de vigas em tesoura treliçadas, com seus ornatos elaboradamente esculpidos e os tímpanos dourados. De cada uma das escoras do teto pende um estandarte bordado com alguma insígnia real em dourados, carmesins, azul-celeste. As partes inferiores das compridas paredes, nos pontos onde posso vê-las através da aglomeração de pessoas, são decoradas com tapeçarias flamengas primorosamente detalhadas reproduzindo cenas do Antigo Testamento, orladas de seda adamascada dourada.

Cortesãos em sedas e veludos de todos os matizes reúnem-se em grupos ou se misturam pela sala, lançando olhares uns para os outros e desfilando sua elegância. Os homens usam calções bufantes até o joelho com meias de seda branca para exibir suas panturrilhas, gibões com mangas tendidas para revelar os forros coloridos como jóias e grandes golas de rufos de renda engomada, que lhes dão a aparência de pássaros abrindo as penas para se exibir nos rituais de acasalamento, com punhos combinando. Sobre um dos ombros, eles prendem capas curtas drapeadas de veludo com broches de ouro ou de jade, e, ao se inclinarem para conversar, as longas plumas de pavão de suas boinas balançam, ondulam, às vezes se emaranham umas com as outras. Alguns carregam nos cintos bolas de prata contendo materiais perfumados, e o ar está pesado de perfumes de especiarias. Todos, sem exceção, trazem espadas ornamentais, que lhes batem nas coxas dentro de bainhas decoradas com requinte. Surpreende-me que uma rainha que vive sob permanente ameaça de assassinato tolere que seus cortesãos venham armados à sua presença, mas talvez ela não ouse separar um cavaleiro de sua arma. Sidney me contou certa vez que ela proibiu o duelo entre os cavaleiros da corte, sob pena da perda da mão direita. A dificuldade de usar esses trajes obriga os cortesãos a andar com as pernas ligeiramente abertas, com uma gabolice exagerada. Há algo de cômico em seu pavoneio e nas olhadelas ansiosas que lançam para um lado e para outro a fim de se certificar de que estão sendo notados. Só posso imaginar como seriam se houvesse mais mulheres presentes.

Um grupo de músicos toca delicadas composições de cordas numa alcova abobadada, ao lado de uma grande janela que vai do chão ao teto. O efeito é magnífico quando o sol entra enviesado pelas vidraças ornadas com desenhos, iluminando as cabeças e os ombros dos músicos antes de pintar sua colorida geometria no chão coberto de junco. A cabeça de Marie gira da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, com olhos brilhantes como os de uma criança no carnaval, e sorrio intimamente. Este é decerto o melhor lugar para se estar quando se é uma mulher jovem em busca de admiradores. Há uma notável fartura de rapazes no salão. Dizem que a rainha não gosta de ter que competir pela atenção de seus cortesãos - menos ainda à medida que envelhece e assim eles são incentivados a deixar suas mulheres em casa. Sem dúvida as poucas presentes são mais velhas, de idade mais próxima à da rainha, apertadas em corpetes justos por cima das amplas saias de anquinhas, os rostos rígidos de tanta pintura. Marie já atrai olhares enquanto avançamos devagar em meio à aglomeração. Apesar de segurar com firmeza o braço do marido, reparo que ela sorri para si mesma e não abaixa os olhos como deveria quando se vê objeto do olhar sôfrego de algum cavaleiro.

Estendo o pescoço e esquadrinho as multidões procurando rostos conhecidos, mas não há sinal de Abigail. Na extremidade oposta do salão, perto dos músicos,

assentos foram dispostos numa plataforma diante da parede apainelada, com um trono dourado no centro. Suponho que a rainha e seus acompanhantes farão uma entrada triunfal antes que o concerto propriamente dito comece, e as damas de honra virão atrás dela. A probabilidade de que eu possa falar com Abigail é decerto pequena - a etiqueta da corte exige que eu fique perto de Castelnau e aguarde uma apresentação -, mas talvez eu consiga fazer chegar a ela uma mensagem solicitando um novo encontro. Ainda desconfio de que essa moça está escondendo algo, e minha recente descoberta sobre o anel torna mais urgente a necessidade de convencer Abigail a me confiar quaisquer outros segredos. Além disso, desde o inesperado comentário dela sobre encontrar um futuro amante, fiquei interessado na possibilidade de vê-la outra vez. Às vezes dou por mim especulando se ela teria dito isso pensando em mim, embora em outros momentos eu me dê conta de que estou sendo ridículo. Seja como for, não consigo reprimir um arrepio de excitação ao correr os olhos pela turba cintilante em busca de um possível vislumbre de uma cabeleira vermelho-dourada. Neste momento, o emaranhado de pessoas à nossa frente se abre e avisto uma perigosa confederação: Henry Howard e seu sobrinho Philip, conde de Arundel, conversando com dom Bernardino de Mendoza e Archibald Douglas, que quase não reconheço. Ele deve ter se barbeado e cortado o cabelo para a ocasião e parece extraordinariamente mais limpo do que da última vez que o vi. Castelnau cumprimenta com um aceno. Howard responde com um breve movimento da cabeça e vira-se para dizer algo a Mendoza, que sussurra em resposta, ainda fitando nosso grupo. Por cima da cabeça de Marie, Castelnau e eu nos entreolhamos rapidamente, e há medo nos olhos dele.

Mas ele prossegue na direção do estrado, desejoso de nos assegurar uma posição vantajosa perto de onde a rainha vai sentar, a melhor para chamar a atenção dela. Enquanto o acompanho através do aperto de gente, para minha alegria avisto Sidney parado junto de seu tio, o conde de Leicester, ambos mais altos que a maioria. O cabelo de Sidney está mais loucamente espetado do que de costume, como se ele tivesse acabado de passar por um vento forte. Tento encontrar seu olhar quando ele o faz percorrer o salão. Quando por fim me vê, ele sorri calorosamente, mas não faz qualquer movimento na minha direção, e relembro com uma pontada de decepção que aqui, em público, sobretudo debaixo do nariz de Castelnau e com Courcelles me espionando como um gato, preciso manter uma distância cautelosa dos que estão mais próximos de Elizabeth. O conde de Leicester é de uma imponência aristocrática, vestido num gibão ricamente bordado de veludo cor de ameixa. Ele mantém os braços dobrados com firmeza sobre o peito, o rosto de malares altos e lábios finos numa expressão séria, os olhos vivos e atentos. Daí a pouco, ele se inclina para Sidney e diz algo que faz ambos rirem. Desvio o rosto, reprimindo o pesar de não poder me aproximar de meu amigo. Ocorre-me que, de

todos os meus conhecimentos na Inglaterra, quase não há ninguém com quem eu possa falar abertamente. Nessa grande reunião de homens exageradamente vestidos, sinto-me de repente isolado e cansado de representar um papel.

Esses pensamentos, porém, se dissipam quando os músicos param de tocar sua canção e, no silêncio que se segue, ergue-se a nota clara de oito trompas soando juntas. Como se obedecesse a uma ordem muda, a multidão recua para os dois lados a fim de criar um caminho livre da entrada principal até as cadeiras elevadas do outro lado do aposento, e vejo que um tapete foi colocado no centro do salão. Castelnau nos desembaraça de tal modo da multidão que estamos colocados na frente, acomodando Marie na primeira fila. Um silêncio toma conta do salão antes que as trompas soem seu aviso mais uma vez, e as portas duplas são abertas. Os cortesãos caem de joelhos todos ao mesmo tempo, e, com um olhar rápido para cima, vejo as saias brancas de uma moça que espalha pétalas de rosa sobre os dois lados do tapete enquanto caminha devagar pelo corredor formado pelos convidados ajoelhados. Levantando a cabeça até onde me atrevo, volto minha atenção para além dessa moça e ponho os olhos, pela primeira vez, na rainha da Inglaterra. Mesmo antes de chegar em seu reino, carreguei a imagem de Elizabeth Tudor em minha mente como um símbolo de possibilidade. A monarca protestante que ousou desafiar três papas sucessivos durante os 25 anos de seu reinado. É uma presunção tola, eu sei, mas sempre acreditei que, se conseguisse encontrar um jeito de fazê-la escutar ou ler minhas palavras, ela sentiria certa afinidade instintiva comigo. Como eu, ela foi excomungada por heresia e declarada inimiga da Igreja por suas idéias. O Santo Ofício a quer morta, assim como a mim. Apesar dos esforços de seus conselheiros mais sensatos, como Walsingham e Burghley, ela incentiva homens como John Dee e demonstra um vivo interesse em suas atividades esotéricas. Se existe um soberano para ser o protetor de um filósofo herético com pontos de vista pouco ortodoxos e provocadores, decerto é essa mulher de mente aberta, francamente intelectual, que, por trás dos sorrisos generosos que distribui agora a seus cortesãos adúladores, deve ter uma vontade de ferro para ter governado tanto tempo sozinha num mundo de homens.

Elizabeth Tudor tem um andar imponente, o porte ereto e os movimentos surpreendentemente graciosos, considerando-se sua idade e o peso evidente de seu vestido enfeitado, com saias espessas de brocado em ouro e escarlata, o corpete também escarlata todo bordado com pequeninas granadas e pérolas. No pescoço, usa uma pequena gola de rufos de renda engomada e traz uma outra gola dura, esta uma delicada estrutura de arame e renda mais fina, que se eleva atrás de sua cabeça. Três longos colares de pérolas estão presos de cada lado e pendem em fieiras à frente de seu corpo. O penteado de seu cabelo vermelho-escuro é uma obra extraordinária, arrumado todo no alto da cabeça e preso em forma de laçadas, de tal

modo que ela precisa conservar o pescoço quase imóvel para manter o equilíbrio. Desconfio de que seja uma peruca. Sua postura inteira é um exercício de régio controle. Por trás da camada branca de cosmético à base de alvaiade que lhe cobre o rosto, sua expressão é inescrutável, os olhos, lábios e sobrancelhas pintados como uma máscara. Não é bonita, mas em seu rosto há um refinamento que vai além da beleza, um ar de determinação e autodomínio que faz a beleza parecer trivial. Ela traz nas mãos um leque de longas plumas vermelhas e cabo de madrepérula, e se movimenta, assim como suas damas, em meio a uma nuvem fina de pó perfumado. Por um ridículo instante, dou por mim esperando que olhe para a esquerda e me veja, mas ela continua caminhando sem pressa na direção das cadeiras, sorrindo para a multidão ajoelhada, mas sempre mantendo aquela compostura interiorizada. À medida que passam atrás dela, vejo as damas de honra, todas em vestidos compridos de seda branca, seguindo impecavelmente os passos da rainha enquanto seus olhos se perdem, febris, pelo salão todo, pousando aqui e ali nos rapazes e depois se desviando depressa com recato. Atrás das damas vêm as acompanhantes mais velhas, as sete damas camaristas, entre elas Lady Seaton, que por acaso olha de relance para baixo quando levanto o olhar. Nossos olhos se encontram e ela franze a testa com uma expressão que creio ser de curiosidade, então volta a olhar para a frente, recompondo o rosto com seu ar habitual ligeiramente carrancudo.

Só depois que a rainha subiu na plataforma e sentou-se no trono com suas damas reunidas em torno dela é que noto que Abigail não está entre as mulheres e imediatamente sinto meu peito se apertar.

Walsingham, Burghley e outros homens de ar grave, barba prateada e vestidos de preto - os estadistas do Conselho Real, suponho - assumem suas posições nos lados da plataforma, mãos entrelaçadas nas costas como se estivessem a serviço. Se Walsingham notou minha presença, não demonstra.

Elizabeth faz um gesto ordenando que seus súditos se levanten, o que eles fazem com graus variados de rigidez, e, quando cessa o farfalhar, ela estende uma das mãos.

- Meus senhores, damas e cavalheiros - começa ela, numa voz clara, de timbre baixo para uma mulher mas cuidadosamente moderada, acostumada a discursos públicos. - Convidei-os para vir apreciar algumas composições novas de Mestre Byrd, cantadas pelos coristas de nossa Real Capela. A beleza da música, tanto a sacra quanto a profana, transcende todos os limites de raça e de religião, e é para todos. - Com isso, ela faz um gesto com a cabeça e as portas principais do salão se abrem mais uma vez.

- Ela diz isso para acalmar os puritanos - cochicha Courcelles. - Há muitos deles no Conselho que acham a música polifônica um dos piores pecados de Roma.

Balanço a cabeça, mas minha atenção agora concentra-se no homem que vem pelo corredor central em direção à plataforma. Baixo, com o cabelo castanho penteado para trás mostrando a testa e com a barba bem aparada, só seus olhos vivazes traem uma incansável energia quando ele conduz o coro - formado por 30 homens e 12 meninos - para a alcova diante da grande janela onde os músicos estavam tocando. Esse William Byrd é vigiado dia e noite pelos agentes de Walsingham. Ele não faz segredo de sua fé católica, e sua posição de Cavalheiro da Real Capela é apenas uma proteção temporária. Mas o fato de que Elizabeth não só desconsidera sua desobediência religiosa como continua a exaltá-lo publicamente é interpretado por alguns como um sinal de ambigüidade em sua própria fé, ou meramente como um indício de que ela não é influenciável e não vai admitir ser importunada por extremistas de nenhuma facção.

Um silêncio expectante paira sobre a corte enquanto Byrd espera que seus cantores se organizem em filas. Quando fica satisfeito, levanta as mãos e para com os braços completamente esticados, tensos como uma corda de arco. A platéia prende a respiração e, pelo breve instante de um batimento cardíaco, todos parecemos suspensos no tempo, entre um momento e o seguinte. Então Byrd baixa as mãos num movimento circular e uma nota irrompe do menor dos meninos, pura e clara como um canto de pássaro, sua doçura ecoando pelas vigas do teto. Mal emitiu sua nota e outras vozes se juntam à dele, as notas graves mantendo-se firmes e melancólicas sob a música elevada, líquida, das vozes dos meninos. A canção é uma prece para a rainha, embora as palavras deslizem através das melodias como água jorrando numa fonte de vidro. O efeito é tão belo, tão espiritual, que os fios de cabelo da minha nuca se arrepiam e se eriçam. Lanço um olhar rápido para o lado e a expressão de Marie me pega de surpresa: a cabeça dela está inclinada para trás, os olhos fechados, os lábios suavemente entreabertos como se deixasse que a música a arrebatasse. Vendo-a tão aparentemente enlevada, revejo minha opinião a seu respeito. Achava-a superficial demais para se comover com a beleza, a menos que fosse com o próprio reflexo ao espelho. Talvez a tenha julgado com rigor excessivo. Então preciso desviar o olhar, pois há algo tão provocante na curva de sua garganta exposta, na umidade de sua boca entreaberta, suas pálpebras claras, que sinto uma repentina onda de desejo rebelar-se contra minha vontade e meu bom senso. Não posso me permitir ter tais pensamentos sobre a mulher de meu anfitrião. Procurando uma distração, deixo meu olhar vagar outra vez pelo salão, observando os rostos, a variedade de reações, da imersão ao tédio sem disfarces. De repente, pelo canto do olho, percebo uma agitação perto da plataforma. Ficando nas pontas dos pés, estou próximo o bastante para ver que um dos homens da Guarda do Palácio, evidentemente com certa urgência, aproximou-se de lorde Burghley e está cochichando, frenético, em sua orelha. Recuando pouco a pouco, posiciono-me entre

Courcelles e Castelnau para ter uma visão melhor de Burghley entre as cabeças da platéia. O rosto dele perdeu a cor, e percebo quando ele olha em torno e faz um gesto para Walsingham, um pequeno e rígido movimento com a mão. O ministro pede licença e esgueira-se entre seus companheiros de ambos os lados para ir ao encontro de Burghley, que o puxa para perto de si para uma confabulação sussurrada. Por fim Walsingham levanta a cabeça, seus olhos esquadrinham a multidão por um instante e, assim que capto a gélida expressão em seu rosto, sinto um nó súbito no estômago, a certeza do horror.

A essa altura, diversas pessoas se viram para ver qual é a fonte da perturbação, enquanto as vozes flautadas dos cantores ainda sobem até o teto. A própria Elizabeth percebeu e inclina-se para a frente, as mãos pousadas nos braços de seu trono, para ver quem se atreve a interromper o concerto, com um olhar de irritação que rapidamente se transforma em preocupação ao ver seus dois conselheiros mais importantes conversando com o soldado. Walsingham ergue uma das mãos para ela, um gesto que diz: *Não se preocupe, temos tudo sob controle*. Mas o rosto dele está contraído de ansiedade, e agora ele se põe nas pontas do pés esquadrinhando a multidão outra vez, como se esperasse encontrar alguém em especial. Então inclina-se para o soldado, cochicha instruções apressadas e os três - Burghley, Walsingham e o guarda - saem por uma porta lateral.

Tento me concentrar na música, mas o sangue está martelando em minhas têmporas: o guarda do palácio, seu olhar aflito; Burghley e Walsingham e a expressão tensa de seus rostos. Algo terrível aconteceu, tenho certeza, e por mais que tente refrear minhas piores idéias, minha mente volta seguidamente à ausência de Abigail entre as damas da rainha e a suspeita de que alguém estava espionando nossa conversa na Holbein Gate. Mas não posso abandonar o concerto e ir atrás de Walsingham. Não sou ninguém aqui, apenas um hóspede insignificante do embaixador francês. Não cabe a mim fazer perguntas. O coro continua sua canção etérea. Há uma movimentação na outra ponta da sala, no lado oposto da plataforma, mas, quando estico o pescoço para ver, constato que são apenas criados trazendo velas, que encaixam nos candelabros de parede entre as tapeçarias, pois começa a escurecer. Então reparo que, atrás deles, homens armados colocaram-se discretamente de cada lado das portas principais, e a cantoria ainda assim continua. As palmas de minhas mãos transpiram muito. Enxugo-as em meus calções e fixo a atenção no coro, mas minha boca está seca. Outro moteto começa e se dissipa até se encerrar com um lamento agridoce.

- Giordano Bruno?

Sinto o hálito quente na face, a voz quase inaudível. Na minha visão periférica, um rosto barbado aparece tão perto do meu que não posso focalizá-lo.

- Não se vire nem fale, senhor. Daqui a alguns minutos, encontre um momento para sair furtivamente pela porta atrás do senhor, da maneira mais discreta que puder. Ordens do primeiro-ministro de Estado.

Ele se afasta de modo tão invisível quanto chegou, sem que eu tenha visto direito seu rosto. Espero até ter certeza de que Castelnau, Marie e Courcelles estão de olhos fixos no coro e dou um pequeno passo atrás, depois mais um, até estar escondido por outros convidados. Uma porta lateral foi embutida no lambri da parede. Quando me aproximo, o guarda que está ali abre uma fração dela e entro de costas pela abertura estreita. Do outro lado, um rapaz alto, barbado e vestido de preto espera por mim. Tem a aparência de um funcionário.

- Por aqui - diz, indicando o corredor à frente.

- Pode me dizer do que se trata?

Ele sacode a cabeça e faz sinal para que eu continue seguindo pela passagem que vai do Grande Salão a um labirinto de apartamentos da corte. Quando precisamos dobrar uma esquina, ele coloca a palma da mão de leve em minhas costas para me mostrar o caminho. No fim de outro corredor, para junto a uma porta e bate, antes de me fazer entrar em um pequeno gabinete pouco mobiliado e com janelas altas. O conde de Leicester está encostado na parede ao lado de uma, olhando para o céu que escurece lá fora e parecendo absorto em seus pensamentos, enquanto as sombras desenham fundas cavidades em torno de seus olhos e dos ossos salientes de sua face. Walsingham anda de um lado para outro, uma das mãos cobrindo a boca e o queixo. Burghley está de pé junto à escrivaninha olhando para a porta, seu barrete fora do lugar e o cabelo branco com tufo arrepiados onde ele passou as mãos. Ao lado dele, para minha imensa surpresa, está o menino magricela que me levou a mensagem de Abigail três dias atrás. Ele enxuga as mãos sem parar num avental listrado, que indica que trabalha na cozinha, e pelo jeito andou chorando. Enquanto o guarda fecha a porta silenciosamente, o garoto me aponta o dedo e grita, acusando: - É ele, senhor! Foi esse homem aí!

Capítulo 8

Palácio Whitehall, Londres,

30 de setembro do ano do Senhor de 1583, cont.

O ROSTO DE LORDE BURGHLEY se contrai numa expressão de pesar. Desconfio de que esse sentimento esteja refletido em meu próprio rosto, embora eu ainda não saiba por quê. Ninguém se mexe.

- Tem certeza? Foi esse o homem que deu a você o recado para Lady Abigail?

Walsingham fala com aspereza e o rapazinho parece confuso: seus olhos vão de mim para Walsingham, para Burghley e de volta para mim, aflitos, como se entre nós estivéssemos tentando tapeá-lo.

- Não! O recado, não. Quer dizer, o recado veio dele, mas não foi ele quem me deu.

- Você não está dizendo coisa com coisa, rapaz.

- Ele me disse que o recado vinha de Mestre Bruno... o homem que me parou no pátio - diz o garoto, um tom de pânico crescendo em sua voz. - Não pude vê-lo muito bem no escuro, mas ele tinha uma voz inglesa. Esse aí é o Mestre Bruno - acrescenta ele, apontando de novo para mim. - Não era a voz dele. Ele não é inglês.

- Nós sabemos disso. - Por um momento, Walsingham revela sua impaciência, depois se controla e o tom de sua voz se suaviza. - Precisamos compreender o que aconteceu hoje à noite, Jem. Não é esse o seu nome?

O garoto faz que sim com a cabeça, infeliz.

- Muito bem. Então, Jem, conte outra vez. Um homem que você não conhece o deteve hoje mais cedo no pátio junto às cozinhas e pediu que levasse um recado para Abigail Morley da parte de Mestre Bruno. Não foi isso?

- Foi, sim, senhor.

- E você não viu esse homem com clareza.

- Não, senhor. As velas ainda não tinham sido acesas e estava meio escuro. E ele estava usando um chapéu grande, puxado sobre o rosto, e com a gola levantada assim, senhor. - Ele puxa a gola de sua túnica suja para mostrar. Faz uma pausa. -

Pode ser que tivesse barba - sugere o garoto, esperançoso.

Walsingham revira os olhos.

- *Pode ser* que tivesse barba. Bom, pelo menos podemos descartar as mulheres e as crianças.

- Nem *todas* as mulheres - diz Leicester, a meia-voz, da janela. Nós nos entreolhamos e ele dá um breve sorriso. Apesar da tensão no ambiente, sorrio de volta. É quase um alívio. Burghley lhe dirige um olhar de censura.

- E qual era o recado, exatamente? - continua Walsingham.

Para dizer a ela... para dizer que Mestre Bruno queria se encontrar com ela em segredo na doca da cozinha antes do concerto. Ele disse que era urgente. E depois me deu uma moeda. - O garoto corre os olhos em torno de si nervosamente, como se receando que lhe pedíssemos para devolver a moeda.

Walsingham franze a testa.

- E você deu o recado na mesma hora? Nos apartamentos particulares de Sua Majestade? Como conseguiu fazer isso?

- Levei uns doces, senhor. Quando é assim, os guardas não param a gente. E só dizer que a rainha pediu, eles não têm como saber. As moças... as damas de Sua Majestade, quero dizer, sempre mandam e recebem recados por nós, os ajudantes da cozinha. - Ele morde o lábio então, com ar culpado. - Fui até onde pude e pedi a uma delas para chamar Abigail.

- E como ela ficou quando você lhe deu o recado?

- Ela ficou assustada, senhor - diz o rapaz, sem hesitação. - Disse que ia na mesma hora, e pediu que eu não contasse nada a ninguém.

- E isso foi antes de o concerto começar? Quanto tempo antes?

- Não sei dizer, senhor. - O rapazinho olha para seus sapatos puídos. - Não sei ver as horas. Mas não foi muito tempo... não tinha mais muita gente nas cozinhas, isso eu sei. Eles nos deram a noite de folga porque ela fez a ceia mais cedo por causa da música. Sua Majestade, quero dizer. E já tinha gente chegando.

Walsingham me lança um olhar direto.

- Não mandei recado nenhum esta noite - digo, tentando não parecer estar na defensiva. - Será que alguém pode me dizer o que aconteceu?

- Eles a mataram! - O garoto não se contém, fitando-me com olhar penetrante, acusador. - E se não foi você, então foi o outro sujeito, e se não foi ele, então foi o próprio Diabo em pessoa!

Ao ouvir essas palavras ditas em voz alta, me dou conta de que eu esperava isso, ou algo parecido. A sensação de mau agouro que se instalou em mim tão logo notei a ausência de Abigail no séquito da rainha foi crescendo pouco a pouco em minha imaginação, mas a aspereza do desabafo do menino ainda me choca. Então o assassino chegou até Abigail, penso, enquanto minha mente trabalha às cegas para dar sentido à história do garoto, e, apesar de não ter sido eu quem mandou o recado, a circunstância é incontestavelmente culpa minha.

Leicester se mexe pausadamente em seu lugar junto à janela, esticando os longos membros como se a frase fosse sua deixa. Balança a cabeça para Walsingham e indica a porta com um movimento mínimo da cabeça. Walsingham levanta o indicador, fazendo-lhe sinal para esperar.

- Você ajudou muito, Jem - diz Walsingham com brandura para o rapaz. - Tenho mais uma pergunta. Acha que o homem esperou por você em especial para levar o recado?

Bom... acho sim, senhor. - O menino pisca depressa, temendo outro truque qualquer. - Porque fui eu que levei o outro recado antes, não é? Acho que ele devia saber disso, de algum jeito.

- Que outro recado? - A voz de Walsingham soa cortante com uma lâmina.

- De Lady Abigail para ele - e aponta para mim. - Na Fleet Street, senhor. Tive que esperar metade do dia nas estrebarias com aqueles garotos franceses ameaçando me bater. - Faz uma careta mostrando os dentes, como se a lembrança ainda lhe doesse.

- Obrigado. Gostaria que acompanhasse o guarda agora, Jem. Pode ser que tenhamos mais perguntas para fazer a você. Se lembrar de mais algum detalhe sobre o homem com o chapéu, qualquer coisa sobre a voz dele, o corpo, qualquer coisa que possa nos ajudar, eu ficaria muito grato.

- É minha culpa, não é? - O garoto olha de repente para Burghley, cuja aparência de avô o torna menos austero que os outros. - Se eu não tivesse levado o recado, ela não teria morrido, não é? A culpa é minha... e só por causa de uma moeda! - Ele leva as mãos à boca e parece que vai chorar. - Ela era sempre bondosa, a Lady Abigail. Não era igual a umas outras pessoas.

Burghley pousa a mão no ombro dele.

- Não é culpa de ninguém, só do homem malvado que a matou. E com a sua ajuda vamos encontrá-lo, para que ele não possa fazer mal a mais ninguém.

O rapaz me lança um último olhar por cima do ombro enquanto o guarda o leva embora.

Quando a porta está firmemente fechada, os três membros do Conselho Real

olham para mim com severidade.

- Recado, Bruno? - pergunta Walsingham, cruzando os braços sobre o peito.

Da maneira mais sucinta possível, faço um resumo dos meus contatos com Abigail, da visita do ajudante de cozinha até nosso encontro em Holbein Gate, quando ela me entregou a bolsa com os tesouros de Cecily Ashe e comecei a desconfiar de que estávamos sendo espionados, da descoberta que eu e Dee fizemos sobre o perfume e de minha mais recente hipótese sobre o significado do anel de ouro - que tiro de dentro do gibão e entrego a Walsingham. Ele o vira e revira entre os dedos, balançando a cabeça devagar, enquanto continuo minha história. Quando chego ao fim, eles me olham em silêncio por um instante. Quase posso ler os diferentes processos mentais de cada um em seus rostos.

- Vão ter que soltar Edward Bellamy da prisão na Torre - fala Burghley primeiro, comprimindo os dedos gorduchos uns nos outros ansiosamente.

Walsingham se vira e anda para lá e para cá na sala, fechando e abrindo as mãos. Nunca o vi tão abalado e fazendo tanto esforço para se conter. Então para e se vira para mim com uma expressão tão feroz que me espanta.

- Você não pensou em me informar nada disso, Bruno? Você se arvorou em único confidente dessa moça, apesar de já suspeitar que o assassino a estava observando? Por que não veio a mim imediatamente?

Excelência, eu... - abro as mãos me desculpando, sentindo-me mais uma vez como um estudante sendo repreendido - não quis causar pânico desnecessário até ter certeza sobre o frasco de perfume. A questão do desenho gravado no anel foi algo que só solucionei esta noite.

- E minha responsabilidade julgar se o pânico é necessário ou não. Esses objetos tinham que ter sido trazidos direto para mim.

- Pensei que, enquanto não tivesse certeza, quanto menos pessoas soubessem disso, melhor.

- Inclusive eu, evidentemente.

- Calma, Francis. - Burghley estende a mão para ele. - A moça nada disse nem mesmo a Lady Seaton e teria ficado intimidada demais para se dirigir ao Conselho Real. Confiou mais prontamente em Bruno, e ele teve o bom senso de comprovar sua teoria antes de nos procurar. - Vira-se para nós. - Isso serve ao menos para provar que o criminoso está familiarizado com a corte e seus hábitos. - Ele sacode a cabeça e seu rosto parece mais pálido. - Não importa quantos guardas a mais coloquemos em torno de Sua Majestade, ele sabe como se infiltrar bem debaixo dos narizes deles. Ajudantes de cozinha, realmente!

- O que aconteceu com ela? Com Abigail? - Ouço minha voz falhar e me vem a lembrança repentina do calor de seu hálito em meu rosto, sussurrando os segredos que a convenci a me contar. Ela achou que eu era a pessoa em quem podia confiar. Mas alguém soube disso e usou esse conhecimento para matá-la.

Walsingham olha rapidamente para Burghley, depois vem na minha direção e pousa a palma da mão entre minhas escápulas.

- Venha, Bruno. Quero que veja isso. Vamos precisar de toda e qualquer migalha de intuição que exista entre nós. Meu senhor de Leicester, creio que deveria voltar para o salão e tranquilizar Sua Majestade. Ela viu o guarda entrar e deve estar bastante ansiosa, mas acho melhor o recital prosseguir sem interrupção.

Leicester faz um aceno de cabeça polido, seu rosto bonito contraído num franzir da testa. Dirige-se a mim.

- Sua teoria, Dr. Bruno, se compreendi corretamente - diz, os olhos examinando meu rosto -, é que a primeira moça morta, Cecily Ashe, estava sendo instruída pelo amante como parte de uma conspiração para envenenar a rainha, e que essa trama de certa forma está ligada aos planos de invasão sendo maquinados em Salisbury Court?

- É como eu vejo tudo isso, senhor.

- Então ela foi morta porque os que a orientavam recearam que ela os traísse?

- Acredito que sim.

- E Abigail Morley provavelmente sabia o suficiente para identificar o amante, ou ele assim pensava, portanto a matou também?

Mais uma vez balanço a cabeça concordando.

- Então temos todos os suspeitos bem aqui, dentro destas paredes - diz ele, olhando para os dois homens de Estado. - Todas as pessoas que sabemos ter interesse nessa conspiração para um ataque franco-espanhol encontram-se aqui na corte esta noite para o concerto. Os convidados foram reunidos pelo menos 45 minutos antes da entrada da rainha, e qualquer um deles teria tempo de sair furtivamente sem ser notado. Neste exato momento, pode haver um homem naquele salão que literalmente tem sangue nas mãos.

Walsingham parece inquieto. Burghley dá estalidos com a língua, desaprovador.

- O que quer que eu faça, Robert? Prenda publicamente Henry Howard e o conde de Arundel, sem falar nos embaixadores francês e espanhol, diante da corte

inteira, sob suspeita de assassinato, com apenas uma sombra de prova? - Burghley sacode a cabeça. - Em todo caso, dificilmente se pode imaginar que algum deles tenha cometido assassinato com as próprias mãos, mesmo que haja uma ligação. Estariam no salão em segurança, sendo vistos por 300 pessoas, enquanto algum cúmplice despachava aquela pobre moça, podem ter certeza disso.

- Seria conveniente que os convidados fossem do salão para seus barcos e cavalos sem nenhum alarde - diz Walsingham. - Vou dar instruções aos guardas para fazerem as pessoas se deslocarem depressa assim que o recital terminar.

- Ela vai querer ver Dee - diz Leicester, olhando para Walsingham com uma expressão indecifrável. Walsingham fecha os olhos por um momento, como se avaliando o peso dessa complicação adicional.

- Vai mesmo.

- Ela ficou muito agitada desde a visita dele ontem, como todos sabemos. Agora, com isso - Leicester se interrompe, fazendo um gesto vago para a porta. - Bem, parece mais do que uma coincidência. Embora ela sem dúvida vá considerar uma profecia.

- Deus do céu. A visão de Dee. Eu não havia pensado nisso até este momento. - Burghley comprime as mãos juntas como se rezasse, os indicadores tocando os lábios. - Sugiro que John Dee seja interrogado de imediato. E não necessariamente por um de seus amigos - acrescenta, com um olhar de advertência para Leicester. Em resposta ao meu ar de divertida perplexidade, ele se vira para Walsingham. - Deveríamos levar Bruno agora. O tempo está correndo.

Walsingham faz que sim com a cabeça.

- É verdade. Nem mesmo os motetos de Mestre Byrd podem durar a noite inteira.

Ao longo de uma série de corredores, passando por tapeçarias e tochas acesas em suportes das paredes, ele me conduz em passo acelerado, com Burghley atrás, carregando uma luz. Em cada esquina, os guardas parecem ainda mais numerosos do que quando cheguei, e há uma tensão no rosto deles que intensifica a atmosfera de apreensão que parece ter tomado conta do palácio. Passamos para uma parte do conjunto de construções que é nitidamente o território dos criados e comerciantes, as pessoas que ficam nos bastidores e cujo trabalho incansável permite que o magnífico espetáculo do governo transcorra sem percalços. Aqui, também, há guardas posicionados. Quando ouvem nossos passos, suas mãos se deslocam na mesma hora para as lanças, mas eles recuam, baixando os olhos de modo respeitoso, quando veem quem caminha com tanta decisão e com rostos tão duros em sua direção. Atravesso com Walsingham um pátio mal iluminado, onde há

tonéis de madeira empilhados num canto e lenha no outro. A luz de um pequeno lampião, dois homens estão levando uma pilha de sacos para dentro de um dos prédios externos. Ainda assim, Walsingham não disse uma palavra sequer. Estou ansioso para lhe perguntar sobre Dee, mas o rosto do ministro tem um aspecto tão ameaçador que fecho minha boca. Do lado direito do pátio estende-se um prédio de dois andares feito de tijolos vermelhos, com uma série de chaminés altas. Aqui, Walsingham diminui o passo e se detém junto a uma grade semicircular instalada na parede ao nível do chão e da altura da cintura de uma pessoa.

Através das barras de ferro que a separam do pátio, ouço o ruído suave da água batendo lá embaixo.

- As cozinhas do palácio - diz Walsingham, apontando para o prédio, a voz baixa. Inclinando-me um pouco, vejo que essa grade é o final de um túnel em arco que corre pelo meio do prédio da cozinha, sua outra extremidade dando para o próprio rio. A claridade do dia quase se esvaiu por completo, e no túnel há apenas escuridão. Suponho que seja essa a doca da cozinha. A uma distância respeitosa, um grupo de criados cochicha intensamente entre si, observando com atenção nossa chegada. No meio deles, ouço o som abafado de uma mulher chorando. Um outro guarda, apoiado na parede junto a uma portinha à esquerda dessa grade, apruma-se depressa ao ver Walsingham se aproximar, e então, a um sinal, abre a porta para nós. Walsingham faz um gesto para Burghley vir à frente com o archote. A porta se abre para um corredor revestido de pedra no prédio das cozinhas onde paira um leve cheiro de carne assada e ervas, que parece estar impregnado nas paredes de tijolos. Quase em seguida há outra porta à direita, que Walsingham abre devagar, virando-se para mim em seguida.

- Isso não é agradável, Bruno, sobretudo porque você conhecia a moça. Mas quero saber o que acha deste crime. Desculpe-me por lhe pedir isto - acrescenta, numa voz mais branda.

Aceno com a cabeça em silêncio e ele estende a mão para pegar o archote com Burghley. Entramos no que parece ser um depósito, talvez de 3,5 metros de largura por seis de comprimento, vazio a não ser por uma pilha de engradados de madeira encostada na parede e uma figura imóvel caída no chão de pedras, fantasmagórica em um vestido branco. Walsingham adianta-se e se ajoelha ao lado do corpo, segurando o archote para que suas chamas oscilantes iluminem o fim lamentável de Abigail Morley.

O corpete de seu vestido foi brutalmente rasgado ao meio, aberto e arrancado para expor o tronco. Do seio esquerdo uma adaga se salienta, enterrada na carne quase até o cabo. Direto no coração, penso. Tenho a sensação perturbadora de que já estive aqui antes, de que já vi essa cena, como se a tivesse vivido uma vez no

passado recente. Ao chegar perto e me ajoelhar no chão, percebo que o corpo e as pedras do pavimento em torno estão encharcados, e mechas emaranhadas do cabelo ruivo dela espalhadas ao redor da cabeça. Walsingham aproxima o archote e faz um sinal para que eu olhe de novo o seio. Do lado direito, do lado oposto ao da adaga, uma marca foi grosseiramente cortada na pele clara: uma cruz reta com uma cauda se curvando para a direita, como um *h* minúsculo - o símbolo astrológico de Saturno. Sopro o ar dos pulmões com cuidado, tentando diminuir o ritmo do martelar do coração dentro do peito. Em um terrível momento de clareza, compreendo por que o conde de Leicester falou sobre o Dr. Dee e sobre algo mais do que uma coincidência. Não vi essa imagem antes, mas ouvi sua descrição antes do acontecimento. Abigail foi morta quase exatamente de acordo com a descrição de Dee da última visão de Ned Kelley no cristal. Finalmente me forço a olhar o rosto de Abigail. Descorado e manchado do alaranjado da chama do archote, espanto-me ao ver como parece serena para alguém que há tão pouco tempo teve morte violenta. Acho isso estranho. Durante meus anos de estrada, vi corpos de homens apunhalados e eles não tinham esses rostos tão plácidos, mas sim traços contorcidos, os espasmos da morte escritos em sua expressão final.

Gesticulo para que Walsingham segure o archote sobre o rosto dela. Ele faz o que eu peço, nós dois ajoelhados na água em volta do corpo, empoçando-se nas fendas desgastadas das velhas pedras. Os olhos sem visão de Abigail não estão fixos em nada, mas os brancos estão injetados, o esquerdo inteiramente vermelho. Há machucados em torno da boca e do nariz, mas nenhuma marca no pescoço, como havia no de Cecily Ashe.

- Ela estava na água? - pergunto, minha voz mal saindo num murmúrio.

- Atada pelas mãos em uma das argolas de amarração aqui na doca. Uma das ajudantes da cozinha a encontrou quando reparou que a porta fora deixada aberta. Ela diz que viu as portas da plataforma de carga abertas e algo branco flutuando na água como se fosse um fantasma. - Faz uma careta.

- Pretendiam que fosse encontrada, então. Mas, pelo aspecto do rosto, ela não se afogou - digo, quase para mim mesmo. - Acho que foi sufocada, depois apunhalada com muita precisão assim que parou de se mexer. O assassino deve ter ficado esperando e a atacado de surpresa quando ela apareceu... - calo-me.

Quando ela apareceu esperando me encontrar.

Walsingham se põe de pé com esforço.

- Ele entrou por aqui, acho.

Ergue o archote e vejo que na parede do lado oposto à porta pela qual entramos há largas portas duplas com um pesado ferrolho atravessado. Walsingham

faz um sinal para que eu o siga, então me entrega o archote e puxa o ferrolho, empurrando as portas, que se abrem para o interior. Vejo que elas dão direto para o túnel arqueado que corre por baixo do prédio, com dois degraus largos de pedra levando até a água. O túnel é da largura de uma pequena barcaça de fundo chato, e seu teto em arco tem uns 3 metros de altura. Foi claramente construído para permitir que embarcações trazendo suprimentos venham direto do rio para as cozinhas do palácio. Como o final do túnel está bloqueado pela grade de metal, seria impossível ter acesso ao palácio a não ser por essas portas duplas.

- Esta porta estava aberta quando ela foi encontrada - diz Walsingham. - Portanto, presumo que ele tenha vindo de barco, da mesma forma como escapou, e ela própria deve ter aberto a porta para ele. - Pousa a mão no batente e espia a água negra batendo com suavidade contra os degraus do pequeno canal. - Ela estava boiando aqui, junto à doca. - E aponta para a água logo abaixo do degrau. - Você tem razão: isso foi planejado para ser mais uma exibição. Se ele não tivesse amarrado o corpo, ela poderia ter afundado ou boiado pelo túnel até o rio, mas ele pretendia que ela fosse encontrada rápido. Talvez até durante a realização do concerto.

- Mais uma vez a marca da profecia: Saturno, desta vez. Ele não quer deixar dúvida de que essas mortes estão ligadas. E essa adaga... - calo-me outra vez, erguendo os olhos para Walsingham quando outra lembrança vem à tona. - A boneca! Cecily Ashe foi encontrada segurando uma boneca com cabelo de lã vermelha, que imaginávamos ser uma pretensa imagem da rainha Elizabeth. O local do coração estava perfurado por uma agulha.

- Lembro bem. - Ele esfrega o queixo com o dorso da mão. - Feita como uma boneca de bruxa. Sua Majestade ficou profundamente perturbada com isso. E agora ele resolveu usar bonecas humanas. Mas a intenção permanece a mesma, não acha? Imitar a morte da rainha?

- Como anunciado pela Grande Conjunção de Júpiter e Saturno - reflito.

- Recordo Sua Majestade apontando-me essa moça certa vez quando suas damas estavam reunidas na Sala de Audiências - conta Burghley, parado junto à porta. - Ela me perguntou se eu não achava a moça muito parecida com ela quando jovem. A comparação a divertiu. E, de fato, quando se olhava de perto, parecia haver uma nítida semelhança entre elas, embora talvez fosse apenas o cabelo vermelho. Pobre criança.

- E, no entanto... - sacudo a cabeça ao mudar de posição ao lado do corpo, pois meus joelhos estão ficando dormentes na pedra molhada. Continuando a fixar o rosto marmóreo de Abigail, percebo que minha atenção passou a ser analítica, minha mente racional sobrepôs-se à emoção que senti com a morte dela pouco antes. -

Algo não está certo aqui.

- O senhor sem dúvida tem um talento para atenuar os fatos, Dr. Bruno - diz Burghley secamente.

- O que quero dizer é que... minha teoria deve estar errada. Agora que estou vendo de perto, os fatos não a confirmam.

Walsingham emite um som inesperado de riso sem alegria.

- São raros os homens que admitem isso, Bruno. A maioria de meus conhecidos sempre se esforça para dobrar os fatos às suas teorias. Explique-se.

- Não faz sentido. Achei que Cecily Ashe foi morta porque era parte de uma conspiração para assassinar a rainha e que talvez tenha mudado de idéia, ou de alguma forma se tornou uma ameaça a essa trama e às outras pessoas envolvidas. E agora Abigail, que talvez soubesse dos segredos da amiga e pode ter sido vista conversando comigo, também está morta. Por que, então, em ambos os casos, deixar os corpos onde pudessem ser encontrados, dentro da corte, e dispostos de modo a apontar explicitamente para a morte da rainha pelas mãos de assassinos católicos? Se o próprio objetivo de matar essas moças era silenciá-las para proteger os conspiradores...

- Talvez o objetivo fosse puni-las publicamente - diz Walsingham com sabedoria. - Se o assassino sabia ou desconfiava que era tarde demais para mantê-las caladas, ele pode ter preferido fazer delas um exemplo, por causa de sua traição.

- E pôr em risco sua conspiração fazendo isso?

- Talvez haja mais de uma conspiração - sugere Burghley.

- Santo Deus, William, há uma centena de conspirações, talvez umas mil! - exclama Walsingham, comprimindo a testa com a palma da mão e começando novamente a andar de um lado para outro no espaço confinado entre o vão da plataforma de carga e o corpo de Abigail. - A maioria no mesmo nível daquela de um pobre coitado que foi apanhado na estrada para York agitando suas pistolas e vociferando. Mas quando temos um vidro de veneno quase dentro do próprio quarto de dormir da rainha, levado por uma moça que tem um anel com o emblema de Maria Stuart, e os Howard à espreita na embaixada francesa falando de uma invasão por uma força militar, acho que podemos supor com uma dose de segurança que estamos lidando com uma conspiração extremamente séria, que planeja regicídio e guerra.

- Então pergunto outra vez: por que chamar atenção para um complô que visa matar a rainha se essas mortes são para proteger tal conspiração?

- Não sei, Bruno... para semear medo e confusão? Para nos levar numa direção enquanto eles atacam pela outra? De qualquer maneira, achei que você tivesse tomado para si o encargo de resolver isso sem a ajuda de ninguém. - A raiva controlada é inconfundível na voz dele. Faz um gesto de exasperação com ambas as mãos, agitando o archote aceso de modo alarmante. A luz bruxuleia e faz algo no pescoço de Abigail reluzir. Estendo a mão para tocá-lo e instintivamente meus dedos se encolhem ao sentir o frio da pele dela. De novo recordo como ela ficou perto de mim sob a Holbein Gate, me lembro do calor e da solidez de sua carne na ocasião em que segurei seu braço, quando nos falamos pela primeira vez nos apartamentos particulares da rainha, em Richmond. Toda aquela vida sôfrega, apagada com a facilidade com que se apaga uma vela. Ponho firmeza em meu rosto e tento uma segunda vez, obrigando-me a não recuar. De junto da carne fria dela meus dedos puxam uma sólida corrente de ouro presa ao pescoço. O pingente escorregou para trás da cabeça e emaranhou-se no cabelo. Impaciente, procuro soltá-la, uns poucos fios de cabelo vermelho-dourado vêm em minha mão junto com a corrente. Preso a ela, há um medalhão em forma de losango, também feito de ouro.

- Veja isso - e o entrego a Walsingham, como para me justificar.

Ele o apanha e examina, olhando para mim à espera de algo.

- Nunca a vi usar isso antes - acrescento.

- Quem sabe ela reservasse suas melhores jóias para as grandes ocasiões na corte. Abra-o você. - Walsingham segura a luz sem balançar. Até Burghley chega mais perto para ver. O fecho é delicado e meus dedos, desajeitados. Burghley começa a se impacientar, apoiando-se num pé e noutro, bufando através dos lábios contraídos.

- Não podemos demorar muito mais... o concerto deve estar quase acabando.

Walsingham não faz caso dele e se debruça mais, tanto que o calor do archote quase chamusca meu rosto. Uso as unhas no fecho e o medalhão finalmente se abre. A metade direita revela uma pintura esmaltada, aparentemente ilesa depois da recente imersão. Mostra uma fênix vermelha, a cabeça virada para a esquerda e as asas abertas, em cima de um ninho de labaredas. Dentro da metade esquerda, há duas iniciais delicadamente gravadas, um M maiúsculo entrelaçado a um S sinuoso. Passo-o a Walsingham e, mesmo com o jogo de sombras em seu rosto, vejo-o empalidecer.

- O que é, Francis? - Há um novo traço de ansiedade na voz de Burghley.

Walsingham aperta o medalhão na mão fechada.

- Maria Stuart. Sempre Maria Stuart. Então essa moça também fazia parte da

trama. Por Cristo, será que recrutaram todas as pessoas que cercam a rainha?

- O medalhão não pertencia a Abigail - digo, ouvindo meus joelhos estalarem ao finalmente me levantar e sacudindo a rigidez das pernas.

- Como sabe?

Conto a eles sobre a atitude evasiva de Abigail em Holbein Gate.

- Ela mencionou um medalhão quando me falou pela primeira vez sobre o pretendente secreto de Cecily e seus presentes, mas não havia medalhão nenhum na bolsinha de prendas de amor que ela me entregou. Deduzo que ela tenha decidido de última hora guardá-lo para si.

- Por isso é que parecia se sentir culpada.

Walsingham pondera isso por um momento.

- Talvez ela tenha sido tola o bastante para usá-lo na corte antes de hoje - diz ele. - Se nosso criminoso - ou, no mínimo, aquele que contrata o criminoso - for mesmo um cortesão, ele pode tê-lo visto pendurado ao pescoço dela e reconhecido o medalhão que deu a Cecily.

- Seja como for, meu senhor lorde Burghley está certo - digo, com um rápido olhar para o lorde tesoureiro. - Há mais de um homem por trás desses crimes.

Quem deteve o menino Jem no pátio não poderia ter voltado para o rio e remado pelo canal da cozinha a tempo de encontrar Abigail. Aposto que ele deu o recado falso em meu nome e depois voltou calmamente para o salão enquanto outra pessoa esperava num barco no rio. E sou também capaz de apostar que, no momento em que ela foi morta, o homem misterioso estava aplaudindo o coro bem à vista da rainha e de toda a corte.

Walsingham suspira ao puxar a porta da plataforma de carga e fechá-la com o ferrolho. O cheiro do rio diminui um pouco.

- Preciso de provas, Bruno. Suspeitas de nada adiantam quando tocam pessoas tão poderosas quanto as que temos em mente aqui. Um anel, um medalhão... Sua Majestade não vai agir contra a prima por tais bugigangas, e, de qualquer maneira, Maria Stuart vai apenas dizer que foram roubadas por aqueles que desejam prejudicá-la. Tudo indica que quem está comandando esses crimes é um rosto conhecido na corte. E ele é esperto. Pode ainda estar tramando para atacar a rainha por outros meios. Quem era o amante de Cecily Ashe? - Ele agarra meu ombro e lhe dá uma sacudidela, o rosto perto do meu.

Burghley tosse, discreto.

- Acho que precisamos realmente voltar. O concerto deve estar quase no fim e o grupo do embaixador francês vai estranhar a ausência do Dr. Bruno. Francis:

você volta com Bruno para o salão. Vou providenciar para que os criados e os guardas que sabem dessa história terrível sejam mantidos a distância até que todos os convidados tenham partido. Vamos deixar os boateiros esperarem até amanhã, pelo menos, antes que suas línguas se soltem. - Ele contrai o rosto e faz sinal para sairmos primeiro.

Walsingham e eu passamos pelo pátio da cozinha, agora quase inteiramente mergulhado na escuridão, e voltamos pelo corredor pelo qual viemos.

- Ele está seguindo você, Bruno, esse assassino - comenta Walsingham em voz baixa por cima do ombro. - Ele sabia que o ajudante de cozinha esteve em Salisbury Court.

- A menos que ele próprio já estivesse em Salisbury Court.

- Aquele ninho de víboras. É lá que a prova deve ser encontrada, não tenho a menor dúvida. Mantenha os olhos atentos como os de um falcão, Bruno. Só você pode pôr as mãos nas provas que vão condenar todos eles por traição, mas tenha cuidado. Ele deve saber que você está em seu rastro. E se você encontrar qualquer outra coisa, por mais trivial que pareça, traga direto para mim, do jeito que puder. Compreendido?

- Sim, Vossa Excelência - respondo e baixo a cabeça. Ele para de andar, de modo tão abrupto que esbarro nele.

- Há uma outra coisa que preciso lhe pedir, Bruno. - Dá uma olhadela em torno e baixa ainda mais a voz. - Você já ouviu John Dee falar de visões? Vislumbres do futuro que lhe são concedidos por anjos, esse tipo de coisa?

Hesito, com respostas possíveis presas na garganta. Sem dar ouvidos aos meus conselhos, Dee deve ter contado à rainha sobre a visão de Kelley de uma mulher ruiva num vestido branco quando ela o convocou na noite da véspera. O velho idiota, penso: vaidoso demais, ávido demais por impressionar. Posso apostar, também, que ele não mencionou Ned Kelley e atribuiu a si mesmo o crédito pela visão. Deve querer que a rainha acredite que só ele tem o dom de falar com os anjos, embora ele talvez tenha apresentado a imagem como uma espécie de metáfora, sem dúvida, um sinal de que os guardiões celestiais se preocupam com sua real pessoa. E agora, passado apenas um dia, a visão se cumpre horivelmente, quase ao pé da letra. Dee não falou que Kelley descreveu a mulher ruiva sendo levada por uma grande correnteza, e o corpo de Abigail foi encontrado boiando na água? Deve ter sido o que Leicester quis dizer quando falou de mais do que coincidência. Num lampejo de compreensão, vejo que ele está certo: Ned Kelley sabia. Não pode haver outra explicação: ele descreveu a morte de Abigail Morley antes que acontecesse, e não foi nenhum anjo nem demônio que lhe comunicou esse conhecimento. Não

admira que o benzedeiro tenha fugido.

- Bruno? - Walsingham se curva para mim a fim de me fitar o rosto, uma advertência no olhar.

- Ele mencionou alguma coisa assim - murmuro, sem querer que pareça que estou guardando mais segredos dele. - Ele tem uma bola de cristal que acredita produzir imagens, se as circunstâncias são favoráveis.

- Fale claramente. Quer dizer que ele está realizando sessões para contatar espíritos? Está tudo bem, Bruno, você não o está traindo. Você e eu temos a mesma preocupação: ambos queremos proteger Dee. Mas ele criou uma porção de problemas para si mesmo. - Ele suspira e verifica de novo se não estamos sendo ouvidos. - Ontem à noite, o Dr. Dee contou à rainha sobre uma visão que teve recentemente, de uma mulher ruiva com a marca de Saturno no seio nu, apunhalada no coração e carregada por um grande rio. Disse a ela que era uma visão dos desejos de seus inimigos, que seus anjos da guarda lhe concediam para que ficasse vigilante. Ou uma bobagem qualquer desse tipo. Hoje de manhã, Sua Majestade houve por bem relatar essa visão ao Conselho Real. A intenção dela era maliciosa, creio, para irritar Henry Howard. Ela sempre faz questão de zombar publicamente de todas as ameaças perigosas à sua pessoa, sejam elas baseadas em informações secretas de fato ou fantasias como essa de Dee, para mostrar ao mundo que não tem medo. Ela poderia não ter sabido... bem, acho que você vê a dificuldade, Bruno.

Faço que sim com a cabeça. Vejo muito bem. John Dee previu sem querer o assassinato de Abigail Morley e seus conselheiros mais importantes sabem disso. A conclusão óbvia será que esse conhecimento prévio de certa forma o implica. Por que ele não me escutou?

- Ele me contou também - cochicho, chegando mais perto. - Mas ele não contou à rainha toda a verdade. A visão não foi dele, embora quisesse fazer a rainha acreditar que ele tem esse dom. Dee mantém um vidente em casa.

E conto-lhe, com a maior brevidade possível, sobre Ned Kelley, sobre suas orelhas cortadas, suas visões prodigiosas de espíritos no cristal, a maneira como se insinuou na casa de Dee, seu desaparecimento depois de profetizar algo muito semelhante à morte de Abigail Morley. Quando termino minha narrativa, Walsingham aperta os lábios e sacode a cabeça.

- Pobre Dee - diz ele por fim, em tom compassivo. - Busca o desconhecido de modo tão apaixonado que não enxerga o que está bem debaixo de seu nariz. Sempre teve esse defeito, o de confiar em quem não se deve.

- Se não fosse pelo detalhe da água, eu diria que Kelley tirou sua profecia de algum folheto barato - digo. - Mas ele contou a Dee que viu a mulher ser arrastada

por uma corrente de água, e o corpo de Abigail foi encontrado no canal junto à doca. Um atraso inútil por parte do criminoso, prendê-la à argola de amarração, a menos que houvesse algum simbolismo relacionado a isso.

- Precisamos encontrar esse tal de Kelley de qualquer maneira. Ele vai nos dizer onde obtém seus conhecimentos antecipados, seja por bem ou por mal. E não é de nenhum espírito num cristal, isso é certo.

- Vossa Excelência não acredita que o mundo contenha mais do que só nossos olhos revelam? - pergunto, com um meio sorriso. O rosto dele permanece grave.

- Não da mesma forma como Dee ou a rainha acreditam, nem como você, Bruno. Já vi bastante da vida para acreditar que Deus nos deu a razão para ser usada, e que o mal é concebido unicamente nos corações dos homens. Mas esse Kelley precisa ser interrogado. Vou enviar forças para fazê-lo sair do esconderijo. Sacudo a cabeça.

- Ele vai desaparecer se o perseguir abertamente. É preciso fazer isso com sutileza. Ele só entregará seus segredos por meio de persuasão ou artifício. Deixe-me tentar. Ele não gosta de mim, mas pode ao menos ser convencido de que estou do lado dele.

Walsingham balança a cabeça e pousa a mão em meu ombro.

- Está bem, Bruno. Mas encontre-o depressa. Burghley deve mandar chamar Dee esta noite. O Conselho Real vai ter que interrogá-lo, e a situação não vai ficar boa para ele quando os detalhes do crime forem divulgados.

Seguimos pelos corredores pintados até ouvir novamente sons dispersos da música, as vozes flautadas parecendo mais etéreas do que nunca em contraste com a cena que acabamos de presenciar. Ao dobrar uma esquina, um jovem com a libré da Guarda do Palácio vem em nossa direção com passos apressados, esbarrando em mim ao passar e murmurando um pedido de desculpas sem olhar para trás. Enquanto recupero o equilíbrio, o esbarrão faz minha memória dar um salto para trás.

- Philip Howard! - sussurro, detendo-me subitamente.

- O quê? - Walsingham se vira, os olhos estreitos.

- Philip Howard estava em Holbein Gate no dia em que me encontrei com Abigail. - Baixo a voz até mal se ouvir. - Ele e o amigo passaram por nós, mas é bem possível que estivesse nos espionando antes disso. Além do mais, ele se encaixa na descrição do amante de Cecily Ashe: é bonito e nobre, exatamente o tipo de homem sobre o qual uma jovem não resistiria a se vangloriar junto às amigas. E tem uma ligação com Maria Stuart através do tio e da embaixada.

Walsingham comprime os lábios.

- O conde de Arundel é outro que não podemos absolutamente acusar sem provas concretas. Vou mandar observá-lo. Agora, Bruno, você tem que voltar para seu grupo. O embaixador vai ficar curioso quanto a sua ausência. Deixo por sua conta encontrar algo plausível para dizer a ele.

Ele me dá um tapinha no ombro, depois me encaminha de volta ao salão por uma porta lateral agora vigiada por dois guardas armados com lanças.

Esgueiro-me com a maior discrição possível para a fila de trás da aglomeração de pessoas, a maioria das quais tem a atenção polidamente voltada para o coro, e me encontro do lado oposto do salão de onde saí. Algumas cabeças se viram ao ouvir a porta, mas seus olhares curiosos só duram um instante. Na plataforma, reparo que a cadeira à direita da rainha, onde uma de suas damas estava sentada, está agora ocupada por Leicester, que se inclina para ela com ar solícito. O rosto da rainha, sob sua máscara de cosmético branco e ruge, é impossível de interpretar, mas seus olhos não se despregam dos cantores. Com sua atenção inabalável, ela parece querer dar o exemplo a seus súditos. Em meio às cabeças da platéia, entrevejo os braços de Mestre Byrd se agitando com vigor. Só agora, ao dobrar os meus sobre o peito e fixar o olhar no chão, respirando fundo, é que me dou conta de que estou tremendo.

- Dr. Bruno. O senhor está com cara de quem viu um fantasma.

A voz de entonação peculiar junto de meu ombro, reconhecível num instante. Viro para dar com lorde Henry Howard parado a certa distância de seu grupo e me olhando com interesse. Passo a mão pelo rosto todo como se isso pudesse dar à minha expressão um aspecto de normalidade e tento um cumprimento cordial. Howard mandou aparar a barba para a ocasião, o que faz seu rosto parecer mais pontiagudo do que de costume. O cabelo negro está penteado para trás com cuidado e ele segura nas mãos um chapéu de veludo, orlado de granadas e enfeitado com uma pena iridescente de pavão.

- Ou talvez eu devesse dizer um espírito? - acrescenta ele, com a mesma cortesia fingida, girando devagar o chapéu entre os dedos.

Ainda estou em choque e, apesar de mal sentir as pernas, ocorre-me que os joelhos de minhas meias justas estão molhados, porque me ajoelhei junto ao corpo de Abigail. Não é muito provável que Howard vá olhar perto o suficiente para notar, mas isso não contribui para que eu me sinta mais à vontade na presença dele. Na realidade, estou tão consciente de meus joelhos encharcados que levo um momento para prestar atenção ao que ele disse.

- Perdão?

- O senhor tem passado bastante tempo em Mortlake, pelo que sei, na biblioteca de seu amigo Dr. Dee - continua ele. - Foi o que o embaixador comentou.

- Costumo usar a biblioteca dele para fazer pesquisas - digo, lentamente, dessa vez incapaz de recomendar cautela à minha mente. Howard arqueia uma de suas sobrancelhas elegantemente pontudas e me lança um longo olhar, como se me dissesse para não ser tão dissimulado.

- Quer dizer que ele agora está invocando espíritos, não é?

- Não sei de onde Vossa Senhoria tirou essa idéia - digo, mas escuto minha voz vacilar. Tudo o que desejo é que ele pare de me amolar e me deixe em paz para que eu possa recompor meus pensamentos antes de encontrar Castelnau.

- Ele andou contando suas visões proféticas a Sua Majestade - diz Howard, os olhos vagueando por cima das cabeças das pessoas e se dirigindo para o estrado onde a rainha está sentada com Leicester. - Por sua vez, ela prefere ridicularizá-las, contando-as para o Conselho Real. Pode imaginar como todos nós rimos. - Vira-se abruptamente a fim de olhar para mim. - Mas, é claro, se Dee está tentando falar com espíritos, pode ser preso por feitiçaria. Duvido que ela então consiga salvá-lo.

- Meu senhor, nada sei a respeito.

- Você é próximo a Dee, não é?

- Respeito-o como estudioso. Mas, devo dizer, John Dee me parece um homem sensato demais para tentar coisas desse tipo.

- O quê, invocar demônios, quer dizer? Numa bola de cristal? Ou animar estátuas?

Ao ouvir essas palavras, não consigo impedir a reação de meu rosto. O dele se ilumina de imediato, sabendo que marcou um ponto.

Respiro fundo. Ou Henry Howard decidiu estender seu ódio por Dee a todos os que sabidamente se relacionam com o estudioso ou tem motivos para acreditar que Dee e eu somos íntimos a ponto de o velho mago me ter revelado o segredo da busca pessoal de Howard pelo livro de Hermes. E, se for o caso, o que aconteceu para dar essa idéia a ele? Será que Castelnau realmente comentou sobre minhas idas a Mortlake ou será que Howard anda me seguindo? Apesar de estar assistindo à missa em Salisbury Court quando voltei ontem de Mortlake, ele poderia muito bem ter posto algum criado para espionar meus movimentos. Meu olhar encontra brevemente o dele, cheio de zombaria, mas estou desarvorado demais pelos acontecimentos da noite para encará-lo com a minha fanfarrice habitual. Estátuas animadas são uma referência evidente à magia hermética, e ele espera que eu morda

a isca. Decido que o melhor é fingir ignorância e nada dizer. - Acho bom tomar cuidado, Bruno - acaba dizendo ele, quando fica claro que não vou reagir. - A reputação que você desfrutava em Paris de praticante de magia negra já começa a se espalhar em rumores pela corte inglesa. - Faz um gesto para as pessoas em torno de nós.

- Eu me pergunto como isso teria acontecido - digo, com visível sarcasmo.

- Ah, os boatos correm de sandálias aladas, como Mercúrio, não é mesmo? - Ele sorri como um gato. - Fique muito perto de John Dee e pode acabar descobrindo que ele o arrasta para baixo junto consigo. Já se tem medo e desconfiança demais dos astrólogos e magos na corte para isso. As pessoas insistem que lhes predigam o futuro e depois se voltam como uma matilha de cães contra aqueles que o fazem. Até os monarcas.

- Isto é um aviso, meu senhor?

- Digamos que é um conselho.

- Se eu encontrar algum astrólogo ou mago, transmitirei a mensagem.

Ele está prestes a responder, mas neste momento as vozes do coro esmorecem em sua nota de adeus e a multidão reunida explode em aplausos entusiásticos. A rainha faz um gesto para que William Byrd suba ao tablado, onde, de joelho dobrado, ele é autorizado a beijar a mão dela estendida, antes de se levantar, ficar de frente para a corte e se curvar em agradecimento. Em meio aos aplausos contínuos, ele leva seu coro novamente em procissão através da massa de gente, enquanto as altas portas duplas são abertas para sua saída.

Depois que o coro sai, a rainha Elizabeth se põe de pé e toda a corte cai de joelhos ao mesmo tempo, até ela erguer uma das mãos e fazer um gesto indicando que podemos nos levantar outra vez. Os músicos retomam seus lugares e iniciam uma suave melodia de fundo enquanto a rainha, com um sorriso benevolente, até onde sua rígida pintura do rosto permite, ajeita a cauda do vestido e chama suas damas para a segurarem, antes de descer com dignidade do tablado. Aparentemente, depois de ocasiões como essa, é seu costume dedicar algum tempo a se misturar com seus súditos, permitir que se curvem diante dela, que a adulem e, até, caso se atrevam, que lhe façam pedidos. A essa deixa, cortesãos pressurosos se comprimem à frente, acotovelando-se pela oportunidade de trocar algumas palavras com sua soberana. Fortunas são ganhas e perdidas com base em tais breves conversas, quando o humor da rainha a deixa apreciar um cumprimento espirituoso ou um rosto atraente. É uma oportunidade que não se pode perder, e esses ingleses sabem disso. Observo com admiração crescente a maneira como ela se movimenta entre eles. Se Leicester lhe contou que outro crime foi cometido dentro dos muros do palácio esta

noite, ela nada demonstra, e sua firmeza parece ter como objetivo garantir que os membros da corte e os convidados reunidos no salão não tenham também a menor suspeita. Noto que Leicester se mantém bem próximo atrás dela, uma das mãos levemente pousada no punho da espada.

Mendoza surge ao lado de Howard, põe a mão no ombro dele e me lança um olhar depreciativo.

- Ah, *el hereje* - observa ele com um aceno da cabeça, como se lhe agradasse ter inventado um apelido para mim. Fala em espanhol, numa voz baixa que sua barba copiosa abafa ainda mais. - Olhe lá, seu embaixador lutando ansioso por uma audiência com a rainha inglesa.

Sigo o movimento de sua cabeça e avisto Castelnau, abrindo caminho da maneira mais polida possível para chegar a Elizabeth, no rosto uma expressão quase patética de tão esperançosa ao tentar ser notado.

- Ele pisaria na cabeça de um de seus filhos por um sorriso dela - escarnece Mendoza. - Ele ainda pensa que vai intermediar um tratado entre a França e a Inglaterra, não é? - pergunta, fixando seus pequenos olhos negros em mim.

- Não sou a pessoa indicada para responder a isso, *senor*.

- Não me venha com essa, Bruno! Você é confidente do rei da França e o embaixador gosta de envolvê-lo nos negócios de Estado, sabe Deus por quê. Diga-me: Castelnau já contou ao rei da França que Guise está reunindo tropas contra a Inglaterra?

- Isso eu não sei. - Acostumei-me tanto a fingir que mesmo quando posso responder honestamente a uma pergunta, pareço implausível. - Mas acho pouco provável.

- Por que diz isso?

- Por causa da mulher dele. E porque por enquanto ele não quer dar ao rei Henrique mais razões para temer o duque de Guise - respondo, depois de hesitar um instante.

- E porque ele acha que ainda pode maquinar uma solução satisfatória para todas as partes, não? Ele acha que tem o controle dessa questão, equilibrando os interesses de um lado e de outro?

- Talvez. - Lembro o que Fowler disse sobre Castelnau querer agradar a gente demais.

- É tocante, essa fé na diplomacia. - Mendoza sacode a cabeça. - Vou ficar quase com pena de ver a decepção dele. Mas você é um homem astuto, Bruno.

Astuto o bastante para não se prender a um monarca que tem os dias contados.

- Refere-se a Elizabeth ou a Henrique?

- Um ou outro. A ambos. Um novo dia está nascendo. Homens como você e Castelnau precisarão decidir de que lado ficam. Se tem qualquer influência sobre ele, deveria aconselhá-lo a não deixar seu rei saber o que está sendo discutido na embaixada. *Entendido?*

Ele se apruma com toda a sua imponência e enche o peito de ar, a barba eriçada. Não me intimida, mas agora não estou em condições de discutir com ele. Simplesmente balanço a cabeça concordando e aproveito a oportunidade para escapulir, recuando para o meio da turba em movimento.

- Bruno.

Viro-me na direção do murmúrio, e ali, encostado na parede entre as tapeçarias penduradas, está William Fowler, vestido num bom traje de lã cinzenta que faz conjunto com uma capa que ele segura nas mãos.

- O que Howard queria?

- Lembrar-me quanto ele me detesta - digo, olhando por cima do ombro para Howard e Mendoza, que confabulam, as cabeças escuras juntas, enquanto os cortesãos em torno deles se esforçam para chegar perto da rainha. Minha cabeça está girando e não sei bem que conclusões tirar de minha rápida troca de palavras com Henry Howard. Ele deve recear que Dee tenha me contado algo que eu possa usar contra ele e estava me avisando que tem poder para derrubar nós dois, mas não posso esquecer a implicação de que ele tem me observado de perto. A idéia faz o cabelo de minha nuca se arrepiar. Teria sido Howard, então, ou alguém que trabalha para ele, que me viu com Abigail em Holbein Gate?

Instintivamente, olho de novo por cima do ombro e, pela primeira vez desde que tudo isso começou, sinto um calafrio de medo verdadeiro.

- Mas aconteceu alguma coisa? - sussurra Fowler, passando pelas costas de dois espectadores e se aproximando. - Vi você entrar branco como um cadáver. Pensei comigo que talvez...

Dou uma sacudidela curta com a cabeça para indicar que não posso falar sobre o assunto aqui.

- Os conselheiros da rainha passaram a metade do concerto indo e vindo - insiste Fowler. - E vi Walsingham sair. Há um traço de ansiedade em sua voz, que reconheço porque já senti o mesmo: é o medo de perder algum momento importante, de ser deixado de lado. Desta vez, sou eu quem sabe mais do que ele, foi em mim

que Walsingham confiou, e, a despeito das circunstâncias, isso me agrada.

- Bruno, você está passando bem? - pergunta ele. - Está com uma aparência horrível. Tem algo a ver com Howard?

- Encontre-me amanhã - digo com voz sibilante, entre os dentes. - Às duas horas. Mas não no Mermaid. Em algum outro lugar. - Ele pensa por um instante, então chega ainda mais perto.

- No Mitre, em Creed Lane. Na sala dos fundos.

Esgueira-se por trás de mim ao dizer isso e some na multidão daquele seu jeito, como um gato cinzento nas sombras.

Abro caminho entre ombros na direção do grupo de Castelnau. O embaixador ainda está batalhando por uma posição perto da rainha, e Marie e Courcelles estão aos cochichos. O secretário é o primeiro a notar minha presença com um franzir de seu nariz delicado.

- Onde você esteve? - indaga ele.

Faço um gesto com a cabeça para o grupo da rainha, como se estivesse tudo bem.

- A própria rainha Elizabeth? - pergunta Marie, aparentemente impressionada, apertando mais o manto em torno dos ombros com um ligeiro estremecimento. O vento sopra sobre o rio, trazendo o primeiro cheiro de geada. As lanternas do barco oscilam junto com o suave murmúrio das gingas entrando e saindo na água. Penso no assassino de Abigail remando rio abaixo, deixando o corpo dela sem vida flutuando no canal da cozinha, o cabelo vermelho espalhado ao redor, ondulando como plantas aquáticas.

- Ouviu isso, Michel? - Marie cutuca o marido e balança a cabeça para mim, os olhos cintilando à luz das lanternas. - A rainha da Inglaterra quer aprender o sistema de memorização de Bruno, e fui eu quem pediu primeiro. Como você ficou de bom-tom, Bruno!

Courcelles olha-me com frieza.

- Mas a rainha não sabia que você estaria assitindo ao concerto. Parece estranho as pessoas próximas dela estarem esperando por você com tanto entusiasmo.

- Ela ouviu falar de mim por intermédio de Sir Philip Sidney - digo, tentando manter a voz firme. - Ele conhece um pouco do meu trabalho e aparentemente o mencionou a Sua Majestade.

Ele continua a me olhar com o mesmo ceticismo. Percebo que insistir demais na minha história só vai aumentar suas suspeitas. Pouco me importa o que

Courcelles pensa, mas não posso deixar que encha de dúvidas os ouvidos de Castelnau, agora que minha posição em Salisbury Court tornou-se tão indispensável a Walsingham.

- Não tiveram a sensação de que alguma coisa estava acontecendo hoje à noite, porém? - indaga Courcelles, dirigindo a pergunta a todo o grupo. - Todos aqueles guardas. E os conselheiros da rainha entrando e saindo correndo. O conde de Leicester cochichando no ouvido dela. Foi esquisito... como se houvesse algo errado e eles estivessem fingindo estar tudo normal.

Castelnau parece perturbado.

- Não notei nada de errado.

- Nem eu - apresso-me a dizer.

- Você não estava lá - lembra Courcelles.

- Mas foi uma pena fazerem você perder o concerto inteiro - diz Castelnau, pensativo, de um modo que insinua que ele não está inteiramente convencido da minha história. - Nunca vi coisa parecida. Eles deviam ter uma enorme quantidade de perguntas a lhe fazer, hein?

- Ao que parece, a rainha está entusiasmada com minha arte da memorização, mas seus conselheiros ouviram boatos lamentáveis sobre meus métodos.

- É outro nome para magia negra? - pergunta Courcelles, uma das sobancelhas arqueadas. - A Europa inteira ouviu esses boatos.

- Algo parecido - lanço-lhe um olhar fulminante, mas que se perde na escuridão. - De qualquer forma, eles queriam ter certeza de que não sou um perigo para a rainha nem para a reputação de sua corte.

- É uma oportunidade maravilhosa - diz Castelnau, atencioso. - Pelo jeito, eles gostam de você, esses ingleses. Imagino que seja sua fama de rebeldia contra o papa. - Seus olhos vagueiam a meia distância, e me pergunto se ele ainda está questionando minha desculpa ou se está calculando como minhas boas graças na corte podem contribuir para favorecer sua própria posição junto à rainha.

- Pode ser, meu senhor - digo, começando a temer ser enredado em minha própria teia de mentiras.

- Bem, a rainha vai ter que esperar a vez dela - diz Marie, inclinando-se para a frente com um sorriso desarmante. - Pedi que me desse aulas antes dela e reivindico o direito da prioridade. - Ela pousa a mão no meu braço. - Vamos

começar amanhã de manhã, enquanto Katherine está com o preceptor. Não aceito desculpas. - Ela se vira para o marido, os olhos ávidos, a mão com a luva de seda verde ainda apoiada de leve bem acima de meu pulso. - Não será algo que vai dar o que falar a essa aborrecida corte inglesa, Michel? Que a mulher do enviado do rei Henrique e a rainha da Inglaterra têm o mesmo professor?

- Pensei que você não gostasse da rainha da Inglaterra - diz Castelnau, indulgente.

- Pensei que a senhora não gostasse de Bruno - acrescenta Courcelles com um olhar mordaz.

Devolvo-lhe o olhar com serenidade, mas suas palavras proporcionam um aviso útil. Não conheço Marie de Castelnau. Não sei quais são suas intenções a meu respeito, nem a origem do interesse dela em meu trabalho. Sei apenas que é ferozmente comprometida com a causa católica de Maria Stuart e do duque de Guise. Por muitas razões, não posso deixá-la me apanhar desprevenido nem por um segundo. Espero que o embaixador proíba as aulas, alegando impropriedade.

Castelnau parece estar pensando, então deixa o calor de seu sorriso patriarcal pairar devagar sobre mim e sua mulher.

- Se está interessada em aprender, minha cara, tenho certeza de que Bruno verá isso como um favor. Só Deus sabe, melhorar a memória seria bom para todos nós.

Pelo jeito, esta é a última palavra sobre o assunto. Marie aperta de leve o meu pulso antes de se recostar de novo nas almofadas, a luz das lanternas brincando na curva satisfeita de sua boca, enquanto os remos continuam num ritmo constante através do rio negro. Sob a fina cortina de cabelo, Courcelles continua a me estudar com seus olhos de raposa, só esperando por um gesto imprudente. Olho a água se dividir por cima das pás do remos em arroios prateados e visualizo outra vez o rosto frio como mármore de Abigail Morley, que morreu esta noite em parte por minha causa.

Capítulo 9

Salisbury Court, Londres, 1º de outubro do ano do Senhor de 1583

Como se esperasse sua deixa, outubro chega com o sopro das rajadas de um cortante vento leste. O céu azul que se estendia sobre a cidade agora se encrespa em nuvens zangadas, e as folhas mortas arranham os caminhos e as vidraças. Uma lareira foi acesa na saleta de estar onde Marie deseja ter nossa primeira aula. Não tenho escolha a não ser concordar, apesar de estar ansioso para ir a Mortlake atrás de Ned Kelley. Dormi mal a noite passada, a imagem do corpo encharcado e mutilado de Abigail em meus sonhos e nos meus pensamentos, minha consciência atormentada pela idéia de que deveria ter feito mais para protegê-la. Se tivesse procurado Walsingham antes, em vez de teimar em comprovar meu valor sozinho, será que ela teria ficado mais segura? Essas perguntas são infrutíferas, e no entanto martelaram em minha cabeça a noite inteira, lancinantes, insistentes, como aqueles demônios em gravuras representando o inferno que aguilhoam com seus tridentes as almas dos pecadores. Marie está de pé junto à janela, o cabelo preso no alto da cabeça, sem dúvida consciente de que sua silhueta aparece melhor com a claridade cinzenta ao fundo. Assim que fecho a porta atrás de mim, ela se precipita, os olhos brilhantes, e agarra minha manga.

- Outra moça foi morta no palácio ontem à noite, Bruno, você soube? - noto prazer em sua voz.

- Que horror! Quem lhe contou? - Necessito de cada migalha de minha habilidade para dar a meu rosto a expressão adequada.

Ela encolhe os ombros.

- Uma das criadas. Foi ao mercado hoje de manhã e, pelo jeito, Londres inteira está alvoroçada comentando. Outra dama da rainha, dizem, assassinada exatamente da mesma maneira que a outra, com símbolos astrológicos cortados na carne.

Com delicadeza, tiro a mão dela de meu braço e tomo meu lugar em um banco de madeira junto à lareira, estendendo as mãos para as chamas que dançam. Não posso imaginar Marie acordando cedo para tagarelar com as criadas, mas não é impossível. Se ela está falando a verdade, quer dizer que a notícia correu com uma rapidez espantosa, desafiando todos os esforços de Walsingham e de Burghley para

contê-la. *Se é que eles se esforçaram.*

- Pensei que tivessem prendido o criminoso.

- Pois é! - exclama ela, os olhos arregalados cheios de excitação. - Parece que prenderam o homem errado, ou então há outro criminoso. E pensar que isso deve ter acontecido enquanto estávamos todos ouvindo o concerto... não é horrível? - Ela estremece de modo teatral. - É engraçado, porque notei que houve certo rebuliço, alguns dos conselheiros da rainha indo e vindo, achei estranha toda aquela movimentação. E depois o conde de Leicester entrou parecendo muito agitado e sentou-se ao lado da rainha... talvez tivessem acabado de descobrir o corpo. Deve ter sido exatamente na hora em que você estava sendo interrogado sobre seu sistema mnemônico. Não ouviu nada?

Acho que capto uma agudeza deliberada em sua voz quando ela diz isso e ergo os olhos bruscamente, mas ela apenas me observa e junta as mãos com ar modesto à sua frente.

- Reparei que os guardas do palácio andavam de um lado para outro com certa pressa, mas não vi nada fora do comum. Fui levado para um gabinete particular e me fizeram perguntas sobre meu trabalho. O que quer que estivesse acontecendo, deve ter sido em outra parte do palácio. - Dou de ombros, como se dissesse que não estou muito interessado.

- Quem lhe fez perguntas?

A voz é natural, mas os olhos dela se fixam duramente nos meus, de tal modo que desviar o olhar daria uma imediata impressão de falsidade.

- Lorde Burghley.

- Ah - ela balança a cabeça e concorda, em seguida vem sentar-se no banco a meu lado, arrumando e alisando as saias com cuidado até ficar satisfeita. Corre um dos indicadores pelo meu pulso. - Você não mentiria para mim, não é, Bruno?

Minha pele se arrepia ao toque dela.

- Por que iria querer mentir?

- Não sei. Talvez exista alguma mulher que você esteja escondendo de nós? - ela me olha de soslaio com um sorriso malicioso.

- Na corte? - forço-me a sorrir. - Receio que não. Não há mulher nenhuma. Minha vida é bem menos excitante do que imagina, madame. E passada principalmente em bibliotecas, no meio de manuscritos empoeirados.

Ela sorri como um gato e acomoda as mãos no colo. Respiro aliviado, devagar. Parece que, por ora, o interrogatório está encerrado.

- Bem, sendo assim... vamos ver se podemos tornar isso mais animado. Pronto, Bruno. Você é o mestre e eu, sua assistente. Estou em suas mãos. Faça o que quiser comigo.

Sua expressão é toda doçura. Apenas o cintilar perigoso de seu olhar revela uma intenção de traquinagem que prefiro não reconhecer. A única maneira de sair desta situação é aparentar ingenuidade e ser o mais literal possível, manter a conversa num nível superficial e fingir ser obtuso a ponto de não perceber qualquer insinuação de duplo sentido da parte dela.

Além disso, há a questão de meu sistema mnemônico e quanto devo divulgar. Os boatos que me fizeram sair da corte parisiense são todos verdadeiros, é claro - minha *ars memória* é muito mais do que uma ferramenta útil para oradores ou para aqueles que desejam incrementar sua capacidade de recordar. É uma arte de profunda magia, refinada ao longo de anos de estudo, trabalhada durante todos aqueles meses de fugitivo na Itália e mais tarde nas bibliotecas e arquivos de Gênova, Toulouse e Paris. Embora seja eu mesmo a dizer isto, trata-se de uma façanha de grande profundidade, que poucos terão a capacidade de compreender integralmente. Meu sistema é o primeiro de seu gênero a combinar a arte clássica da memória com naquele ensinado por Tomás de Aquino e passado adiante nos ensinamentos de minha antiga ordem religiosa, a dos dominicanos, mas com o acréscimo do mais poderoso de todos os ingredientes: a antiga sabedoria egípcia de Hermes Trismegisto. Sem este elemento de mágica, meu trabalho não teria despertado nenhum interesse no rei Henrique de França, um homem ávido por conhecimentos esotéricos, com um entusiasmo que quase compensa sua falta de talento. Marie de Castelnau era confidente da mulher do rei Henrique. Quanto disso tudo, então, será que ela já sabe? Mais uma vez, a sensação de que esta situação é uma espécie de ardil me invade e me deixa aflito. Mesmo assim, tenho que começar em algum ponto. Entrego a ela uma grande folha de papel na qual desenhei um diagrama e me recosto com certa satisfação quando ela a apanha e lê, virando-a de um jeito e de outro enquanto estreita os olhos para decifrar as minúsculas inscrições.

- Deus do céu, Bruno - diz ela por fim, tendo feito uma volta completa com o papel. - Como é que alguém consegue entender isso?

- Não é para a compreensão de todos.

Ela parece gostar do comentário.

- Dá para ver que sim. É somente para iniciados, como dizia o rei Henrique. Quero me tornar uma iniciada. - Dá um piparote no papel, depois cruza os tornozelos e descansa o queixo na mão. - Por onde começamos?

Pois é, por onde? De repente, sinto vontade de dar uma risada. Meu sistema

é infinitamente complexo, e nem eu mesmo penetrei por completo seus mistérios. O diagrama, desenhado de acordo com as regras que expliquei em meu livro *Nas sombras das idéias*, publicado em Paris logo depois que parti (e uma das principais razões de minha fuga), mostra uma série de círculos concêntricos, divididos conforme os signos do Zodíaco, separados em subdivisões que podem ser dispostas em configurações aparentemente ilimitadas para abranger a soma do conhecimento humano. Nesses círculos estão representadas as propriedades dos elementos do mundo natural - plantas, animais e minerais. Num plano mais alto, vêm as invenções do homem, o espectro de todas as artes e ciências. Além desses, as imagens das mansões lunares, os planetas, as constelações e as casas zodiacais. Finalmente, o mais poderoso de tudo, os nomes e imagens dos 36 decanos do Zodíaco, que nenhum homem antes de mim ousou invocar. Foi esse elemento que fez os doutores eruditos da Sorbonne e as autoridades eclesiásticas em Paris murmurarem contra mim alegando feitiçaria, porque lhes faltava a luz da verdadeira compreensão. Meu sistema, se entendido da maneira correta, tornase um meio de conectar tudo o que está contido no Universo, em uma só cadeia dourada de ascensão, que parte da mais baixa substância, passa pela imaginação do homem e vai até os deuses do tempo, que habitam o espaço infinito além das esferas dos planetas, e que movimentam e influenciam tudo o que conhecemos como sendo o Céu e a Terra. E o homem que for capaz de abraçar em sua plenitude o conhecimento contido nesse sistema terá, portanto, a inteireza do Universo conhecido dentro de sua mente, e daí poderá redescobrir sua natureza divina, aquela parte de si que outrora se comunicava livremente com a Mente Divina e com os deuses do tempo, antes que esse conhecimento se perdesse. Ele se torna mais do que um iniciado - torna-se igual a Deus.

Isso é o que Dee e eu queremos dizer quando falamos de entrar na Mente de Deus, apesar de discordarmos sobre a natureza dos decanos. Temendo se desgarrar demais das formas convencionais da religião cristã, chama esses espíritos de "anjos", e é com eles que tenta falar através de sua crença equivocada nas visões de Ned Kelley. Sei, porém, que gente como Kelley nunca vai encontrar meios de chegar aos decanos. Antes que a grande civilização egípcia entrasse em decadência e uma parte tão grande de sua sabedoria se perdesse, sacerdotes e magos sabiam o segredo de se comunicar com os deuses do tempo e de controlar e utilizar seus poderes. Esses segredos eram ciosamente guardados nos arquivos do templo, e quando os últimos sacerdotes fugiram, levaram os rolos de pergaminho que preservavam seus conhecimentos para pontos distantes do mundo. Um desses sacerdotes era Hermes Trismegisto - que alguns acreditam ser a divindade Toth, o escriba dos deuses. Assim, os nomes dos decanos nos foram transmitidos por meio dos escritos de Hermes, embora suas instruções precisas para comunicação e ascensão ainda

estejam perdidas para nós, contidas - acredito - no 15º livro de seus escritos, o que se perdeu, a obra que Dee acha que poderia estar com Henry Howard. Meu sistema mnemônico é o que de mais próximo a tudo isso eu pude criar sem a grande chave explicada nesse livro. Ainda assim, está tão impregnado de sabedoria antiga que podem querer me levar à fogueira por causa dele, como o rei Henrique e eu sabíamos muito bem.

Marie ainda está olhando para mim. A luz do fogo aceso na lareira suaviza o lado direito do rosto dela com um reflexo cálido em sua face e no colo. A saleta está na penumbra, ou é o dia que está. Há algo de íntimo demais nas sombras, na claridade cor de âmbar. Debruço-me para indicar com um dedo o círculo mais externo do diagrama, embaraçado, consciente do olhar fixo dela na quietude do ambiente.

- Todo sistema de memória baseia-se em figuras simbólicas, já que nossas mentes têm mais facilidade para recordar imagens - começo, sem encará-la. - Essas imagens aqui estão classificadas de acordo com suas propriedades comuns. Desse modo, por exemplo, neste círculo estão presentes as pedras e os minerais associados com o planeta Marte...

- Falava-se muito de seus conhecimentos em Paris, sabe - interrompe ela, torcendo num dedo um cacho de cabelo solto. - Diziam que você estava ensinando o rei Henrique a invocar demônios para que ele pudesse ficar do lado da rainha herege Elizabeth contra o papa.

- Bem, os ignorantes precisam preencher o tempo de alguma forma. Prosseguindo: esses círculos podem ser girados para criar diferentes tipos de conexões...

- Foi uma das coisas que o duque de Guise usou para gerar inquietação nas pessoas com relação ao rei - interrompe ela de novo. - Ele disse que você estava manipulando Henrique com feitiçaria, convertendo-o às suas heresias para que ele o protegesse da Inquisição. Foi uma das razões pelas quais o rei o banuiu da corte. Sabia disso?

- O rei Henrique não me banuiu - retruco, mordido. - Eu queria visitar a Inglaterra. A idéia foi minha.

Ela ri com ar de troça.

- Se é nisso que prefere acreditar. Henrique estava com medo do duque de Guise. O povo francês não quer um rei fraco, Henrique sabe disso. Querem um soberano que defenda a fé católica, não um que seja condescendente com protestantes e se meta com feitiçaria. Ah, sim, houve muito falatório sobre você em Paris, Bruno, mesmo depois de sua partida. Há quem diga que você matou um

homem em Roma.

Ela vira o queixo de lado e levanta uma das sobrancelhas, como se me desafiasse a confessar.

- A senhora acha que tenho cara de assassino, madame? - Sorrio, mas as palmas de minhas mãos estão molhadas de suor. Philip Sidney certa vez fez uma referência jocosa a isso, mas ouvira a história na Itália. Eu não fazia idéia de que essa fama tivesse me acompanhado pela Europa afora e além-mar.

Ela ri de novo, desta vez de modo mais caloroso.

- Não. Mas também não tem cara de feiticeiro, nem de herege, nem de monge.

- Por que não sou nenhuma dessas coisas, madame.

- Ah, pare com o madame. Faz eu me sentir com 100 anos. Meu nome é Marie. Só Marie. - Ela examina as unhas da mão por um momento, então ergue os olhos para mim, um meio sorriso curioso pairando nos lábios. - Quem é você, Bruno? Em Paris, ninguém sabia. Em Salisbury Court, ninguém sabe. Todos querem você à mesa do jantar por causa de sua presença de espírito e de suas idéias audaciosas, e todas as mulheres querem atrair seus olhares, mas você se mantém distante de todos, não deixa que ninguém chegue perto o bastante para vê-lo de verdade. Por isso, as histórias crescem e encham os espaços desconhecidos.

- Sou apenas o homem que vê à sua frente - digo, abrindo os braços e estendendo as mãos como para provar que nada tenho a esconder. - Não há mistério.

Ela me fita por longo tempo, como se tentasse decifrar algo em meus olhos. Determinado a não parecer suspeito, sustento seu olhar. Há somente o ruído das toras de madeira estalando na lareira e o ir e vir de nossa respiração. Percebo novamente como ela é linda, como parece confinada aqui e insatisfeita com sua sorte - o marido envelhecido, preocupado com assuntos de Estado, a filha pequena. Lembro como seus movimentos revelavam irritação quando a vi com a menina, como eram forçados, como se ela estivesse representando de má vontade o papel de mãe. Por um instante, reflito sobre o caminho estabelecido para as jovens nascidas na nobreza: quão brevemente lhes é permitido brilhar, serem exibidas e admiradas em público em seu próprio meio social, só o tempo exato que levam para encontrar um marido adequado. O dia do casamento é o zênite de seu curto florescimento. Depois disso, espera-se que desapareçam outra vez no segundo plano, que cubram os cabelos e se contentem com os reflexos da glória do marido e dos filhos. Para uma mulher como Marie, essa auto-anulação deve ser mortificante.

Esse jogo que ela faz - os comentários em tom de flerte, o toque da mão, a habilidade com que divide suas atenções entre Courcelles e eu -, tudo é uma forma

de criar um pouco de drama para si, agora que não está mais no centro do palco. Tenho pena dela, até lembrar a maneira empedernida como ela falou sobre guerra santa à mesa do jantar, e o fato de usar o emblema do duque de Guise como distintivo de honra - o mesmo emblema encontrado com as duas damas de honra mortas. Saiba ela ou não, Marie está de alguma forma ligada aos crimes. Mas talvez até esse entusiasmo com a invasão franco-espanhola seja para ela apenas um outro modo de sentir que está atuando no mundo.

- Não acredito em você - diz ela por fim, sacudindo a cabeça com o mesmo sorriso divertido. - O que quer que você seja, Bruno, é mais do que aquilo que aparenta no seu exterior. Embora esse exterior seja perfeitamente aceitável. - Ela estende o papel com o diagrama por cima dos nossos colos e simula interesse em examiná-lo, acompanhando os círculos devagar com o dedo, o braço comprimindo o meu. Meu corpo se enrijece com o esforço para não reagir.

- Você ensinou magia ao rei Henrique? - pergunta num sussurro, como se essa proximidade pudesse me persuadir a me abrir.

- Não.

- Elizabeth quer que você lhe ensine magia? Eram sobre isso suas conversas secretas?

- Não. - Então, é isso o que ela quer descobrir. Pergunto-me se alguém a incumbiu dessa missão; Henry Howard, talvez, para desacreditar a rainha.

- Sabe-se que ela tem um astrólogo a seu serviço.

- Isso não é astrologia - retruco, dando uma batidinha no diagrama. - É um recurso para organizar a mente.

As pontas dos dedos dela se demoram em cima do círculo central.

- Estes aqui são nomes de demônios?

Forço uma risada, e o riso sai como uma espécie de guincho estrangulado.

- Mais uma vez, não. São os 36 decanos do Zodíaco, três rostos para cada signo. São também símbolos, representações de imagens mentais, se assim prefere.

Ela murmura alguns dos nomes baixinho, como uma litania: Assican; Senacher; Acentacer; Acecath; Viroaso. O cabelo da minha nuca se arrepia quando ouço as palavras em sua boca. O ar parece descer sobre nós como veludo. Então ela se vira e, devagar, leva a mão ao meu rosto, o dedo deslizando suavemente pelo osso da minha face, daí até meu lábio inferior, e há tanto desejo em seus olhos que me surpreende e confunde. A luz da lareira se reflete em pontos que dançam nas profundezas de suas pupilas. Sou capturado, inerte. E, quando seu rosto começa a

vir inevitavelmente na direção do meu e sei que não tenho forças para resistir à sua atração, uma tora despenca na grade da lareira com um grande estalo e um clarão, cuspindo brasas nas paredes internas de pedra. Ambos saltamos com o barulho. O encanto foi quebrado, e aproveito a oportunidade para me levantar abruptamente, na minha pressa puxando a folha de papel para longe.

- Marie... não posso. Seu marido... sou hóspede desta casa. Seria... - as frases pairam inacabadas. Ainda sentada no banco de madeira, ela dá uma guinada com o corpo girando primeiro para um lado, depois para o outro. Ao levantar a cabeça, os olhos faíscam. Seu orgulho foi ferido, e ela volta sua raiva contra mim. As faces estão afogueadas e a boca se comprime numa linha.

- Uma palavra ao meu marido - diz, a voz tensa como um arame esticado. - Basta uma palavra sobre isso, que você tentou me tocar, e você seria expulso daqui. Para onde iria, então? - Como não respondo, ela ergue a cabeça, desafiadora. - De volta a Paris, em desgraça. Eu poderia destruí-lo, se quisesse.

- Creio que sim. Mas para reparar o quê? Nada fiz para magoá-la, Marie. Ela se cala, só desvia o olhar, dentes cerrados.

- O que quer de mim? - digo, do modo mais brando possível. Ela sacode a cabeça, ainda teimosamente virada para o fogo.

Não consigo interpretar o que se passa com ela. Continuo a suspeitar de que pretendia usar seus encantos para arrancar algum segredo de mim, acreditando que eu seria fraco e o contaria, mas há sempre a possibilidade de ela ter sentido algo sincero, ou ter achado que sentia. Seja como for, mulher nenhuma aceita ser desdenhada com indiferença, e aquela cujo orgulho foi ferido pode ser perigosa.

Ajoelho-me no chão diante dela, pousando minha mão com leveza sobre a sua.

Ela não a retira, apesar de ainda não olhar para mim.

- Marie - começo, e faço uma pausa, escolhendo minhas palavras com cuidado. - Fui monge durante 13 anos. Aprendi um pouco sobre como dominar os desejos. E, por mais bonita que você seja, e você é - aqui ela condescende em afinal olhar para mim, embora seus olhos ainda estejam frios -, devo lealdade e respeito a seu marido e ao rei Henrique, senhor dele e meu. E também não gostaria de perder o *seu* respeito. - Se é que o tive algum dia, acrescento em silêncio.

Ela franze os lábios, como se pesasse minhas palavras, e por fim parece aprová-las com um gesto breve da cabeça. Uma ligeira onda de alívio me invade. Também sei quanto ela poderia dificultar minha vida em Salisbury se decidisse fazer isso. Por um momento, permaneço ajoelhado enquanto pondero como devo continuar, sem querer tomar nenhuma atitude repentina que possa inflamar a raiva dela outra

vez.

- Talvez seja melhor interrompermos a aula por hoje? - sugiro, tímido. Ela assente e nesse instante se ouve uma forte batida na porta. Pulo para trás, soltando a mão de Marie, mas não rápido o bastante para não ser notado por Courcelles, que entra a passos largos sem esperar ser convidado, o olhar agudo abrangendo a cena de uma só vez. Marie ao menos faz a gentileza de parecer culpada por um momento, antes que um sorriso malicioso se curve em seu rosto quando ela ergue os olhos para ele.

- A aula vai indo bem? - pergunta ele, numa voz acetinada que envolve uma lâmina de aço.

- Vai, sim, obrigada, Claude - responde Marie com ar displicente. - Deseja alguma coisa?

- Sim, madame. A governanta de Katherine pediu para chamá-la. A menina se recusa a ir sentar-se para a aula.

Observo o rosto de Marie e noto que sua primeira reação, ainda não censurada, é de irritação. Vejos seus traços se endurecerem antes que ela caia em si e dê ao rosto uma expressão aproximada de preocupação materna.

- Será que ela espera que eu faça tudo? Para que foi contratada? - diz, levantando-se e alisando o vestido. Hesita por um breve instante, como se incerta sobre falar ou não comigo, em seguida levanta o queixo e sai num rompante da sala sem olhar para nenhum de nós dois. Courcelles vira-se para mim com um olhar capaz de rachar o mármore.

- Suas aulas não eram para melhorar a memória dela? - pergunta ele, com a mão na aldrava da porta. - Parecem surtir o efeito contrário. Pelo jeito, nenhum dos dois lembrou que ela é uma mulher casada. Imagino o que o marido diria sobre isso. Oh, não serei eu quem contará a ele, Bruno. Sou mudo como um túmulo. - Faz uma pausa, perfeitamente calculada. - A não ser que você me dê razões para pensar que o senhor embaixador deva ser informado.

- Não há nada para contar - digo, áspero, pondo-me de pé.

- Tenho certeza disso. Mas meu senhor embaixador é um homem sensível a esse respeito, por motivos óbvios. Aliás, você soube que houve outro crime na corte, exatamente igual ao primeiro?

- Sim, já soube. Uma grande tragédia.

- Ontem à noite, é inacreditável, enquanto estávamos todos no concerto. Bem... todos menos você, devo dizer.

- Uma coincidência extraordinária.

- Não existem coincidências... - diz ele, com uma risada seca. - não é o que vocês, astrólogos de feira, costumam dizer?

Ele sai jogando o cabelo para trás e me deixa com a desagradável consciência de que estou mais vulnerável do que nunca em Salisbury Court.

Capítulo 10

City, centro de Londres,

1º de outubro do ano do Senhor de 1583

- Maria Stuart não vai ficar satisfeita.

Thomas Phelippes não ergue os olhos enquanto faz sua observação, mas os vejo correr pelas fileiras de números escritos na carta, cujo lacre ele acabou de abrir com grande perícia. Walsingham disse-me certa vez que ele só precisava ler cada cifra uma ou duas vezes para decorá-la - contou-me isso com orgulho quase paternal. Se ele não fosse um fenômeno como decifrador de códigos, acrescentou Walsingham com uma risada indulgente, poderia ganhar uma fortuna em uma feira itinerante com as façanhas de sua memória. Naturalmente, fico fascinado com o que se diz da capacidade prodigiosa de memorização desse homem, mas seu comportamento indica que não aprecia conversas mais pessoais. Na verdade, não parece nem um pouco qualificado para lidar com outras pessoas. É raro que olhe direto para mim, e se remexe, pouco à vontade, a menos que se peça que explique algo relacionado a seu ofício, quando entra demoradamente em detalhes com sua curiosa voz monótona, despejando as informações quase sem fazer pausa para respirar. Aqui, na penumbra dos fundos de sua casa na Leadenhall Street, de janelas fechadas e sob a luz de lampião mesmo durante o dia, para proteger sua atividade secreta, ele parece uma criatura dos bosques, contente por estar escondida em sua toca. Como a natureza o dotou de excepcionais talentos do intelecto, procurou contrabalançar privando-o de todo e qualquer encanto físico: é baixo e atarracado, com a mandíbula avantajada, nariz achatado e marcas de varíola nas faces.

- Maria Stuart nunca está satisfeita - observo, enquanto seu olhar vivo continua a esquadrihar a carta, que sei que vem de lorde Henry Howard e vai para Francis Throckmorton, que irá entregá-la em sua próxima viagem ao Castelo de Sheffield. A toa, pego um bloco de cera de lacre na mesa larga de Phelippes, examino-o e coloco-o de volta. Num canto do quarto, Dumas faz às pressas uma cópia de uma das cartas de Castelnau a Maria antes de ir levar o original, a pena arranhando freneticamente o papel, como um rato preso atrás de um painel de madeira. Phelippes estende a mão sem levantar a cabeça e repõe a cera no lugar exato onde estava antes, uma fração de centímetro à esquerda, com um estalido irritado da língua. Em seguida, apanha um livro na escrivaninha e folheia as páginas

com certa pressa, o olhar indo de lá para o papel que tem na mão. Ao levantar o volume, vejo que se trata do livro de Henry Howard, *Uma defesa contra o veneno das supostas profecias*.

- Gostou do livro? - pergunto.

Phelippes levanta um pouco o rosto para que eu veja sua expressão de desdém.

- É a cifra - resmunga, como se não valesse muito a pena explicar isso a alguém de uma estupidez tão obstinada. - O livro é o código. É um dos recursos mais elementares que há. Por isso ele mandou um exemplar para Maria. Está vendo aqui, os números em grupos de três? - Ele inclina o papel o suficiente para que eu veja a que se refere, as fileiras de números espremidos uns contra os outros, na letra apertada de Howard. - Página, linha, palavra. Está vendo? Sem sentido para quem não saiba a que edição se referem os números ou não tenha um exemplar, e, em teoria, infinitamente variado, porque nunca se precisa usar a mesma referência para a mesma palavra duas vezes. Mas Howard, em especial, é preguiçoso. Costuma usar a mesma página de referência para palavras comuns, em vez de procurar outros exemplos. Torna meu trabalho mais fácil.

- Quer dizer que você decorou essas páginas de referência?

- Uma boa quantidade delas, sim.

Se ele captou o tom de admiração em minha voz, não o demonstra, nem fala com qualquer vestígio de orgulho. Está apenas expondo fatos. Debruça-se mais sobre a carta, folheando ao mesmo tempo as páginas do livro.

- Por exemplo, vou ter que cotejar algumas dessas palavras com o livro, mas o ponto central dessa carta é Henry Howard dizendo que nada sabe sobre anel nenhum. Parece que Maria lhe enviou um anel valioso que pertenceu à sua mãe, com o brasão da família gravado. Num estojo de veludo verde. Semanas atrás, foi isso. Queria que ele o usasse como selo para garantir que suas cartas fossem genuínas, mas ele responde que nunca recebeu nenhum estojo nem anel dela. Dá a impressão de que são comprometidos um com o outro, com essa história de dar e receber anéis. - Phelippes dá uma risada repentina que soa como um latido, um som pouco natural em sua garganta.

- Só que Howard não o recebeu mesmo - murmuro, minha cabeça funcionando a toda velocidade. O anel que Maria mandou de presente para Henry Howard acabou sendo dado como prenda de namorado para Cecily Ashe - só pode ser o mesmo -, mas por quem? Se toda a correspondência de Maria para Howard vem por intermédio da embaixada francesa, então o pacote que continha o anel pode ter sido interceptado antes de ser entregue a Howard - por Throckmorton, digamos,

ou alguém em Salisbury Court - ou então Howard está mentindo para Maria, e foi ele quem deu o anel a Cecily. Ou seu sobrinho, Philip Howard, que já assinalei como sendo alguém que combina com a descrição que Abigail fez do namorado da amiga. Sacudo a cabeça. A dúvida persiste: quem daria um presente tão fácil de identificar, que, se encontrado, incriminaria direto os conspiradores que rodeiam Maria Stuart? Aquilo parecia quase uma traição deliberada à rainha escocesa.

O quarto está estranhamente silencioso, então dou uma olhadela para cima e verifico que Dumas parou de escrever. Está olhando fixo para mim, o rosto pálido e tenso, os olhos esbugalhados de modo mais alarmante ainda do que de costume. Franzo a testa para ele com ar de interrogação. O rapaz se limita a morder o lábio e pronunciar a palavra "tempo" sem emitir nenhum som.

Ele tem razão. Precisa levar o pacote de cartas para Throckmorton, e Fowler me espera no Mitre. Trabalhamos o mais rápido possível neste quarto de fundos da casa de Phelippes, mas há sempre o medo de alguma pessoa de Salisbury Court ter visto Dumas me encontrando em Lud Gate ou ter reparado no nosso desvio através da cidade para Leadenhall, sobretudo agora, que é quase certo alguém estar acompanhando meus movimentos. A maior parte do dia já se foi, graças a Marie e suas manobras diversionistas, mas ainda tenho esperanças de ir até Mortlake atrás de Ned Kelley ou de pistas sobre seu paradeiro. Phelippes parece ter congelado no meio de sua tarefa. Dou uma tossidinha por trás do punho fechado, mas ele nem pisca.

- Quase acabando - diz, indulgente, ainda olhando fixamente para a carta, e percebo que está decorando os números. Adoraria perguntar qual é a técnica que usa, mas não quero quebrar sua concentração. Tendo registrado o que precisa, dobra de novo a carta de Howard e arruma os instrumentos de seu outro ofício, a falsificação de lacres: várias barras de cera, uma vela, uma seleção de faquinhas de lâminas de prata, algumas do tamanho de um bico de pena. Leva um momento comparando a cera nova, combinando meticulosamente sua cor com a do lacre original. Assisto, fascinado, seus dedos rápidos o reporem com habilidade no lugar, em parte aquecendo a porção inferior e acrescentando a quantidade exata de cera nova para prendê-lo de volta sem rachar a superfície nem deslocar os fios presos à cera original. Qualquer movimento descuidado nesse estágio crucial pode estragar o lacre de Howard e tornar a adulteração evidente. E os olhos argutos de Maria estariam atentos para tais sinais de traição. Dou por mim prendendo a respiração em solidariedade, ansioso para não fazer qualquer movimento ou som que possa distrair Phelippes, mas ele parece ignorar tudo o mais. Para um homem corpulento, surpreende ele ter dedos delicados, longos e brancos como os de uma costureira. Com a faquinha, ele empurra e puxa a cera macia até ficar satisfeito com sua

aparência. Então recoloca a carta dentro do invólucro oleado do pacote que Dumas precisa entregar a Throckmorton daqui a pouco.

Pelo canto do olho, vejo que Dumas se impacienta: está ansioso para partir.

Depois de nos entregar a carta que copiou e lacrar outra vez o pacote para Throckmorton de modo satisfatório, Phelippes nos faz sair pela porta dos fundos de sua casa, desejando-nos um bom dia com um desajeitado torcer dos ombros, os olhos ainda voltados para o chão.

Cruzamos um pátio e saímos numa rua lateral que nos leva para fora dali pelo pequeno cemitério de St. Katherine Cree. Uma lufada de vento frio lança gotas de chuva em nossos rostos e Dumas estremece, um tremor violento que faz seu corpo magro sacolejar. Ele parece mais tenso que o habitual. Ao entrarmos na rua, nossas golas levantadas como proteção contra as rajadas de vento, um menino surge correndo de repente da saída de um beco e Dumas salta com um dos pés no ar igual a um coelho, agarrando minha manga.

- Você está bem, Léon? - pergunto, enquanto o garoto se desvia das poças e desaparece atrás das casas do outro lado da rua. Dumas olha para mim com uma expressão suplicante, esquisita, como se houvesse algo que quisesse dizer, depois sacode a cabeça com rigidez, balbuciando que precisa se apressar. Eu também já estou atrasado para meu encontro com Fowler; hoje de manhã lamentei a necessidade de ter que o encontrar, o que acrescentaria mais um estorvo ao meu dia, mas o que sinto agora é algo próximo do alívio. A raiva de Walsingham no palácio me ensinou que não posso querer achar esse criminoso sozinho, e o escocês calmo e contido, com sua rede de contatos e seu conhecimento de Salisbury Court, pode ser o confidente de que necessito. Walsingham praticamente me recomendou que partilhasse com ele minhas informações, e a perspectiva de dividir o fardo com alguém já não me deixa mais relutante.

Pouso a mão no ombro de Dumas e ele se encolhe. Temos que nos separar aqui, eu sigo na direção oeste para Creed Lane e ele para o sul, para Pauis Wharf e a casa de Throckmorton.

- Vejo você de novo em Salisbury Court.

Ele olha em torno rapidamente, então se inclina para mim.

- Agora eles vão saber, não é? Que as cartas foram abertas?

- Por que diz isso?

- O anel. Se o estojo e o anel foram roubados de dentro do embrulho, eles vão começar a procurar por alguém que tenha tido a oportunidade de fazer isso. - Está agarrado à minha manga de novo, os olhos brilhando de pânico.

- Vá com calma, Léon. O anel pode ter desaparecido em qualquer ponto do trajeto. Ou pode não ter desaparecido coisa nenhuma. Não há razão para pensar que podem suspeitar de nós mais do que já suspeitam.

Ele não se convence, porém. Na verdade, parece mais abalado do que nunca. Se o medo falar mais alto e ele tentar cair fora do esquema para evitar ser descoberto, podemos perder o acesso à correspondência de Maria com Salisbury Court, a qualquer informação antecipada sobre os planos de invasão ou a provas concretas de tramas contra a rainha. Isso não pode acontecer. A operação toda depende da paz de espírito de Dumas, e devo tranquilizá-lo.

- Precisamos ficar calmos, Léon, e não deixar nosso comportamento revelar nada. Vamos conversar mais sobre isso. Vá ao meu quarto quando puder - digo, dando-lhe tapinhas no ombro outra vez -, mas, agora, vá com Deus.

E o acompanho com o olhar enquanto ele segue na direção do rio, para o sul, os ombros curvados contra a chuva. Ao me virar para seguir meu caminho colina acima, estou certo de ver um lampejo de movimento, uma figura sumindo depressa nas sombras atrás da igreja de St. Katherine. Meu estômago se contorce por um segundo e minha mão procura a adaga de cabo de osso que sempre trago no cinto, o único objeto pessoal que levei comigo do Mosteiro de San Domenico Maggiore, em Nápoles, na noite em que fugi. Mas, ao chegar ao cemitério junto à igreja, não vejo ninguém. Dois homens vêm andando na minha direção entretidos numa conversa, então aprumo os ombros e respiro fundo. Londres está cheia de gente cuidando de seus assuntos, apesar da chuva, e preciso me controlar para não ficar nervoso como Dumas, assustando-me com qualquer sombra. Puxo para baixo a ponta de meu gorro para me proteger do frio e vou andando, embora mantenha uma das mãos na adaga como garantia.

Creed Lane segue para oeste do pátio da Catedral de St. Paul, e, quando me aproximo da tabuleta do Mitre, a rua estreita já está cheia de gente, que se acotovela trocando fortes insultos, tentando se proteger e às suas mercadorias contra o tempo. Assim que chego à porta da taberna, a mão de alguém se fecha em meu ombro, e mais uma vez tenho um sobressalto. Minha mão instintivamente se aperta em torno da faca quando me viro e dou com o rosto de Archibald Douglas sorrindo largamente a poucos centímetros do meu, o hálito já pesado dos vapores da bebida, mas os olhos brilhantes e maliciosos.

Bruno! Achei que fosse você. Reconheci seu chapéu no meio da multidão.

O que o traz a esta parte da cidade?

Encaro-o com os olhos estreitos, imediatamente alerta. Que eu saiba, Douglas nunca me viu usando um chapéu e, de qualquer modo, o meu é de couro

negro, igual ao de todo funcionário subalterno em Londres. Seria ele quem estava me seguindo?

- Livros - respondo, rapidamente me recompondo. - Queria olhar as bancas de vendedores de livros do lado de fora de St. Paul.

- Não sei se vendem o seu tipo de livro em bancas de rua - diz ele, piscando com exagero e enganchando o braço em meu pescoço enquanto empurra a porta para entrar. - Vamos lá, deixe-me convidá-lo para um gole.

Desconfio de seu aparecimento repentino e de sua inusitada manifestação de bonomia, mas como eu estava tão obviamente me preparando para entrar na taberna, é impossível recusar o convite sem parecer suspeito, de modo que dou de ombros, deixo que me faça passar pela porta e penetre no bar fumegante, onde o cheiro de lã molhada compete com os aromas calorosos de massa assada e cerveja espumante.

Douglas abre caminho com os ombros através da turba de corpos úmidos que se abrigaram aqui do aguaceiro, pedindo cerveja quando uma moça maltratada passa, a bebida respingando das quatro canecas que ela carrega, duas em cada mão, e praguejando enquanto isso.

- Cuidado para não esvaziarem seus bolsos aqui - diz ele por cima do ombro, depois faz uma careta e murmura: - Merda.

Ao chegar a uma mesa de canto, faz um gesto para os outros clientes chegarem para o lado no banco, a fim de que nos deixem sentar. Eles obedecem, resmungando. Existe algo estranhamente irresistível na presença de Douglas.

Apesar de não gostar dele, também não quero me colocar contra ele, e, já que está tão envolvido com os conspiradores de Salisbury Court, seria uma tolice de minha parte não usar esta oportunidade para examiná-lo de perto. Ainda assim, não consigo evitar a sensação de que foi ele quem decidiu me examinar.

Quando já estamos sentados com as bebidas diante de nós, ele se debruça e faz sinal para que eu chegue mais perto.

- Não imagina quem acabei de ver sentado lá do outro lado. - Sem esperar que eu responda, ele sussurra, em meio a emanções de cerveja: - William Fowler.

- Fowler? É mesmo? - Concentro-me na caneca diante de mim. Coitado de Fowler. Pergunto-me se ele teria me visto entrar junto com Douglas, depois de me esperar por mais de meia hora. Tomara que compreenda que, em nossa atividade, os planos podem mudar de um segundo para outro.

- É. O que acha dele?

- De quem, de Fowler? - a pergunta de Douglas me traz de volta, atento. Ele está inclinado para a frente, ávido, os olhos penetrantes fixos em mim.

- Mal o conheço. Parece um sujeito quieto - digo, dando de ombros.

- É - concorda Douglas com um gesto da cabeça, e dá um gole ruidoso. - É isso mesmo, aliás, não é? É um sujeito fechado, sem dúvida. - Bate na mesa com o indicador sujo de tinta. - Meu senhor Howard desconfia de que alguém está mexendo na correspondência. Para a rainha Maria, quero dizer.

- E que motivos ele tem para dizer isso? - Sou obrigado a me debruçar e chegar mais perto dele, pois com seu sotaque escocês e meu sotaque italiano mais o burburinho geral na taberna, não é fácil acompanhar a conversa.

- Ele disse que estão faltando coisas. Desaparecendo, sabe. Portanto, deduz que alguém está pondo a mão nos pacotes que vêm do Castelo de Sheffield.

- Que coisas?

- Cartas e pacotes que deveriam ter chegado a ele mandados por Maria. Não disse mais nada além disso. Mas, evidentemente, ele está de olho em Salisbury Court. - Douglas deixa escapar isso com ar displicente, relanceando os olhos para a mesa ao lado ao falar, mas seus tendões se enrijecem de imediato.

- Howard não tem motivo nenhum para desconfiar de quem quer que seja na embaixada - digo, tentando manter minha voz uniforme. Amargas experiências me ensinaram que, quando se é acusado de alguma coisa, não importa se inocente ou culpado, é quase impossível negar a acusação sem parecer que se está protestando com veemência excessiva. Foi por isso que decidi fugir do mosteiro, em vez de ficar e enfrentar um interrogatório do padre inquisidor.

Douglas ri alto, então, uma grande e sincera gargalhada.

- Ora, Bruno, não finja ser simplório. Você é famoso por ter desafiado o Santo Ofício. Você é um monge renegado, faça-me o favor! Segundo Howard - e aqui ele abaixa a voz -, você é um inimigo da fé católica, não um aliado. Não estou dizendo que seja a minha opinião, só acho que você deveria saber o que Howard pensa. Ele está furioso com Castelnau por permitir que você participe daquelas reuniões na embaixada.

- Bem, detesto desapontar Howard, mas minha lealdade é de quem põe um teto sobre minha cabeça e pão na minha mão.

- Sim, e bebo a isso - diz ele, entre pesaroso e zombeteiro, levantando sua caneca.

- Nada sei sobre as cartas de Maria a não ser o que ouço em torno da mesa com vocês todos. - Encaro-o com a expressão mais franca que sei usar. - Você

próprio pratica a fé católica?

Um sorriso curva um lado de sua boca.

- Sim. Acho que se pode dizer que partilho a sorte dos católicos. Mas me vejo como um pragmático. Sei interpretar para onde sopra o vento, meu amigo, e não preciso de nenhum adivinho nem de nenhuma profecia antiga para me dizer que a estrela de Elizabeth está se apagando. - Olha depressa para os lados, mas ninguém parece estar prestando atenção na nossa conversa. - Sei como tornar meus serviços indispensáveis àqueles que estão subindo, depois vou cobrar os favores quando eles estiverem estabelecidos. Henry Howard não tem ilusões sobre minha devoção religiosa, mas sabe que eu não poria em risco a minha posição. A rainha Maria responde por mim e isso basta para ele. Não... eu estava pensando em Fowler. Ele tem uma porção de amigos na corte. Castelnau acha que ele trabalha a nosso favor, mas eu tenho minhas dúvidas.

- Ouvi dizer que você já se fez indispensável à rainha Maria uma vez - digo, em parte para mudar de assunto. Especular demais sobre a confiabilidade de Fowler entre os freqüentadores de Salisbury Court poderia levar a uma atenção indesejada. Ele sorri abertamente então, batendo a mão na mesa e gritando por cima da balbúrdia para pedir mais bebida.

- Você se refere à desventurada e inoportuna morte do segundo marido de Maria, lorde Darnley, em Kirk O'Field, não é isso? - Ele esvazia a caneca e, por um instante, mira seu interior vazio com ligeira decepção. - Dizem que encontraram meus sapatos na cena do crime na manhã seguinte. E eu lhe pergunto: isso é alguma prova? Poderiam ser os sapatos de qualquer um; não bordei meu belo nome neles. Mas experimente contar isso ao Conselho Real da Escócia. Claro, foi meu antigo criado quem testemunhou contra mim no patíbulo, mas um homem diz qualquer coisa quando está com uma corda no pescoço, não é? Ah, obrigado, minha lindeza. - Ele vira o brilho do seu sorriso para a moça que nos serve, colocando duas canecas cheias de cerveja diante de nós. Mal toquei na primeira, mas ele parece não ter notado.

- Que história era aquela sobre a torta? - pergunto.

Outra grande explosão de riso.

- Ah, a torta. Vou lhe contar. Maria Stuart, quando soube que o marido morrera, convidou uma porção de senhoras para um baile em sua corte e elas dançaram a noite inteira, todas *nuas* - cochicha ele, fazendo uma pausa para causar efeito. - E sabe o que elas fizeram depois? Cortaram todo o cabelo.

- O cabelo? - repito, franzindo a testa.

- Das xoxotas, seu palerma. - E aponta para a virilha, para o caso de eu ainda ter dúvidas. - E puseram todo o cabelo dentro de uma torta de frutas e serviramna aos cavalheiros convidados, para diversão geral. Essa é a mulher que querem colocar no trono. - Afasta a franja dos olhos e sacode a cabeça, encantado com a história.

- Isso é verdade?

Ele põe a mão no coração.

- Tão verdade quanto eu estar sentado aqui, filho.

- Cavalheiros, desejo-lhes boa tarde. Achei que pudessem ser os senhores.

Assusto-me com a voz inesperada: Fowler apareceu do meio da confusão móvel de casacos molhados e parou junto à nossa mesa. Ele sorri, meio inseguro.

- Ah, olá. Que coincidência, mestre Fowler. Bom dia para o senhor. - Douglas ergue sua caneca e sorri com cortesia, mas o sorriso não lhe chega aos olhos. Fowler inclina a cabeça sem entusiasmo. Parece haver uma desconfiança ou animosidade velada entre os dois escoceses, desmentindo a idéia de que compatriotas longe de casa sempre são atraídos um para o outro. Tento transmitir minhas desculpas a Fowler com os olhos, mas ele apenas murmura "Bruno", com sangue-frio profissional, e depois volta de novo a atenção para Douglas.

- O que o traz aqui, Archie? - pergunta.

- Ah, negócios - responde Douglas em tom despreocupado. - Sempre negócios, Fowler, você me conhece. E nosso amigo Bruno estava procurando livros no pátio de St. Paul. Falando nisso - ele enfia a mão em seu gibão e tira de lá uma folha de papel, dobrada e amarfanhada -, algum de vocês já viu este papel? - Ele o alisa em cima da mesa. É outro panfleto, dessa vez com uma gravura do símbolo astrológico de Saturno. Douglas o empurra para mim e eu o abro, com Fowler lendo por cima de meu ombro. Dentro se vê o desenho grosseiro de uma mulher nua, uma espada espetada no seio. A essência do texto era que o segundo assassinato de uma dama real deve ser entendido como um claro sinal de Deus de que o reinado de Elizabeth, e com ele o que o escritor anônimo chama de "a experiência protestante", está chegando ao fim. As mortes, com suas marcas, que se referem de modo tão indiscutível à Grande Conjunção e suas profecias apocalípticas, são sinais da ira de Deus contra a rainha herege, que em sua rebelião contra Deus busca a orientação de magos e servos do demônio como John Dee, em vez de procurar a sabedoria do papa. Se não é o próprio demônio que leva a cabo esses crimes com sua própria mão, com certeza é alguém movido e guiado por poderes satânicos.

- Tire isso daí - diz Fowler com voz sibilante, correndo os olhos rapidamente

pela sala e depois se agachando junto à mesa. - Agora também é ilegal possuir profecias impressas, e nunca se sabe quem está vendo.

- Esses crimes estão fazendo nosso trabalho para nós - observa Douglas, sem lhe dar ouvidos, batendo com a ponta do dedo no panfleto, a voz pouco mais do que um sussurro. - Minar a confiança do povo nela, só isso. Vocês vão ver que haverá muito pouca resistência a uma troca de rainhas se o povo tiver provas de que o Todo-Poderoso lhe deu as costas.

- Você subestima a teimosia dos ingleses - murmura Fowler, sacudindo a cabeça. - E a antipatia deles por Roma. Lembram-se do descontentamento nas ruas quando se pensou que a rainha poderia se casar com um francês católico, os panfletos que apareceram então?

- Ah, é? - Douglas se apruma, como se se preparasse para uma briga, depois se lembra de onde está e baixa a voz outra vez. - E você subestima a quantidade de gente simples no reino, William. Há muito mais gente do povo gostando de Roma do que você pensa. As pessoas sentem falta do apoio da velha crença. Sentem falta de seus santos de madeira, das peregrinações e do consolo da confissão, da penitência e da absolvição. - Aponta um dos dedos para o rosto de Fowler. - Elas sabiam onde pisavam com a velha crença, e gente simples gosta de certezas. Se você chega numa dessas cidades e vilarejos minúsculos pelo país afora... ninguém lê Erasmo nem Tyndale nesses lugares. As pessoas vão à igreja onde lhes dizem para ir porque não podem pagar as multas, mas em seus corações elas nunca deixaram de acreditar no milagre da missa. Nem os membros da igreja. E se essas pessoas ouvirem falar que o demônio está ceifando mulheres na corte porque sua soberana flerta com a feitiçaria, ficarão contentes com a oportunidade de ter uma rainha nova, acredite. Existe gente do povo em quantidade suficiente para incendiar um levante quando chegar o dia, se forem incentivados da maneira certa.

Ele fala com tamanho entusiasmo sobre essa perspectiva que dá a impressão de que foi ele próprio quem a planejou, e tem razão sobre os crimes na corte: se a notícia for espalhada da maneira certa, pode ser muito útil para os conspiradores caso haja uma invasão de forças católicas. No entanto, mais uma vez, volto à mesma pergunta: se os crimes são parte de uma trama católica, por que a encenação deixa tão evidente que se trata de uma trama católica? O que há a ganhar de um blefe duplo tão elaborado?

- Eu me pergunto se esse criminoso sabe que está ajudando nossa causa - digo, para sentir a reação, ainda olhando para o panfleto. A notícia deve ter voado, para um panfleto ter sido escrito e impresso menos de um dia depois do crime. Contudo, havia muitos criados em Whitehall presenciando os acontecimentos, o que

torna isso possível, e um bocado de gente contrária a Elizabeth a ponto de arriscar a vida imprimindo material como esse.

- Claro que não - Douglas lança olhares rápidos para os lados. - E só algum lunático que detesta mulheres. Mas digo que podemos usar isso em nosso benefício.

- Um lunático de dentro da corte, pelo jeito - acrescenta Fowler, entrelaçando as mãos. - Todo mundo estava reunido lá ontem à noite para o concerto.

Douglas dá de ombros.

- A melhor ocasião para entrar às escondidas no palácio, então, quando todos os olhos estavam voltados para o outro lado - funga ele. - Seja como for, isso não é da minha conta. Nosso interesse é garantir que este tipo de coisa - ele acena com o panfleto - encontre o público mais amplo possível. Para espalhar o medo. Para abalar a popularidade dela com seus súditos em primeiro lugar.

- Levanta do assento, puxa a capa para os ombros e, quase como se lembrasse de repente, esvazia a segunda caneca de cerveja, batendo com ela na mesa depois. - O que me lembra que tenho assuntos a tratar. Foi um prazer, cavalheiros. Até outro dia, sem dúvida. - Repõe sua boina de lã disforme, toca a ponta dela curvando-se com ar de troça e é absorvido pela multidão.

- É o senhor que está pagando, então? - pergunta a criada, aparecendo junto ao meu cotovelo com a mão estendida, impaciente para receber suas moedas. Só então me dou conta de que Douglas, depois de me convidar para beber, saiu sem pagar, o que eu deveria ter previsto que faria.

Fowler sorri, achando aquilo deplorável, enquanto conto o dinheiro da cerveja.

- Você não está acostumado com o jeito de nosso amigo Douglas, pelo que vejo.

A moça vira as moedas na palma da mão e me olha, desconfiada, visivelmente em dúvida se não tentei enganá-la com alguma moeda estrangeira esquisita. Satisfeita, aponta para as canecas. Olho para Fowler, que levanta a mão, recusando.

- Obrigado, não. Este lugar está me dando dor de cabeça. Acho que o céu clareou um pouco. Poderíamos ir a pé.

- Tenho a impressão de que Douglas não faz parte de seu grupo de amigos - digo, enquanto nos esprememos para sair pela porta. Fowler tem razão: o céu ainda está riscado de um cinzento ameaçador e o vento enche as goteiras de folhas, mas a chuva amainou por enquanto. As pedras do calçamento estão escorregadias por causa do esterco dos cavalos e da palha encharcada, e piso com cuidado para me

desviar do fluxo marrom malcheiroso que desce pelas sarjetas dos lados da rua.

- Não, creio que não.

Ele levanta a gola e acertamos o passo rumo ao pátio de St. Paul. Não há melhor lugar para se andar sem ser notado do que no meio da multidão, mas mesmo assim mantenho uma das mãos apertada em torno de minha bolsa de dinheiro.

- Sei coisas demais sobre Douglas, é esse o problema. Quando um homem foge para outro país no intuito de se reinventar, a última coisa que deseja é encontrar alguém do lugar de onde saiu, que pode espalhar sua história inteira a qualquer momento. Imagine se alguém que se lembrasse de você da Itália aparecesse em Salisbury Court? - Ele sorri, mas me lembro da alusão maliciosa de Marie de Castelnau ao homem morto em Roma e cruzo os braços no peito para conter um arrepio.

- De qualquer maneira, é melhor ficarmos de sobreaviso - digo, ao passarmos pelos portões para a sombra da grande catedral, cujas paredes se erguem 60 metros acima de nós, a ponta quebrada da torre apontando como um toco de dedo para o céu carregado de umidade. - Eles desconfiam que alguém está violando a correspondência.

Enquanto passeamos junto às bancas dos vendedores de livros, que puxaram seus cavaletes para trás a fim de se protegerem da chuva de antes, conto a ele o que se passou na oficina de Phelippes, sobre o anel desaparecido e a preocupação crescente dos conspiradores a respeito de suas comunicações com Maria. Chamame atenção, durante a narrativa, o fato de Henry Howard não confiar a Douglas o que ele acredita ter sido roubado. Pelo jeito existem segredos dentro de segredos fermentando por trás das portas fechadas de Salisbury Court. A piada despreocupada de Phelippes sobre compromissos afetivos flutua na minha mente com súbita relevância, de tal modo que paro um momento. Se Howard está mantendo uma correspondência particular com Maria Stuart, seria porque aspira terminar o que seu irmão começou? É uma jogada importante. Se é que há uma possibilidade de esses planos de invasão serem bem-sucedidos, qualquer homem que se casasse com Maria poderia se tornar rei da Inglaterra quando ela fosse coroada. Estaria ele cortejando Maria Stuart com suas cartas particulares em código? Tal aspiração não seria de estranhar em Henry Howard.

- Bruno? - Fowler parou também e me olha, preocupado. Decido manter essa linha de especulação para mim próprio.

- Quer dizer que Howard pensa que sou eu, ao que parece, e Douglas quer acreditar que é você - digo, ao contornarmos a abside no lado leste do prédio e darmos com uma aglomeração de pessoas voltada para o pequeno púlpito ao ar livre

que caracteriza St. Pauls Cross. Fustigado pelo vento, o povaréu se comprime estoicamente, esticando o pescoço para a frente a fim de escutar as palavras do pregador antes que elas se percam no ar. Por cima dos chapéus das pessoas, mal enxergo o homem debaixo do pequeno domo do púlpito, mas, pelos fragmentos do sermão que chegam até nós, parece que está falando contra adivinhação do futuro, cartomancia e, sim, antigas profecias. Grita alguma coisa sobre o rei Saul e a feiticeira de Endor, suas palavras entrecortadas pela ventania. Presumo que o sermão tenha sido encomendado oficialmente, o que é bem apropriado, já que o pátio da igreja é o mercado principal dos panfleteiros ilegais, mascateando folhetos como o que Douglas acabou de nos mostrar, esgueirandose através da multidão no meio dos homens que vendem, escondidas nos casacos, as relíquias sagradas proibidas.

- E como vai seu amigo nervoso, Dumas, o escrevente? - pergunta Fowler. - Ninguém ainda desconfiou dele?

- Ainda não. Ele tem procurado ser discreto.

- Ótimo. Então, até agora, as suspeitas vêm apenas do rancor que sentem contra nós. Podemos afastá-las sem dificuldade alguma. O importante é que ninguém pense em Dumas. Se alguém o interrogar, estamos perdidos.

- É verdade - concordo, enfático. - Dumas já sucumbiria à primeira acusação. Custe o que custar, ele precisa permanecer fora da vista deles. - Então recordo a figura que vi escapulindo, sorrateira, atrás da igreja na Leadenhall Street, quando Dumas e eu saímos da casa de Phelippes, a coincidência da súbita aparição de Douglas no local exato onde eu iria encontrar Fowler, e mais uma vez a inquietação me arrepia a nuca. E impossível saber em quem confiar.

- E quanto ao novo crime? - sussurra Fowler enquanto nos misturamos à platéia do pregador. - Deve ter acontecido debaixo de nossos narizes. Foi por isso que o chamaram para fora do salão?

Em voz baixa, conto a ele o que aconteceu na véspera em Whitehall, inclusive meus contatos anteriores com Abigail, o assassinato de Cecily Ashe e minhas suspeitas de que a morte das duas damas esteja ligada às conspirações tramadas em Salisbury Court. Quando termino de falar, ele dá um breve assobio, sacudindo a cabeça, os olhos ainda fixos no púlpito.

- Meu bom Jesus - murmura. - Bruno, essa trama é maior do que imaginávamos. Você acha que eles pretendem matar Elizabeth? Pensei que o duque de Guise quisesse fazê-la prisioneira, se a invasão fosse bem-sucedida, e julgá-la publicamente por heresia, fazendo dela um exemplo.

- Talvez eles achem que a invasão teria mais chances de sucesso se o país

não tiver uma soberana por trás, na liderança - cochicho de volta. - Isso deixaria a Inglaterra desnordeada, inteiramente vulnerável. Na condição de prisioneira, ela inspiraria lealdade, como Maria Stuart agora. Morta, nada pode fazer.

- As pessoas iriam então clamar por uma rainha forte - diz Fowler, estreitando os olhos contra o vento. - Meu Deus. Então você acha que um dos nossos amigos em Salisbury Court é o assassino?

- Um deles está por trás dos crimes, em todo caso, se não empunhando a faca ele próprio. Não vejo como pode ser diferente. Cecily Ashe ganhou o anel que Maria Stuart mandou para Howard, talvez como um penhor de sua parte na conspiração. E o homem que o deu a ela deve ter sido o que a matou, provavelmente com medo de que ela traísse a conspiração.

- E o mesmo homem matou a outra moça, Abigail.

- Abigail deve ter sido morta porque era amiga de Cecily, porque o assassino achou que ela sabia algo sobre a identidade dele ou sobre a trama. Mas estou convencido de que ele a matou porque a viu conversando comigo naquele dia. - Baixo os olhos, respiro fundo. - E a única pessoa que estava lá e nos viu foi Philip Howard. Além disso, ele se encaixa na descrição de Abigail.

Fowler franze o cenho.

- Mas o conde de Arundel estava no concerto ontem à noite, eu o vi. Eles todos estavam, aliás.

- Ele só precisaria de uns minutos antes do início do concerto para encontrar o ajudante da cozinha e certificar-se de que ele recebera a mensagem marcando o encontro no cais da cozinha. Depois, seu cúmplice teria sabido onde encontrá-la.

- Tudo o que realmente sabemos sobre esse sujeito - diz Fowler devagar, esfregando o queixo com o indicador - é que ele é uma figura eminente e as moças o consideram bonito. Mas poderíamos dizer o mesmo de qualquer um dos homens que se reúnem em torno da mesa do embaixador. Courcelles, por exemplo, é de origem nobre e considerado muito atraente pelas mulheres, creio. Madame de Castelnau sem dúvida o vê assim, basta notar a maneira como olha para ele. E ele teria amplas oportunidades de dar sumiço em um embrulho enviado à embaixada.

- Por esse critério, Throckmorton também, e acho que ele é um rapaz de boa aparência.

- Só que Throckmorton nunca fica aqui por tempo suficiente para tramar um regicídio ou dois crimes, está sempre indo ou voltando de Sheffield. Imagino que pudesse tirar o anel do embrulho, embora não acredite que tivesse engenhosidade

para tanto. E um daqueles tipos que obedecem alegremente se alguém lhes diz para onde ir, mas não é capaz de inventar tramas por si só. - Sacode a cabeça. - Portanto, só restam Douglas e Henry Howard.

- Douglas? - incrédulo, esqueço-me de falar baixo. Uma mulher à frente virase e crava um olhar severo em nós dois, o dedo sobre os lábios, embora eu não entenda como ela pretende ouvir o sermão do pregador com toda aquela alegre algazarra do povo, zombando e exclamando em voz alta. Reflito um pouco sobre Douglas e me pergunto se Fowler não estaria certo. Douglas pode ter uma aparência envelhecida e cabelos grisalhos, mas tem um queixo forte e um brilho travesso nos olhos que combina com a sensação de estar à vontade na própria pele. É possível que uma jovem ainda imatura o considerasse bonito. E até Henry Howard, com sua barba e suas sobrancelhas pontudas, tem certa presença imponente que pode atrair. Seja como for, está claro que uma descrição tão subjetiva não vai nos ajudar muito.

- Quem pode afirmar o que as mulheres acham atraente, afinal de contas? - sussurra Fowler, como se lesse meus pensamentos. - Pode ser até que algumas delas o vejam desse modo, Bruno - acrescenta, com um sorriso.

- *Grazie*. Você também não é tão mau assim - retruco, com um sorriso afetado, apesar de minha mente correr inevitavelmente para Marie e sua tentativa de me seduzir. Qualquer que tenha sido o motivo dela, não acho que foi pelo meu rosto.

- Olhe só para nós, discutindo quem é ou não bonito, como dois velhos padres dos colégios de meninos em Southwark. - Fowler dá uma risada azeda. - Vamos precisar de provas mais concretas para encontrar esse homem. Mas por onde começar?

- Sei onde pretendo procurar - digo, entre dentes.

O pregador em St. Pauls Cross parece ter chegado a algum tipo de conclusão. Em seguida alguns aplausos irrompem, como para um espetáculo itinerante, então a multidão começa a se desintegrar e a se dissipar, como tinta na água, afastando-se do púlpito em grupos de dois ou três. Nuvens correm pelo céu para longe do rio e o vento começou a soprar. O ar cheira a chuva outra vez. Fowler enterra o chapéu na cabeça e damos meia-volta, de novo rumo ao lado sul da catedral e seu alvoroço de mercadores, mascates e batedores de carteira. A conversa proporciona uma estranha forma de alívio, mesmo quando não se chega a nenhuma solução. Sinto-me mais leve por fazer confidências a Fowler e novamente maldigo minha obstinação em encontrar o assassino de Cecily sem ajuda. Talvez, se eu não estivesse tão preocupado com meu próprio sucesso, Abigail não tivesse que pagar o preço que pagou. O remorso pesa como pedras em meu estômago quando lembro do corpo dela no chão frio daquele depósito, e a determinação de ver o culpado pelo

crime levado à justiça arde com uma nova intensidade.

- Escute aqui, Bruno - diz Fowler com delicadeza, pousando a mão em meu braço. - Você quer que seja algum dos Howard. Não o culpo, há razões de sobra para não gostar deles. No entanto, precisamos manter os olhos e as mentes abertos. Há algo estranho nisso tudo. Se envenenar a rainha era parte do plano de invasão dos Guise, por que ninguém mencionou o fato em nenhuma das reuniões secretas da casa de Castelnau? E se o assassinato de Cecily Ashe visava proteger essa missão, por que todos se comportam como se fosse novidade para eles?

Essas são perguntas que estão relacionadas às minhas apreensões. Viro a cabeça para o céu. A luz se esvai e preciso me apressar se quiser encontrar um barqueiro que me leve até Mortlake hoje ainda.

- Alguém está fingindo - respondo. - E o grupo que se encontra em Salisbury Court foi reunido por Castelnau. O que não quer realmente dizer que todos se gostem ou confiem uns nos outros. Talvez os que estão tramando a morte de Elizabeth tenham seus próprios planos e queiram apenas usar a invasão francesa como veículo.

Mais uma vez, considero a possibilidade de Henry Howard estar cortejando Maria Stuart de olho no trono, mas nada digo a Fowler. Pode ser uma atitude infantil, mas quero que seja meu o crédito por sugerir essa possibilidade a Walsingham.

- É verdade - concorda ele, pensativo, estreitando os olhos para o céu. - Tenho a impressão de que Henry Howard teria preferido dirigir pessoalmente essa iniciativa, mas as autoridades estão interessadas demais nos negócios da família, e ele não pode assumir o controle total sem ser descoberto. Precisa da cobertura da embaixada francesa para poder se comunicar com os partidários de Maria em Paris, mas dá para notar que não lhe agrada o fato de Castelnau envolver gente como você e eu nessa história toda.

- Como é seu relacionamento com Howard? - pergunto, curioso.

Fowler dá de ombros.

- Ele me tolera porque Castelnau o convenceu de que possuo contatos úteis na corte escocesa, e, como sabe, qualquer informação sobre as inclinações do rei Jaime para com as reivindicações de sua mãe tem grande valor para a conspiração. Não acredito que Howard suspeite de mim pessoalmente, mas ele nunca parece estar muito à vontade quando estou presente. Imagino que duvide da lealdade de qualquer um que não defenda os motivos dele com igual ferocidade.

- Sendo assim, ele deve desconfiar de todos nós - reflito. - Ninguém tem tanto rancor pessoal contra Elizabeth e seu governo quanto ele.

Fowler sacode a cabeça com vigor, concordando.

- Além disso, como você viu naquela noite, ele perdeu a paciência com a insistência de Castelnau em relações diplomáticas. Com dinheiro espanhol envolvido, Howard pode ficar tentado a dispensar de vez a embaixada francesa e seguir em frente sozinho com Mendoza. - Fowler comprime os lábios. - Ele encontrou no embaixador espanhol um aliado tão impiedoso quanto ele próprio.

Visualizo Howard confabulando com Mendoza no concerto em Whitehall, as cabeças de cabelos escuros juntas, o desprezo que ambos manifestaram ao se virarem para mim quando me aproximei. Estou prestes a replicar quando um movimento atrai meu olhar. Viro-me, mas o pátio da igreja é um mar de corpos em constante movimento, circulando em torno uns dos outros, muitos com seus capuzes puxados para se proteger do vento. É impossível distinguir qualquer pessoa, e no entanto, por um instante, tive aquela sensação incômoda de estar sendo observado. Estaria ele aqui? Ou estou ficando tão nervoso quanto Léon Dumas?

- Bem, quem sabe poderemos descobrir mais coisas amanhã na casa dos Arundel - murmura Fowler ao passarmos pelas magníficas portas do transepto sul e nos afastarmos do pátio da igreja. - O conde de Arundel vai oferecer um jantar para os convidados habituais.

- Receio não fazer parte da lista de convidados dos Howard.

- Tenho certeza de que o embaixador pode encontrar um jeito de incluí-lo.

Fale com ele. E vamos ficar atentos. Para que lado vai?

Faço uma pausa, lançando um rápido olhar para a entrada de uma ruela estreita que leva, entre prédios em estilo enxaimel, para uma travessa que dá direto em Paus Wharf.

- Para o rio. Vejo-o em breve, sem dúvida.

- Está seguindo para oeste? Será que podemos pegar o mesmo barco?

- Vou para Mortlake. Creio, porém, que chegarei mais depressa se for sozinho. Não me leve a mal - acrescento rapidamente -, mas é que já estou atrasado. E precisamos ter cuidado. - Dou uma olhadela por cima do ombro.

- Mortlake? Não vai ver Walsingham? - Ele baixa a voz outra vez.

- Não. Um conhecido que mora lá perto.

Ele me lança um olhar demorado entre os olhos estreitos, como se desconfiasse de que não falo toda a verdade. Talvez imagine que estou tentando deixá-lo de lado e vou levar alguma informação interessante a Walsingham que não contei a ele. São dúvidas que nosso chefe instilou em nós. Instintivamente, analisamos cada palavra das pessoas procurando um duplo sentido, mesmo aquelas

em quem devemos confiar.

- Boa sorte, então. Você tem uma longa viagem pela frente. - Fowler hesita, como se ficasse tímido de repente. - Estou contente por termos falado sobre esses assuntos, Bruno. Nosso trabalho é às vezes muito solitário, não acha? Tenho esperança de podermos combinar nossas habilidades e energias a fim de encontrar para Walsingham a prova necessária para levar todos esses conspiradores à justiça. Bem, você sabe onde estou se precisar de um confidente, ou de companhia.

E me dá um tapinha nas costas, levanta a gola do casaco e se afasta com passos ligeiros na direção de Carter Lane, enquanto me dirijo para o rio sob gordas gotas de chuva salpicadas com ênfase pelo céu que escurece.

Capítulo 11

Mortlake, sudoeste de Londres,

1º de outubro do ano do Senhor de 1583

Já no rio, encontro um momento de calma para pôr em ordem meus pensamentos embaralhados, talvez pela primeira vez em dias. As nuvens de chuva apressaram o crepúsculo, e estou sentado na proa do pequeno bote envolto em meu manto e numa cortina de chuvisco fino, embalado pelo ritmo dos remos, olhando para as luzes que piscam das janelas das construções à margem do rio. Tive sorte em encontrar um dos poucos barqueiros que não acha necessário preencher o tempo do percurso com tagarelice; sua lanterna oscila no gancho enquanto ele rema contra a correnteza, e, na ausência de vozes, meus pensamentos se voltam mais uma vez para o comportamento de Marie essa manhã. O fato de tê-la recusado, com a melhor das intenções, deixou-me à sua mercê, caso ela resolva me criar problemas. Teria sido talvez mais fácil oferecer-lhe algum incentivo, conceder-lhe uma pequena parcela do que ela desejava. Naquele momento de proximidade, quando ela se curvou para me beijar, meu corpo se lembrou de como era ser tocado. Faz alguns meses que beije uma mulher pela última vez, e foi algo que não acabou bem. O que eu disse a Marie é verdade - os anos que passei na ordem dominicana me ensinaram a dominar o desejo, a subjugar os anseios obstinados do corpo. Contudo, não há autodisciplina que consiga suprimir a solidão da alma. A vida que escolhi - ou que fui obrigado a escolher, nunca sei ao certo - oferece poucas oportunidades de qualquer tipo de intimidade. Um escritor, e sobretudo um escritor no exílio, precisa aprender a ser reservado e independente, a ter o espírito tranquilo, e quase sempre sou assim. Mas existe sempre, em algum lugar no meu íntimo, por mais calada que seja, a dor surda da ânsia por alguma coisa que às vezes receio ser a vontade de ter uma companhia para a vida toda. Se eu fosse um homem diferente, talvez não tivesse escrúpulos com relação a Marie. Imagino que um homem como Douglas não pensaria duas vezes em aceitar qualquer mulher que se oferecesse a ele. Além da minha leadade a Castelnau, porém, há uma frieza em Marie que me causa aversão instintiva, mesmo que seus óbvios atrativos me tentem. De maneira inevitável, meus pensamentos se voltam para Sophia Underhill, a última mulher que tive nos braços, aquela cuja mente e cuja beleza romperam minhas defesas cautelosas há apenas alguns meses. Gostaria de saber por onde ela anda agora e se encontrou um pouco de felicidade.

Em geral, quando meus pensamentos tomam este rumo, consigo refreá-los

fazendo minha cabeça trabalhar nos ritmos ordenados das engrenagens da minha memória. Esta noite, as imagens todas se metamorfoseiam numa visão dos lábios de Marie, mas o remédio não faz muito efeito.

Como resultado, chego em Mortlake tão encharcado de melancolia quanto de chuva. A noite caiu e, ao longo da margem do rio, os contornos das casas e das árvores ficaram indistintos, borrões vistos através da chuva contra um céu cinzento. Estremeço e de repente me sinto muito longe de casa. Preciso me controlar, digo a mim mesmo com severidade. Meu único propósito aqui é encontrar um criminoso, e autopiedade é uma evasiva própria das mentes fracas.

De início, ninguém responde na casa de Dee. Fico à porta durante alguns minutos sob a chuva cada vez mais intensa, e uma fria ansiedade me sobe aos poucos à garganta. Talvez todos os moradores tenham sido levados para interrogatório, talvez Ned Kelley tenha voltado e esteja mantendo a porta trancada. Protejo a testa com a mão e tento espiar através de um dos pequenos caixilhos na lateral da porta da frente, mas não há luz nenhuma acesa no interior. Quando já penso em procurar uma janela que possa arrombar para entrar, ouve-se um rangido e abre-se uma fresta na porta, mostrando a chama de uma vela.

- Sra. Dee, sou eu, Giordano Bruno, vim saber se há notícias da corte. - Volto correndo para o pórtico de entrada, aliviado. O rosto carrancudo de uma mulher olha para mim da escuridão do interior. Não é a mulher de Dee. - Perdoe-me, sua senhora está em casa?

Ela se vira. Em seguida escuto passos, vozes sussurrantes que confabulam, depois a porta se abre um pouco mais, porém não menos a contragosto. Por trás da criada emburrada, avisto Jane Dee, que se adianta para a claridade quando a porta se fecha atrás de mim, o pequeno Arthur pendurado em suas saias, o rostinho oval levantado para mim com expressão compenetrada.

- Dr. Bruno. - Ela sorri, mas a tensão se revela no contorno de seus olhos. O bebê no seu quadril esfrega os olhos com o punho pequeno, entortando a touca de linho que traz na cabeça. Jane a endireita habilmente com uma das mãos e seu rosto volta a se contrair, ansioso. Tem uns 30 anos, não é bonita mas tem um rosto amável, franco. Dee depende totalmente dela e brinca que jamais pode pensar em se casar a não ser que encontre outra mulher igual a Jane. Tenho o maior respeito por ela, pois poucas mulheres iriam tolerar uma casa que fede a esterco e onde a maior parte da renda familiar é gasta em manuscritos e instrumentos astronômicos. Seu cabelo está preso de modo desordenado, com mechas soltas que a criança puxou, e ela parece pálida, aparentando ser mais velha do que de fato é. Ergue o rosto para mim e tenta outro sorriso.

- Trouxe notícias de meu marido?

- Não. - Estendo as mãos vazias. - Vim porque esperava que tivesse alguma para me dar.

Ela olha de relance para a criada, que ainda está parada junto à porta, e há algo furtivo que me irrita na postura desta última. Jane faz um sinal para mim com a cabeça, muda o bebê para o outro quadril e eu a sigo por um corredor para uma saleta fria, onde um fogo está se extinguindo na lareira. Jane o atíça e uma tênue chuva de fagulhas sobe pela chaminé. Por um breve momento, as toras de madeira lutam com coragem para voltar a viver. Ela me olha com ar de quem se desculpa.

- Tire seu casaco molhado, Dr. Bruno, e aproxime-se ao nosso triste simulacro de fogo, por favor. Eles vieram buscá-lo ontem, tarde da noite. - Afasta o cabelo do rosto e sacode de leve o bebê para acalmá-lo. Arthur senta-se de pernas cruzadas junto aos pés da mãe, os olhos ainda fixos em mim. - Cinco homens com a libré real, disseram que era urgente. Jogaram-no dentro de um barco, mal lhe deram tempo de apanhar o manto. - A boca se comprime numa linha branca.

- Foram grosseiros? - Baixo a voz, lançando um olhar para o menino. Jane sacode a cabeça com rigidez.

- Não. Mas estavam armados, acredite. Por que ela mandaria homens armados buscarem meu marido, Dr. Bruno, que nunca fez mal a ninguém na vida? Hesito.

- Houve outro crime na corte. No princípio da noite. Não soube? Seus olhos se arregalam.

- Ainda não saí. Fiquei bastante ocupada com as idas e vindas aqui. - Seu rosto se ensombrece, - Um crime? Mas, com certeza...? O que isso tem a ver conosco?

- Quando o Dr. Dee foi ver a rainha na noite anterior ao crime - começo, ainda com a voz baixa -, ele descreveu para ela a visão de uma mulher de cabelos vermelhos assassinada de modo violento. O que ele descreveu foi quase exatamente o que aconteceu na noite seguinte com uma das damas de honra da rainha que tinha cabelos vermelhos. Não admira que o aparente conhecimento prévio de seu marido seja uma questão do interesse do Conselho Real. Esses crimes são vistos como uma ameaça à própria soberana. - Faço uma nova pausa, sem saber quanto devo revelar. Jane assente com um gesto lento da cabeça, os lábios ainda apertados. O bebê choraminga. Sem olhar, ela coloca o nó de seu dedo mindinho na boca da criança, que o morde, agradecida.

- Quer dizer que acreditam que ele profetizou algum ato demoníaco? Seu tom de desdém de certa forma me tranqüiliza.

- Acho que estão mais interessados em saber se ele tomou conhecimento do fato por meios mais triviais.

Ela franze o cenho.

- Mas é claro que não era uma visão dele - diz ela, e a amargura na voz é inconfundível.

- Não. A visão foi relatada a ele por Ned Kelley.

- Que não é visto há quatro dias - completa ela. - Mas evidentemente meu marido não vai contar isso à rainha. Não vai querer que ela pense que ele não tem o dom da visão. Pobre John - ela ri tristemente. - Ele não o tem nem nunca terá. Não é algo que se consiga através dos livros, por mais tempo e dinheiro que se gaste com eles. Minha avó tinha o dom, por isso eu sei... ela conseguia predizer o futuro com a peneira e o tesourão, e interpretava sonhos. Mas, se quer saber, esse Ned Kelley não tem o dom. Ele é muitas coisas, e não me surpreenderia se fosse criminoso também, mas não prevê o futuro nem fala com espíritos - diz, conclusiva, passando o bebê para o outro quadril.

- Estamos de acordo quanto a isso - afirmo, enfático. - Mas eu gostaria de saber de onde Ned Kelley tirou sua profecia. Não pode ser coincidência. E temo que a lealdade que seu marido dedica a ele seja mais do que esse sujeito merece. Se John sabe alguma coisa, não vai revelar para os conselheiros da rainha, e receio que tenha que pagar por isso.

Jane contrai o rosto e olha rapidamente para o menino no chão, que aos poucos se aproximou alguns centímetros dos meus pés.

- Não pode estar mais certo, Dr. Bruno. O assunto tem sido motivo de discussão entre nós nesses últimos meses. Só Deus sabe como John tem se deixado enganar por esse homem, nem posso dizer. Dormindo sob nosso teto, tirando o pão de nossa mesa, da boca dos meus filhos - ela para de falar, percebendo como sua voz se elevou. Há um rubor súbito em suas faces. O pequeno Arthur inclina a cabeça, interessado.

- Quem tirou o pão da mesa?

- Quietos, meu querido. - Jane se cala e faz sinal para que eu fique em silêncio. Todos ficamos imóveis por um momento, procurando escutar, e em seguida ela atravessa o aposento nas pontas dos pés e escancara a porta da saleta. O ruído de passos apressados pode ser ouvido afastando-se pelo corredor. Jane move a cabeça na direção do som e me lança um olhar significativo, como se dissesse: vê o que tenho que agüentar?

- Disse que houve idas e vindas aqui - eu falo, quando ela fecha a porta outra vez. - O que quis dizer?

- A biblioteca de John. Sabe como ele recebe todos os que vêm aqui, como diz que sua biblioteca deve ser para todos os estudiosos que leem seus livros com o devido cuidado? Todos, menos seus livros de magia, é claro - acrescenta ela, baixando a voz. - Pois bem, hoje mesmo, de manhã, enquanto John estava retido na corte, apareceu um homem à nossa porta, bem antes das nove horas, dizendo que fizera uma longa viagem para consultar um manuscrito em especial e que tinha cartas de meu marido dando-lhe permissão para isso. - O bebê choraminga e ela lhe oferece o dedo de novo. Ele parece menos disposto a ser enganado dessa vez e desvia o rosto, as faces rubras de aborrecimento. - Não gostei de deixar entrar um estranho, John estando ausente e eu aqui sozinha com as crianças, mas também não queria mandar o sujeito embora, pois John nunca fez isso, embora o senhor possa imaginar os tipos que nos surgem à porta.

Penso em Kelley e balanço a cabeça.

- Então, deixou-o entrar?

- Não sabia o que fazer - responde ela, levantando a cabeça, aflita.

- Ele lhe mostrou as tais cartas?

- Mostrou-me alguns papéis. Entenda que não sei ler muito bem, Dr. Bruno, mas conheço a assinatura de meu marido. Portanto, deixei-o entrar na biblioteca externa, mas lhe disse que não saberia achar aquele livro que ele queria. Disselhe que teria que procurar sozinho, se pudesse, mas, como sabe, a arrumação das prateleiras da biblioteca de John não tem pé nem cabeça.

- Ele lhe disse qual era o título do livro?

Ela franze a testa.

- Deve ter dito, mas não sei se me lembro. Era em latim. - Ela sacode a cabeça. - De qualquer maneira, parece que ele não o achou, porque fiquei de olho nele. Entrava lá a todo minuto, sabe. Não sou boba: alguns daqueles livros valem um ano de salário, e não posso correr o risco de que alguém tente roubá-los, por mais que esteja vestido como um cavalheiro. John já deu por falta de alguns, mas atribuo isso ao nosso hóspede - diz, os lábios contraídos, cheia de antipatia.

- Era então um cavalheiro, esse visitante? - pergunto, as suspeitas comichando. - Bem vestido? Como ele era?

- Ah, alto. Usava um chapéu com uma pluma grande, que não tirou nem dentro de casa. Achei-o mal-educado. Isso mostra que belos tecidos não melhoram

necessariamente as maneiras de ninguém. Ele tinha uma barba pontuda, escura, cortada assim em triângulo. - E mostra com a mão que está livre, tirando-a da boca do bebê, que chora alto.

- Era jovem?

Ela reflete.

- Mais jovem do que John. Mais velho do que o senhor. Uns 40 anos, talvez.

Meu coração se aperta. Inegavelmente parece-se com Henry Howard. Decerto que há outros homens que corresponderiam a essa descrição, porém quem mais aproveitaria a oportunidade de vasculhar a biblioteca de Dee, sabendo-o ausente? E, se era Howard, o que esperava encontrar?

- Portanto, a senhora o observou na biblioteca? - Procuro não deixar minha voz revelar inquietação, pois a pobre mulher já tem bastante com que se afligir.

- Viu o que ele leu? Ele tentou levar alguma coisa?

- Acho que não. Mas foi esquisito. Ele examinou aquelas prateleiras correndo, como se todos os demônios do inferno estivessem em seu encalço, quase num frenesi. E quando achou que eu não estava olhando, vi-o tentar abrir a porta que dá para os aposentos internos de John, sabe, onde ele guarda seus livros secretos. Graças a Deus, John a havia trancado e levado a chave consigo. Também deu pancadinhas nos painéis de madeira, esse sujeito, como se estivesse procurando algum esconderijo oculto. Chegou a enfiar a mão na chaminé... não o vi fazer isso, mas quando ele saiu havia fuligem em sua manga. - Ela quase ri da audácia do homem.

Acontece que sei, como ela deve saber também, que Dee guarda certos papéis numa caixa escondida num nicho da chaminé de seu gabinete. Quem quer que fosse esse homem, é evidente que tinha uma boa noção do que esperava encontrar, e devia ser algo que ele desconfiava que Dee manteria longe de olhos curiosos.

- Quanto tempo ele ficou aqui? Deu a impressão de ter encontrado o que queria?

- Quantas perguntas, Dr. Bruno! - Jane tenta manter a voz despreocupada, mas percebo que sente medo quando a vejo balançar o bebê no quadril com mais insistência. - Ele ficou até bem depois da hora do jantar, embora não parecesse notar isso. Desceu um ou dois livros e deu uma olhada neles, não vi quais, mas acredito que fosse mais para disfarçar. Comecei a pensar que talvez ele tivesse vindo de propósito, sabendo que John estava fora, pensando que poderia ficar à vontade. Mas quem poderia saber disso, a não ser a rainha e seu pessoal?

- A voz dela soa mais alta. Olha para mim esperando que eu a tranquilize. -

Sabe quem ele era? Desconfia de alguma coisa, estou vendo em seu rosto.

- Acho que não deve deixar entrar nenhum estranho aqui enquanto seu marido estiver detido - aconselho. - Muito menos esse homem, se ele aparecer de novo. E vou providenciar para que alguém venha tomar conta de vocês enquanto John está na corte. Não está certo que seja deixada sozinha com as crianças.

- Ah, não estou sozinha - retruca ela secamente. - Não enquanto tiver aquela relaxada para me fazer companhia.

Olho em torno, imaginando que ela se refere à criada mal-humorada que abriu a porta. Pergunto-me por que não arranja outra, já que parece desgostar tanto dessa. Talvez só possam pagar uma assim, o que pode explicar o rancor.

- Permite que eu dê uma espiada no quarto de Ned Kelley? - pergunto. - Pode haver algo lá que nos dê uma pista sobre como ele inventa suas visões, e isso pode servir para eximir John de qualquer suspeita.

- Claro.

Ela me conduz até a porta, me entrega uma vela e aponta para a escada principal.

- O quarto no alto da escada. Entre lá e revire tudo quanto quiser, com a minha bênção. E não ligue para ela - acrescenta, com ar sombrio.

A casa de Dee é velha e tortuosa, a madeira dos degraus e balaústres escureceu e adquiriu brilho, de tão alisada por gerações de mãos e pés. Conforme vou subindo, os pisos dos degraus gemem como criaturas vivas e cansadas de tão velhas, e pelo canto do olho vislumbro sombras às minhas costas à medida que o círculo flutuante de luz se desloca junto comigo. Apesar de saber que não há mais ninguém na casa exceto Jane e as crianças, além da criada, ainda assim reparo que estou tenso, preparado para surpresas repentinas, quase esperando que alguém salte sobre mim de um corredor ou porta, como se esse tempo todo Kelley pudesse estar escondido em algum desses cantos cheios de teias de aranhas.

A porta no alto da escada não está trancada. Abre-se para um quarto de generosas proporções, com duas janelas de batente que devem dar para a frente da casa, para a trilha que segue em direção ao rio. Agora, contra o céu negro, elas mostram apenas um reflexo distorcido de minha silhueta sob a chama trêmula da vela. Ao me virar devagar, a luz tênue revela um amontoado de objetos no quarto: uma cama baixa de madeira sobre rodinhas, com os lençóis embolados e jogados para trás, como se Kelley tivesse saído deles às pressas apenas momentos antes; dois baús, um trancado, o outro transbordando de itens de vestuário ou roupas de cama; uma mesa com alguns tocos de vela; ao lado, um par de dados e um cadeado. Suas sombras sobem e descem pelas paredes à medida que a vela passa por eles.

Empurro a porta atrás de mim e encaixo a vela num dos castiçais da mesa, em seguida coloco-o no chão a meu lado e me ajoelho junto ao baú trancado. A fechadura é velha, coberta de ferrugem, e, ao inserir nela a ponta da minha faquinha de cabo de osso, levo só alguns instantes afrouxando e sacolejando até o mecanismo se abrir com um clique. Levanto a tampa e minha pulsação se acelera quando meus dedos roçam em folhas de papel: cartas, talvez, e, mais no fundo, a capa de velino de um livro. Tiro uma pilha de páginas manuscritas e as examino sob o escasso círculo de luz. O que vejo me tira o fôlego. São páginas de anotações e desenhos com letra tosca; símbolos astrológicos e alquímicos, códigos cabalísticos; listas de nomes numa curiosa língua desconhecida; desenhos geométricos iguais aos da mesa de prática que Dee usa em suas sessões, cujos componentes ele diz que lhe foram transmitidos por espíritos via Kelley; há cartas estelares e esboços das imagens dos decanos de acordo com as descrições fornecidas pelos escritos de Hermes; fragmentos de textos de magia popular tirados de livros proibidos em toda a Europa e três panfletos recentes, semelhantes aos do pátio da Catedral de St. Paul, denunciando o assassinato de Cecily Ashe como um sinal do fim dos tempos e complementados com ilustrações repulsivas. E, o mais perturbador de tudo, encontro no fundo uma série de imagens desenhadas à mão mais explícitas do que as dos panfletos. Representam jovens com cabelos ondulantes, os braços abertos e uma das mãos segurando um livro, a outra, uma chave, o corpete rasgado e os seios projetando-se para fora com uma adaga mergulhada no coração, umas com o símbolo de Saturno marcado no peito, outras com o de Júpiter. Essas figuras variam quanto aos detalhes - numa delas, a moça está de pé no meio do que parece ser um rio caudaloso; em outra, encontra-se deitada nua em uma espécie de altar, mas a expressão em seu rosto, a de um ser aniquilado, permanece a mesma. Sinto minhas entranhas se contraírem numa náusea peculiar. Há um deleite visível nesses desenhos, são a expressão da fantasia violenta de um homem jovem. Sente-se que o artista teve prazer em ilustrar não só a mulher nua, mas seu sofrimento - e embora a escrita de Kelley denote falta de cultura, não lhe falta talento quando se trata de desenho, pois as cenas são vividas. Presumindo-se que isso seja trabalho dele, esses desenhos lhe permitiriam descrever suas visões a Dee em detalhes convincentes.

Dobro devagar as folhas com os desenhos e as enfio dentro do gibão. Elas parecem ser nada menos do que os esboços preparatórios para o assassinato de Abigail Morley, e, se for provado que são de autoria de Kelley, podem bastar para condená-lo, ou, pelo menos, para levá-lo a julgamento. Só de considerar a possibilidade de Kelley ter encenado suas fantasias lascivas em Abigail sinto uma corrente de raiva percorrer a espinha e minha respiração se acelera. Fecho os olhos por um momento, obrigando-me a conservar a calma, a procurar agir sob a luz da razão. Porém, se Kelley fosse o assassino, não teria como se aproximar das damas

da rainha, a menos que fosse contratado por alguém mais bem relacionado.

Voltando a atenção para o baú, tiro os dois volumes que estão escondidos entre os papéis. O primeiro é uma edição encadernada de *O livro de Soyga*, copiada à mão, uma obra de nomes e invocações que se acredita conter a língua original falada por Deus e Adão, uma língua de grande poder ainda não corrompida pela queda do homem. Vi um manuscrito desse livro em Paris e não acreditei em sua autenticidade, embora soubesse que Dee possuía um e ainda acreditasse que continha algum poder oculto. Quando lhe pedi para ver o exemplar algum tempo atrás, ele me disse que tinha desaparecido. Aparentemente, seu adivinho doméstico tinha mão leve, além de ser traiçoeiro.

O segundo volume me pega de surpresa, pois é meu: *À sombra das idéias*, o livro que publiquei em Paris no ano passado. Virando lentamente suas páginas, vejo que Kelley sublinhou as passagens nas quais descrevo as imagens dos decanos. O que Dee tomou como sendo revelações divinas vindas dos deuses egípcios do tempo nada mais são do que a capacidade de repetir como um papagaio as palavras que o suposto adivinho leu - as minhas, nada menos. Quando Dee voltar, vou mostrar a ele esse exemplar com as páginas marcadas e as anotações para provar que Kelley tem tanto talento de adivinho quanto a criada. Quem sabe isso o convença finalmente de que foi enganado.

Enfio o livro dentro do gibão junto com os papéis, agora tão furioso comigo mesmo quanto com Dee - deveria ter adivinhado logo quando ouvi Kelley descrever pela primeira vez sua "visão" do decano de Áries na bola de cristal. O suposto vidente nada sabe a respeito dos escritos de Hermes e muito menos fala com espíritos. Suas revelações são pura invenção, uma colagem de fragmentos que ele surrupiou da própria biblioteca de Dee.

- Esses livros são de meu marido.

Assusto-me, quase derrubando a vela. Perdido em meus pensamentos, no meio das sombras, não escutei os passos dela, e a voz ríspida vinda da escuridão fez meu coração quase sair pela boca. Viro-me, e a criada de Dee está parada junto à porta, segurando uma vela pequena.

- Credo, mulher, você quase me matou de susto.

Tão sobressaltado estou que demoro um momento para registrar o que ela disse.

Seu marido?

- O senhor não tem o direito de mexer nesses papéis. Esses livros não têm nada a ver com o senhor.

- A senhora está errada: este aqui tem meu nome na capa. - E o mostro a ela.

A mulher se limita a estreitar os olhos e continua a me fulminar com o olhar, como se isso pudesse enfim me fazer ceder.

- Então Ned Kelley é seu marido. Onde está ele, afinal?

Ela dá de ombros. À luz da vela, vejo que é mais velha do que pensei à primeira vista, talvez mais perto dos 40 anos do que dos 30, com os últimos vestígios de algo que não chega a ser beleza, mas uma petulância atraente.

- Fora. Mas vai voltar, e aí o senhor vai se arrepender.

- Vou mesmo? Quando ele voltar, será que pretende continuar a lograr o homem que o alimenta e hospeda? O que ele ganha com essa farsa? Alguém o plantou aqui para isso?

- Não sei do que está falando - diz, desviando o olhar. - Não me meto nos negócios do meu marido.

- E faz bem, já que o negócio dele é assassinar moças.

Apanhei-a, com isso. Vira-se para mim, a boca aberta, os olhos arregalados por um instante, embora se recomponha bem depressa.

- Meu marido nunca fez mal a ninguém, seu caluniador perverso. Seus dons lhe foram dados por Deus. Mas o que se pode esperar de um estrangeiro imundo? Seus olhos são negros como os de um mouro - acrescenta para completar.

- Talvez minha bisavó fosse dona de um mouro, quem sabe? - digo, pegando a vela e me pondo de pé. Esses ingleses têm tão pouca imaginação. Noto que ela olha para o livro enfiado debaixo de meu braço.

- Onde está seu marido? - pergunto outra vez. - Conheço gente que está muito interessada em conversar com ele sobre seus *dons*.

Aproximo a vela do rosto dela, mas é uma mulher alta, tão alta quanto eu, e robusta. Ela não se intimida. Apenas me encara, insolente como uma meretriz de Southwark.

- Não pode sair daqui com esse livro, não tem o direito de... - recomeça ela. Perco a paciência.

- Não me venha falar de direitos, minha senhora - digo, agarrando-a pelo braço e empurrando-a contra o batente da porta -, quando a senhora e seu marido se alimentam graças à generosidade de um homem bom e da mulher dele para vantagem própria. Diga-me onde ele está. - Sacudo-a bruscamente e ela me mostra os dentes. Gratifica-me constatar que se mostra ao menos um pouco assustada antes que o ar atrevido volte.

- Generosidade, é como isso se chama? Credulidade, acho. Não sei onde Ned está, mas aposto que em algum lugar onde nem um feiticeiro como você ou um tolo como John Dee vão encontrá-lo.

Que sorte, então, que os guardas da rainha sejam mais bem treinados para buscas. Especialmente quando um homem é procurado por assassinato.

Isso esvazia um pouco a arrogância dela, que luta para soltar o braço que prendi, mas, como estamos ambos segurando velas, seus movimentos ficam limitados.

- Ned não matou ninguém. Isso nunca foi...

- Nunca foi o quê? - Sacudo o braço dela com mais força. - Nunca foi parte do trato? Talvez seu marido e aquele que o paga tenham mudado os termos do acordo. Bem, com certeza vão arrancar isso dele de um jeito ou de outro.

- Por que você está machucando Johanna? - diz uma vozinha de algum ponto perto das minhas pernas. Relanceio os olhos para baixo e ali, no alto da escada, está Arthur Dee, seu olhar sério dirigido para cima, indo de mim para a mulher de Kelley. Relutante, solto-lhe o braço. Ela me lança um olhar de triunfo e faz grande espalhafato ao alisar as saias para baixo e esfregar a carne do braço com ostentação, como se tivesse sido violentada. Seria uma sorte para ela, penso, com um último olhar de repulsa.

- Está tudo bem aí em cima, Dr. Bruno? - pergunta Jane Dee do pé da escada.

- Está tudo bem - digo, inclinado-me para o menino. - Ninguém se machucou, Arthur. Vamos descer e ir ao encontro de sua mãe?

Ele faz que sim com a cabeça e me dá a mãozinha. Deixamos Johanna Kelley, se é que esse é o nome dela, repondo as coisas dentro do baú do marido com uma cara fechada como noite de temporal.

- Não gosto dela - confia-me Arthur enquanto descemos, num sussurro que se pode ouvir de qualquer ponto da casa. - Ela me bateu uma vez e minha mãe a chamou de bruxa. - Tento reprimir uma risada.

- Imagino que a desleixada não ficou muito contente ao dar com o senhor remexendo nas coisas do marido dela - comenta Jane quando a encontro na saleta. Parece que a idéia lhe agrada. - Se é que é marido mesmo.

- Falta-lhe cortesia, isso é certo.

Jane concorda, balançando a cabeça.

- Nem parece que já trabalhou para uma das famílias nobres da cidade.

Aposto que tinha muito mais bons modos naquela época. Ou não - acrescenta, em tom expressivo.

Paro, interrompendo o gesto de colocar meu manto.

- É mesmo? Qual família?

- Ela foi criada na casa do conde de Arundel, na Strand. Não conta o motivo para ter saído de lá, mas acho que foi mandada embora desonrada. Existe uma criança, sabe, uma filhinha mais ou menos da idade de Arthur, que ela deixa com uma viúva lá por perto de Hammersmith. E não é de Kelley - diz, com um aceno da cabeça carregado de sentido. - Ela só se juntou a ele há um ano, pelo que entendi. Posso apostar que nem são casados de fato.

Acha que ela teve a criança na casa dos Arundel? - Arregalo os olhos, incrédulo. Outra ligação com Howard. Continuo a olhar embasbacado para Jane: será possível que Kelley esteja trabalhando para Henry Howard ou para o sobrinho dele, talvez apresentado a eles por sua mulher? Minha mente se volta para a curiosa conversa com Howard depois do concerto e sua ameaça indireta. Ele falou especificamente sobre Dee invocar espíritos com uma bola de cristal. Teria acertado por acaso ou sabia disso por causa de uma informação de primeira mão?

- Não ficaria surpresa se assim fosse. Mas ele deve receber dinheiro de algum lugar para mantê-la. As roupas dela também são feitas com tecidos bons, de melhor qualidade do que seria de esperar em alguém como ela. Seja como for, já que meu marido, em sua loucura, dá guarita ao suposto marido dela, insisti que nos prestasse algum serviço em troca. Não sei por que me preocupei com isso. Este bebê aqui seria mais útil nos trabalhos domésticos. - Ela balança a criança de leve em seu ombro e ele soluça. - Além disso, ela está roubando comida da minha cozinha, tenho certeza.

Levanto uma das sobrancelhas ao ouvir isso. Talvez então Ned Kelley não tenha fugido para tão longe, afinal de contas. Não digo isso a Jane. Ela não iria dormir melhor na ausência de Dee achando que o adivinho poderia estar escondido no jardim.

- Não abra a porta para ninguém até seu marido voltar - recomendo-lhe ao sair, junto à porta, e bato de leve no peito, onde escondi os papéis de Kelley. - Tenho aqui material que inocentará John no momento em que for visto pelas pessoas certas, e transformará Ned Kelley num homem procurado pela justiça.

- Como se ele já não fosse! - resmunga Jane. Não se preocupe conosco, Dr. Bruno, nós nos sairemos bem, como sempre. Foi muita bondade sua vir nos visitar - acrescenta, esforçando-se para sorrir, afastando o cabelo que lhe cai sobre o rosto. Noto cansaço em sua voz outra vez. - Ainda está uma umidade terrível aí fora. Tem

certeza de que precisa ir embora? E bem-vindo para ficar, se preferir.

Sinto que ela ficaria contente em ter companhia, ou pelo menos a tranqüilidade de uma presença masculina, porém, agora que tenho comigo os papéis de Kelley, acho que devo levá-los para Walsingham o mais rápido possível.

- É melhor eu ir. Mas se Kelley der as caras ou se ela - e aceno com a cabeça para a escada - der algum sinal de que sabe onde ele está, mande avisar Walsingham em Barn Elms imediatamente. Nesse meio-tempo, vou ver se ele pode mandar um homem ficar de olho na casa até John voltar.

- Obrigada, Bruno. Mas você não pode sair no escuro sem uma lanterna. Johanna! - chama ela para a escuridão da escada. - Apanhe uma lanterna para nosso visitante!

Não há resposta. Estalando fortemente a língua com impaciência, Jane sai pisando duro e levando o bebê para os fundos da casa. Arthur e eu ficamos no vestibulo, solenes, olhando um para o outro.

- Cuide bem de sua mãe até seu pai voltar - digo, curvando-me para afagar seu cabelo macio. Ele se parece com a mãe, mas tem os olhos penetrantes do pai.

O menino faz que sim com a cabeça. Jane volta e me entrega uma lanterna com uma vela nova.

- Devolva-a quando puder - diz ela. - Agora vá com Deus.

Meu manto não está menos úmido do que quando cheguei, apesar de sua breve permanência junto ao fogo, e o ar da noite, quando saio, fustiga-o com uma friagem que me penetra direto nos ossos, embora a chuva tenha cessado por enquanto. Estremeço, mas me despeço de Jane com uma saudação jovial. O pequeno Arthur permanece na soleira da porta acenando até eu chegar no portão de sua casa. Dou uma espiada para o andar de cima e tenho quase certeza de avistar uma figura imóvel junto à janela, observando em silêncio, envolta em sombras.

O trajeto é de pouco mais de um quilômetro através da extensão de terra que se alonga numa ponta, fazendo o rio dar a volta em torno de Barnes e Mortlake. Nuvens correm pela face da Lua, sopradas pelo vento, mas há apenas uma estrada principal, pouco mais que uma trilha, que margeia o rio e depois o cruza. Mesmo no escuro, seria difícil me perder no caminho para Barn Elms. Apesar das instruções de Walsingham para mandar minhas informações por intermédio de Fowler, os papéis que trago no peito são tão urgentes que seria uma insensatez adiar a entrega. Posso deixá-los com ele ou com Sidney e seguir caminho antes que alguém saiba que estive lá. Segurando a lanterna à minha frente, sua luz se fracionando na água parada nos sulcos do caminho, aperto o manto sobre o corpo e fecho o portão atrás de mim.

Sinto-o mais do que o escuto, quase no mesmo momento em que piso na vereda enlameada que me levará à trilha do rio. Ele - ou ela, quem sabe - não passa

de um movimento fora do alcance da minha visão, um deslocamento de ar, o ruído suave de água agitada numa poça. Viro-me, primeiro devagar, ampliando o círculo da luz fraca da lanterna ao levantar o braço, mas quem quer que seja está escondido. No entanto, sei que não estou sozinho, e parte de mim maldiz minha temeridade quando acelero o passo. O que tinha na cabeça, vindo para tão longe da cidade à noite, e sobretudo quando não há dúvida de que alguém vem me seguindo? Mas a cada passo sinto os papéis de Kelley arranharem meu peito e tento não fazer caso da onda de medo que corre junto com meu sangue. Estamos a um passo de descobrir quem matou Cecily Ashe e Abigail Morley, e estou convencido de que Ned Kelley é a prova que liga os Howard ao plano de assassinato. Estou correndo agora, instigado pelo pensamento de que isso logo possa ser resolvido, mas ele acompanha o ritmo dos meus passos no escuro, quem quer que seja. Ouço ecos de minhas próprias passadas na lama, porém não me viro mais. Prefiro manter os olhos em meu rumo, uma das mãos na faca, a outra erguida à frente segurando a lanterna, dizendo a mim mesmo que cada passo me aproxima de Barn Elms e Walsingham. Assim que meu perseguidor perceber para onde me dirijo, certamente ficará para trás a fim de não ser visto. Walsingham mantém guardas armados junto ao seu portão. É obrigado a fazer isso, tendo em vista a quantidade de católicos que gostariam de mandá-lo mais cedo para seu juízo final.

O sopro úmido da noite, os contornos sólidos das árvores molhadas dos dois lados, a presença que sinto sem ver, que se torna uma espécie de companheiro no silêncio. Quase começo a acreditar que ele não me quer mal, que só está tomando conta de mim, seguindo meu rastro no caminho. O grito estridente de uma coruja corta o ar acima de mim e prendo a respiração com um som alto, assustado, e meu pé tropeça num sulco. De algum ponto atrás de mim escuto uma outra respiração parar ao mesmo tempo. Já corri talvez uns 600 metros quando ouço um nítido som humano - não chega a ser uma palavra, é mais um grunhido, o ruído de um esforço físico. Viro-me, levantando a luz e sacando a faca com a mão direita, e, ao fazer isso, ouço esse movimento, há um leve assobio no ar e um instinto cego me diz para me abaixar. A mão com a faca voa para meu rosto pouco antes de o golpe me atingir e me derrubar no chão.

Através das sombras indistintas consigo apenas divisar a forma do corpo dele agigantando-se sobre mim antes que tudo fique escuro.

Capítulo 12

Barn Elms, sudoeste de Londres,

1º de outubro do ano do Senhor de 1583, Noite

QUANDO A LUZ REAPARECE, a primeira coisa que vejo contra as formas flutuantes é a silhueta dele, ainda curvada sobre mim. Debato-me e ouço um grito estrangulado escapar de meus lábios, mas ele me imobilizou não sei como e uma lâmina de dor está serrando devagar minha testa no negrume onde deveria estar meu olho esquerdo. Meus membros encharcados protestam e desisto. Tenho a impressão de estar afundando no chão, mas não consigo me mexer para impedir isso.

- Ele acordou.

A voz parece vir do homem que espia meu rosto. Ela soa familiar, mas não consigo abrir um olho e o outro não entra em foco. Nesse ínterim, me pergunto se ele vai me matar. Com algum esforço, descubro que posso estender minhas mãos abertas de cada lado do corpo e sinto o chão liso e fresco. Nesse momento algo frio e molhado aterrissa no meu rosto, então tusso e balbucio, voltando à consciência, lutando para me levantar sobre um dos cotovelos.

- Por Cristo, Bruno, você nos deu o pior susto da vida - diz o homem, e, quando o sangue coagulado é removido de meu olho bom com uma esponja, o homem se solidifica na forma de Philip Sidney. Não consigo entender como ele veio parar aqui, de modo que decido não tentar compreender, embora não possa negar que desde o dia em que ele me salvou em Oxford que não fico tão contente em vê-lo.

- Acho que você tem prazer em me fazer bancar sua ama-seca - diz ele alegremente, como se estivesse revivendo a mesma lembrança. - Então, o que, em nome de Deus, aconteceu com você dessa vez? Lembra-se de alguma coisa?

- Nem ao menos sei onde estou.

- Não tente se levantar.

Ele fica de pé, estica os braços compridos por cima da cabeça, mas o pano molhado continua o suave movimento em meu rosto. Alguém mais está aqui, mas não consigo virar a cabeça para ver.

- Você está em Barn Elms - Sidney continua a falar, lá do outro lado do quarto. - Teve uma sorte danada, Bruno, para falar a verdade. Um dos criados o encontrou na estrada para Mortlake quando voltava do dia de folga. Não sabia que

era você, claro, mas Francês o reconheceu quando o trouxeram para dentro de casa. Não foi, minha querida?

- Foi, Philip - diz uma voz doce de menina acima de mim. Então, a mulher de Philip é a minha enfermeira. Quando ela afasta o pano para o enxaguar, vejo-o passar com o canto do olho. A água que cai quando ela o torce está muito vermelha.

- Se não fosse isso, você provavelmente teria morrido, aposto - diz Sidney com seu jeito prosaico de sempre. - Viu quem era? Ele bateu em você com alguma coisa pesada, mas parece pior do que está, acho. Ele roubou você?

- *Merda!* - exclamo, esforçando-me para sentar, afastando o lençol e quase jogando longe a tigela de água. Vejo fagulhas de luz branca, mas agarro a coluna da cama até desaparecerem. Despiram-me enquanto estava inconsciente, e estou vestido apenas com minha camisa e a meia que sobe até a cintura.

- Os papéis! Onde estão?

- Que papéis? Fique calmo, vai começar a sangrar outra vez.

- Quem tirou o meu gibão?

Esforço-me, com as pernas bambas, para ficar de pé, mas o quarto se inclina e minha vista se turva outra vez.

- Fui eu, seu tolo - diz Sidney. - Estou a seu lado desde que trouxeram você. Walsingham também esteve aqui por um bom tempo. Pensamos que não fosse escapar. - Faz uma pequena pausa. - No entanto - diz, a voz abrupta novamente, para que eu não o ache sentimental -, eu já deveria saber que é preciso mais do que uma pancada na cabeça para acabar com você. Mas não havia nada, nem papéis, nem bolsa. Nada. E seu gibão e a camisa estavam abertos.

Deixo-me cair de volta na cama, a palma da mão pressionando a têmpora com muito cuidado.

- Eu os estava trazendo para Walsingham. Meu agressor deve tê-los levado.

- Quem?

Lanço um olhar para Francês e sacudo minimamente a cabeça, depois estremeço. Até esse movimento me dá a sensação de que meus miolos estão soltos dentro do crânio.

- Minha querida, vá buscar seu pai, se ele estiver disponível, sim? Diga-lhe que Bruno voltou a falar. Agradecido.

Ele aponta para a porta, imperioso. Sua mulher balança a cabeça, submissa, e sai com a tigela de água suja de sangue. A porta se fecha quase sem ruído atrás

dela.

- Ela é muito obediente, sabe - comenta Sidney com leve interesse, como se estivéssemos conversando sobre um cavalo.

O quarto dispõe de uma grande cama confortável guarnecida de cortinas de linho branco, agora salpicadas com meu sangue. Uma tapeçaria com uma cena de caça pende maciamente de uma parede, e há velas acesas em arandelas em todos os lados para banhar o ambiente com uma claridade alegre, mas para meus olhos machucados a luz parece flutuar, como o sol através da água, e os objetos em torno de mim balançam e oscilam. Estendo a mão para tocar minha testa inchada, o que faz minhas pernas começarem a tremer ao me dar conta, como se levasse um segundo golpe, de toda a extensão do que aconteceu. O fato de meu perseguidor ter me deixado vivo pode ter sido um descuido da parte dele. Talvez tenha pensado que me matou, mas agora parece não haver sombra de dúvida de que é isso mesmo o que ele pretende fazer.

Assim que começo a contar a Sidney o que aconteceu na casa de Dee, a porta se escancara, bate na parede e Walsingham irrompe no quarto a passos largos, com tamanho ímpeto que por um momento acho que ele vai me tomar nos braços. Ele para quando falta pouco para isso, mas consigo focalizar a visão o suficiente para ver a preocupação em seu rosto, e isso me deixa lisonjeado.

- Fique certo, Bruno, vou encontrar o homem que fez isso com você - diz, mostrando-me o punho cerrado.

- Ou a mulher - digo, e sinto a língua grossa na boca.

Walsingham levanta uma das sobancelhas.

- É mesmo? Explique - pede, e faz sinal para que Sidney feche a porta do quarto.

E conto-lhe sobre o misterioso visitante que Jane Dee recebeu e sobre o baú de Ned Kelley, com os livros e desenhos. Explico sobre a ligação de Johanna Kelley com a família Howard, e como meu agressor deve ter sabido que eu trazia algo incriminatório da casa de Dee. Walsingham franze o cenho e morde o lábio ao ouvir que esse atacante levou os papéis. Quando termino, ele passa a mão de cima a baixo no rosto e balança a cabeça.

- Se essa mulher de Kelley está roubando comida para o marido, ele não pode estar longe dali - diz Sidney, cruzando os braços. - Ou ele estava vigiando a casa ou ela própria seguiu você, sabendo o que você havia encontrado, é o meu palpite.

- Como gostaria de ter visto esses desenhos - diz Walsingham, com uma careta. - Primeiro essa história do anel de Maria Stuart, depois Kelley e essa tal de

Johanna... será que Henry Howard está realmente por trás disso tudo?

- Não podemos achar algum pretexto para prendê-lo? - pergunta Sidney. - Talvez ele se disponha a responder a perguntas se ficar com medo.

- E que pretexto você sugere? - exclama Walsingham, virando-se contra ele. É raro ver o principal ministro de Estado levantar a voz, e mais uma vez maldigo a mim mesmo por ter perdido os papéis que poderiam tê-lo ajudado a encerrar a questão. - Não temos nada para poder acusá-lo, nada! E se a rainha se posicionar contra os Howard sem provas concretas, os outros nobres católicos vão cerrar fileiras contra ela, e isso é a última coisa que queremos, considerando que já existem diplomatas tentando incitá-los à rebelião armada. Sangue de Cristo! - Soca a palma esquerda com o punho fechado, andando de um lado para outro dentro do quarto como um urso acorrentado, enquanto Sidney e eu assistimos, tensos. - Não posso continuar protegendo John Dee de sua própria loucura! - explode por fim, como se falasse consigo mesmo. - Invocar espíritos! Ele se expõe à difamação. E se ficar comprovado que abrigou um criminoso em casa - esfrega a barba, respira fundo e se volta para mim, procurando impor a si mesmo o autocontrole habitual. - Bruno, o que acha disso tudo até agora?

Ainda sinto como se minha cabeça estivesse recheada de lã. A voz dele parece vir de algum lugar distante, mas organizo meus pensamentos esfarrapados o melhor que posso.

- Encontrem Ned Kelley - é só o que consigo dizer. - Henry Howard, Philip Howard, as moças mortas... de alguma forma, eles estão relacionados, mas só Ned Kelley pode esclarecer a ligação entre eles.

Walsingham olha para mim esperando algo, mas minha visão se turva outra vez e tenho que me recostar na coluna da cama.

- Vou mandar homens atrás de Kelley - diz ele, olhando para mim com atenção. - E alguém para tomar conta de Jane Dee, para garantir que ela não receba mais visitas desagradáveis. John pouco falou, a não ser para jurar que nem ele nem Kelley têm qualquer coisa a ver com os crimes. Agora compreendo por que ele não quer falar sobre o tipo de relacionamento que mantém com Kelley. E vou mandar buscar essa tal de Johanna para ser interrogada enquanto tratamos disso. Nesse ínterim, Bruno, você escapou por pouco, e me culpo por ter permitido que cuidasse disso sozinho. Você precisa descansar.

- Tenho que voltar para a embaixada - digo, alarmado e me levantando depressa demais. - Já suspeitam demais de mim. Não posso desaparecer por uma noite inteira. Que horas são?

- Nove - responde Sidney. - É melhor você ficar aqui, meu amigo, ou vai

matar o embaixador de susto com essa aparência.

- Bruno tem razão - diz Walsingham, chegando mais perto para examinar meu ferimento à luz da vela. - A posição dele em Salisbury Court é crucial para nós agora. Vou mandar alguém levar você pelo rio. Diga a eles que foi atacado por ser estrangeiro.

- Não seria a primeira vez.

Toco meu olho de novo. Sinto minha cabeça enorme. Com certo esforço, levanto-me e espero que a náusea passe.

- Bruno - diz Walsingham, pousando a mão no meu ombro, paternal. - Esta noite você agiu com sua costumeira mistura de coragem e imprudência. Esses papéis valiam ouro, e estou tão desolado quanto você com a perda deles. Mas teria ficado ainda mais desolado se tivéssemos perdido você por causa deles. De agora em diante, quero que limite suas investigações a Salisbury Court. Ande armado e, se precisar fazer percursos longos ou entregar mensagens, vá acompanhado. Use Fowler, vocês estão aqui para trabalhar juntos. Nada de perambular pelo campo no escuro tentando fazer tudo sozinho, *capisce*?

Faço que sim com a cabeça, penosamente.

- Bom. - Ele sorri, mas apenas por um instante. - Vou providenciar um barco e acompanharei você pelo menos até Whitehall. Para ver se convenço Dee a me contar alguma coisa mais. - Encaminha-se para a porta a passos largos, cheio de determinação outra vez, e então se vira para mim. - Acha que há alguma verdade nessas coisas, Bruno? Essa busca de comunicação com espíritos? Dizia-se em Paris que você conhecia um pouco dessas artes.

Estreitando os olhos, procuro focalizar a visão até distinguir os traços dele com nitidez. A expressão do seu rosto é neutra, curiosa.

- É proibido por todos os conjuntos de leis da igreja - digo, afinal. - A deles e a sua.

- *Sei* que é proibido, Bruno, eu escrevo as leis - diz, impaciente. - É por isso que ninguém reconhece o assunto como provável, enquanto o país vai sendo infestado por esses supostos videntes e benzedeiros, enganando os pobres e ignorantes. E às vezes os instruídos - acrescenta, torcendo o lábio com desagrado. - Mas você acredita que alguns homens poderiam verdadeiramente ter esse dom, o de falar com espíritos... anjos, demônios, seja lá o que for? Você já teve conhecimento dessas coisas ou são crenças remanescentes das trevas de nosso passado?

Ele esquadrinha meu rosto, a mão ainda segurando a porta. Sinto os olhos de Sidney também em mim, na expectativa. Sei que esses conhecimentos o atraíam quando era aluno de Dee, mas desde que assumiu sua posição na corte tem mantido

uma distância prudente de tais questões. Meu pobre cérebro abalado sente-se mal aparelhado para as sutilezas que uma resposta dessas exige.

- Se, como acredito - começo, pesando minhas palavras este Universo é infinito, deduz-se que deve conter mais do que aquilo que até agora pudemos compreender ou registrar. As sagradas escrituras, não só as da nossa religião como também as de outras, todas falam de seres que estão entre nós e a divindade. Através dos tempos e pelo mundo todo, homens afirmaram poder falar com eles, e assim conhecer o futuro. Não posso julgar a veracidade dessas afirmações, mas de uma coisa estou certo: se há homens que possuem esse dom, Ned Kelley não está entre eles. Muito menos John Dee.

- E você está? - pergunta Walsingham.

Ouçoo Sidney aspirar o ar entre dentes.

- Eu, não, Vossa Senhoria. - Não acrescento a palavra "ainda", embora ela ecoe em minha mente.

Walsingham me observa por um instante, depois sacode a cabeça bruscamente e sai com rapidez pela porta, fazendo sinal para que o sigamos. Sidney pousa a mão no meu braço.

- Tenha cuidado, Bruno - e abaixa a voz. - Seja qual for a verdade sobre esse tal de Kelley e os crimes, Dee não vai se sair bem dessa história. O que ele vem fazendo equívale a feitiçaria, você sabe disso. Há gente sendo queimada por menos. A rainha não vai deixar que isso aconteça, mas vai ter que se distanciar dele, e você pode manchar seu nome por associação.

- Então Howard terá atingido seu objetivo, digo, agarrando a manga dele.

Dee cairá em desgraça e será banido. Precisamos encontrar alguma prova que ligue Howard a isso sem sombra de dúvida ou Dee será destruído.

- Você está convencido de que Howard está por trás dos crimes, então?

- Simplesmente não sei. Tantas coisas apontam para ele e contudo há tanto que não faz sentido - faço uma pausa, lembrando a advertência de Fowler. - Mas tenho que procurar não me convencer de que é Howard só porque quero que seja ele. - Levo a mão de novo à ferida na têmpora. - Deus do céu, sou um idiota. Se não tivesse perdido aqueles papéis...

- Se o sujeito tivesse boa mira, você estaria morto - repreende-me Sidney.

- Esqueça os papéis. Aproxime-se de Howard se puder. Em algum momento, pode ser que ele abra o jogo.

- Ou me mate antes - digo, olhando para as manchas de sangue nas pontas

dos dedos.

Capítulo 13

Salisbury Court, Londres,

2 de outubro do ano do Senhor de 1583

A PRINCÍPIO, NÃO COMPREENDO o que é aquele som, um martelar insistente que vai penetrando o casulo do meu sono. Acordo com uma nova irrupção de dor por trás dos olhos, embora, ao tocar a têmpora com cuidado, sinta que o inchaço começou a ceder. Fragmentos de imagens da noite passada deslizam pela superfície de minha mente, juntando-se numa vaga lembrança de descer do barco de Walsingham na extremidade de Water Lane e de um de seus criados me acompanhar até a porta do jardim de Salisbury Court. Tinha esperança de me arrastar escada acima sem ser notado, mas Courcelles estava descendo naquela mesma hora. Quase fiquei satisfeito ao ver como ele ficou horrorizado com o meu estado. Apesar de meus protestos, levou-me direto para o gabinete de Castelnau. O embaixador aceitou sem questionar minha história de uma briga de bar com rufiões ingleses (nós todos, estrangeiros, já fomos vítimas de alguma forma de agressão pelos londrinos), e não poderia ser mais bondoso, embora eu tenha recusado que levasse a efeito suas enfurecidas ameaças de envolver a lei no caso ou levá-lo ao prefeito de Londres. Tudo o que eu queria então era cair na minha cama e fechar os olhos.

Agora fui acordado cedo demais - mal se vislumbra algum traço de claridade através das venezianas - por essas batidas cada vez mais urgentes. Que cessam por um instante, o que me faz pensar que a pessoa foi embora.

- Bruno! Deixe-me entrar, por favor! - ouço sussurrar, e recomeçam as batidas, mais frenéticas que antes.

Praguejando entre dentes, saio com dificuldade de baixo das cobertas e destranco a porta, dando com Léon Dumas tremendo de frio em sua camisola de dormir, os olhos esbugalhados como os de um peixe ansioso.

- Rápido - diz ele, com uma olhadela por cima do ombro enquanto se esgueira para dentro do quarto, embora o corredor esteja vazio. - Por Cristo, o que aconteceu com sua cabeça?

- Fui atacado numa taberna. Uns rapazes londrinos não gostaram de meu sotaque.

- É mesmo? - Ele parece ainda mais assustado. - Já cuspiram em mim por

ser francês, mas isso foi violento. Eles estavam bêbados?

- Muito. Perdi o controle da situação. Não deveria ter dado importância a eles, mas deixei que me irritassem. Foi culpa minha.

- O que estava fazendo num lugar desses, Bruno? Estava sozinho?

Ele se mostra tão preocupado que quase tenho vontade de rir para tranquilizá-lo.

Estava. Parei para comer alguma coisa na volta da biblioteca de Mortlake. Aonde vou para trabalhar em meu livro, você sabe.

- Está com um aspecto horrível. - E continua a torcer as mãos, franzindo a testa como uma mãe que não sabe o que fazer. - Procurou um médico? Acho que deveria.

Nego sacudindo a cabeça e me arrependo imediatamente do gesto.

- Vou ficar bem. O que você queria?

- Ah. Pois é. Bem, é que... - começa, e aperta as mãos uma porção de vezes, depois anda até a janela, vira-se para mim com uma expressão agoniada, morde o nó do dedo polegar e volta para a janela. - Preciso de sua ajuda.

- Claro. O que houve? - pergunto, tentando falar com mais paciência do que sinto.

- Há uma coisa - ele esfrega a nuca e desvia o olhar. - Não sei como vou lhe contar isso, mas preciso. Está pesando demais em minha consciência. - Para de novo e fixa em mim aqueles olhos enormes, como se me implorasse para arrancar dele a confissão sem que seja preciso dizê-la em voz alta. Meu coração esfria por um momento: ele vai me contar que se dobrou à pressão de sua falsa fachada e nos denunciou, contou a alguém na embaixada sobre Walsingham e as cartas. Nossa traição é conhecida, deve ser isso. Com minha cabeça em péssimo estado, mal posso pensar nas consequências para o plano de invasão e para mim, pessoalmente. - Jurei segredo mas receio ser logo desmascarado, e então vai ser pior para mim. Mas disse a mim mesmo: Bruno vai saber o que fazer.

- O que aconteceu, Léon? - pergunto, num tom de voz que o acalme, apesar do receio de achar que já sei a resposta. Ele parece tão tenso que acho que vai explodir em lágrimas.

- É o anel - desembucha ele, afinal. - O que sumiu, o que Maria Stuart mandou para Henry Howard.

De repente, estou confuso.

- O que tem ele?

- Sei onde está.

Pelo que me consta, o anel de Maria Stuart está neste instante aos cuidados de Walsingham. Dumas não pode absolutamente saber disso. Olho fixo para ele, que mastiga os nós dos dedos outra vez.

- Foi ganância da minha parte, Bruno, confesso. Mas não foi para mim...

mandei todo o dinheiro para casa, para meus pais. Eles são pobres - explica, elevando a voz ao se defender.

- Que dinheiro? Do que está falando?

Mas nesse momento uma tábua do assoalho estala do lado de fora do quarto. Levanto a mão e Dumas fica imóvel, levando a mão à boca. Uma batidinha leve na porta; mais uma visita de madrugada. Nunca fui tão popular em Salisbury Court. Faço um sinal para Dumas ficar calado na esperança de que o recém- chegado pense que ainda estou dormindo, mas essa resposta é aparentemente compreendida como um convite. A porta se abre e pela fresta se insinua Marie de Castelnau, os cabelos soltos, vestida numa camisola ampla que envolve sugestivamente as ondas dos seios e a curva dos quadris. Os pés estão nus. Ela arregala os olhos para mim e pressiona um dedo nos lábios sorridentes, como se fôssemos crianças travessas cúmplices em uma brincadeira. Ela ainda não viu Dumas. Com um sorriso incerto, eu a direciono com meus olhos para onde ele está parado, com uma cara tão espantada que se diria estar assistindo à segunda vinda de Cristo. Durante o tempo que levam para se dar conta do choque da presença um do outro, sinto uma enorme vontade de rir, que seca na minha garganta ao ver o rosto de Marie. Ela está sufocando de raiva, e o olhar de ódio com que fulmina Dumas ameaça queimá-lo até o fim e pôr fogo nas tábuas do piso. Ele, por sua vez, tem a expressão de um homem com ferros em brasa a centímetros de suas partes íntimas. Mesmo que minha cabeça estivesse em melhores condições, não sei se encontraria palavras que desfizessem as implicações daquele momento.

Felizmente, é Marie quem encontra primeiro o que dizer.

- Você - diz ela, cruzando os braços sobre o peito e reunindo o que restou de sua pose habitual. - Não deveria estar se preparando para ajudar meu marido? Tenho certeza de que ele tem um bocado de coisas para você fazer.

Dumas continua a olhar para ela, boquiaberto, como se ela fosse o próprio Lúcifer.

- Vá, então - diz ela, indicando a porta com uma inclinação da cabeça. - Estou escrevendo uma carta para uma amiga na Itália - acrescenta, em tom displicente, quando Dumas consegue despregar os pés do chão. - Queria a ajuda de Bruno com a tradução. E precisa ser despachada hoje cedo, porque o mensageiro

parte esta manhã, sabia?

A vivacidade do tom pretende desfazer qualquer potencial mal-entendido. Dumas continua com o olhar fixo, estupefato, e vai até a porta como se estivesse em transe. Lança-me um último olhar de pânico e recua, hesitante, como se não estivesse certo de que vou estar seguro sozinho com Marie. Faço-lhe um sinal com a cabeça para que vá. É melhor encontrá-lo mais tarde.

Ela vê a porta se fechar com uma pequena sacudidela impaciente da cabeça e coloca as mãos nos quadris.

- O que ele estava fazendo aqui a esta hora?

- Dumas? Ele sente saudades de casa - respondo, desejando que meu cérebro estivesse mais ágil. O rapaz estava prestes a me fazer uma importante confissão e Marie apareceu para me privar dela. Agora vai ser impossível fixar meus pensamentos em qualquer coisa até extrair o resto da história daqueles lábios gaguejantes. - Às vezes ele só quer ter alguém com quem conversar.

Com um esforço, tiro os olhos da porta e os dirijo para o rosto dela. Seu olhar arguto avalia o meu por um segundo, depois se desvia para o ferimento em minha cabeça.

A esta hora?

- Bem... você também está aqui a esta hora.

Seu rosto se suaviza em um sorriso oblíquo.

- Talvez eu também sinta saudades de casa. E me sinta solitária. Você não, Bruno? - Ela parece deslizar na minha direção, sem fazer ruído com os pés. - De qualquer maneira, acho que minhas razões não são iguais às daquele escrevente. Qual é mesmo o nome dele?

- Léon Dumas. - Talvez não devesse me surpreender que Marie não saiba os nomes dos funcionários do marido, mas isso parece confirmar algo sobre ela, uma falta de interesse em qualquer pessoa que não lhe seja imediatamente útil. - Mas você tem um marido - acrescento, tentando manter a voz inalterada. Ela está agora apenas a centímetros de mim e ergue uma das mãos até minha testa, o rosto concentrado, preocupado. Encolho-me antes mesmo que ela me toque, e ela ri.

- Não se aflija, Bruno, não vou machucar você. Sim, tenho um marido, e vê-se que você nunca foi casado, se acha que isso é remédio para a solidão.

Cerro o maxilar com força quando ela corre um dedo de leve por meu cabelo e para bem acima do ferimento.

- Courcelles contou que você foi atacado... fiquei preocupada - murmura ela. Pondero brevemente quando foi que Courcelles teve oportunidade de falar com

ela entre a hora de minha chegada tardia e esta emboscada matinal, mas meus pensamentos estão dispersos pelo toque de sua mão esquerda no osso do meu peito, enquanto seu indicador direito continua a traçar uma linha ao longo de minha têmpora e desce pela minha face. Mais uma vez, concentro-me em ficar muito parado, embora meus nervos estejam queimando e minha garganta esteja apertada. A camisola dela escorregou um pouco e a curva nua de seu ombro está visível.

- Bruno - começa ela, sem me olhar direto nos olhos -, o que aconteceu ontem...

- Por favor, esqueça que aconteceu - ouço-me dizer, numa voz diferente, estrangulada. - Não é preciso falar mais a respeito.

- Mas é este exatamente o problema, Bruno - sussurra ela, seu hálito quente em meu queixo. - Não consigo esquecer. Não consigo pensar em mais nada. Não sei como você fez isso comigo.

Seu corpo serpenteia mais perto de mim num movimento fluido, instintivo, encaixando-se no ângulo de meu quadril. Chega. Minha cabeça clareia como se jogassem nela um balde de água fria. Recuo e agarro-a com delicadeza pelos ombros.

- Por favor, Marie, não fiz nada de propósito, e você não deveria estar aqui.

- Você não ter feito nada de propósito torna tudo ainda mais doce - murmura ela, e em seus ombros pequenos posso sentir a força contida que ela faz para comprimir seu corpo no meu, e o calor de seu corpo. Mais uma vez, afundo em dúvidas. O desejo dela parece bastante real, mas não consigo afastar a suspeita de que isto é uma encenação, uma armadilha que ela prepara para mim. Mesmo que não seja intencionalmente uma armadilha, penso, logo se tornaria uma. Preciso fazê-la sair de meu quarto antes de ter motivos para me arrepender.

- Marie - digo com delicadeza, e ela levanta a cabeça para me encarar, a expressão hesitante, os lábios entreabertos, sem fôlego. *Dio mio*. Preciso de cada átomo de autocontrole que possuo para não beijar aquela boca ardente. - Não pode ser. No fundo de seu coração, você sabe disso. Só causaria sofrimento. Não apenas para seu marido, mas para você e para mim. Por favor, eu lhe imploro, tente não pensar em mim dessa maneira, como eu tento não pensar em você.

Ela sacode a cabeça, mas pelo menos parece recuar.

- Mais sofrimento do que já sinto, Bruno? Ver você todo dia, morar na mesma casa, comer à mesma mesa e saber que você não me quer como eu o quero? Se há sofrimento maior do que esse, não conheço.

Porque você nunca soube o que é querer alguma coisa e não possuí-la

imediatamente, penso, olhando-a. Para ela, a atração reside unicamente na minha contínua recusa. Não sou tão vaidoso para imaginar o contrário.

- Seja como for - prossegue ela, desviando o olhar, não sei mais viver assim.

Começo a pensar que, se você não me amar, não podemos mais continuar a viver debaixo do mesmo teto. Um de nós precisa voltar a Paris.

Corro uma das mãos por meu cabelo e respiro fundo, tentando arranjar uma resposta diplomática. Agora ela fala de amor. Se estiver sendo sincera, esse amor nada mais é do que uma ilusão que ela criou em sua própria mente. Convenceu-se de que me ama porque a rejeitei. No entanto, talvez aquilo a que chamamos amor seja sempre uma autoilusão. E se ela estiver desempenhando um papel, seria isso parte de uma trama mais ampla para me tirar do caminho? Se decidir que um de nós tem que voltar a Paris, só pode estar querendo dizer que sou eu quem deve voltar, e, pelo que vejo, não há nada para mim em Paris a não ser o poder crescente do duque de Guise e de sua facção católica, esperando para abrir os braços para a Inquisição assim que tiverem oportunidade. Pergunto a mim mesmo quem a incitou a agir assim, quem tem mais a ganhar me afastando daqui, agora que a trama da invasão ganha corpo. Henry Howard? O próprio duque de Guise? Quem quer que seja, não pode ser bem-sucedido.

- Eu nunca lhe causaria sofrimento deliberadamente - começo. Minha cabeça está doendo. - Mas também não quero insultar seu marido. Não sei qual é a minha opção, Marie. Você quer que eu me torne seu amante, aqui, sob este teto? Acha que isso seria possível sem a casa inteira saber que seu marido estava sendo enganado por seu hóspede? Já temos Léon Dumas especulando por que você viria ao meu quarto de madrugada em trajes tão - e faço um gesto para a camisola fina, sentindo-me corar - informais. Outros criados seriam menos discretos. Seria uma situação impossível.

Percebo de imediato que disse a coisa errada. O rosto dela fica sombrio, os olhos faíscam e ela dardeja um olhar furioso para a porta, como se Dumas estivesse lá fora tomando notas.

- Você acha que ele vai dizer alguma coisa a meu marido? Ou para os outros criados? O que ele poderia dizer? Dei-lhe uma boa razão para a minha visita, que causa teria para mexericos?

A voz dela está tensa de raiva. Esfrego minha testa. Será que acredita mesmo que os empregados da casa não achariam interessante comentar que a dona da casa visita o hóspede na escuridão da noite em trajes menores enquanto seu marido ronca na cama?

- Dumas não vai dizer nem uma palavra, ele é um bom homem e não iria

querer espalhar boatos - digo, apertando o braço dela para acalmá-la. - Mas está vendo como seria se houvesse uma história para os criados contarem? Você não vai querer desonrar seu marido em sua própria casa, tenho certeza, seja o que for que sinta por ele.

Ela suspira.

- Michel é um bom homem. E me adora, tanto que costuma agir a contragosto por minha causa. Precisamos dele para que essa invasão seja bem-sucedida.

Você tem razão, Bruno, não posso me dar ao luxo de perder o apoio dele agora.

Não foi exatamente esse o meu argumento, porém nada digo.

- Mas ele tem 60 anos, Bruno. Não pode ser um marido para mim da maneira como preciso que seja. Você me compreende. - Sua voz fica sedosa, e outra vez me vem o calor intenso na virilha, a garganta seca. - Só quero saber se você sente o mesmo - acrescenta, a voz quase inaudível, os olhos me puxando para ela.

- Eu... você sabe que sinto - digo, pensando que esta é a única resposta prudente. Se a rejeitar abertamente, ela vai providenciar para que eu seja mandado de volta a Paris. Já disse que o faria. - Mas você tem razão. Não quero ver os planos de invasão fracassarem porque não pudemos pôr de lado nossos desejos egoístas por algum tempo. O apoio de seu marido é essencial e ele não pode ser perturbado a esta altura. Seria prejudicial para todo mundo.

Ela me olha com surpresa genuína, que se transforma aos poucos em aprovação cautelosa.

- Sabe, tive dúvidas sobre seu empenho quanto aos planos de invasão, Bruno. Confesso que alguns de nós não acreditavam em sua lealdade aos interesses católicos: Howard e o conde de Arundel, Claude, até eu, às vezes. Estou contente por ver que eles estavam enganados.

Inclino a cabeça, agradecendo.

- E quanto àquele outro assunto - diz ela, com um sorriso reticente, baixando a voz outra vez -, se fala a sério, encontraremos um jeito. O duque de Guise não vai precisar mesmo de meu marido, quando Maria Stuart for rainha da Inglaterra e Guise tiver firmado seu poder em Paris.

A certeza dela sobre esse futuro império católico e a facilidade com que fala em se desembaraçar do marido me dão arrepios, ainda que meu corpo continue cativo de sua proximidade. Observo-a com uma repulsa fascinada quando se inclina e me beija com suavidade, embora castamente, na boca. Não reajo nem recuo, permaneço totalmente impassível, pelo menos na aparência, esperando ter ganhado

um pouco mais de tempo.

- Falando de seu amigo, o escrevente - diz ela em tom arrogante, junto à porta. - Certifique-se de que ele não diga uma palavra sequer.

- Não se preocupe.

Dirige-me um último sorriso astucioso, joga um beijo e se detém na porta um instante, olhando para a direita e para a esquerda do corredor a fim de ter certeza de que não será vista. E sai, deixando a porta bater atrás de si e um rastro de perfume de âmbar-gris no ar do meu quarto. Passo as mãos devagar pelo rosto todo e me sento na cama para me recompor. Contrabalançar meus interesses aqui no que se refere a Marie e seu marido vai exigir de mim maiores proezas diplomáticas do que o próprio embaixador enfrentaria na corte. Nesse meiotempo, preciso encontrar Dumas sozinho e arrancar dele o resto de sua confissão truncada sobre o anel de Maria Stuart.

Não encontro oportunidade para isso durante o resto da manhã. Depois de quebrar o jejum, pego um livro e espreito do modo mais discreto possível na passagem que leva ao gabinete de Castelnau, na esperança de que Dumas apareça e eu possa abordá-lo. Entretanto, o embaixador deve tê-lo amarrado à escrivaninha, pois não há sinal dele por quase duas horas, apesar de Courcelles passar duas vezes por mim em sua ida e sua vinda de uma consulta ao embaixador. Nas duas vezes, ele me olha propositalmente de cima a baixo e pergunta se tenho clareza suficiente para ler, e se não seria mais confortável na galeria. Na terceira vez que aparece, propõe interromper Castelnau e me fazer entrar. Mais que depressa, garanto que não desejo incomodar o embaixador e saio de fininho para meu quarto, Courcelles observando minha retirada com seu olhar sagaz e a desconfiança costumeira.

Não faz mal. Vou fazer contato visual com Dumas ao meio-dia, quando as pessoas da casa se reúnem para o almoço. Minha cabeça ainda dói muito, mas o ferimento está melhorando. Na falta de algo útil para fazer até poder tirar Dumas de baixo do nariz do embaixador, tento trabalhar um pouco numas anotações para meu livro, mas minha mente não se fixa em nada a não ser na história de Dumas e na linha do colo de Marie de Castelnau. Quer dizer, então, que foi Dumas quem surrupiou o anel. Ele falou sobre dinheiro e ganância - será que viu o anel quando a correspondência de Howard passou pelo escritório de Castelnau e aproveitou a oportunidade para embolsá-lo e vendê-lo? Sendo assim, quem o comprou dele ou foi a pessoa que o deu a Cecily Ashe ou alguém que é o elo mais próximo a essa pessoa. Maldigo Marie de Castelnau outra vez por seu aparecimento inoportuno e suas atenções indesejadas, ainda que quase sorria com a ironia da situação.

Nunca, durante meus anos solitários de monge dominicano, imaginei que chegaria o dia em que eu iria maldizer uma bela mulher por ela acreditar estar

apaixonada por mim. Receio, porém, que sua visita esta manhã também vá tornar a vida de Dumas difícil. Não acredito que ele seja dado a mexericos com os criados e, em todo caso, está apavorado demais no momento para se arriscar a uma afronta. O rosto dele quando Marie entrou era uma máscara de puro terror. Ela, por sua vez, estava visivelmente furiosa por ter sido apanhada em sua iniciativa ilícita, e vai achar difícil acreditar que pode confiar em Dumas. Há um bocado de histórias de criados que tentam extorquir dinheiro de seus patrões por questões como essa. Só espero que ela não meta na cabeça a idéia de se antecipar a qualquer coisa que ele possa dizer desacreditando-o junto a Castelnau. Afasto meus papéis e coloco os cotovelos na mesa, apoiando a cabeça nas mãos. O interesse indesejado de Marie por mim agora tornou as posições de ambos, Dumas e eu, vulneráveis aos caprichos dela.

Esses pensamentos, em suas múltiplas variações, me mantêm ocupado até a hora do almoço, quando, para minha surpresa e um certo susto, constato que Dumas não está presente. A refeição é simples, frango assado e um guisado de legumes, pois Castelnau e sua mulher estão convidados para a ceia de hoje à noite que Fowler mencionou, na casa dos Arundel, oferecida pelo conde e por Henry Howard. Até agora não houve menção de nenhum convite a mim, apesar de meu desejo quase frenético de ser convidado. Que melhor forma de analisar de perto Howard e seu sobrinho? Contudo, não posso implorar ao embaixador que me leve estando diante de sua mulher e de seu secretário. A tagarelice de Courcelles à mesa deixa claro que ele vai estar a serviço esta noite. É quase o único a manter uma conversa durante a refeição. O embaixador parece contido e ansioso e só fala para confirmar algum detalhe profissional ou responder a uma das perguntas dele. Marie está sentada à direita do marido, mas mantém o olhar intencionalmente fixo em mim por baixo das pestanas, de modo tão determinado que sou obrigado a manter o meu no prato para não parecer que estamos envolvidos num jogo. Sempre que meu olhar encontra o seu, ela me lança um sorriso enigmático - o que não escapa a Courcelles, percebo, cuja carranca também finjo ignorar.

Quando termina a refeição, Castelnau faz um gesto para que me aproxime enquanto os criados lhe trazem um recipiente com água e uma toalha de linho.

- Encontre-me em meu gabinete depois de lavar as mãos, sim, Bruno? Preciso falar com você. Em particular - acrescenta, com um aceno da cabeça para Courcelles. Sua cadeira arranha o chão com um movimento brusco para trás e ele sai da sala a passos largos sem uma palavra para sua mulher.

A porta está fechada quando chego a seu gabinete, e viro a maçaneta ao escutar seu áspero "*Entrez*" vindo de dentro. O embaixador já está sentado diante da escrivaninha; faz um gesto para que eu feche a porta e puxe uma cadeira à sua frente, enquanto ele, com ar resolutivo, pousa a pena e vira o papel no qual estava

escrevendo. Noto que a mesa de Dumas está desocupada, sua cadeira ainda recuada, como se ele tivesse saído com pressa.

- Bruno - diz Castelnau, cruzando as mãos sobre a mesa. Há um cansaço no gesto que se espelha em seu rosto. Ele parece abatido e pálido, com densas sombras arroxeadas sob os olhos. - Fiquei preocupado com esse ataque a você ontem à noite.

- Foi loucura minha, realmente. Aprendi uma lição. - Toco a testa com um dedo e sorrio, arrependido, na esperança de que ele deixe o assunto de lado. Prefiro não ser interrogado para não precisar dar muitos detalhes sobre os acontecimentos da véspera.

- Mas tem certeza de que não foi um ataque pessoal? - pergunta ele, o semblante mais fechado ainda. - Quero dizer, que nos visasse? Que visasse a embaixada?

Respiro fundo.

- Eram estranhos, meu senhor. Um bando de aprendizes londrinos depois de beber o dia inteiro. Eles não me conheciam... viram um estrangeiro e um alvo para agressões com a finalidade de se divertirem, foi só. Chamaram-me de espanhol filho da puta - acrescento, para reforçar a história. - Deveria ter deixado passar, mas revidei com insultos e eles caíram em cima de mim.

Ele me dirige um olhar longo, depois sacode a cabeça com tristeza.

- Esta cidade - diz, como se a cidade fosse responsável pelo peso de todos os seus fardos. - Meus temores estão levando a melhor sobre mim, Bruno. Começo a ver inimigos onde eles não existem. Eu me preocupo que esses preparativos para a guerra sejam descobertos. Fico aflito quando pessoas de dentro desta embaixada são atacadas na rua sem razão. Onde você disse que estava?

- Numa taberna perto de Mortlake. O senhor sabe que vou lá para usar a biblioteca de John Dee. Ele abre as portas para estudiosos visitantes e tem muitos livros que eu não encontraria em outro lugar.

- Sei, sei. - Ele põe isso de lado com um aceno da mão. - A biblioteca dele é renomada. Mas talvez fosse melhor você deixar de ir lá por algum tempo, Bruno. Tenho mais com que me preocupar, além de temer por sua segurança.

- Vou ficar longe das tabernas, isso é certo - digo, esfregando um lado do rosto. - Mas, meu senhor, os ingleses bebem demais e detestam os estrangeiros. Isso é verdade em todos os cantos de Londres. E todas as ruas agora estão fervilhando de conversas sobre profecias, e planetas, e o fim dos tempos. Todos esses medos se acumulam e se viram contra qualquer um que pareça diferente, porque o povo está assustado.

Castelnau dá um sorriso frouxo.

- E são essas pessoas que Henry Howard e minha mulher acham que vão se rebelar alegremente e se unir às tropas francesas e espanholas para derrubar sua rainha.

Ele sacode a cabeça outra vez.

- O senhor está perdendo a fé no plano de invasão?

- Nunca tive fé nesse plano, Bruno, você bem sabe. E o envolvimento dos espanhóis me causa uma profunda inquietação.

- O senhor acha que eles pretendem usar isso para promover seu próprio poder?

- Filipe de Espanha acredita ser o principal defensor da fé católica na Europa. Mas também acredita ter direito ao trono da Inglaterra por intermédio de sua falecida mulher, meia-irmã de Elizabeth. Pode ter certeza de que ele não está empenhando dinheiro e homens apenas para entregar a coroa a Maria Stuart. - Faz uma careta. - E se o apoio espanhol a Guise e seus seguidores for além dessa invasão... - Sua voz se arrasta.

- O senhor quer dizer que ele pode financiar um golpe de Guise em Paris - termino a frase para ele. Não é uma pergunta.

O silêncio se estende enquanto nossos pensamentos seguem o mesmo rumo: o duque de Guise poderia tomar o trono da França com o apoio espanhol, criando uma temível aliança de católicos ferrenhos para se erguer, unida, contra os países mais fracos da Europa protestante.

- Exato. Escute - diz Castelnau, depois de levarmos um momento considerando as implicações disso preciso que faça algo para mim.

Estendo minhas mãos, palmas para cima.

- O que quer que esteja ao meu alcance, meu senhor embaixador.

- Vá a esta ceia em Arundel House hoje à noite em meu lugar, sim?

- Em seu lugar? O senhor está doente?

Ele deixa escapar um suspiro quase silencioso, que faz seus ombros estremecerem.

- Estou. Tenho me sentido uma sombra de mim mesmo nestes últimos dias. Não durmo mais, Bruno. Não lembro quando foi a última vez que dormi uma noite serena. Deve ter sido antes de minha mulher voltar de Paris. - Ele faz esse desabafo com uma amargura inconfundível.

- O progresso rápido dessa trama de invasão trouxe-lhe um bocado de tensão, meu senhor - digo, com genuína comiseração. - O senhor deveria descansar.

- Como posso descansar, Bruno?! - exclama ele, levantando as mãos. - O duque de Guise é um fanático pela causa católica. Ele trucidaria cada protestante da Europa com as próprias mãos se tivesse tempo, cantando hinos a Deus enquanto isso e acreditando estar garantindo para si um lugar no céu. Henry

Howard pensa da mesma maneira e também quer vingança contra a dinastia Tudor. E agora Mendoza e Filipe de Espanha juntaram-se ao grupo porque farejam a oportunidade de recolher os espólios de guerra a um custo mínimo, com a França tão dividida. E cá estou eu no meio deles todos, tentando representar os interesses de meu rei, argumentando a favor da clemência e da moderação, enquanto minha mulher aposta tudo em Guise. - Ele balança a cabeça.

- Não me surpreende que não consiga dormir, meu senhor.

Ele entrelaça os dedos outra vez e se inclina para a frente, apontando os dois indicadores direto para mim.

- E não é só isso. Henry Howard está preocupado, acha que estão mexendo em sua correspondência com Maria Stuart.

- O que o faz pensar isso? - O suor brota debaixo de meus braços, mas mantenho o rosto seco.

- Parece que Maria enviou-lhe algo que ele nunca recebeu. - Franze o cenho, concentrado, enquanto seus dedos arrancam sem parar as barbas de sua pena de escrever. - Naturalmente, as suspeitas dele recaem em Salisbury Court.

- Mas essas cartas passam por várias mãos no percurso - alego.

- Precisamente. Nas do jovem Throckmorton, para começar. O que me incomoda muito, porém, é que agora Howard nos vê com desconfiança. Sua influência no meio dos católicos ingleses não pode ser subestimada, Bruno. E ele quem irá estimulá-los, persuadi-los a arriscar suas vidas e propriedades para ajudar essa invasão a ter sucesso. Se ele decidir me deixar de fora, mandando suas cartas por intermédio de Mendoza, perdemos qualquer influência que possamos ter sobre essa trama e todas as esperanças de poder defender uma reação moderada.

Ele faz uma pausa e respira fundo, pinçando o alto do nariz entre o indicador e o polegar enquanto baixa os olhos para a mesa. Já arrancou quase todos os filamentos da pena. Quando volta a falar, sua voz não passa de um sussurro.

- Mas não podemos excluir a possibilidade de esse plano de invasão fracassar. Os espanhóis podem não entrar com os recursos ou as tropas prometidos.

Os católicos ingleses podem se mostrar mais difíceis de sublevar do que Howard espera. Ou alguém do grupo deles pode traí-los. Essas coisas acontecem - diz, como se pensasse que vou protestar.

- E se a conspiração fosse descoberta por qualquer uma dessas razões... - digo, pensando alto.

- ... o rei Henrique não poderia estar de forma alguma associado a ela - Castelnau termina a frase por mim. - Ou qualquer futura aliança com Elizabeth seria insustentável. Mas ele também não pode se opor sem reservas, pois, caso a conspiração encontre sucesso, perderá todo o apoio dos católicos franceses e Guise o derrubará com facilidade. - Ele pragueja baixinho entre dentes. - Seja como for, Bruno, se é que vai haver uma reconquista católica da Inglaterra, é preciso que isso se realize com o mínimo de violência possível, e por esta razão você e eu precisamos ter a confiança daqueles que a estão conduzindo pelo máximo de tempo que pudermos. - Ele pousa as palmas das mãos na escrivaninha e apruma o corpo, levantando-se com certo esforço. - Não me sinto bem o suficiente para enfrentar Howard e Mendoza esta noite. Vou lhes enviar minhas desculpas e você vai a Arundel em meu lugar. Analise em minúcias tudo o que for dito e me relate. Apresente por mim os argumentos em favor de uma abordagem moderada, respeitosa, mas cuide de sempre parecer positivo quanto à idéia de repor Maria Stuart no trono. Howard não vai duvidar da confiança que deposito em você.

- A maneira respeitosa de invadir um país e destronar seu soberano... acho que o senhor vai ter que me explicar como se faz.

Castelnau sorri, mas seu coração não está ali. Parece tão abatido que receio se tratar de alguma doença séria.

- Sabe o que quero dizer, Bruno. É só fazer o melhor possível para refrear o fervor de minha mulher para estripar protestantes quando o glorioso dia chegar.

Outro suspiro abala seu peito. Ele comprime as mãos na boca como se rezasse e olha fixo para a frente em silêncio durante um longo tempo, aparentemente sem enxergar nada. Não sei se fui dispensado ou não e estou prestes a pigarrear quando ele diz repentinamente:

- Você acha que minha mulher está me fazendo de idiota, Bruno?

- Sua mulher? - repito, como um tolo, enquanto minha mente se esforça, atabalhoada, para assimilar a pergunta.

- Marie. Ela tem um amante, tenho certeza.

- Por que diz isso? - pergunto, cauteloso. Ele é perspicaz o bastante para me pegar desprevenido, se é de mim que desconfia. Como tantas outras vezes, faço meu

rosto endurecer numa ausência de expressão.

- Desconfiei desde que ela voltou de Paris. Os humores dela... pareceu muitas vezes instável, desatenta. Mais jovem, acho. - Ele coça a barba. - Marie não veio mais à minha cama de boa vontade desde que Katherine nasceu, e não sou o tipo de marido que exigiria a submissão dela. Mas ela ainda é moça. Esqueço isso às vezes. Era inevitável, imagino.

- Mas o senhor tem alguma prova da infidelidade dela? - pergunto.

- Na noite passada... foi tolice minha - começa ele, sem fazer contato visual.

- Tive outra noite insone e achei, não sem razão, quero crer, que tinha direito a algum consolo de minha própria mulher. - Ele fala para os dorsos das próprias mãos. Castelnau tem uma forte noção de dignidade pessoal, então deve ser penoso para ele contar uma história que termina com sua própria humilhação. Por um instante me pergunto por que ele estaria me contando isso se não fosse para me acusar. - Não costumo me rebaixar para ela desse jeito, mas, como você disse, a pressão... - E a voz se arrasta com tristeza, a cabeça ainda abaixada.

- E então... - incentivo-o, depois de outro silêncio.

- Fui ao quarto dela. Bati, relutante. Não acho que até aí acalentasse o pensamento de me deitar com ela. Só queria um pouco de suavidade, um toque de mulher. A mão macia em minha testa. Não é demais para se pedir à própria mulher, não é, Bruno?

Lembro vividamente o toque daquela mão em minha testa apenas horas antes, e minha pele se arrepia com a lembrança. Sacudo a cabeça.

- De jeito nenhum, meu senhor.

Ele faz uma nova pausa e respira, como que se preparando para a parte seguinte.

- Ela estava com alguém?

- Não. Bem, é possível. Ela não estava lá, é essa a questão. Não estava na cama dela.

- Então onde estava?

- Não sei, Bruno - responde ele, um traço de impaciência na voz. - Não esquadrinhei a casa para descobrir na cama de quem ela estava. Bastava que não estivesse na dela. Quem sabe se nem em casa estava?

- Talvez tenha se levantado no meio da noite para cuidar da filha - sugiro.

Castelnau me lança um olhar cético.

- Você não conhece bem a minha mulher, não é, Bruno? Ela nunca foi esse tipo de mãe. Katherine tem uma ama-seca que dorme no quarto dela. Talvez eu devesse contratar uma para Marie também.

- O senhor desconfia de alguém? - pergunto, tentando manter minha voz num tom trivial.

Ele sacode a cabeça.

- Ninguém e todo mundo, Bruno. Você já viu como é a minha mulher. Ela se comporta como se desse a todos os homens alguma esperança de sucesso. Não a culpo por isso, é o seu jeito. É uma namoradeira consumada, e não posso fingir que não foi o que me atraiu para ela no início. Henry Howard faz-lhe a corte, é claro, mas tenho sua honradez em boa conta e acreditava que ele apenas queria garantir o apoio dela para questões religiosas. Não sei, Bruno.

Desconfio de todo mundo, do ajudante de cozinha ao conde de Arundel, passando por meu próprio escrevente. - E aponta para a cadeira vazia de Dumas. Em seguida, descansa os cotovelos na mesa e comprime a testa nas mãos. - Observe-a para mim esta noite, sim? Eu não estando presente, ela pode vir a se comportar com menos contenção. Quem sabe você nota a quem ela demonstra afeto indevido?

Com dificuldade, arranco meus pensamentos do corpo sinuoso de Marie encostado no meu, sua mão no meu peito. Pobre Castelnau. Sejam quais forem as tentações e suas conseqüências, resolvo que não serei eu quem vai confirmar suas suspeitas.

- Meu senhor embaixador, vou fazer o que deseja. Mas, se me permite um conselho, não há benefício nenhum em se deixar atormentar por fantasmas. Enquanto não tem provas contra Marie, restrinja suas preocupações aos problemas reais.

Ele dá um sorriso apagado.

- Você aconselha bem, Bruno. - Inesperadamente, estende a mão grande e coberta de fios negros por cima da mesa e a pousa sobre a minha. - Hoje posso lhe contar isso, mas de início não o queria em minha casa, apesar de você estar sob a proteção de meu soberano. Manter um herege conhecido debaixo de meu teto! Pensei que você tivesse se aproveitado da natureza fraca de Henrique para conquistar o afeto dele. Mas muito depressa reconheci meu erro. Você é um bom homem, Bruno, e estou mais contente do que nunca por você ter sido mandado para a minha casa. Não há ninguém na Inglaterra em quem eu confiaria tão prontamente. - E aperta minha mão.

- Muito obrigado. Sinto-me honrado.

Mas preciso desviar o olhar primeiro. Não sou o bom homem que ele acredita que sou, e suas confidências, que transmito tão prontamente a Walsingham,

podem acabar sendo a sua ruína. Pelo menos, digo a mim mesmo, não sou eu quem está com a mulher dele.

- Onde está Léon? - pergunto com indiferença aparente, apontando para a mesa vazia com um gesto da cabeça.

- Léon? Mande-o esta manhã atrás de Throckmorton antes que ele siga para Sheffield. Escrevi uma carta pessoal para a rainha Maria refutando as acusações de Howard e afirmando-lhe a minha lealdade pessoal. Não quero que Maria pense que esta embaixada não tem condições de lidar com sua correspondência secreta. E não quero ser marginalizado em proveito de Mendoza nessa iniciativa. Temos que evitar isso a todo custo. - Endurece o queixo e olha de novo para a cadeira de Dumas. - Achei que Dumas estaria de volta na hora do almoço. Espero que não tenha aproveitado a saída não programada para entrar numa taberna. Não quero que acabe no mesmo estado que você.

- Não acho que Léon seja assim - digo em tom indulgente, apesar de sentir nitidamente uma ponta de apreensão. Onde está Dumas? Onde pode ter ido com aquele excesso de agitação? Enterro as unhas na palma da mão. Quem dera Marie não tivesse interrompido a confissão dele.

- Não, você tem razão - diz Castelnau, empurrando a cadeira para trás e atravessando o aposento. - Muitos funcionários fariam isso, sabe. Tenho sorte com Léon. Ele é um rapaz diligente, ainda que um pouco nervoso. Bem, Bruno - diz, segurando a porta aberta para mim -, obrigado por escutar os problemas de um velho.

- Meu senhor embaixador - murmuro, inclinando a cabeça.

Ele sorri, o rosto parecendo prostrado sob o peso do cansaço.

- Esta noite, Bruno, você vai ser meu embaixador. Não me decepcione.

Quando a porta se fecha atrás de mim, Courcelles surge das sombras do corredor um pouco depressa demais.

Capítulo 14

Arundel House, Londres,

2 de outubro do ano do Senhor de 1583

RAJADAS DE VENTO SOPRAM de través pelo rio, encrespando a água marrom em fileiras cerradas de cristas brancas, fustigando o barco particular do embaixador e fazendo sua lanterna oscilar em amplos arcos de luz alaranjada, enquanto o crepúsculo e as nuvens inchadas parecem descer uma tampa por cima de Londres.

A residência dos Arundel na cidade é uma dessas casas majestosas com fachada de tijolos vermelhos, uma profusão de chaminés altas e abundantes gramados que se estendem até a margem do rio, onde um grande muro as isola da visão, se bem que não do cheiro, do Tâmis e de seu tráfego heterogêneo. Apesar de estar a apenas uma curta distância rio acima de Salisbury Court, o trajeto proporciona a Courcelles tempo de sobra para deixar claro o que sente a respeito de meu papel esta noite.

- É um absurdo - desabafa ele, levantando-se a meio de seu assento, o que faz o barco adernar para um lado de modo alarmante ao passarmos pelos jardins do Inner Temple. Uma porção de folhas voa por cima do muro e vem pousar na superfície da água quando o vento ondula ao longo do rio e agita os galhos das árvores que se debruçam para ele. Marie, sentada ao lado de Courcelles, segurasse o braço para o conter. Tomei a precaução de deixá-lo entrar no barco atrás dela, sabendo que ele iria ocupar o assento a seu lado. Já vou exigir demais de minha concentração esta noite sem ter que me desviar dos toques furtivos de Marie, sem seus pés procurando os meus debaixo da mesa. Esta noite, pretendo ficar o mais longe dela possível.

Courcelles repele a mão dela com impaciência.

- Ora, é mesmo! Se meu senhor embaixador adoece, sou eu quem deve comparecer em seu lugar.

- Você está comparecendo - digo, espiando o outro lado do rio, a margem sul. - Qual é o problema?

- O *problema*, Bruno - Courcelles é obrigado a fazer uma pausa, pois o vento fez seu cabelo fino entrar na boca. Depois de removê-lo, ele se empoleira na

beira de seu assento e aponta um dos dedos para mim. - O problema é que *eu* sou o secretário particular dele. Sei mais sobre seus negócios do que qualquer outra pessoa na embaixada. Deveria ser eu a apresentar seus pontos de vista ao grupo esta noite. E você, é o quê, exatamente?

Deduzo, diante de sua palpável indignação, que Castelnau deve tê-lo chamado à parte antes de sairmos e deixado claro que está me enviando a essa reunião em seu lugar. Não admira que Courcelles se sinta usurpado. Levanto uma das sobrancelhas.

- Imagino que você esteja prestes a me dizer.

- Vou lhe dizer - continua ele, o dedo em riste, tremendo de fúria contida. - Você é um fugitivo, vivendo às expensas de meu senhor embaixador porque nosso soberano fraco tem alguma afeição inapropriada por você, baseada em sua mútua desconsideração pela Santa Igreja! Nem francês você é! - acrescenta, sacudindo a cabeça como se só essa ofensa já fosse algo inimaginável.

- Basta, Claude - diz Marie, com a voz entediada.

- Por quê? - Courcelles está irritado demais para se conter. - Será que ele vai escrever ao rei Henrique e me denunciar?

- Quem pode saber para quem Bruno escreve, escondido em seu quartinho - diz ela, batendo as pestanas para mim com um sorriso despreocupado.

- Meu senhor embaixador pediu que eu dissesse uma ou duas coisas em seu nome, é só - digo, virando-me outra vez para olhar para a margem distante, como se tudo aquilo me fosse indiferente. - Tenho certeza de que ele não faria objeção, Courcelles, se você também quisesse dar suas opiniões.

- Que importância isso tem, Claude? - Marie aconchega mais o manto de veludo aos ombros. - Todos vão ter oportunidade de falar, sem dúvida.

- É uma questão de protocolo - exclama Courcelles, alteando a voz até esta se esganiçar. - Se o embaixador está indisposto, sou o segundo na hierarquia, e deveria ser oficialmente enviado para representar os interesses da França no lugar de meu senhor embaixador. Não esse... impostor.

- Trata-se de uma ceia, Claude - diz ela, no tom que se usa com uma criança emburrada. - Não um conselho de guerra.

- Será mesmo? - ele se vira contra ela. Imediatamente, ela lhe dá um tapa no braço, aponta o barqueiro com a cabeça e faz um movimento enfático com os lábios impondo silêncio. O barqueiro parece não ter escutado, mas todo cuidado é pouco, é o que o gesto de Marie insinua. Nunca se sabe quem pode ser um informante.

Concentro-me na água que redemoinha sob os remos. Castelnau pode pensar que sou seus olhos e sua voz, mas tenho um plano mais amplo. Em minha mente, tudo converge para a casa dos Arundel e a família Howard: o plano de invasão, os assassinatos de Cecily Ashe e Abigail Morley, Ned Kelley, Maria Stuart e - quanto a isto, mal me atrevo a ter esperança - o livro perdido de Hermes Trismegisto, o volume roubado com tanta violência de John Dee 14 anos atrás. Não posso desperdiçar esta oportunidade inesperada de me infiltrar no domínio dos Howard. Preciso dar um jeito de desvendar os segredos que, agora estou convencido, se escondem em algum lugar atrás do muro de tijolos que se ergue à nossa direita, quando o barqueiro segue conosco para um atracadouro estreito com um conjunto de degraus que levam a uma passagem em arco e um portão de ferro. Tenho um plano mais ou menos pronto guardado na cabeça; Para que ele dê certo, vai ser necessário uma generosa dose de sorte, a vela e o isqueiro escondidos em meu bolso, além de um desempenho teatral impecável de minha parte.

Um criado com a libré dos Arundel nos espera no alto da escada do atracadouro, a cabeça curvada enquanto abre o portão. Mantenho-me na retaguarda, permitindo a Courcelles seu momento de galanteria ao ajudar Marie a sair do barco. Ela sobe dois degraus, levantando as saias para que não se arrastem no limo que cobre as pedras banhadas pelo rio em maré baixa, então se vira para mim como se lembrasse alguma coisa de repente.

- Seu amigo, o escrevente, Bruno... como é mesmo o nome dele?

- Dumas - respondo, apesar de ter certeza de que ela sabe. - O que tem ele?

- Parece que fugiu. Meu marido encarregou-o de uma incumbência esta manhã e ele não voltou. Você não saberia onde ele pode ter se escondido?

- Não vi Dumas o dia inteiro - desde essa manhã, quase respondo, mas me contenho diante de Courcelles, que como sempre me olha com o queixo ligeiramente virado para cima, como se procurasse evitar um cheiro ruim.

É verdade, isso foi uma fonte de crescente inquietação. Hoje à tarde, por diversas vezes, fui ao quartinho de Dumas sob a vertente do telhado e sempre o encontrei trancado. Também procurei pretextos para incomodar Castelnau a intervalos em seu gabinete e invariavelmente dei com a escrivania do escrevente vazia, até rezear que minhas intrusões pudessem parecer suspeitas. No fim da tarde, o embaixador também se mostrava preocupado com a ausência de seu escrevente e falava em mandar criados à sua procura. Temia que o rapaz pudesse ter sido vítima de algum ataque contra estrangeiros, como supostamente acontecera comigo, mas minha ansiedade é mais específica. Dumas encontravase num estado de grande agitação essa manhã, atormentado pela culpa e pelo medo por sua participação no

roubo do anel de Maria Stuart - isso eu sei. Mas de que exatamente ele tinha medo? Surrupiar o anel pelo dinheiro, segundo disse, mas nunca me pareceu ter as características de um ladrão oportunista.

Sendo assim, teria sido pago por alguém para roubar o anel? Pela mesma pessoa que depois o deu a Cecily como prova de amor? Impedido por Marie de confessar e pedir meu conselho, como desejava, o que ele pode ter feito em seu estado de desespero? Teria confessado sua culpa secreta a mais alguém? Teria revelado o nome da pessoa envolvida, e, o que é mais importante, essa pessoa saberia disso? Eu temia pela segurança de Dumas e, igualmente, que uma peça do quebra-cabeça tivesse desaparecido junto com ele.

- Talvez ele tenha fugido - diz Courcelles, com voz macia. - O que ele sabe sobre as cartas do meu senhor embaixador pode valer um bocado de dinheiro para algumas pessoas, e os criados estão sempre loucos por umas moedas. Nunca se pode confiar nessa gente.

Há um traço de provocação na voz dele que me faz olhá-lo duas vezes. Será possível que saiba alguma coisa sobre Dumas ou está apenas tentando me irritar?

Nunca sei bem qual o grau de cumplicidade entre ele e Marie. Quanto será que ela escutou atrás de minha porta esta manhã?

- Dumas é um homem honesto - rebato, pisando de mau jeito ao sair do barco e quase perdendo o equilíbrio nos degraus molhados. - Mais honesto do que muitos que conheço.

Courcelles não faz nenhum movimento para me ajudar. Marie estremece.

- Ah, parem de matraquear - diz ela, impaciente. - Ele é só um escrevente. Tanto faz se aparecer ou não. Vamos sair deste vento.

Somos conduzidos por um camareiro através do Grande Salão de Arundel House. Passamos pelos ricos lambris de madeira trabalhada imitando pregas de linho e pelas armaduras ornamentais, depois atravessamos um corredor estreito com paredes pintadas de verde e dourado. Na extremidade oposta, avisto uma pesada porta de carvalho, deixada entreaberta apenas o suficiente para que eu veja no seu interior prateleiras cheias de livros em belas encadernações.

- O que é aquele aposento? - pergunto ao camareiro, apontando o fim do corredor.

Ele se detém e se vira apenas um pouco, não lhe agrada ter de parar.

- E a biblioteca particular de meu senhor de Arundel - responde, quase sem mexer os lábios. - Por favor, não nos atrasemos. O conde e meu senhor Howard os esperam.

Não me escapa a ênfase na palavra "particular", mas meu coração martela na garganta quando me viro para trás e dirijo um olhar rápido àquela porta. Antes de chegarmos ao fim desse corredor, o camareiro bate por mera formalidade numa porta cortada no painel de madeira e entra, com uma mesura, numa sala iluminada de forma acolhedora, não ampla mas com um teto muito decorado e duas janelas altas, indo quase do chão ao final das paredes revestidas de lambris. Uma mesa comprida foi posta aqui com prataria e candelabros lavrados, todos refletindo gotas ariscas de luz das chamas. Noto, aliviado, que uma camada espessa de junco perfumado cobre o chão de pedra. É exatamente o que eu esperava. Estamos atrasados, ao que parece, pois o grupo já está reunido e, ao entrarmos, os cavalheiros se levantam para nos cumprimentar. Philip Howard levanta-se de sua cadeira com a mão estendida. A seu lado, um cão peludo desgrenhado, um Talbot, pela aparência, vem postar-se, atento, o focinho trêmulo projetando-se para a frente, farejando, quase da altura do quadril de seu dono.

- Madame de Castelnau, Seigneur de Courcelles, sejam bem-vindos - diz ele, com uma curvatura graciosa. - E Mestre Bruno. *Benvenuto*.

- Não deixe de dar a Bruno o título correto, Philip - observa Henry Howard, voltando a sentar-se, depois de mal se ter levantado. - Ele é doutor em teologia e fica muito ofendido quando as pessoas esquecem. Deus do céu, Bruno... o que aconteceu com a sua cabeça? Ouvi falar da sua reputação de brigão, mas pensei que tivesse deixado isso na Itália junto com seus votos religiosos.

Toco com a ponta dos dedos a ferida em minha têmpora - muito melhor de ontem para cá, mas ainda um vergão saliente de sangue pisado que deve ter uma aparência assustadora.

- Devia ver como ficou o outro sujeito - digo.

Philip sorri, hesitante. Tenho a impressão de que acha que é uma obrigação familiar tratar-me com desdém, mas não está tão convencido quanto seu tio de que deve agir assim. Inclino a cabeça polidamente em retribuição. Não me surpreende constatar que é Henry Howard e não o jovem conde quem se senta à cabeceira da mesa. Apesar de o ducado de Norfolk ter sido confiscado quando a conspiração do irmão de Henry, o duque, para se casar com Maria Stuart foi descoberta e o título de Arundel agora vir através da mãe de Philip, é evidente para qualquer observador que Henry Howard é de fato o cabeça do clã, e que seu sobrinho se submete a ele em posição e opinião. E também na maneira de se comportar, reflito, olhando para Philip, que faz gestos apontando lugares em torno da mesa. Meu ânimo esfria ao ver dom Bernardino de Mendoza sentado à direita de Henry Howard. O embaixador espanhol limita-se a grunhir um breve cumprimento à chegada de nosso grupo e arranca com os dentes um naco do pão que segura. Archibald Douglas está presente,

Fowler também, e, na outra cabeceira da mesa, do lado oposto a Henry Howard, encontra-se uma moça pálida num vestido azul, o cabelo louro preso num toucado simples. Parece perceber meu olhar indagador, seus olhos encontram os meus entre uma piscadela e outra e ela desvia depressa o olhar.

- Agora estamos todos presentes, creio - diz Philip, correndo o olhar pela sala. - Lamentei muito saber da doença de meu senhor embaixador, madame.

Faço votos para que ele esteja passando bem e que sua saúde logo melhore. Marie estreita os olhos.

- Obrigada. Não tinha conhecimento de que ele já o informara do ocorrido.

- Ah, sim. - Philip entrelaça as mãos e me dirige um olhar rápido. - O escrevente dele esteve aqui hoje de manhã com uma mensagem, enviando as desculpas de seu marido e explicando que pedira ao Dr. Bruno que comparecesse em seu lugar.

- Compleição fraca - comenta Mendoza com a boca cheia de pão, para ninguém em especial.

Sorrio com cortesia para Philip. Castelnau foi hábil, penso, ao tornar minha presença oficial antecipadamente. Mas será que o "seu escrevente" mencionado pelo conde era Dumas? Teria o embaixador o enviado aqui com a mensagem, e à casa de Throckmorton para a entrega da carta? E, nesse caso, quem teria sido o último a ver Dumas?

Philip Howard me indica uma cadeira na extremidade oposta da mesa, encostada na parede, ao lado da moça pálida, que me olha de soslaio com ar tímido quando me sento e dessa vez arrisca o mais leve dos sorrisos. O cão se aproxima com seus passos macios e descansa o focinho no colo dela, que lhe afaga a cabeça, distraída.

- Acredito que não conhece Anne, minha mulher, Dr. Bruno - diz Philip.

- *Piacere di conoscerla* - digo, curvando-me muito para que não vejam meu rosto. Casado! Levo um momento para absorver essa informação. O fato de ele ser casado muda o rumo de minhas especulações sobre os Howard e os crimes. Eu já estava convencido de que o conde de Arundel devia ser o belo e admirável jovem cortesão que seduzira Cecily Ashe, e que fizera isso seguindo as instruções do tio, a fim de levar adiante o plano de assassinato. Entretanto, se Philip Howard já é casado, isso não é possível. Sento-me, o cenho franzido.

- Está tudo bem aí com você, Bruno? - Douglas, sentado à minha frente, dá um grande sorriso afável, apanhando seu copo. - Fez uma cara há pouco que parecia que estava cagando um nabo.

- Um ligeiro mal-estar estomacal - respondo, recompondo meu semblante e sorrindo. - É provável que seja fome. - Não posso deixar nada transparecer. O que tenho a fazer é imitar o homem que está diante de mim.

- É, todos ficamos com uma fome desgraçada esperando por vocês - diz Douglas, agitando sua taça no ar para que a encham de novo. Imediatamente, um criado se materializa vindo do outro lado da sala, onde garrafas e travessas estão arrumadas sobre um aparador de madeira, e para junto ao cotovelo dele com uma garrafa de vinho. Depois que serve Douglas, levanto também minha taça, segurando-a pelo pé delicado, e bebo o conteúdo quase de uma vez só. Douglas observa, parecendo impressionado, e abre ainda mais o sorriso.

A ceia transcorre num clima desagradável, pois Mendoza bombardeia Marie e Courcelles com perguntas sobre as facções na corte francesa, num interrogatório cerrado sobre o grau de apoio ao duque de Guise entre os nobres franceses e o declínio da simpatia do povo pelo rei Henrique. Menciona com freqüência a crescente admiração do rei Filipe de Espanha pelo jovem duque de Guise, enquanto Marie lhe dirige sorrisos afetados e bate as pestanas para ele, como se o sucesso da conspiração dependesse do poder de seus atrativos. Courcelles parece dividido entre a ansiedade de agradar o embaixador espanhol e sua possessividade instintiva pelas atenções de Marie. Os silêncios da conversa deles são quebrados por um ou outro de nós tentando entabular uma conversa superficial forçada sobre mexericos da corte ou variações sobre os mesmos elogios à comida. Estes, pelo menos, são sinceros: o conde de Arundel tem um cozinheiro talentoso.

- Ele é italiano - sussurra Anne Howard quando faço um desses comentários para ela.

A condessa fala baixo, come pouco e prefere brincar com a comida, estudando-a tão bem quanto se fosse um teste de memória, em vez de olhar diretamente para mim. Porém, com atenção diligente e perguntas amáveis, fico sabendo que ela é de constituição frágil, está quase sempre adoentada e raramente freqüenta a corte. Isso, entretanto, ela me confia, inclinando-se na minha direção, é menos por causa de sua saúde do que pelo fato de Sua Majestade, agora entrando no outono da vida, ter ciúmes das atenções de seus cortesãos e proibir que suas esposas freqüentem a corte, a não ser para uma ou outra comemoração. As únicas mulheres que a rainha tolera, explica Anne, são suas damas de honra, escolhidas pelo recato e pela virtude. Ela me conta isso sem o menor traço de ironia, portanto me abstenho de fazer comentários. Quando lhe pergunto, em tom despreocupado, se não teme mandar seu belo marido para esse vespeiro, ela reage com uma risada encantadora e me conta que conhece o conde desde a primeira infância, que na verdade foram irmãos de criação e que tiveram seu contrato de

casamento assinado aos 14 anos. Explica tudo isso como se a história em comum dos dois fosse por si só uma garantia evidente contra um desvio do marido. Eu, no entanto, a veria como sendo o contrário, mas naturalmente não digo nada.

Chegam as travessas, de aroma intenso, fumegantes: capões recheados com frutas; carne de veado; coelhos em molhos perfumados, dispostos em camadas de tomilho e alecrim; geleia de mocotó e tortas de aves, calhandras e melros, com massa delicadamente trançada. Criados se abaixam e desviam uns dos outros ao passar equilibrando as bandejas, enquanto o rapaz com a garrafa anda ao redor da mesa, silencioso e discreto, certificando-se de que nenhum copo fique vazio por muito tempo. Mendoza come e bebe com o mesmo apetite voraz que dedica a todas as suas negociações, falando sem parar com a boca cheia enquanto restos de sua ceia se acumulam na barba. Noto que Henry Howard mal toca seu vinho. O conde também não, nem sua mulher. Douglas e eu, por outro lado, parecemos estar mantendo o rapaz das bebidas permanentemente ocupado, sempre levantando nossa taça vazia com um aceno sutil. Fowler bebe com moderação e fala pouco, embora de vez em quando, do outro lado da mesa, seu olhar encontre o meu num reconhecimento neutro. Então dou um breve sorriso e volto minha atenção para Anne Howard.

Tendo em vista o grupo aqui reunido, esperava uma abordagem mais direta à questão da invasão. Porém, à medida que mais garrafas são abertas, pratos são levados embora e outros são trazidos, parece que, por enquanto, isto nada mais é do que uma ceia. Pergunto-me se o silêncio obstinado se deve à presença de Anne ou dos criados, e em que momento a mesa vai se transformar, se é que vai, num conselho de guerra. Uma espécie de pudim de amêndoas é colocada diante de mim. A conversa superficial começa a se esgotar.

- Prenderam um daqueles panfleteiros hoje, você viu? - pergunta Douglas, depois que uma observação de Fowler sobre a mudança do tempo fica solta no ar.

- Que panfleteiros? - quer saber Courcelles.

- Você já deve tê-los vistos, Claude - diz Fowler, entrelaçando as mãos. - Os que nos enfiam os panfletos na mão por uma moedinha em qualquer praça de mercado ou taberna. Com profecias apocalípticas, prevendo o fim do reino de Elizabeth, até a morte dela. Dizendo que esses crimes na corte são sinais do demônio, do apocalipse. Agora é crime de traição escrever ou publicar esses panfletos. - Ele inala o ar entre os dentes e sacode a cabeça. - Eu não gostaria de estar na pele desse sujeito.

- Não frequento praças de mercado nem tabernas - diz Courcelles, dando um piparote no cabelo. - Por isso os mexericos de aprendizes e moças que servem em

tabernas não costumam chegar até mim.

- O homem do povo neste país é fascinado por previsões de sua perdição iminente - declara Mendoza. - Nunca vi nada igual. Até os criados em minha própria embaixada começam a ficar de cabeça virada por causa dessas profecias quando vão às tabernas inglesas. Tem a ver com insegurança, creio eu. Mas é uma vantagem para nós o povo acreditar que o apocalipse está próximo.

Howard lança-lhe um olhar de advertência, depois olha de relance para Anne. Ela parece estar ocupada com o cão.

- O rapaz que pegaram era apenas o impressor - continua Douglas. - Dizem que encontraram uma prensa ilegal numa casa particular no caminho de Finsbury. Eles vão torturar o pobre infeliz para obter os nomes dos autores dos folhetos antes de enforcá-lo. Isso pode acabar mal para certas pessoas que conhecemos.

Henry Howard levanta uma das mãos, fazendo um gesto incisivo para que Douglas se cale. O escocês faz cara de espanto, até que Anne Howard levanta a cabeça e diz, em voz baixa:

- Crimes?

Philip Howard e o tio se entreolham.

- Você lembra, minha cara, que mencionei a triste morte de uma das damas da rainha? - diz Philip com voz tranquilizadora. - Especulou-se na corte, como sempre se faz, que talvez pudesse ser crime. Você sabe como os boatos se espalham.

Douglas engasga dentro de seu copo, espalhando vinho pela mesa. Anne olha alternadamente para ele e para o marido, assustada. Ocorre-me que ela não tem a menor idéia de como os boatos se espalham se nem ao menos tem conhecimento dos crimes na corte, um deles cometido a pouco mais de meio quilômetro de sua própria casa. Será que o marido a mantém trancada aqui, fico imaginando, como uma donzela de um conto medieval palaciano? Enquanto os convivas a observam constrangidos, aproveito a distração para enfiar a mão furtivamente por baixo da mesa e derramar meu copo de vinho no chão sob a cadeira. O junco espalhado no assoalho se encharca sem ruído, como fez com os dois copos anteriores que, de modo sorrateiro, entornei ali nos momentos oportunos em que a atenção do grupo estava voltada para outro lugar. Que eu saiba, até agora ninguém reparou nisso, mas fico satisfeito em notar a leve carranca de desaprovação de Howard a cada vez que Douglas e eu chamamos o rapaz da garrafa. É essencial que Howard pense que estou tão bêbado quanto Douglas, se bem que, ao olhar para o escocês, além do rosto muito corado ele não demonstra nenhum efeito danoso decorrente da quantidade de vinho que já consumiu. O homem deve ser forte como um touro.

- Minha mulher sofre muito com doenças dos nervos e queixas semelhantes -

explica Philip Howard aos convidados em geral, como se tivesse escutado minha pergunta não formulada. - Ela não quer ser incomodada com as leviandades insignificantes e as intrigas da corte.

Anne continua a afagar as orelhas do cachorro, dando olhadelas para o marido com uma expressão branda. O rosto de Marie fica sombrio. Posso bem imaginar o que ela diria para um marido assim. Ainda bem que conhece o suficiente de diplomacia para manter a boca fechada. Observo Anne enquanto ela passa um pedaço de carne para o cão debaixo da mesa. Sua pele é tão branca que, à luz das velas, parece produzir sua própria luminosidade, como a aurora na neve. É possível que uma esposa doente não seja empecilho para um jovem e galante cortesão. Philip Howard poderia facilmente conquistar o afeto de uma jovem argumentando que sua mulher é de constituição frágil e que talvez em breve ele esteja à procura de uma segunda esposa. E que tipo de homem se refere aos medonhos assassinatos de duas moças como "leviandades insignificantes"? Minhas suspeitas sobre os Howard recuperam seu peso anterior. Mendoza nada diz, o que me surpreende, pois ele foi o primeiro a verbalizar suas opiniões sobre todos os outros assuntos esta noite.

Quando finalmente os pratos são retirados, Anne Howard se desculpa, alegando cansaço, e, contudo, para mim, há algo de ensaiado em sua saída. Gostaria de saber se ela tem a mínima noção do motivo pelo qual o marido e o tio reuniram este grupo improvável ao redor de sua mesa de jantar. Talvez ela saiba mas prefira manter-se na ignorância, como no caso das notícias da corte. Os criados colocam uma nova jarra de vinho em cima da mesa ao alcance de Douglas e do meu, e trocam as velas gastas. Henry Howard se levanta de sua cadeira e leva um dos criados para um dos lados junto à porta. No silêncio expectante que se segue, o murmurar baixo de Howard é encoberto por outro som, um som estranho, molhado, de algo sendo raspado. Verifico que todos se viraram para olhar para mim. Quando olho para baixo, vejo que o cão está entre as minhas pernas, lambendo o chão com prazer evidente. Observo-o, meio aprensivo, meio curioso. Não quero que ele denuncie meu estratagema. Por outro lado, nunca encontrei antes um cachorro que apreciasse vinho do Reno. Philip estica o pescoço para ver o que estou olhando.

- Ah, é esse cachorro. Minha mulher está sempre jogando pedaços de comida para ele à mesa - comenta ele, sem dar importância ao fato. - A criatura pensa que é uma espécie de príncipe na casa. Não havendo nenhuma criança, sabem. - O desdém em sua voz deixa claro de quem deve ser a culpa por não haver nenhuma criança.

Henry Howard volta ao seu lugar e o último criado fecha a porta. Há uma mudança na qualidade do silêncio: num instante, estamos todos alertas, mais aprumados, nos inclinando para a frente cheios de expectativa. Pisco com força e sacudo a cabeça. Embora a quantidade de vinho que realmente tomei não seja nada comparada com a que pensam que tomei, ainda assim bebi mais do que de costume,

e meus pensamentos estão mais morosos do que eu gostaria.

- A evolução dos acontecimentos com relação à rainha Maria foi altamente animadora desde nosso último encontro - começa Howard, tirando uma folha de papel dobrada de dentro de seu gibão. Douglas se debruça e me serve uma outra taça de vinho depois de encher a sua, Howard levanta a cabeça, mal-humorado, ao escutar aquele som, mas, sendo um bom anfitrião, abstém-se de fazer qualquer comentário. - De acordo com nosso amigo dom Bernardino

- continua ele, indicando o embaixador espanhol -, o duque de Guise conseguiu convencer o rei Filipe de Espanha a ceder dinheiro e tropas à nossa campanha. - Neste ponto, ele desdobra o papel e o abana no ar como prova. Enquanto todos os olhares estão nele, eu discretamente derramo três quartos do meu vinho nos juncos, e o cão corre para ele.

- Meu soberano está contente por ser parte dessa grande cooperação para restituir à Inglaterra a glória de Deus - diz Mendoza, pousando na mesa suas grandes mãos cabeludas abertas com as palmas para baixo e permitindo-se um sorriso modesto, mas com um lampejo de triunfo nos olhos negros que me faz pensar que Castelnau tinha razão: não é a glória de Deus o que interessa ao embaixador espanhol e a seu soberano.

- Agora estamos nos preparando de fato, meus amigos. - Howard faz uma pausa e dirige seu sorriso a toda a mesa. - Tenho aqui uma lista dos nobres católicos em cujas terras há enseadas seguras. Nosso incansável colaborador Mestre Throckmorton, junto com um dos enviados de Mendoza, está agora mesmo cavalcando pelo país para visitar cada um deles e sondar seu apoio. Vamos precisar de tantos ancoradouros quanto for possível para desembarcar as tropas.

- Ele passa o papel para Marie, na frente dele à mesa, que o examina com um movimento de aprovação da cabeça. - No alto da lista, evidentemente, está meu sobrinho - Howard prossegue, apontando Philip com um gesto e sorrindo, radiante. - Decidimos que 5 mil soldados de Guise vão atracar perto de Arundel, na costa de Sussex, e desembarcar nas terras do conde. Já temos quase garantido o apoio do duque de Northumberland, que é simpático à nossa causa e cujo domicílio em Pentworth permitiria ao exército francês avançar para Londres pela região de South Downs. Enquanto isso, calculamos que 20 mil soldados espanhóis vão desembarcar na costa de Lancashire e se juntarão a um levante dos católicos de lá. Essa força seguirá para o interior para libertar a rainha Maria no Castelo de Sheffield. - Ele para, recupera o fôlego e toma um pequeno gole de vinho. - Lá encontrarão reforços escoceses que virão da fronteira para o sul, acredito.

Ele olha para Fowler esperando uma resposta, e este assente com um gesto

da cabeça.

- O marquês de Huntley nos apoia e prometeu fornecer homens. Espero uma confirmação do número exato, mas tenho esperanças de que ele vai conseguir a adesão de mais lordes escoceses assim que eles ficarem convencidos de que a invasão vai realmente acontecer.

Douglas bufa.

- E de onde tirou essa informação, meu velho? Quando foi a última vez que estive na Escócia?

Fowler pisca para ele, imperturbável.

- Pelo menos *tenho permissão* para entrar na Escócia.

Douglas não tem como retorquir, a não ser lançando-lhe um olhar sombrio. E mais uma vez me intriga esse antagonismo entre os dois escoceses, cuja origem eu gostaria de saber qual é.

Mendoza interrompe.

- Vocês já marcaram uma data?

Howard inclina a cabeça.

- Guardem isso na memória, cavalheiros... e madame. - Ele sorri para Marie.

- Essa gloriosa missão está planejada para o dia 13 de novembro.

- Treze? - deixo escapar, antes que possa me conter.

Da outra ponta da mesa, capto o olhar de advertência de Fowler. Engulo em seco. Todos os olhares estão cravados em mim e faz-se um silêncio pesado, acusador. Vislumbro na minha lembrança o fragmento de papel escondido no espelho de Cecily Ashe: Dia da Ascensão, 17 de novembro. Teriam os planos mudado ou fui eu que compreendi mal?

- O dia 13 não é conveniente para você, Bruno? - pergunta Howard, uma das sobrancelhas se levantando, com frio sarcasmo. - Você tem algum compromisso nesse dia? Tenho certeza de que podemos fazer modificações para satisfazê-lo, se for necessário.

Em meio a alguns risos de bajulação, levanto uma das mãos para apaziguá-lo.

- É só porque me ocorreu - digo, arrastando deliberadamente a voz - que uma invasão poderia ser mais eficaz caso se desse, digamos, num feriado nacional, enquanto o país está distraído com as festas. Imaginei que seria marcada para o Dia da Ascensão.

- Ocorreu a você, foi? - A voz de Howard está tensa, dura, e os nós de seus dedos estão brancos, uma das mãos apertando a outra.

E, além do mais - acrescento, para dar ênfase à minha simulação de bebedeira -, não acha que o assassinato teria ainda mais impacto se fosse realizado nessa data? O país ficaria em polvorosa - e me encosto na cadeira, à espera.

O silêncio é esmagador. Os semblantes ao redor da mesa apresentam todos a expressão universal de choque. Fowler mantém os olhos fixos na mesa e está muito parado, as mãos entrelaçadas com firmeza em torno do pé de sua taça.

Tenho a fria e vertiginosa sensação de que cometi um erro terrível.

- Assassinato? - diz Philip Howard por fim, perplexo.

- Quem vai ser assassinado? - pergunta Mendoza, correndo os olhos em torno da mesa com uma carranca ameaçadora, como se alguém tivesse intencionalmente tentado enganá-lo. - Elizabeth? Não me disseram que...

- Não foi esse o acordo, Henry! - exclama Marie, o rosto rubro. Howard faz sinais para que ela mantenha a voz baixa. - O duque de Guise disse expressamente que...

- Não digam que não sugeri - interrompe Douglas, lacônico, com um sorriso largo enquanto limpa as unhas, de modo que não sei se fala a sério ou se brinca com a própria reputação. - Não seria incômodo nenhum.

Henry Howard se põe de pé, os olhos faiscando.

- Por favor! Vamos manter nossas cabeças no lugar. Não vai haver assassinato nenhum. Acho que nosso amigo Bruno tomou vinho demais.

- De qualquer maneira, ele é de Nápoles - diz Marie, fulminando-me com um olhar que poderia azedar a bebida. - Onde eles são sabidamente exaltados. Quem botou essa tolice na sua cabeça, Bruno?

Howard volta a se sentar e inclina-se para a frente, fixando seus olhos escuros nos meus.

- Pois é, Bruno - diz ele, com gélida precisão. - De onde tirou essa idéia extravagante? Faça o favor de dizer.

- Bem, talvez eu não tenha entendido bem - titubeio -, mas, para botar Maria Stuart no trono da Inglaterra, primeiro vocês precisam tirar a prima dela de lá, não é? Então presumi que caso - quando - a invasão acontecesse, ela seria... - E me calo dando de ombros, olhando em torno da mesa, esperando convencer com meu simulacro de ingenuidade. Fowler ainda não olha para mim, suponho que não queira deixar transparecer sua raiva.

Howard ri, indulgente. Para o meu ouvido, há um pouco de alívio nesse riso.

- Entendo. Você pensou que, para coroar uma nova soberana, teríamos que

primeiro despachar a antiga? Não, não, Bruno. Pode ser essa a maneira como vocês agem em Nápoles, mas não somos bárbaros aqui.

Quase observo que ele acabou de anunciar uma invasão de 20 mil soldados ou mais para travar uma guerra numa nação pacífica, mas me contenho.

- Esse golpe, se prefere - Howard fala mansamente -, deve ser conduzido de acordo com a letra da lei. O que você deve ter deixado de compreender, Bruno, sendo um estrangeiro, é que Elizabeth Tudor não é a rainha legítima da Inglaterra, e nunca foi. O povo simplório de nosso pobre país foi enganado e levado a crer que ela tem o direito de sucessão. É preciso corrigir esse ponto de vista. Matá-la em nome da fé católica só a transformaria em mártir aos olhos dessa gente, e daí em diante seria impossível para qualquer rei católico restabelecer a ordem ou merecer o afeto do povo. Não, temos que ser um pouco mais civilizados nesse assunto.

Ele sorri, comprimindo as pontas dos dedos das duas mãos.

- Ah, um golpe civilizado? - digo. - Nunca vi um desses... como funciona? Será que os soldados vão pedindo desculpas quando entram numa cidade?

Sem querer, Marie abafa uma risadinha, e o sorriso de Howard se esvai aos poucos.

- O que meu tio quer dizer, Dr. Bruno - aparteia Philip Howard -, é que, para levar a Inglaterra de volta para a verdadeira igreja, precisamos guiar o povo com gentileza. Não se pode fazer isso apenas com espadas e bestas, mas mostrando aos ingleses seu erro. Estamos lutando uma guerra santa aqui, e acho que todos concordamos que não se pode derramar mais sangue do que o necessário para o trabalho de Deus. - Um tremor se insinua em sua voz e ele pousa a mão sincera sobre o coração.

- Meu sobrinho é o santo da família - comenta Henry Howard secamente.

- Mas ele tem razão - diz Mendoza. - A impostora Elizabeth tem que ser presa e julgada publicamente pela corte papal como traidora e herege.

- É necessário provar ao populacho, por meio de todas as formalidades, que Maria Stuart é a única herdeira legítima da coroa dos Tudor - explica Howard num tom de paciência excessiva. - Isso é essencial para que o povo a aceite e a seus herdeiros como sendo seus monarcas de direito.

Diante de mim, Douglas vira abruptamente a cabeça ao ouvir isso e olha fixo para Howard. Para fazer o mesmo, Fowler também levantou a cabeça, absorto que estava em seus próprios pensamentos, uma expressão de curiosidade surgindo em sua fisionomia. Marie se vira e estreita os olhos para Howard. Ele devolve os olhares com ar de desafio, mas não consegue evitar que um ligeiro rubor lhe suba ao rosto. Sabe que também falou demais.

- Da última vez que olhei - diz Douglas, arrastando bem as palavras e recostando-se em sua cadeira Maria tinha apenas um herdeiro, e este é o rei Jaime da Escócia. Que eu saiba, nunca houve nenhuma dúvida quanto à legitimidade ou à sucessão dele. - O tom é displicente, mas sente-se no fundo uma dureza de aço. - O pai dele era vaidoso como um pavão e um bêbado que não conseguia manter aquilo dentro dos calções, mas não há o que duvidar da linhagem.

- Não, certamente - Howard apressa-se em dizer. - Só estou especulando, se me permite. A rainha Maria ainda é moça e pode, quando recuperar o trono, desejar se casar outra vez. Não podemos descartar a possibilidade.

Ele limpa algo invisível em seu gibão para não ter que olhar para Douglas. Sou acometido por uma grande vontade de rir diante de seu evidente embaraço, mas mantenho o rosto impassível.

Douglas o fita com uma mistura de aversão e incredulidade.

- Por Cristo, homem, ela tem 42 anos e é do tamanho de um cavalo. O homem que quisesse cobri-la teria que receber uma recompensa por isso.

Ser rei consorte da Inglaterra pode ser uma boa recompensa para alguns - observa Fowler. De certa forma, sua voz baixa e firme surpreende mais por ter sido tão pouco ouvida esta noite.

Não sei se alguém mais repara no lampejo de fúria que passa pelo semblante de Howard por uma fração de segundo antes que ele volte a conseguir exhibir seu sorriso insinuante. Da maneira como Mendoza o observa, os lábios contraídos quase num sorriso pretensioso, tudo indica que o engano de Howard não escapou aos astutos olhos negros do espanhol.

A essa altura, o papel de Howard já circulou pela mesa até mim, via Douglas. Mostra um esboço do contorno da Inglaterra, com portos marcados ao redor a intervalos, junto com os nomes dos lordes católicos cujas terras chegam à costa. A maioria dos nomes nada significa para mim, mas uma cópia disso seria tudo de que Walsingham precisaria para prender e acusar Howard. A questão é como obter uma. Nesse ínterim, dedico toda a minha capacidade de concentração a decorá-la.

- Estávamos falando sobre o que seria feito com Elizabeth depois da invasão - diz Howard, visivelmente ansioso para mudar de assunto.

- Sim. O duque de Guise é categórico, acha que ela deve ser julgada por heresia pela Cúria - diz Marie. Levanto os olhos do papel por um instante. Os dela brilham com o fervor especial que reserva para o fanatismo religioso e a sedução. - Assim, será como mandar um recado aos outros líderes protestantes da Europa. Submetam-se à autoridade da Igreja Católica ou terão o mesmo destino. - Ela sorri,

na expectativa do triunfo.

- O duque pode contar com o apoio inabalável da Espanha nessa questão - diz Mendoza, curvando um pouco a cabeça para Marie, que agradece com um sorriso afetado. - Seria o ato mais eloqüente que os poderes católicos unidos poderiam realizar, um ato que teria reflexos pela Europa toda e mais além. Sobretudo nos Países Baixos - acrescenta ele, mordaz.

- E se a Inquisição a considerar culpada, como provavelmente vai acontecer? Vocês propõem que ela seja executada como herege, com tudo o que isso acarreta? - Fowler pergunta a Marie, a fisionomia mais séria do que nunca.

Ela dá de ombros.

- Não cabe a mim decidir. Existe um castigo estabelecido para a heresia. Não vejo por que ela seria isenta só porque é uma bastarda real que se auto-denomina rainha.

- O povo não vai gostar disso - diz Philip, esfregando o lábio inferior.

- Há precedentes - replica o tio. - Além do mais, o povo está preparado para mudanças cataclísmicas. Pense nesses panfletos que Douglas mencionou. A Grande Conjunção, profecias sobre o fim dos tempos. O povo se agarra a essa loucura supersticiosa e nós torcemos isso a nosso favor. Convença-os de que o final profetizado nos céus é o fim da falsa religião protestante, trazendo uma nova era de paz numa Europa católica unida. No fundo de seus corações, é tudo o que todos eles querem, mesmo sem saber.

Henry Howard faz um pequeno floreio no ar com a mão, como se tivesse acabado de assinar um contrato para encerrar um negócio. E essa atitude de quem se arroga um direito, a maneira como ele determina a vida de outras pessoas, que aumenta minha antipatia por ele. Sou capaz de apostar que já está se imaginando sentado no trono ao lado de Maria Stuart.

Marie inclina-se para a frente de novo como se quisesse falar, mas nesse momento o cachorro debaixo da mesa produz um imperdível arroto líquido e todos se viram para olhar para mim.

- Dr. Bruno - diz Howard, mais uma vez com seu sorriso forçado. - O papel, por favor? - E estende a mão para o mapa que ainda estou examinando. Relutante, passo-o de volta. - Ainda não lhe demos a oportunidade de cumprir seu dever e nos transmitir as opiniões do embaixador - continua Howard. - Por favor, faça-o, caso se sinta capaz. - A civilidade dele poderia secar as uvas nas parreiras, pois faz questão de olhar para meu copo de vinho. Minha pulsação se acelera, e meu plano agora depende de meu desempenho nos próximos minutos. Sinto a força do desdém de Mendoza, que me fulmina com o olhar do outro extremo da mesa.

E assim, copo na mão, cambaleante, vou desfiando os argumentos a esta altura já batidos de Castelnau contra a pressa em promover a invasão - o duque de Guise está agindo sem a autoridade nem a aprovação do rei Henrique, ainda existe a possibilidade de um pacto entre Elizabeth e Maria, os processos diplomáticos ainda não foram exauridos, Roma ficaria com poder demais, e assim por diante -, mas apresento-os numa demonstração tão engrolada e tortuosa de bebedeira que Howard vira o rosto, nauseado. De soslaio, percebo que Courcelles parece encantado com minha exibição. Já o vejo correndo alegremente para Castelnau a fim de relatar o que acontece quando se incumbe um renegado italiano de seus negócios, em vez de confiá-los a seu próprio secretário particular, como exige o protocolo. Eu deveria me importar com a afronta à minha dignidade, mas há muita coisa em jogo para que me preocupe com isso agora. Além do mais, é pouco provável que me convidem para voltar a Arundel num futuro próximo. Fowler simplesmente me observa com sua expressão imperturbável, preocupada, os dedos juntos encostados nos lábios.

Encerro meu espetáculo de virtuoso com um gesto amplo da mão que arremessa meu copo de vinho no chão ao meu lado, como eu pretendia, para justificar a quantidade de vinho derramada nos juncos. O cachorro sai ganindo para um canto da sala. Ele não parece estar bem. Henry Howard mal contém sua indignação, e seu bigode se contorce nervosamente enquanto o rosto todo endurece.

- Não se preocupe, Dr. Bruno, os criados cuidarão disso de manhã - diz Philip Howard, com a maior cortesia, abanando a mão.

E obrigado por transmitir as opiniões de meu senhor Castelnau de modo tão peculiar - acrescenta Henry, como se prendesse a respiração.

Mendoza apenas ri e empurra a cadeira para trás. Sinto que minha atuação rompeu a tensão do ambiente, pois as pessoas se agitam, como se estivessem impacientes para ir embora. As velas queimaram quase até o fim. Não consigo calcular o tempo, mas já é tarde, e está na hora do meu último ato. Aperto o rosto na mão, em seguida tombo pesadamente para a frente em cima de meu braço dobrado, deixando a boca aberta.

- Será que ele está passando mal? - diz Philip, depois de um momento. A mão de alguém me sacode, hesitante.

- Oh, pelo amor de Deus! - explode Henry Howard. - Eles não têm autocontrole, estão vendo só, é o que sempre digo. Sucumbem aos prazeres da carne.

- E torce a boca ao pronunciar essas últimas palavras, com asco evidente.

Quem serão "eles", eu me pergunto? Os dominicanos? Os hereges? Os italianos? Então ouço a voz de Marie, incisiva, impaciente:

- Como vamos fazer para levá-lo de volta a Salisbury Court nesse estado?

- Bem, não sou eu quem vai carregá-lo - apressa-se em dizer Courcelles. - Além disso, ele é capaz de vomitar no barco.

Vozes baixas confabulam. Resisto à tentação de abrir um olho. Finalmente, Philip diz:

- Não há outra coisa a fazer. Ele tem que ficar aqui para dormir. Temos lugar. Ele pode voltar a pé para a embaixada amanhã quando estiver em melhores condições.

Por dentro, dou um pequeno grito triunfante.

- Quase tenho pena dele, coitado - diz Howard. Mesmo sem ver o desdém no seu rosto, escuto-o e o visualizo nitidamente. - Ele desmoralizou a si mesmo e ao embaixador. Nunca mais vão incumbi-lo de responsabilidade nenhuma. O homem pensa que é intocável porque conta com a proteção do rei Henrique.

- Ele não vai tirar proveito disso por muito tempo mais - a voz de Mendoza soa pesada de desprezo.

- Shhh, tio. Ele pode estar ouvindo.

- Ele? Está completamente inconsciente. Levem-no para cima. Fowler... você pelo menos parece sóbrio. Importa-se?

Um arrastar de cadeiras, seguido pelo barulho de vidro esmigalhado quando alguém pisa nos fragmentos do copo quebrado que se espalharam em torno de minha cadeira. Sinto dois braços fortes me segurarem o tronco.

- Vamos, você não pode ficar aqui - diz Fowler brandamente, colocando-me de pé. Há uma espécie de ternura na maneira como ele levanta meu braço frouxo e o passa por cima de seu ombro.

Henry Howard, que ousa observar por uma fresta embaçada dos olhos, está de braços cruzados, lábios comprimidos, um modelo de santimônia e desaprovação. Mas ele tem suas fraquezas, e esta noite pretendo descobri-las e recolher provas.

- Howard - chama Mendoza com voz baixa sibilante, e pelas pálpebras entreabertas vejo-o acenar para a porta com seu jeito abrupto.

Através das pestanas, observo o progresso dos meus passos e dos de Fowler e assinalo mentalmente, enquanto sou levado como um fardo por uma passagem e um lance de escadas, o caminho de volta para o corredor onde fica a sala de jantar. Philip Howard segue à nossa frente, prestativo, com uma vela para mostrar o caminho, enquanto eu me apoio nos ombros de Fowler e me permito ser meio arrastado, meio carregado para um quarto, onde me deixam cair numa cama.

- Você acha que ele vai ficar bem? - pergunta Philip, nervoso, parado junto à porta.

- Vai ficar razoavelmente bem depois de dormir - diz Fowler, sentando-se na cama a meu lado e tirando minhas botas, uma depois da outra. - Uma jarra de bom vinho nunca matou ninguém. - Ele me vira de lado e deixo que mexa comigo como se eu fosse um peso morto. - Talvez fosse bom trazer-lhe um urinol para o caso de ele acordar à noite - acrescenta, prático.

Segue-se uma movimentação e escuto passos no corredor e por fim alguém - presumo que o próprio conde, já que os criados foram dispensados - coloca um urinol ao lado da cama. Agora é certo que nunca mais vou ser convidado pelo conde e pela condessa a voltar aqui.

- Não se preocupe, vou cuidar para que ele fique confortável - diz Fowler. O conde murmura algo e, do outro lado do quarto, ouço passos se afastarem e sumirem. Decido que a melhor política é fingir um estado de inconsciência. Fowler se debruça na cama e pousa uma das mãos em meu ombro.

- Grande desempenho, Bruno - sussurra ele, a boca quase tocando minha orelha. - E arriscado. O que é que você quer?

Abro os olhos e dou com o rosto dele a centímetros do meu, parecendo genuinamente que vai me beijar.

- Qualquer coisa que puder encontrar - cochicho.

Ele me observa por um instante e, à luz da vela, seu semblante está cheio de dúvidas. Sinto que ele vê tudo isso como um perigo desnecessário. Um sentimento de rancor aperta meu peito. Fowler é uma espécie de parceiro nessa empreitada, mas não lhe cabe me dizer o que fazer nem questionar meus métodos.

- Aquela lista de enseadas seria um prêmio e tanto - sussurra ele, por fim. - Mas Howard levou-a, e pode ter certeza de que vai guardá-la em um lugar seguro. E você pode pôr tudo a perder se for apanhado.

- Estou bem consciente disso - sussurro. - E se você demorar demais aqui vamos despertar suspeitas.

Henry e Mendoza se recolheram para uma conversa em particular - diz ele, a voz ciciante. - Eu daria tudo para escutar. Mas, pelo amor de Deus, seja cauteloso.

- Confie em mim.

Fowler aperta meu ombro.

- Boa sorte, então, Bruno. Você é mais audacioso do que eu, com certeza.

Ele sopra a vela, a porta se fecha com um clique e eu me viro, deito-me de

costas e rio para mim mesmo no escuro, alerta e à espera.

Capítulo 15

Arundel House, Londres,

3 de outubro do ano do Senhor de 1583

DEPOIS DE UMAS DUAS HORAS que mais parecem uma eternidade, sento-me na cama e escuto. O silêncio que caiu sobre a casa tem uma atmosfera de apreensão, uma imobilidade amortecida, tensa de expectativa. Ou quem sabe seja só o que eu sinto, depois de ter ficado deitado no escuro por tanto tempo, os ouvidos atentos ao menor som, a qualquer indício de alguém acordado ou andando pela casa. Agora, porém, não há nada. Só o grito intermitente das aves marinhas no rio e, de vez em quando, o ronco áspero de uma raposa. Com toda a cautela, desço as pernas pelo lado da cama e imediatamente chuto o urinol que Philip Howard deixou para mim, e este chocalha como se uma sucessão de tiros fossem desfechados no assoalho de madeira, até se estabilizar. Fico paralisado, o coração em disparada, mas a casa não reage. Gostaria de saber a que distância me encontro dos aposentos particulares da família, ou dos alojamentos dos criados, e quem pode estar acordado para me ouvir. Também me ocorre, quando levanto e vou até a janela para abrir uma das persianas de madeira, que eles podem ter deixado o cachorro branco solto para patrulhar a casa durante a noite. Se bem que aquele cachorro está provavelmente em pior estado do que eu neste momento, reflito, esfregando a têmpora. Estou com uma dor de cabeça latejante, mas me sinto bem acordado, os nervos preparados.

A vela e o isqueiro ainda estão a salvo no bolso de meus calções. Sem as botas, meus pés dentro das meias compridas não fazem ruído nenhum, muito embora as tábuas sejam desiguais e se queixem a cada passo. Abro a porta do quarto, primeiro uma fresta e depois o suficiente para me esgueirar para o corredor lá fora. Nada se move. Tateando no caminho de volta para a escada, imagino escutar o ir e vir coletivo da respiração das pessoas dormindo na casa. Se alguém cruzar meu caminho antes que eu chegue a meu destino, sempre posso fingir que estou meio bêbado e em busca de um gole de água ou do banheiro.

O corredor que passa pela sala de jantar está deserto. Apesar de pisar o mais leve possível, não há ninguém para ouvir. A porta no fim desse corredor está fechada e, quando me aproximo, o sangue pulsa mais depressa em minha garganta. Se estiver trancada e eu não conseguir abri-la com minha faquinha - enfiada, como sempre, na cintura -, então toda essa farsa terá sido em vão.

Mas a porta se abre suavemente, com tanta facilidade que quase espero

encontrar alguém dentro da biblioteca esperando por mim, tendo adivinhado minha intenção. Mas me encontro sozinho numa sala retangular com as quatro paredes cobertas de estantes de madeira cheias de livros e manuscritos, interrompidas em ambas as extremidades por duas janelas em arco, uma de frente para a outra. A claridade pálida da lua entra de viés por uma delas, desenhando sombras difusas no chão. Com dedos trêmulos, mal me atrevendo a acreditar na minha sorte, fecho a porta o mais silenciosamente que posso, pego a vela no bolso e aciono o isqueiro, uma, duas vezes. Na terceira tentativa, a chama da vela se acende e chego mais perto dos livros, tentando deduzir qual o método de classificação de Philip Howard. Ou talvez a biblioteca pertença de fato a Henry Howard, visto que o jovem conde não me parece ser um grande estudioso. Henry pode ter transferido sua coleção de livros para Arundel House quando a família perdeu a propriedade ancestral. Seja como for, sinto um frêmito de prazer por estar bisbilhotando a biblioteca dos Howard sem permissão, como acho que Henry Howard deve ter feito na casa de John Dee.

O círculo de luz tremula ao longo das fileiras de livros quando vou percorrendo as prateleiras, sabendo o tempo todo que a obra que espero encontrar não vai estar exposta abertamente, se é que está mesmo aqui. Mas se Dee tiver razão e tiver sido de fato Henry Howard quem a roubou dele em Oxford tantos anos atrás, é muito provável que esteja escondida na sua própria biblioteca. O que mais espero é ter tempo bastante para procurar algum indício dele sem ser perturbado. Basta um exame superficial das estantes para constatar que a maioria dos exemplares reunidos aqui não é passível de controvérsia. São obras de estudos clássicos, teologia e poesia com que qualquer cavalheiro deve estar familiarizado, escolhidas mais por suas encadernações elegantes, ao que parece, do que pelo conteúdo. Mas a parede comprida diante da porta me intriga: não tem janelas e, contudo, de acordo com a disposição do prédio quando entrei, tenho a impressão de que esse aposento deveria estar no fim da ala leste da casa. Por que, então, não tem janelas para o exterior a fim de aumentar a claridade, quando isso seria nitidamente uma vantagem em se tratando de um local de leitura? Ando com cuidado ao longo dessa parede e, ao chegar à última estante, a chama de minha vela se agita e a cera goteja intensamente, quase se apagando por completo. Estendo a outra mão e sinto uma forte corrente de ar que parece vir de trás da estante de madeira. O que é curioso, pois as estantes aparentemente são embutidas na parede. Abaixo-me, vejo leves arranhões curvos no chão, num dos lados das tábuas do assoalho, e meu peito se agita. Tentando manter a vela estável, apalpo freneticamente o painel que une a estante à quina da sala. No desenho de treliça entalhado nesse painel há pequenos recortes. Meus dedos vão subindo e, no meio, entram em um deles, mais fundo do que os outros. Apalpando às cegas, toco em algo feito de metal, que parece ser uma espécie de trinco. Tateio o mais que posso até achar que o abri. Então a estante de

madeira se desloca de modo quase imperceptível e, contendo a respiração, começo a puxá-la para mim, afastando-a da parede. É pesada mas se move com facilidade surpreendente, e verifico que gira numa dobradiça, projetada com cuidado. Só se abre o suficiente para uma pessoa entrar na abertura que existe atrás, onde há uma pequena porta na parede, invisível quando a estante está no lugar.

As palmas de minhas mãos transpiram quando me esgueiro para a abertura e tento abrir a nova porta. Está trancada e não cede facilmente à minha faca. Ponho a vela no chão e respiro fundo, sabendo que pressa e dedos desajeitados não ajudam nada numa operação dessas. Depois de algumas manobras delicadas, sinto a ponta da lâmina se prender no mecanismo da fechadura e, bem devagar, consigo virá-lo para trás, apesar de minha mão escorregar no último instante e a lâmina cortar meu dedo, fazendo escorrer um filete de sangue. Praguejando em voz baixa, abro a fechadura da porta.

A chama da vela se agita e ondula com a súbita corrente de ar quando empurro a porta com o pé para acabar de abri-la, e então estou num pequeno quarto. É como entrar num mausoléu. A emanção úmida e abafada da pedra fria envolve meu rosto e há um cheiro de decomposição, de substância morta. Quando levanto a vela, quase ofego em voz alta, mas o som emudece em minha garganta.

Este quarto não foi decorado com ornamentos de estuque no teto nem com lambris trabalhados de madeira imitando tecido de linho para torná-lo menos frio ou mais acolhedor. Vê-se apenas os tijolos nus das paredes, as vigas expostas do teto que desce em declive agudo, as lajes de pedra no chão. O quarto parece ter sido construído na própria parede da casa, com suas duas janelas em arco fechadas com tijolos até em cima. É como se este cômodo não existisse.

Levantando a vela, fecho a porta e examino o que me rodeia. Na parede à minha frente, entre as duas janelas bloqueadas, está pendurada uma grande pintura representando os céus, copiada de um dos mapas astrológicos árabes, com círculos concêntricos divididos nas várias casas do Zodíaco e a influência dos planetas assinalada. Abaixo dessa pintura há um armário de madeira negra, suas portas duplas incrustadas com diminutos losangos de madrepérola formando um desenho, coberto de papéis e penas de escrever espalhados. À minha esquerda, na extremidade oposta do quarto, ergue-se um bloco retangular envolto num pano roxo-escuro. Tem a aparência de um altar, com um castiçal de prata de cada lado, mas, no centro, em cima de um tripé de bronze, há uma peça de cristal polido claro com um tênue matiz rosado sob a luz. Exatamente como a bola de cristal de Dee. Em Oxford, vi uma dessas capelas escondidas e ouvi dizer que os nobres da Inglaterra costumam mandar construí-las em suas casas grandiosas para poderem assistir à missa em segredo, mas este não parece ser um lugar de devoção católica. Olhando para baixo, vejo círculos marcados no chão com giz, divididos em pentagramas, com símbolos

de astrologia e ocultismo em cada divisão. Ao me virar devagar para acompanhar as linhas a meus pés, um brilho num canto do quarto me chama a atenção. Então levanto a vela e recuo com um salto ao dar com uma cabeça humana feita de bronze e colocada em cima de um pedestal estreito de pedra. Seus traços têm uma sinistra semelhança com os de uma criatura viva, apesar das faces encovadas, cadavéricas, como se tivesse sido moldada a partir da cabeça de um morto. Os olhos são inexpressivos e lisos, a boca, vazia, como a cabeça de bronze que o frade Roger Bacon supostamente possuía e que, segundo a lenda, era capaz de fazer profecias por meio do poder dos espíritos. Minha pele se arrepia e os pelos de meus braços se eriçam. Essa cabeça é até agora o sinal mais evidente de que este cômodo é um templo para a prática de magia hermética. Os escritos de Hermes Trismegisto falam de animação de estátuas e de tais objetos pelo poder dos espíritos para fazê-los profetizar. Santo Agostinho condenava essas práticas, que dizia ser magia do demônio, mas os verdadeiros adeptos não acreditavam. Teria Henry Howard tentado fazer a cabeça de bronze falar, eu me pergunto?

Acima da cabeça, um conjunto de prateleiras está preso à parede, com garrafinhas e frascos de vidro arrumados em fileiras ordenadas junto com o que parecem ser instrumentos cirúrgicos. Alguns desses vidrinhos estão cheios de líquidos, outros contêm itens mais curiosos, que parecem ser lascas de ossos ou fragmentos de cabelo ou pele, o tipo de coisa que se esperaria encontrar em qualquer relicário católico ou laboratório de alquimista. Do lado oposto do altar, encostado na parede, há um espelho feito de obsidiana polida da altura de um homem e de cerca de 1,20 metro de largura. Os contornos de meu corpo oscilam em sua superfície, o reflexo da chama da vela saltando alucinado quando chego perto. O cristal, o espelho negro, a cabeça de bronze - esses são os instrumentos da magia celestial, daqueles que buscam a revelação através do reino espiritual. Então, Howard, o grande porta-voz de denúncias contra profecias, contra a astrologia e todo tipo de atividade divinatória, está ele próprio tentando entrar em contato com os poderes além das estrelas. Dee já desconfiava disso, e não consigo deixar de dar um sorriso de triunfo.

A vela já está bem gasta, e o sopro persistente de ar frio continuamente a ameaça. Não posso correr o risco de ficar sem ela, portanto cruzo depressa o aposento e acendo as duas velas do altar. Os novos arcos de luz ondulam pela parede de tijolos acima, fazendo as sombras recuarem um pouco. Com todos os nervos em alerta, mal me atrevendo a respirar, volto para o armário de madeira e começo a examinar e separar os papéis. Não encontro qualquer ordem neles. Alguns parecem ser cálculos astrológicos complexos referentes às posições dos planetas na Grande Conjunção e os movimentos deles no calendário; em outros há tabelas mostrando o que devem ser códigos e cifras. Há dezenas destes últimos,

aparentemente variações intermináveis da mesma tabela copiada de maneira meticulosa, listas de letras, números e símbolos em diferentes configurações multiplicados vezes sem conta. Debaixo desses papéis, encontro um rascunho do mapa que Henry Howard passou em torno da mesa depois do jantar, com a lista dos possíveis locais de desembarque e os nomes dos proprietários de terras católicos. Levanto a folha com o mapa e puxo um outro papel. Com um sobressalto, vejo imediatamente o que mostra. Apressado, coloco-o em cima dos outros e o aliso para o analisar, a chama tremendo em minha mão quando me curvo para ler.

O papel mostra a árvore genealógica dos Tudor e dos Stuart desde o rei Henrique VII, avô da rainha Elizabeth, e sua mulher, Elizabeth de York. A verdadeira linha de descendência - a julgar pelo autor desta página, pelo menos - está destacada com tinta e mostra claramente a filha mais velha de Henrique, Margaret Tudor, que se casou com o rei Jaime IV da Escócia, como avó de Maria Stuart. A linha de sucessão dos Tudor continua no rei Henrique VIII, que esta genealogia mostra ter se casado com Catarina de Aragão e gerado a rainha Maria Tudor - meia-irmã de Elizabeth, a que chamam de Maria Sangrenta, *Bloody Mary* - e que morreu em 1558. Os casamentos e a prole subsequentes de Henrique não são mencionados. Evidentemente, penso, este é o ponto de vista católico da sucessão inglesa, que não reconhece o divórcio de Henrique e, portanto, considera seu primeiro casamento sua única união legítima, e sua filha Maria Tudor sua única herdeira legítima. É por isso que eles se referem com tanto prazer a Elizabeth como "bastarda". Há outros sucessores potenciais da família Tudor, da linha da filha mais nova de Henrique VII, outra Maria, mas não há dúvida sobre o que esta versão da história quer provar: que Maria Stuart é a mais velha herdeira viva da coroa da Inglaterra.

Possuir uma cópia desta genealogia é traição pela lei inglesa, punida com a morte. Entretanto, isso nem é o melhor de tudo, pois ao lado do nome de Maria Stuart está escrito o de seu falecido marido, lorde Darnley (que também descendia de Margaret Tudor), e abaixo deles uma linha mostrando o fruto dessa união, o atual rei Jaime VI da Escócia. Junto desse nome, numa tinta mais clara mas inegavelmente com a letra da mesma pessoa, há uma linha ligando o nome de Maria ao que se lê apenas como "H". Daí sai uma linha de descendência, como para indicar uma futura progênie, mas o espaço onde o nome do filho deveria estar permanece em branco. Passo a língua por meus lábios secos ao aproximar o papel dos olhos, como se fazendo isso eu pudesse confirmar a audácia do que está escrito ali. Esta é sem dúvida a mesma letra da lista de portos seguros que foi passada em torno da mesa da ceia, e que estudei com tanta atenção - os laços e os cortes são inconfundíveis -, e deve ser de Henry Howard. Então, minhas suspeitas estavam corretas desde o início: o plano principal dele é se tornar marido de Maria e sentar-se ao lado dela no trono da Inglaterra. E o mais audacioso de tudo: ele sonha em colocar um filho seu

na linha de sucessão. Dou por mim sacudindo a cabeça, em parte por incredulidade, mas em parte também por admiração pelo tamanho da ambição desse homem. Claro que ele não revelou isso a seus companheiros de conspiração. Marie e Courcelles estão trabalhando para o duque de Guise, que deve ter interesses pessoais no novo reino católico. Talvez, sendo primo de Maria, pode achar que já tem direitos de família. Douglas, esse, sempre considere um oportunista. Será que sabe que está trabalhando para promover a família Howard e nem se importa, contanto que se saia bem? Tenho minhas dúvidas se até mesmo Philip Howard, com seus argumentos evasivos sobre limitação de derramamento de sangue, adivinhou qual é o objetivo final dos planos do tio.

Dobro o papel às pressas e o enfio na cintura de meus calções, junto ao corpo, debaixo da camisa. Seja o que for que eu vá descobrir hoje à noite, só isto já valeu o risco: vale ouro puro. Uma árvore genealógica escrita com a letra de Henry Howard que nega a Elizabeth o direito de reinar e revela claramente sua intenção de se casar com a rainha da Escócia serve de prova da traição de Howard mais do que qualquer coisa que Walsingham possa esperar. Com um interrogatório criterioso, pode ser que Howard forneça mais detalhes sobre o plano de invasão com tempo de sobra para preveni-la.

Meu coração está acelerado com a emoção do sucesso, mas não tenho tempo a perder. Em seguida, me agacho para tentar abrir as portas do armário negro, mas pela primeira vez minha sorte me abandona. Elas estão trancadas. Não vejo nenhum outro lugar no quarto onde um livro possa estar escondido - e se Henry Howard tem livros proibidos escondidos, como de fato deve ter, onde mais os esconderia a não ser nesta capela secreta? Desembainho minha faca e tento introduzir sua ponta na fechadura, mas o buraco da chave é pequeno demais e a lâmina não consegue penetrar com profundidade suficiente para obter um ponto de apoio. Frustrado e ansioso, e notando que todas as velas já foram bem gastas, largo a faca e volto às prateleiras acima da cabeça de bronze para ver se há algum utensílio menor que possa me servir no meio daquela parafernália. Ao correr os olhos pela fileira de frascos que parecem relicários, um em particular atrai minha atenção. Uma garrafa de vidro enfeitada contendo uma única madeixa de cabelo muito louro.

Apanho-a e removo a tampa. Já vi mais relíquias de santos na Itália do que sou capaz de contar - dedos, sangue e cabelo suficientes para povoar o mundo 7 mil vezes com santos abençoados -, mas em geral aqueles que vendem relíquias falsas se esforçam um pouco para dar à sua mercadoria uma aparência de antigüidade. Esta mecha de cabelo não tem nada de ressecado ou empoeirado, como aquelas quinquilharias. Ela parece nova e flexível, enroscada dentro do vidro. Cecily Ashe tinha cabelo louro, lembro, com um aperto no estômago.

- Vejo que encontrou o cabelo de santa Inês.

A voz de Henry Howard atrás de mim é cortês, divertida, como se ele não estivesse nem um pouco surpreso de me encontrar ali, em sua capela oculta, revirando os ingredientes de suas artes. Apareceu de modo tão silencioso que por um momento terrível acho que a cabeça de bronze falou. Dou um salto e me viro de costas com tanto ímpeto ao ouvi-lo que quase deixo cair a garrafa. Só o que consigo fazer é encará-lo, boquiaberto e trêmulo. Numa das mãos ele segura uma vela; na outra, uma espada ornamental.

- Elas possuem poderes para proteger a castidade, as relíquias de santa Inês - continua ele, no mesmo tom jovial e também para favorecer o cultivo das safras.

Mas é claro que você sabe tudo isso. É fascinante, não acha? Que a mesma força exerça influência sobre a castidade e a fertilidade, dois opostos.

- Forças opostas têm uma ligação poderosa entre si - digo, recuperando a voz. - Quando se acredita em tais poderes.

- Você não acredita no poder das relíquias, creio. Mas, como bom discípulo de Hermes, deve acreditar que certos elementos do mundo natural podem controlar e fazer uso de determinados poderes imitando o reino celestial.

Limito-me a olhar para ele e dar de ombros, fingindo uma frieza que não sinto. Tenho consciência de que estou à mercê dele aqui, e que a melhor atitude agora talvez seja ficar em silêncio. Meu olhar vai para a espada, que ele segura, descontraído, ao lado do corpo.

- É uma pena - diz, andando em minha direção e fechando a porta com um pontapé. Está vestido com um roupão vermelho pesado em cima da camisola de dormir. - Teria sido interessante discutir a magia hermética com você em outras circunstâncias. Aqui entre nós, admito de bom grado que você tem uma reputação considerável nesses assuntos, muito embora não vá me ouvir elogiá-la em público.

- Estou lisonjeado - digo, e inclino a cabeça. Ele não percebe o sarcasmo.

- Você é sem dúvida mais audacioso do que eu pensava, Bruno. - O tom é quase de admiração. - Seu desempenho foi absolutamente convincente essa noite. Você bebeu mais do que Douglas, o que deveria ter despertado minhas suspeitas. Se eu não estivesse tão disposto a deixá-lo confirmar meus piores preconceitos a seu respeito, teria sido mais cauteloso. E estou vendo que você é extremamente perspicaz. Nem os sequazes de Sua Majestade jamais encontraram este quarto, em nenhuma das ocasiões em que tiveram o prazer de revistar a casa de meu sobrinho.

Anda com suas pantufas de veludo pelas lajes de pedra e lança um olhar indiferente aos papéis em cima do armário. Um pé está apenas a centímetros da faca de cabo de osso que deixei no chão depois de tentar abrir a fechadura. Meus músculos se retesam. O documento que trago debaixo da camisa roça em minha

pele. Será que vai dar falta dele com uma olhadela?

- Meu sobrinho mandou construir isto aqui para ser uma capela particular. O jesuíta Edmund Campion rezou missa aqui uma vez, sabe. Mas depois que Campion foi executado e o Conselho Real começou a tratar com mais rigor os padres secretos, Philip de certa forma perdeu a coragem. Não posso culpar o rapaz - era jovem quando viu o pai ser executado por traição e seu título perdido. Não quer esta propriedade também desonrada. Por isso, não houve mais missas depois daquela e tomei posse da capela para meu trabalho particular. Nunca falamos sobre isso. - Seus olhos se desviam para o altar do outro lado do quarto, como se lembrasse seu uso mais convencional. - Foi no dia em que enforcaram e esquartejaram Campion em Tyburn que percebi que a Inglaterra nunca voltaria a ser o que era apenas com preces e padres. A fé teria que se manifestar com uma ação mais forte. - Ao dizer isso, sua mandíbula se repuxa e as juntas dos dedos ficam brancas em torno do punho da espada.

E, observando-o, penso que por trás desse desejo de vingança e de promoção pessoal talvez haja algum sentimento religioso genuíno - ou quem sabe tudo se tenha transformado numa coisa só. Ele volta depressa os olhos para mim, as lembranças postas de lado.

- Você finge uma bebedeira muito bem, aliás - comenta, como se fôssemos conhecidos conversando amenidades numa taberna. - Deu o vinho do Reno para meu cão, foi isso o que aconteceu? O pobre coitado vomitou toda a escadaria dos fundos.

Fico calado. Por um instante, nos entreolhamos à luz das velas, e estremeço com um calafrio involuntário. Faz muito frio dentro do quarto.

- Muito bem, Bruno. - Ele me olha de cima a baixo, o tom de voz finalmente afirmando seu domínio da situação. - Não preciso perguntar se reconhece o que encontrou aqui. - Faz um movimento com a mão que compreende os círculos no chão, o altar, a cabeça de bronze.

- Você busca um conhecimento secreto apesar de publicamente o censurar - murmuro. - Dee já desconfiava disso.

- Claro que sim. - A voz de Howard revela um toque de impaciência. - Ele sempre soube que eu era um talento natural. Mas teve a arrogância de supor que detinha a chave de meu progresso e podia simplesmente me impedir de alcançar os graus mais elevados desse conhecimento. Ele é guiado pelo medo, sabe, Bruno - diz, de repente brusco. - A última coisa que Dee quer é um rival na crença da rainha sobre esses assuntos. Assuntos que se encontram do lado oposto da religião, nas suas sombras. Ele quer ser reconhecido como o mago da rainha e vai frustrar quem

quer que tente se aproximar. Você vai acabar descobrindo isso por conta própria.

Sacode a cabeça e dá mais um passo na minha direção, a espada ainda na mão que pende junto à perna. Com o rosto a apenas um palmo do meu, abre um sorriso grotesco.

- Mas lhe falta uma coisa que faria dele o mago mais proeminente de nossa era, algo que ele deseja tanto que mal consegue dormir.

- O livro perdido de Hermes - minha voz mal se ouve, mas minha respiração se condensa entre nós no ar frio. - Você o roubou mesmo dele em Oxford, então.

Não é uma pergunta. Howard apenas amplia a curva de seu sorriso.

- Veio parar em minhas mãos. Ah, sim, Bruno, você pode ficar de boca aberta. Foi isso, presumo, o que veio procurar aqui? Você é engenhoso, tenho que admitir.

Ele se vira abruptamente e se dirige ao pequeno altar do outro lado, então se volta para mim e me fita com aqueles olhos negros.

- Mas um homem no exílio, Bruno, é sempre vulnerável. Não estou certo?

Não admira que procure adquirir poderes que estão além de seus próprios recursos temporais. Você e eu compreendemos isso - acrescenta, veemente. - Meu irmão Thomas nos fez perder o maior ducado da Inglaterra. O nome da minha família tem agora a mancha da traição. Fui ameaçado com prisão e banimento e sou obrigado a viver como hóspede de meu sobrinho a ainda fingir lealdade à usurpadora Elizabeth. - Ele curva o lábio inferior. - Estou privado da herança que é minha de direito exatamente como se tivesse sido banido do solo inglês. Mas estou apenas esperando o momento propício.

- E a solução que encontrou é terminar o que seu irmão começou? - indago, levantando o queixo.

Ele franze o cenho para mim por um instante, como se calculasse quanto posso saber.

- Por que diz isso? Por causa de meu comentário ao jantar sobre os herdeiros de Maria?

- Se ela já esteve disposta a se casar com seu irmão, por que não com você?

Ele ergue a espada e a aponta para mim, e sinto minhas entranhas se contraírem. Por um segundo, acho que vai me atacar. Mas acaba sacudindo a cabeça.

- Muito astuto, você, Bruno. Os Howard descendem de Eduardo Plantageneta, o primeiro rei inglês. Sabia disso? - Sem esperar resposta, ele continua. - Temos sangue real. Deveria haver um herdeiro Howard no trono.

- Você pretende tomar Maria como esposa quando ela for libertada e coroada e ter um herdeiro com ela?

Ele faz uma careta.

- É meu dever para com minha linhagem. Não espero que um homem comum seja capaz de compreender um ideal desses.

Instintivamente, cerro os punhos, como sempre acontece quando deparo com tais declarações de superioridade inata da nobreza, mas mantenho a voz calma.

- Douglas tem razão, porém. Maria Stuart já tem um herdeiro com uma linhagem real inatacável e que é rei da Escócia.

- Os jovens não são imortais, Bruno - diz Howard, com uma risada grave. - E Jaime ainda tem que procriar.

Olho para ele e me dou conta de que nem ao menos comecei a compreender qual é a escala de suas esperanças. Os planos de Howard vão muito além dessa invasão, muito além do restabelecimento da fé romana que os outros prefiguram. Suas maquinações se prolongam por um futuro no qual ele é o rei de uma Inglaterra católica, seu filho é o herdeiro e o jovem rei Jaime, de alguma forma, a vítima de um acidente infeliz, como seu pai. Entendo agora por que Howard mantém Archibald Douglas tão perto: se Douglas conseguiu matar o pai com tanta eficiência, por que não o recrutar para matar o filho? Pelo preço certo, não duvido de que Douglas lhe fizesse esse obséquio. No entanto, o medo de verdade que me aperta por dentro vem da consciência de que a única razão pela qual Henry

Howard teria me revelado uma trama tão incrível - insana, diriam alguns - seria por estar confiante de que eu não teria oportunidade de contá-la a ninguém. Minha mão direita quer instintivamente pegar a faca, embora não esteja no lugar, e forço-me a mantê-la imóvel. Se Howard pensar que estou armado pode me revistar e aí vai encontrar o papel da genealogia. Baixo os olhos para a garrafa de vidro que quase esqueci que segurava. Santa Inês, ele disse. Este cabelo pertenceu a alguém de um tempo mais recente. Só que não consigo compreender como os crimes na corte se encaixam no elaborado plano de longo prazo de Howard.

- Mas chega desse assunto - diz ele, num tom inesperadamente despreocupado. - Eu ia lhe mostrar algo que o faria tremer, não é mesmo? Chegue mais perto, Bruno.

Para meu grande alívio, ele põe a espada em cima do altar, apesar de estar ao alcance de sua mão quando ele levanta o tecido roxo que o cobre. A pedra que está embaixo tem esculpido um baixo-relevo de figuras humanas, os rostos tão gastos pelo tempo que só um contorno indistinto de sua humanidade permanece. Parece ter séculos de existência.

- Vem de uma das abadias de Sussex demolidas durante a Dissolução dos Mosteiros - comenta ele, como se lesse meus pensamentos. - Meu irmão comprou-a em segredo e guardou-a em sua própria capela. Trouxemos para cá quando ele morreu. Não pode imaginar o trabalho que dá transportar uma coisa destas. É ilegal possuir uma, claro.

Sua voz fica abafada quando me dá as costas e se agacha na frente do altar. Há uma reentrância estreita na pedra junto à base. Howard enfia a mão e tira dali um pequeno cofre de madeira, a tampa incrustada com um desenho complexo gravado a ouro. Ele apanha uma chave em algum lugar dentro de seu roupão e abre a caixa. Dou um passo hesitante à frente, as palmas das mãos suadas. Estou ansioso para ficar fora do alcance daquela espada. Ao passar pelo armário negro, chuto de leve a faca que deixei no chão para baixo do móvel, fora da vista, enquanto ele está de costas.

- Não vai enxergar direito daí - diz ele, levantando-se e virando o corpo. - Venha aqui.

Ele o estende para mim, um objeto embrulhado em uma camada protetora de tecido de linho. Quando me aproximo, abre o pano e mostra um livro encadernado em couro desbotado. Sinto uma fraqueza repentina em meus membros, como se meu corpo tivesse levado um banho de água fria, meu coração salta no peito e me precipito para a frente, quase esquecendo a espada.

Seria de fato esse o livro que venho procurando, de Veneza a Paris até Oxford, o 15º livro dos escritos de Hermes Trismegisto, trazido por Cosimo de Médici das ruínas de Bizâncio, entregue ao grande neoplatonista Marsílio Ficino para ser traduzido e escondido por ele ao reconhecer o tremendo poder do que continha? A obra que, segundo um cavalheiro veneziano idoso que conheci, Ficino confiou à guarda do livreiro Vespasiano da Bisticci, cujo aprendiz o vendeu por engano a um colecionador inglês. O exemplar que permaneceu irreconhecível numa biblioteca de Oxford até um bibliotecário esperto salvá-lo do expurgo da Comissão Real. Aquele que um comerciante inescrupuloso chamado Rowland Jenkes vendeu a Dee por uma fortuna, que Dee teve nas mãos apenas por um dia até lhe ser roubado a mando de Henry Howard? Por tudo o que é mais sagrado - seria possível que eu estivesse finalmente diante do livro que se acreditou guardar o segredo da divina origem do homem, e de como recuperar essa divindade? Quase não ousava respirar.

- Abra-o, se quiser.

Howard dá um sorriso feroz, como o de um lobo. Seus olhos cintilam. Parece uma criança exibindo um boneco de marzipã, querendo que se aprecie a maravilha que é aquilo, confiante de que ninguém vai tirá-lo dela. Balança a cabeça, me incentivando. Estendo a mão, que treme visivelmente, e tiro o livro da caixa. No

momento de abri-lo, é como se o mundo parasse de girar, ouço as batidas de meu coração como se viessem de algum lugar do lado de fora. As páginas manuscritas são velhas e endurecidas, os caracteres gregos tão desbotados em alguns trechos que estão quase ilegíveis, mas, quando começo a ler, não há nenhuma dúvida em minha mente quanto à autenticidade do livro. Howard balança a cabeça outra vez enquanto viro as páginas, meus olhos ávidos correndo pelas linhas, pensando o que eu seria capaz de oferecer pela oportunidade de passar um dia com este livro, para estudá-lo, copiá-lo, desfrutá-lo. Howard acaba ficando impaciente.

- Vá adiante, Bruno. Pule o prólogo e os primeiros capítulos. Vá para a parte do meio.

Surpreso, obedeço e, quando o livro se abre perto do meio, compreendo o olhar de triunfo dele, levemente histérico. Leio as linhas escritas em grego, depois as releio. Quando minha testa se franze mais, Howard começa a rir.

- Está vendo, Bruno? Está vendo?

Experimento a sensação desconcertante de estar caindo, a mesma que Howard deve ter sentido quando abriu o livro pela primeira vez. Olho para a página, olho para Howard de novo, sacudindo a cabeça, incrédulo.

- Codificado.

- Exato! A parte crucial do livro, sua sabedoria mais secreta e sagrada, é tão incitante que o escriba não ousou escrevê-la sem uma cifra. No prólogo, Hermes menciona a Grande Chave, a Clavis Magna. Que deve existir separadamente, e não a tenho. - Seus olhos ardem com uma energia frenética. - Quatorze anos! Durante 14 anos tentei quebrar o código. Experimentei todos os sistemas de criptografia sobre os quais já li, mas não consigo. Não consigo decifrá-lo.

Olho para ele, o livro aberto em minhas mãos, minha boca aberta. Quatorze anos tentando decifrar o livro que você acredita poder lhe revelar o segredo da imortalidade. Quase sinto pena dele. Não admira que seus planos pareçam ter um toque de loucura. E me espanta que ainda mantenha o controle de sua mente.

- Mas Ficino devia tê-la - raciocino em voz alta. - A Grande Chave. Ficino leu o livro inteiro, de acordo com a história, senão por que teria ficado com tanto medo de traduzi-lo?

- Ela existe em algum lugar, ou pode ser deduzida - diz Howard, e escuto anos de fadiga em sua voz. - Mas como encontrá-la, Bruno? Por onde começar?

- Dee tem muitos tratados sobre criptografia em sua biblioteca - respondo, encarando-o. - Mas você sabe disso.

Ele apenas levanta uma das sobrancelhas.

- Pedir ajuda a Dee? E confessar que tenho o livro pelo qual ele quase foi morto? Claro que, durante esses anos todos, fiz tentativas para descobrir se Dee tem algo entre seus papéis que ele não saiba ser a chave de que Hermes fala. Mandeï criados e subordinados à casa dele fingindo serem estudiosos em viagem. E, sim, tive oportunidade de pesquisar lá eu mesmo quando sabia que ele estava ausente. Esse tempo todo, mal cheguei à superfície do conteúdo da biblioteca de Dee. - Seu semblante endurece e ele me olha como se acabasse de lembrar quem eu sou. - Mas Dee está perto de cair em desgraça. Elizabeth não vai mais poder fechar os olhos para as práticas dele. E, quando isso acontecer, mesmo que sua vida seja poupada, seus bens serão confiscados. Terei a biblioteca dele de alguma forma.

A fria determinação em sua voz não combina com o brilho desvairado de seus olhos. Sua sanidade pode ser duvidosa, mas ele continua sendo implacável. E sua referência à desgraça iminente de Dee é quase uma confissão.

- Ned Kelley foi um desses subordinados que você encarregou de trabalhar em seu lugar?

Ele esfrega a barba pontuda, como se tentasse lembrar onde escutou aquele nome.

- Kelley. Um escroque, é claro, mas com uma imaginação extraordinária e uma capacidade interessante para conquistar o afeto dos estranhos, apesar de nunca ter me convencido, é preciso que se diga.

- Nem a mim.

- A criada Johanna o trouxe até mim. Encontrou-o numa feira qualquer, trapaceando em truques de cartas. Achou que ele me poderia ser útil. Mas ninguém seria capaz de prever quanto Dee se encantaria por ele, nem com que facilidade Kelley iria influenciá-lo.

Ele sorri com malícia. Uma raiva súbita cresce em meu peito e agarro com mais força o livro em minhas mãos.

- Você pagou Kelley para seduzir Dee com essa história de invocar espíritos a fim de que ele fosse publicamente desonrado e castigado - acuso-o, entredentes.

Howard se permite um risinho de satisfação.

- Eu sabia que, se Dee acreditasse que podia de fato se comunicar com seres celestiais, não resistiria e teria que contar à rainha. Ela ainda está atraída para a idéia de conhecimento além dos recursos mortais, mas isso seria um passo avançado demais para aqueles defensores da razão de seu Conselho. Walsingham, Burghley. Eu, evidentemente. - E sorri, dando um tapinha no próprio peito. - Dee vai ser cortado mais depressa do que uma macieira bichada, você vai ver. E não vou mais

precisar viver temendo que ele denuncie os segredos de meu passado. - Cruza os braços e inclina a cabeça para trás para me avaliar por cima do nariz levantado. - O que me leva de volta a você, Bruno.

- E quanto às moças - deixo escapar, sem fazer caso dele, o rosto vermelho de raiva -, elas morreram por causa disso? Para dar credibilidade às profecias violentas de Kelley? Para implicar Dee em crimes e assegurar que você acabou com a reputação dele de uma vez por todas?

Howard é um homem da corte, não pode deixar sua máscara de polidez cair durante muito tempo, mas pensei que a acusação pudesse provocar alguma admissão de culpa em sua expressão, por mais passageira que fosse. O que vejo, em vez disso, é perplexidade, depois indignação.

- As moças? Deus do céu, Bruno! Você não está achando que tive alguma coisa a ver com aquilo, está? - Ele parece sinceramente ofendido. Não posso esquecer, contudo, que se trata de um político e exímio dissimulador. - Seria uma insanidade. Crimes que chamam atenção para ameaças contra a rainha quando estamos tentando organizar uma invasão que depende de surpresa? Por que cargas-d'água eu iria pôr em risco os planos nos quais apostei todo o meu futuro?

- A profecia de Ned Kelley previu a morte de Abigail Morley em quase todos os detalhes - digo, baixando a voz. - Como ele poderia saber?

Ele sacode a cabeça, impaciente.

- Kelley era um tolo, deixava sua imaginação adquirir um colorido forte demais depois de ler os textos melodramáticos dos panfletos. Então, quando o criminoso se repete, parece que Kelley profetizou o acontecimento. Não... esses crimes poderiam ter sido catastróficos para nossos planos de invasão. Mais ataques aos católicos, mais interrogatórios, mais guardas rondando a corte, e vão vigiar Maria mais de perto, exatamente quando temos Throckmorton percorrendo o interior a cavalo para tentar despertar o espírito guerreiro dos nobres. Você acha que eu teria provocado tudo isso de propósito? Pela Santa Cruz, seria loucura! - Seus olhos faíscam. - Não. Se isso resultar na associação de Dee a um crime, alguma vantagem teremos nisso, é claro, mas posso lhe garantir, Bruno, estou furioso com a sincronia desses crimes. Além do mais - acrescenta, com um gesto orgulhoso eu nunca me envolveria numa exibição tão vulgar. A morte de vez em quando é necessária, mas deve ser discreta. Esse tipo de espetáculo grotesco é trabalho de um homem cuja vaidade pesa mais do que sua noção de objetivo.

Olho para ele e minha certeza anterior se reduz a um pontinho e desaparece. A despeito da presunção em seu sorriso torto, sei que está falando a verdade. Ao querer me convencer de que ele estava por trás dos crimes, tentei fazer os fatos se

encaixarem, mas nunca encontrei uma explicação plausível para o fato de esses crimes indicarem tão abertamente uma ameaça católica. E agora que conheço a extensão das ambições reais e dinásticas de Howard, vejo que o assassinato de Elizabeth iria indiscutivelmente trabalhar contra os interesses dele, e portanto a teoria de que ele preparou Cecily Ashe para envenenar a rainha também cai por terra. Se Howard não é o assassino, porém, então quem é?

- E melhor me devolver meu livro agora, Bruno - diz, estendendo a mão. - Você é bem capaz de decifrar o código assim que eu virar as costas.

Adianto-me devagar, meu braço pesado como chumbo ao estendê-lo e deixar que ele pegue o livro. A textura áspera do couro desliza entre meus dedos quando ele o tira de mim. Vejo-o guardá-lo de volta em seu escrínio com uma sensação de desalento, como se tivesse encontrado uma amante e a perdido no momento seguinte. É que segui a pista desse livro através de um continente e de um mar com dedicação maior do que teria demonstrado a qualquer mulher. Tê-lo nas mãos e vê-lo ser arrebatado de mim é quase pior do que continuar a procurá-lo às cegas, sem nem ao menos saber se existia. Muito menos posso deixar de escutar a voz de minha própria vaidade, me dizendo que, com o tempo, Dee e eu com certeza conseguiríamos quebrar o código que derrotou Henry Howard por 14 anos. Meus olhos o acompanham, desejosos, enquanto Howard tranca o pequeno cofre e o aperta contra o peito. Minhas chances de algum dia pegar naquele livro outra vez parecem remotas.

A espada reluz no altar sob as chamas das velas. Se eu me precipitasse para ela agora, enquanto Howard está ocupado com o cofre, talvez conseguisse agarrá-la antes que ele pudesse reagir, apesar de estar mais perto. Como se pressentisse meu olhar na espada, ele estende um dos braços e pousa a mão em seu punho.

- Você me deixa num dilema, Bruno - diz, enfiando o cofre embaixo do braço esquerdo. - Não deveria ter visto nada disto - e faz um gesto abrangendo a capela toda, o mapa astrológico, a cabeça de bronze, o altar. - Meu maior segredo. Se fosse conhecido, seria o último prego fincado no ataúde da reputação de minha família, e com certeza me levaria à Torre. Nunca confiei inteiramente em você, mesmo antes desta noite. Portanto, o que faço com você, agora que descobriu tudo? - O polegar dele acaricia de leve o punho da espada, mas ainda não a segura.

Um frio me desce pela espinha até as entranhas. Minha garganta se aperta. Acho que já esperava isto, mas ainda experimento teimosamente argumentar com ele.

- Dee adivinhou seu segredo e não o divulgou. Por que acha que eu faria diferente?

Ele deve ter captado o medo em minha voz porque ri, um riso sem humor,

porém.

- Dee não tem prova de coisa alguma. E tem um saudável respeito pelo alcance de minha influência, enquanto você, Bruno, pelo jeito não tem respeito nenhum. - Ele descansa a mão esquerda no quadril e sacode a cabeça. - Acho que nunca vi um andar tão presunçoso e arrogante num homem mal-nascido.

Relanceio os olhos de novo para a espada.

- Ah, não se preocupe, Bruno, não estou pretendendo usá-la em você, a não ser que faça alguma bobagem. Daria trabalho explicar ao embaixador. - Ele deita a cabeça para um lado outra vez e sorri com ar perigoso. - Felizmente, sua pequena farsa dessa noite me fornece a oportunidade perfeita. É muito comum, dizem, um homem que bebeu demais morrer sufocado no próprio vômito durante a noite.

- Deixe-me voltar para a embaixada - suplico, minha voz soando como um grasnido. - Não direi nada a ninguém.

- Nada? - Seus lábios desenhavam um ligeiro sorriso, que some quando ele apanha a espada com determinação. - Mesmo quando Dee for preso por bruxaria, você ainda vai guardar meu segredo? Desconfio que não. - Encosta a ponta da espada em meu peito e recuo instintivamente. - O criado vai encontrá-lo de manhã, gelado e coberto de vômito. Só Deus sabe, aquele cão o produziu de sobra. Vai ser um aborrecimento para a embaixada francesa, é claro, mas Castelnau e eu faremos o possível para abafar o escândalo. E, no meio do grande tumulto do que está para acontecer neste país, ninguém vai se lembrar do mongezinho italiano que se excedeu com vinho do Reno.

Ele me conduz com a ponta da espada para o fundo do quarto, onde está o espelho de obsidiana. O cofre com o livro de Hermes está firmemente preso debaixo de seu braço.

- Vou ter que deixá-lo aqui enquanto acordo os criados de confiança do conde. Não pretendo sujar minhas mãos. Você pode se distrair, creio. Acho que não faz mais muita diferença o que vai encontrar aqui.

E recua para a porta, a espada ainda erguida na altura de meu peito. Por uma fração de segundo, considero a possibilidade de correr para ele e tentar arrancá-la de sua mão, mas Howard é um homem grande, bem mais alto que eu, e me dominaria assim que eu me mexesse. A espada pode ser ornamental, mas mesmo na luz que se extingue vejo que sua lâmina é perversa.

Junto à porta ele para, a mão no ferrolho.

- Li seu livro sobre a memória, sabe - diz, pensativo. - Posso confessar isso agora: acho que é obra de uma inteligência excepcional. Quase sinto pena por tudo precisar terminar desse jeito, mas é preciso pensar na própria sobrevivência nos dias

que correm. E meu destino é maior do que o seu. Adeus, Giordano Bruno.

Ele me lança um olhar demorado, depois sai pela porta. Escuto o som de uma chave girando na fechadura e o inconfundível rangido da estante deslizando de volta para o lugar. Enfio as mãos pelo cabelo, respiro fundo e tento examinar o quarto com a cabeça fria, embora meu sangue pulse acelerado e eu me sinta meio nauseado.

As velas se consumiram quase até o fim, mas suas chamas ainda dançam e oscilam em correntes de ar frio. A temperatura na capela escondida é tão baixa que vejo minha respiração formar nuvens diante de mim e tento acalmá-la.

Pelos meus cálculos, esta capela foi criada dividindo-se o aposento que é agora a biblioteca com o fechamento da parede do fundo, o que significa que estamos na extremidade de uma ala da casa. As janelas fechadas com tijolos na parede em frente à porta confirmam isso. No entanto, esta corrente de ar permanente deve querer dizer que existe uma outra abertura em algum lugar, e a única possibilidade é atrás do espelho. Apanho uma das velas do altar e comprovo minha teoria ao me aproximar da beirada do espelho e a chama quase se apagar.

Tenho muito pouco tempo. A grossa chapa de obsidiana polida é mais larga e alta do que um homem - um homem de Nápoles, em todo caso - e foi instalada em cima de uma base feita de um sólido bloco de madeira para mantê-la de pé e equilibrada. Encosto o ombro nela e empurro com todo o meu peso. O espelho se desloca uma fração de centímetro, e não há dúvida de que o ar frio está vindo através da abertura entre o espelho e a parede. Encaixo o pé por trás da base de madeira e tento empurrá-la para fora, apoiando as costas na parede, sem tirar o olho da porta que leva à biblioteca, esperando a qualquer instante ouvir o ruído da chave.

Com um esforço de todos os músculos, empurro a base do espelho com ambas as pernas até desviá-lo o suficiente da parede, e vejo então uma lareira fechada com tábuas de madeira. É uma decepção, mas ao aproximar a vela, protegendo a chama com a mão, verifico que os pregos não foram bem martelados. Não daria muito trabalho soltá-los caso eu tivesse tempo. Arrasto-me pelo chão para apanhar a faca que chutei para baixo do armário preto, puxando-a para mim aos poucos com as pontas dos dedos. Colocando a vela fora da direção da corrente de ar, forço a lâmina por trás do prego da tábua de cima e o solto com facilidade. Consigo posicionar meus dedos por trás da tábua e puxá-la inteira, retirando-a da frente da lareira. Repito a operação com a segunda, as mãos tremendo por causa da necessidade de me apressar e os dedos sangrando com as farpas da madeira. Em poucos minutos, removo três tábuas, deixando um espaço grande o suficiente para me encolher e entrar na boca da lareira. Não tenho idéia de qual poderá ser a largura da chaminé, nem mesmo se vai ser possível subir pelo duto, mas não tenho escolha. Guardo a faca na bainha e dobro o corpo ao meio para caber na abertura, deixando

com relutância a vela para trás e agradecendo ao destino por ter o físico de um napolitano - um desses ingleses altos e largos como Howard ou Sidney não teria esta sorte.

Dentro da chaminé a escuridão é completa e me envolve, pesada como uma casimira enfiada, o cheiro de fuligem e bolor espesso em minhas narinas. Sinto crescer em meu peito o pânico que sempre me vem quando me vejo em espaços apertados, o coração e a respiração se acelerando furiosamente, o suor pegajoso nas palmas das mãos, o terror cego de estar fechado. Obrigando-me a permanecer calmo, toco a parede de tijolos acima de minha cabeça, tateando metodicamente até encontrar o que esperava encontrar - uma haste de metal fincada no interior da chaminé para facilitar o trabalho das crianças que sobem por ali para limpá-la. Há anos ninguém sobe por esta chaminé, penso, escorando-me com um dos pés na parte posterior da lareira e agarrando a haste para puxar o corpo para cima dentro do duto estreito, apalpando às cegas por cima da cabeça à procura da próxima haste. Teias de aranha se grudam na minha boca e no meu nariz. Tento desviar minha mente para alguns exercícios de memória que me distraiam da sensação de que as paredes ao meu redor estão se estreitando à medida que subo e busco apoios para os pés onde posso, enquanto tijolos soltos se despedaçam e se espatifam no chão lá embaixo. Logo sinto as paredes laterais comprimindo meus ombros. Encho a boca com o ar fuliginoso e sinto um gosto mais pungente, frio, com a revigorante aspereza metálica do outono. Rezo para que não haja nenhum vaso decorado arrematando esta chaminé e me fechando a saída. A subida foi mais curta do que eu esperava e sinto o ar da noite no alto da minha cabeça, o que ajuda a amenizar o medo que me acomete quando meus ombros ficam entalados no ponto onde o duto se afunila. Com meneios estudados, consigo levantar um dos braços acima da cabeça e procurar com a mão o alto da chaminé. Meio me espremendo, meio me arrastando, chego à abertura, limpando a sujeira dos olhos, o vento do rio me batendo no rosto, o perfume de lama e esgoto do Tâmsa nunca tão bem recebido.

As nuvens correm uma atrás da outra no céu, uma lua brilhante esconde a face por um breve instante para reaparecer das sombras cinza-azuladas. Há claridade suficiente para ver e ser visto quando iço o corpo para fora da chaminé e para cima do telhado. Aqui, nos fundos da casa, o prédio é uma confusão de extensões e cômodos que foram acrescentados à estrutura principal. O aposento que contém a biblioteca de Howard e a capela secreta parece ser um anexo que foi construído no final da ala. Tem apenas um andar e o teto se inclina acentuadamente para baixo à esquerda da chaminé de onde acabei de sair. Embora as telhas sejam traiçoeiras por causa do chuvisco que caiu mais cedo, se eu puder deslizar até embaixo devagar não vai ser complicado me deixar cair no chão do ponto onde o telhado termina. A altura não deve passar de 4,5 metros. Verificando se ainda carrego na cintura os papéis e

minha faca, seguro a beirada da chaminé e começo a escorregar de costas pelo telhado abaixo. Não tenho como saber se Howard já voltou com seus criados e vii que fugi, nem tenho muita noção de que rumo tomar quando chegar ao chão, mas a esta altura só posso ir em frente. Hesitar não vai servir para nada agora. Acontece que não tenho escolha. O telhado está tão escorregadio que não consigo controlar a velocidade da descida, e primeiro resvalo depois caio no chão, desajeitado, em cima do meu lado esquerdo, ao tentar rolar para suavizar o impacto. Mal tenho tempo de me recuperar e ver se ainda consigo mexer o braço quando uma sucessão de latidos furiosos corta o ar da noite bem perto de onde me encontro. Em pânico, começo a correr para longe guiado apenas pelo instinto. Pelo vigor dos latidos, imagino que não seja o cachorro que enchi de vinho ontem, mas um outro que deve ficar solto no terreno como cão de guarda. Deveria ter previsto isso, penso, enquanto minhas pernas me fazem atravessar o gramado que desce até o rio com uma velocidade surpreendente. Sem me virar, sinto o cão se aproximando cada vez mais, sua respiração ofegante e o som de seu protesto chegando assustadoramente perto de mim. Na parte mais baixa do jardim, uma casa de barcos vistosa foi construída ao redor de uma enseada do rio onde os barcos atracam. Se conseguir alcançá-los e fugir pelo rio, a viagem de volta para Salisbury Court é curta e há uma boa probabilidade de chegar lá antes que alguém possa me alcançar.

Mas a porta da casa de barcos está trancada e agora já avisto o cão, um vulto comprido de pernas longas que vem a galope e latindo numa altura de acordar os mortos. Meu corpo parece agir por conta própria e prefere disparar através da grama na direção do muro da casa, para o portão de ferro por onde entramos na noite anterior - apesar de agora parecer que foi há dias - depois de desembarcar e subir os degraus que vão até a água. O portão também está trancado, mas, impulsionado pelo sangue que lateja em meus membros, eu o escalo mais depressa do que jamais subi em qualquer coisa, exceto talvez o muro do mosteiro de San Domenico Maggiore na noite em que fugi da Inquisição. Engancho a perna por cima da arcada de alvenaria e desço aos trancos e barrancos do outro lado, no mais alto dos degraus cobertos de limo, quase escorregando para dentro da água. Agora já ouço vozes na direção da casa, e um ponto de luz vacilante que só pode ser uma tocha aparece na escuridão. Dou uma olhadela para o rio, negro como tinta, atrás de mim. Mesmo sob a claridade incerta da lua dá para ver como a correnteza está rápida. Contudo, não posso hesitar nem um instante. A tocha se aproxima e o cão se atira sem parar contra as barras de ferro do portão, o focinho metido entre elas, os dentes arreganhados, louco de frustração por não me alcançar. Olho para baixo. O ruído da água soa anormalmente alto no silêncio da noite. É curta a distância ao longo do muro para ir dos degraus até a entrada do rio onde os barcos estão ancorados, mas a correnteza está forte - se eu não conseguir e for carregado rio abaixo...

Fecho os olhos e pulo. O choque da água fria me tira a respiração e a água negra se fecha sobre a minha cabeça tão depressa que, durante o que me parece uma eternidade, fico submerso, lutando contra a ardência dos pulmões e agitando os braços para chegar à superfície. Quando minha cabeça emerge e inalo uma quantidade de ar, começo a lutar com toda a energia de que meus membros ainda dispõem contra a força da correnteza, que já me arrastou quase além da ponta da arcada que leva à casa de barcos. Quando menino, era um ótimo nadador, mas esses anos passados nos países do norte arrefeceram meu entusiasmo pelo esporte. Agora, a determinação e o medo se combinam para superar a rigidez que já se instala em meus braços e pernas, e me obrigo a seguir contra o fluxo até conseguir agarrar a extremidade do muro e impulsionar o corpo para as águas mais calmas do canal da casa de barcos. As vozes dos homens entram pelas janelas e a luz de suas tochas projeta sombras no teto arqueado da casa de barcos, mas, a julgar pelo tom zangado das frases que trocam e o sacolejar violento da maçaneta da porta, acho que eles também não têm a chave daqui. Minhas mãos estão de tal modo geladas que quase nem consigo dobrá-las para segurar a borda do barco mais próximo, mas me forço a pendurar o corpo por cima dela e me sentar por um instante, recuperando o fôlego. Estou tremendo tanto de frio que o chocalhar de meus dentes ecoa pelas paredes. A tentativa de desamarrar o cabo que prende o barco a um anel de ferro é uma proeza quase impossível para meus dedos dormentes, porém talvez a sorte esteja me sorrindo, porque, ao cair para trás no barco, ele afinal se solta e, com braços trêmulos, manobro com um dos remos para voltar ao longo do muro e saio outra vez para as águas encrespadas do Tâmis. Das sombras atrás de mim, os protestos de um homem se juntam aos latidos incessantes do cão num coro raivoso, que enfraquece quando viro meu rosto para o vento e aplico o que me resta de força para manter a estabilidade da pequena embarcação junto à margem norte, esperando poder enxergar o suficiente para reconhecer o local de desembarque em Water Lane e o muro do jardim de Salisbury Court. A proa do barco pega uma onda grande de frente, os respingos me encharcam de novo com água gelada e uma dor aguda se espalha pelo meu ombro esquerdo quando me esforço para manter o curso, e então penso que jamais a perspectiva de avistar os muros da embaixada me pareceu tão atraente.

Capítulo 16

Salisbury Court, Londres,

3 de outubro do ano do Senhor de 1583

DEIXEI O BARCO DESCER ao sabor da maré depois de saltar dele no lodo macio que cobre os seixos onde Water Lane desce até o rio. A luz da lua e a borda de céu claro no horizonte a leste me permitiram ver o suficiente para reconhecer Temple Gardens ao passar e rumar para a margem a tempo de desembarcar em casa. Encharcado, gelado, tremendo incontrolavelmente e lutando contra uma feroz dor de cabeça por trás dos olhos, arrasto-me os poucos metros da subida de Water Lane até o portão do jardim de Salisbury Court e quase choro de alívio quando o encontro destrancado. Não espero contar com a mesma sorte na casa. Pergunto a mim mesmo se algum dos criados ainda estará acordado e quanta consternação ou falatório minha aparência vai causar quando, ao passar pelo jardim murado, noto uma luz acesa em uma das janelas do andar térreo. Aproximo-me furtivamente e, contando as janelas, percebo que a claridade vem do gabinete de Castelnau. Ao que parece, a falta de sono ainda persegue o embaixador, pobre homem. Como Courcelles deve ter se regozijado explicando-lhe por que não voltei com eles na noite passada! Devo-lhe pelo menos uma explicação sobre o que aconteceu, e talvez seja preferível fazer isso agora do que acordar os empregados. Cerro o maxilar e, agachado, bato de leve na vidraça da janela. Ouço um grito de susto lá dentro e o som de algo caindo. Em seguida, aparece uma sombra na janela, segurando um lampião a óleo.

- Senhor embaixador, sou eu, Bruno. - Pronuncio as palavras a custo através dos meus dentes que batem.

Uma pausa e abre-se uma fresta na janela.

- Bruno? Meu bom Deus, homem, mas que diabos aconteceu com você? O que está fazendo aí fora?

- Posso entrar primeiro? - E aponto para a janela. Ele a abre mais e eu suspendo o corpo até o peitoril, rolo por cima dele e caio para dentro com um baque surdo, como um monte de roupa molhada tombando no chão. Castelnau levanta o lampião e me olha com ar incrédulo, sem palavras, enquanto me levanto. No ar parado de seu gabinete, tenho consciência do cheiro forte do lodo do Tâmis que exala de meu corpo. O embaixador dá um passo para trás. Por fim, balança a cabeça.

- Conheci filósofos em Paris. Eram homens tranquilos, de barbas cheias de poeira, que se dedicavam exclusivamente a seus livros. Não entravam pelas janelas de madrugada cobertos de sangue e de excremento. Tenho a impressão de que há aspectos inteiros de sua vida que não consigo sequer começar a compreender, Bruno. O que foi isso que sujou o seu rosto todo? Parece fuligem. - O tom de voz dele não é de acusação, é de pena. - Você não havia ficado em Arundel House?

- Caí no rio no caminho de volta - respondo, num arquejo, envolvendo o tronco com os braços em meio a fortes convulsões. - Posso explicar...

- Vai morrer de frio antes... olhe, tire a roupa e vista isto. - E, sacudindo os ombros, despe o pesado roupão de lã que está vestindo. Por baixo, ainda está de camisa e calções, parece que nem sequer fez menção de ir para a cama. - Vá para perto do fogo. - E me estende o roupão, balançando a cabeça para indicar que devo me apressar.

Com certo constrangimento, tiro minhas roupas imundas e molhadas e deixo que formem uma pilha a meus pés. Minha adaga cai retinindo no chão, apanho-a depressa e a coloco na ponta da escrivaninha dele. Só quando levanto a camisa por cima da cabeça é que sinto o papel ensopado que se grudou em minha pele. Castelnau observa com curiosidade eu despregá-lo, segurá-lo com o braço estendido e me sentir como se o chão me faltasse. A tinta está borrada a ponto de não se reconhecer nada. Praguejo em voz alta em italiano e me vejo lutando contra lágrimas de ódio por meu fracasso. É a segunda vez que perco uma prova de importância vital que seria inestimável para Walsingham.

- Algo valioso, imagino? - pergunta Castelnau, enquanto balanço inutilmente o papel para a frente e para trás. Como não respondo, ele me leva com delicadeza para perto da lareira, onde as brasas de um fogo aceso antes vão se apagando em silêncio. Tira o papel de minha mão e o estende nas lajes de pedra do chão diante da lareira, mas já posso ver a impossibilidade de provar que havia ali uma árvore genealógica ilegal com a letra de Henry Howard. Tudo o que tenho a oferecer a Walsingham é a informação de que esse documento existiu. Seria bom levar esta informação a Fowler o mais cedo possível. Talvez ele já tenha se preparado desde o amanhecer para levar a Walsingham seu relatório sobre a noite passada, a fim de informá-lo sobre os planos de invasão, com a lista de lordes católicos e os pontos de desembarque seguros, e contar-lhe que eu dera um jeito de passar a noite lá, aguçando-lhe o apetite por qualquer prova que eu pudesse trazer. Mais uma vez, eu iria desapontá-los.

No silêncio, os primeiros pássaros iniciam seu coro do lado de fora da janela. O embaixador veste com seu lindo roupão meu corpo enlameado e sujo de

fuligem, depois vai até sua mesa para me servir do pouco vinho que sobrou no fundo de um decantador. Presumo que ele tenha bebido o resto em suas longas horas de insônia. Seguro bem a taça tentando não derramar a bebida com meu tremor, e Castelnau vem se colocar de pé a meu lado diante das brasas da lareira. Solta mais um daqueles grandes suspiros, que dão a impressão de que ele carrega o peso do mundo nos ombros.

- Tenho más notícias, Bruno. - Fala sem olhar para mim e, antes que as palavras saiam de sua boca, sei o que vai me dizer. - Léon morreu.

Mordo o lábio. Em parte, já esperava isso desde que Dumas não voltou ontem, mas tentei me convencer de que poderia haver alguma outra explicação. Se Marie não nos tivesse interrompido, se apenas eu tivesse sido mais direto ao fazê-lo contar sua história sobre o anel, se tivesse dado mais atenção a seus medos, em vez de fazer pouco caso de seu nervosismo. Tomo um gole de vinho, sentindo um enjoo no fundo do estômago, e me vejo incapaz de engolir. Não posso evitar a certeza de que Léon Dumas, assim como Abigail Morley, morreu por minha causa, e que eu deveria ter impedido que isso acontecesse.

- O que aconteceu? - pergunto afinal, depois de fitarmos a lareira juntos durante alguns minutos.

- Os funcionários da prefeitura vieram ontem à noite depois que vocês todos saíram - diz, a voz sem expressão. - Uns barqueiros encontraram o corpo dele no rio perto de Pauis Wharf e foram informar.

- Pauis Wharf? - Olho de lado para ele. - Onde fica a casa de Throckmorton?

- Nas redondezas. Acham que ele foi estrangulado por algum assaltante. É uma região perigosa da cidade para essas coisas, com todos os mercadores estrangeiros que desembarcam ali. Ele não trazia nada mais consigo além da roupa do corpo quando o tiraram da água. E fazia algumas horas que estava lá, disseram.

- Como souberam que deviam vir aqui?

- Perguntaram aos trabalhadores das docas e aos barqueiros no cais. Alguém o reconheceu, sabia que era francês. Disseram que era uma cara conhecida por ali.

Deveria ser mesmo, de tanto ir à casa de Throckmorton, imagino. E onde estaria o jovem mensageiro agora? A caminho de Sheffield, para encontrar Maria Stuart? Se Dumas foi morto perto de Pauis Wharf, teria o criminoso o seguido até lá ou ficou à espreita, sabendo que costumava ir à casa de Throckmorton? Na realidade, a única pessoa que poderia esperar uma visita de Dumas seria o próprio Throckmorton. Desvio o olhar para a janela e recordo o dia em que encontrei o mensageiro inesperadamente neste gabinete, e como ele não tirava os olhos da

escrivaninha do embaixador. Dumas foi morto por causa do anel. Tudo gira em torno desse objeto. Dumas tirou o anel do envelope da carta de Maria antes que chegasse a Howard, alguém o pagou para fazer isso e o anel acabou chegando a Cecily Ashe. Esfrego os olhos. Minha cabeça cansada busca às tontas por ligações, mas acabo voltando ao misterioso amante de Cecily, o homem que lhe deu o anel como penhor de seu pacto, o mesmo que lhe deu um frasco de veneno para Elizabeth Tudor. Dumas teve que morrer porque conhecia a identidade desse homem; é a única explicação. Mas por que agora - a não ser que esse sujeito tivesse alguma nova razão para temer que Dumas estivesse prestes a denunciá-lo? Ao me ocorrer esse pensamento, meu corpo é sacudido por uma convulsão tão violenta que o vinho balança dentro do copo, uma gota se derrama na laje de pedra, e a palavra que surge no mesmo instante em minha mente está nos meus lábios antes que eu possa me calar.

- Marie.

- O que foi que disse? - Castelnau se vira para mim com o olhos avermelhados.

- Eu... nada. - Não queria dizer o nome dela em voz alta. - Marie... ela chegou bem ontem à noite?

- Chegou, claro. E Courcelles também. Ele estava cheio de histórias sobre como você se desmoralizou e à embaixada. Claro que percebi que você devia estar representando - arremata, inclinando a cabeça com uma expressão significativa no rosto.

- Meu senhor? - É uma sorte eu estar tremendo tanto, assim qualquer demonstração de ansiedade não é percebida.

- Eu não disse isso a Courcelles, mas achei que você levou a sério meus temores de que Henry Howard esteja transferindo sua lealdade para os espanhóis. Imagino que você tenha decidido aproveitar a oportunidade para descobrir o que fosse possível enquanto estava debaixo do teto dele, e que os fizesse revelar alguma coisa fingindo-se embriagado. Courcelles não teria sutileza para compreender uma estratégia dessas. - Ele ri fracamente. - Além do mais, ontem à noite eu tinha outras coisas na cabeça. Venha comigo, Bruno. Quero que o veja.

- Trouxeram o corpo para cá?

- Ele tem família na França, coitado do rapaz. Vão querer o corpo para o enterrar lá, mas não sei se isso pode ser providenciado a tempo. - Passa a mão na testa. - Preciso escrever para eles. No meio disto tudo. - Abana a mão de um jeito impreciso, mas compreendo: ele se refere à invasão.

- Eu gostaria de vê-lo - digo. O embaixador assente como se sua cabeça fosse pesada demais para ficar ereta.

Sinto uma vontade súbita de lhe fazer confidências, de lhe contar sobre as intrigas secundárias que circulam em torno dele, acerca das ambições de Henry Howard, a respeito das maquinações de sua mulher, sobre Dumas e o anel. Em minha exaustão, quase acredito - durante um momento fugaz, absurdo, o instante que se leva para respirar uma vez - que posso aliviar este meu fardo se o dividir com ele, se contar a esse homem digno, paternal, envolvido em tantas facções conflitantes, que não sou quem ele pensa, que o venho enganando todo esse tempo, mas que, em última análise, ambos desejamos chegar ao mesmo resultado: evitar uma guerra. Ponho a mão em concha sobre a boca e baixo os olhos para o chão até esta insanidade passar e afastar-se como fumaça. Optei por viver uma vida dupla e preciso me manter fiel a essa opção, mesmo quando a pressão que ela exerce sobre mim quase me derruba.

- É assim que percebemos como se conhece pouco um homem, apesar de se estar sentado ao lado dele durante a maior parte do dia - reflete Castelnau, abatido, conduzindo-me pelo corredor para a porta dos fundos junto à cozinha. - Nunca lhe perguntei nada sobre ele próprio, sabe. Só lhe dava ordens o dia todo. Não acho que ele estivesse feliz aqui na Inglaterra, mas nunca se queixou.

Apanha uma chave na cintura, destranca a porta e atravessamos o pequeno pátio em direção às construções externas e depósitos que o cercam dos dois lados. Meus pés estão nus e tão frios que doem ao pisar nas pedras redondas, mas o embaixador pelo jeito não pensou nisso e, com um grande esforço, eu me obrigo a ignorar o fato. O céu já está bem claro, não há mais necessidade de velas, e, quando ele empurra e abre a porta de uma dessas construções, vejo claramente o corpo de Léon Dumas deitado numa mesa de cavalete, a cabeça torcida para um lado num ângulo anormal. Castelnau para na porta como se montasse guarda, sem olhar para o cadáver. Eu aperto mais o roupão em torno do corpo e me aproximo devagar da mesa.

Os grandes olhos espantados de Dumas foram fechados, mas seu semblante não está sereno. O rosto está machucado e inchado, os lábios empolados, entreabertos. Gentilmente, com um dedo indicador, puxo a gola de sua camisa para ver a marca de um torniquete em volta de seu pescoço. Imagino-o andando por aquelas ruas perto do cais, preocupado com a culpa que tentara sem sucesso aliviar falando comigo, e sendo atacado pelo assassino que o espreitava com uma corda ou um pano torcido.

- Ele deve ter sido atacado em plena luz do dia - murmuro.

Estendo a mão e pouso meus dedos em seu braço frio.

Castelnau apoia o peso do corpo na outra perna.

- Você sabe como é o cais, Bruno, uma área ruim da cidade. Os barqueiros sempre brigando aos gritos, a metade deles já bêbados desde cedo. Ladrões à espera de qualquer oportunidade. As pessoas fecham os olhos a essas coisas.

- Mas Léon não andava por aí como alguém que valesse a pena roubar - digo, lançando um olhar para os calções gastos de Dumas, agora sujos do lodo do rio.

- O que você está dizendo?

Hesito. O embaixador já tem muito peso em suas costas no momento, talvez seja mais benéfico deixá-lo se convencer de que Dumas foi vítima de um assalto ao acaso por um ladrão oportunista.

- Você está considerando a possibilidade, creio eu, de Dumas não ter sido atacado por um ladrão de rua, mas por alguém que sabia das atividades dele - diz, quando não respondo.

Olha de esguelha para a porta ao falar, mastigando o nó do polegar, e por um momento horrível eu me pergunto se ele não estaria escondendo alguma coisa. Fito-o por cima do corpo de Dumas até ele voltar a me encarar.

- O que não sei é se ele entregou a minha carta a Throckmorton antes de ser atacado. Os funcionários da prefeitura disseram que não encontraram nada com ele, mas isso não significa que alguma coisa não pudesse ter sido levada. Se ele era conhecido como um freqüentador habitual do lugar, talvez alguém pudesse ter adivinhado... - E sua voz se extingue num silêncio ansioso.

- Que ele era um mensageiro de Maria Stuart?

- Dizem que Francis Walsingham tem olhos por toda parte - diz, puxando a barba. Dirijo meu olhar intencionalmente para o corpo em cima da mesa. - E se Throckmorton tiver sido indiscreto? É de supor que os criados de Maria Stuart sejam muito vigiados no Castelo de Sheffield. E se Throckmorton tiver sido reconhecido lá em suas idas e vindas? Tenho que lhe confessar, Bruno - murmura ele, baixando a voz -, que venho desconfiando da lealdade de Léon desde que soube da morte dele. Era ele quem escrevia minhas cartas particulares, como você sabe. Tinha acesso aos códigos secretos, a tudo. Nunca me ocorreu duvidar dele até esta noite, mas agora não consigo pensar em outra coisa. O que você acha, Bruno? É possível que ele estivesse tão desesperado por dinheiro inglês que me traísse e à embaixada?

Seus olhos se arregalam e, por trás do cansaço, percebo que está de fato consumido pelo medo. Imediatamente vejo o que devo fazer, apesar de suas palavras

doerem em meu coração e meu instinto mais forte ser o de desviar o rosto, com vergonha. Em vez disso, sacudo a cabeça.

- O senhor está vendo coisas onde elas não existem, meu senhor. - Dou à minha voz o tom mais tranquilizador que posso, lembrando-me de como meu pai falava comigo quando eu era pequeno e acordava com pesadelos. - O fardo que está carregando a esta altura já teria acabado com um homem mais fraco, e esta situação terrível nos deixou todos abalados. - Pouso a mão com brandura no corpo gelado de Dumas. - Léon foi leal ao senhor e à França, tenho certeza disso. Não vamos deixar que o medo nos desvie de nosso propósito agora. Como o senhor mesmo disse, Paui Wharf é um lugar perigoso demais para um estrangeiro.

Ele faz uma careta.

- E que agi como um tolo. A carta que escrevi para Maria afiançando-lhe a minha lealdade em face das acusações de Howard foi escrita às pressas, para alcançar Throckmorton antes que ele soubesse, de modo que não me dei o trabalho de usar o código. Tem o selo da embaixada. Se caiu nas mãos erradas...

Os olhos estão fixos em mim, pedindo que eu o tranquilize. Gostaria de lhe dizer que acho que quem matou Dumas não teria o menor interesse na carta dele, mas não posso ter certeza de mais nada. Minha mente é uma teia de conexões e teorias, mas essa mania de perseguir uma idéia até começar a acreditar que é verdadeira já me meteu em encrencas antes, e não devo repetir o mesmo erro que cometi com relação a Henry Howard. Mesmo assim, não consigo parar de me lembrar do encontro inesperado daquela manhã - a quase confissão de Dumas e o aparecimento abrupto de Marie. *Marie*. Sua devoção ao duque de Guise e à causa dele; sua impiedade; sua intimidade com Courcelles. Se ela entreouviu o que Dumas dizia antes de bater em minha porta, se temia o que ele pudesse me revelar... o que isso poderia significar? Que *ela* estava por trás do roubo do anel? Dumas sem dúvida ficou estarelecido quando ela apareceu, embora eu tenha presumido que foi apenas por causa do constrangimento da situação. Entretanto, como descobri ontem à noite, Dumas também esteve na casa dos Arundel no dia em que morreu, antes de se desincumbir de sua tarefa na casa de Throckmorton. Na agitação em que se encontrava, o que pode ter dito lá, e para quem, que levaria alguém a temer sua língua solta?

Pensar em Arundel House me recorda por um instante os acontecimentos da noite anterior, momentaneamente esquecidos com o choque de ver Dumas morto. Passo a mão pela testa e meus joelhos quase se dobram com uma onda súbita de exaustão, a tal ponto que preciso me apoiar na mesa para recuperar o equilíbrio.

- Você está bem, Bruno? - Castelnau dá um passo à frente e me oferece a mão. - Seria bom você entrar. Vou mandar os criados da cozinha aquecerem um

pouco de água para você se banhar.

Esfrego o rosto, encabulado, e começo a contornar a mesa devagar, perscrutando o cadáver de Dumas como se um exame minucioso e intenso pudesse me dar alguma pista, como se seus pobres membros mortos pudessem me dizer quem fez isto. Paro um momento junto à cabeça dele e toco-lhe de leve o cabelo, emaranhado e escurecido pela água do rio. Talvez por cansaço, frustração, pena ou culpa, meus olhos se enchem de lágrimas de repente e preciso me virar de lado para enxugá-las bruscamente com o dorso da mão.

- Ele gostava de você - diz Castelnau mansamente. - Era um esquisitão, o Léon, meio fechado. Mas falava muito bem de você. Acho que você era quem ele mais via como um amigo neste país.

- Eu deveria ter sido um amigo melhor - digo, e a voz sai rouca.

- Nós todos deveríamos tê-lo tratado melhor. O que dá pena é que nunca se pensou nisso enquanto ele estava vivo. Acontece tanto. Vamos - diz Castelnau, apontando para a porta.

Murmuro um adeus silencioso e já vou me afastar quando meu olhar dá com uma marca na frente da camisa de Dumas. Do lado esquerdo, por cima do coração, uma mancha vermelha se abre, quase invisível sob o encardido deixado pela água. Com cautela, levanto a camisa e vejo a pele por baixo dela cortada e suja de sangue, mas somente naquele ponto, e mais ou menos do tamanho de um "anjo de ouro", a moeda de 10 xelins. Cuspo na mão e a esfrego no sangue coagulado, usando o linho da camisa dele, endurecido pela lama, para remover a crosta.

- O que está fazendo, Bruno? - Castelnau chega mais perto, espiando, como se a curiosidade superasse sua aversão.

Vejo que não consigo falar.

No peito de Dumas, cortado com a ponta de uma faca, há um símbolo astrológico. Um círculo com uma cruz embaixo e um semicírculo equilibrado no alto, curvando-se para cima. A princípio, não entendo. Esse símbolo não tem ligação com os outros, nada tem a ver com as profecias do Apocalipse ou com a Grande Conjunção. Mas, olhando a marca habilmente cortada na carne de meu amigo, acabo compreendendo: é o símbolo de Mercúrio, o mensageiro dos deuses. Quem matou Dumas deixou isso como assinatura, uma indicação deliberada de seu vínculo com os outros crimes e certamente uma referência zombeteira a seu papel de mensageiro. Cerro os dentes. A raiva ferve e me sobe à garganta. Esse criminoso faz da morte um jogo, entalhando símbolos nas peles das vítimas como se fosse uma brincadeira particular - mas para quem? Diferentemente das marcas de Júpiter e de Saturno nos corpos de Cecily e Abigail, essa é discreta, quase uma lembrança tardia. A morte de

Dumas era uma questão de necessidade, não foi planejada para exibição pública, e no entanto essa marca se destaca como um escárnio, um recado do assassino para alguém que ele - ou ela - sabe que vai compreender o sentido, caso a veja. Seria eu essa pessoa, por acaso?

- O que é isso? - Castelnau aponta um dedo para o corte grosseiro.

- Um corte de faca, creio.

Reponho a camisa do morto no lugar e pressiono um pouco a palma da mão sobre seu coração parado.

O embaixador me lança um olhar prolongado. Seus olhos estão contraídos e injetados, a pele por baixo deles formando bolsas, mas ele me olha como um pai olharia para um filho rebelde.

- Você deveria ir se limpar, Bruno. Mais tarde, quero que me conte sua versão do que se passou ontem em Arundel House. Mas, primeiro, vá dormir.

- E o senhor?

- Ah, o sono se recusa a me fazer companhia. - Passa as mãos sobre o rosto como se o lavasse. É um gesto de derrota. - Preciso ir ver Mendoza esta manhã. O espanhol está cada dia mais íntimo de Maria Stuart e, se não formos cautelosos, vai pôr de lado até o duque de Guise assim que a invasão estiver em andamento. Vou fazer Courcelles tomar as providências necessárias para o enterro de Léon enquanto eu estiver ausente. O funcionário da prefeitura encarregou os xerifes da investigação no burgo, mas não tenho muita esperança de que encontrem os bandidos que fizeram isso.

- É preciso sempre ter esperança, meu senhor - digo, tocando de leve o braço dele, que abre a porta para mim. Mas, neste caso, não sei se acredito mais no que digo.

De banho tomado e vestindo camisa e meias limpas, estou deitado na cama de meu quarto no sótão, olhando para o teto, um coral inteiro de dores cantando por trás de meus olhos. Tive um sono agitado até depois da refeição, embora ao acordar encontrasse do lado de fora de meu quarto uma jarra de cerveja fraca e um pouco de pão, um gesto atencioso que imaginei vir de Castelnau. Ao lavar as camadas de fuligem e lodo do Tâmis numa banheira de água quente preparada por um dos criados da cozinha, descobri um variado conjunto de cortes e machucados, mas meu corpo exausto não consegue arrastar minha mente consigo para o mundo dos sonhos. O choque de ver Dumas assassinado me fez esquecer temporariamente a seriedade da minha própria enrascada: Henry Howard quer me silenciar.

"Os boatos correm de sandálias aladas, como Mercúrio", disse Howard para

mim no concerto em Whitehall, na noite do assassinato de Abigail. Mercúrio, o mensageiro dos deuses. Teria sido parte de sua mensagem cifrada ou mera coincidência? Agora, nosso próprio mensageiro, Dumas, está morto com a marca de Mercúrio cortada em seu peito. Só o que me protege é o medo de Howard de tudo o que pode afetar sua reputação e posição pública. Agora que o privei da oportunidade de me matar simulando um acidente perfeito, ele pelo menos vai - assim espero - ser cauteloso com qualquer coisa que possa causar um escândalo ou ligar minha morte a ele. Dentro de Salisbury Court, é provável que eu esteja seguro, mas não tenho dúvida de que, assim que pisar nas ruas de Londres, é só uma questão de tempo até que me arrastem para uma ruela qualquer com uma corda no pescoço. Pensei em contar a Castelnau sobre a ameaça de Howard, mas o que ele poderia fazer? O embaixador já está ansioso demais com relação a Howard, com medo de transformá-lo em inimigo e atirá-lo nos braços de Mendoza. Eu deveria fazer chegar a Fowler uma mensagem sobre a questão da genealogia e, por intermédio dele, alertar Walsingham sobre as intenções de Howard, mas estou dividido porque sinto um desejo instintivo de proteger o segredo da capela de Howard. Se Arundel House fosse revistada, as experiências dele com magia certamente viriam a público e o livro de Hermes seria confiscado pelas autoridades, que em sua ignorância talvez achassem por bem destruí-lo. Pelo menos, enquanto estiver nas mãos de Howard, sei que estará protegido, mesmo fora de meu alcance. Apesar de, aos olhos dele, sermos inimigos mortais, também estamos singularmente ligados por esse segredo e pelo nosso desejo comum por ele. Fecho os olhos e evoco a sensação das páginas duras e da capa de couro áspero em meus dedos. A ausência disso me atinge outra vez como um golpe físico. Com tempo e oportunidade, não duvido que Dee e eu conseguiríamos decifrar o código hermético. É só uma questão de reaver o livro de alguma forma. No entanto, se Fowler já levou informações sobre a reunião da noite anterior para Walsingham, como deve ter feito, talvez o ministro já esteja planejando uma busca oficial em Arundel House. Só posso esperar que Henry Howard, que correu riscos consideráveis por aquele livro e o protegeu durante 14 anos, saiba mantê-lo a salvo dos servidores da rainha.

Acabo achando melhor levantar e fazer alguma coisa. Visto calções limpos, sacudo meu cabelo molhado para que tome um pouco de forma e me olho no espelho ao lado da cama. A ferida na têmpora vai sarando bem, mas a barba está desgrenhada e, a meus olhos avermelhados, pareço ter envelhecido muitos anos nos últimos dias. Ainda há uma linha obstinada de fuligem em torno da minha linha do cabelo. Entorno numa tigela rasa um pouco de água da jarra que tenho na mesa junto à janela e enxágua os dentes com sal e água. Bem, raciocino, se o interesse de Marie por mim for autêntico, não vai ser o cheiro da lama do Tâmis que vai dissuadi-la. Chegou a hora de pô-la à prova. Ela não é a única que pode tentar usar o próprio

corpo para obter informações.

A casa está em silêncio quando atravesso a galeria do primeiro andar, meus passos ecoam pela madeira escura e passo por réstias de luz enviesadas. A qualquer momento, espero dar com um dos criados, ou com Courcelles e sua capacidade de aparecer onde quer que eu esteja, exibindo seu semblante mais desdenhoso. Mas não encontro ninguém e chego ao corredor dos fundos do primeiro andar, onde ficam os aposentos de Marie e sua filha. De trás de uma porta fechada diante da escada dos fundos escuto o tagarelar estridente de uma garotinha, interrompido pela voz de uma mulher, mais severa. Não parece ser a voz de Marie. A segunda porta deve ser a do quarto dela. Se não estiver lá, melhor ainda. Posso ao menos dar uma busca no quarto e, se me encontrar, já tenho uma desculpa pronta. Respiro fundo e bato de leve na porta.

- *Entrez.*

Marie está sentada diante de uma pequena escrivaninha junto à janela, uma pena na mão. Ergue a cabeça e uma expressão de perplexidade perpassa brevemente por seu rosto ao me ver no umbral, como se eu estivesse fora de contexto, um ator que entrou no palco na cena errada, mas ela se recompõe rapidamente e me faz um sinal para fechar a porta.

- Bruno.

Levanta-se e alisa a saia. Está usando um vestido de seda clara dourada, o corpete bordado com botões de pérola. O cabelo está solto e lhe cai pelos ombros. A luz toca a curva de seu maxilar quando ela anda na minha direção. Lembro a mim mesmo que estou aqui para pegar um assassino e que essa mulher pode ter sido a arquiteta desses crimes.

- Imagino que já tenha ouvido a notícia terrível sobre o escrevente?

Ela não se aproxima de mim imediatamente, fica a uma pequena distância, as mãos entrelaçadas na frente de corpo. Parece bastante desconcertada pela minha visita inesperada, o que pode ser uma vantagem para mim.

- Dumas. Sim. Eu... mal posso acreditar.

Aperto o osso do nariz com o polegar e o indicador, baixando os olhos. Que ela pense que estou dominado pela emoção - as mulheres sempre apreciam uma oportunidade de consolar um homem triste, já reparei.

- É fácil esquecer como esta cidade é perigosa - e estremece ligeiramente, cheia de aversão. - Sobretudo quando se é católico. Coitado do... Dumas, não é? E você, como está hoje? Deve estar com uma boa dor de cabeça. - E dá um riso nervoso, lançando olhares para a porta.

- Estou. E queria pedir desculpas pelo meu comportamento de ontem à noite

- começo, tocando a têmpora com as pontas dos dedos.

- Ah, nem pense nisso. Foi divertido ver o conde de Arundel tão chocado. Ele é mesmo um pedante insuportável. - Ela faz bico com os lábios, e dessa vez sua risada soa mais descontraída. - Mas não pensei que você fosse dado à bebida, Bruno.

- Não, e não sou, habitualmente - digo, deixando meus olhos vagarem pelo quarto de um modo que espero não ser óbvio demais. Junto à parede do outro lado está a cama com seus cortinados brancos fechados e, ao lado, uma penteadeira com um espelho encostado na parede, cheia de potes de cosméticos, escovas e frascos de vidro. Se alguém quisesse encher um frasco de perfume com veneno, aqui seria o lugar para se encontrar um. A pequena escrivaninha fica perto da janela. Várias folhas de papel escritas com uma letra ordenada estão ali, onde ela as deixou quando a interrompi. Volto a atenção para o rosto dela. - Foi algo inusitado. Minha cabeça está muito cheia de coisas. Perdoe-me.

Enfim, ela parece se suavizar e chega mais perto, pousa a mão em meu braço.

- Não há nada a perdoar. Estamos todos carregando um grande peso no momento... há tanta coisa em jogo. Não apenas nossas vidas, se fracassarmos, mas o futuro da Cristandade. Não podemos esquecer que é por isso que lutamos.

- Levanta o rosto para mim, os olhos muito abertos e carregados de sentido. - Precisamos todos tentar permanecer fortes. Somos tão poucos... não teremos sucesso se nos dividirmos.

Balanço a cabeça com ênfase enquanto olho de soslaio para a penteadeira, e então o vejo. No meio dos potes e panos e colares de contas de vidro, um pequeno estojo de veludo verde, do tamanho ideal para guardar um anel de brasão. O anel de Maria Stuart foi enviado dentro de um estojo de veludo verde, recordo. Ando até a penteadeira e finjo examinar meu rosto no espelho.

- Preciso me desculpar por minha aparência - digo, curvando-me como se analisasse meu aspecto desalinhado.

- Sua aparência está encantadora como sempre, Bruno - diz ela, ainda sorrindo, mas há uma incerteza em sua voz. Sinto que gostaria que eu fosse direto ao assunto. Encontro seu olhar no espelho ao apanhar um colar em cima da penteadeira e deixar as contas correrem entre meus dedos.

- Você tem jóias lindas aqui - murmuro, tentando falar como um entendido.

- E isto também é bonito. - Pego o estojo verde e o seguro à luz, virando-o nas mãos.

- Sim, meu marido é muito generoso com seus presentes.

- Posso ver? - E abro o estojo que está vazio. - Veio de Paris? Já vi uns assim...

- Não me lembro de onde veio - diz ela, e dessa vez sua impaciência é inequívoca. - Bruno... o que há? E que estou cuidando da correspondência enquanto Katherine está com a governanta, e logo elas vão terminar, então, se...

Ela deixa a implicação em suspenso.

Ponho o estojo de volta e me viro para ela.

- Desculpe. Tenho andado confuso por causa de meus sentimentos com relação a você, Marie. Venho tentando lutar contra algo que não pode ser combatido.

Ela fica atônita ao ouvir isso. Mais uma vez, tenho a sensação de que estou lendo a frase errada. Chego a temer que ela me diga que este não é o momento apropriado, que deixei passar a oportunidade. Mas ela me observa com uma espécie de curiosidade, depois vem para perto de mim com uma última olhadela por cima do ombro para a porta antes de pôr a mão em meu peito. Preciso fazê-la falar sobre Dumas outra vez enquanto posso contar com sua atenção.

- Além do mais, a morte de meu amigo também me abalou. - Baixo a cabeça para ela. Ela pousa a mão em concha na minha nuca e afaga meu cabelo. Um gesto simples para me tranquilizar. Mas não me iludo, sei que não é sincera, e no entanto esse toque me lembra quanto tempo faz desde que deixei alguém mostrar afeto por mim pela última vez.

- Pobre Bruno - murmura ela. - Mas não havia nada que você pudesse ter feito por ele.

- É que ele parecia tão ansioso ontem de manhã - prossigo, dobrando o pescoço para trás como um gato enquanto ela me acaricia. - Eu deveria ter lhe dado mais atenção.

- Você não tinha como saber - sussurra ela, me consolando. - Ele estava ansioso por alguma coisa em especial? Contou a você o que o estava perturbando? - Seus dedos deslizam pelo meu cabelo e descem pela nuca por dentro da minha gola, mas agora estou alerta. Ela quer obter informações de mim, assim como eu quero obter informações dela, sem no entanto lhe fornecer nenhuma.

- Ele não teve oportunidade. Ela inclina bruscamente a cabeça para trás com uma interrogação no olhar.

- Aquele pobre homem - diz em tom distraído, voltando às carícias. - Não lhe dei muita importância, só me preocupei que pudesse dizer alguma coisa ao meu

marido sobre a minha visita ao seu quarto. Acho que agora isso é um problema a menos. - Sorri para mim como se esperasse que eu também fosse achar graça na piada. Já não deveria mais me surpreender com a insensibilidade dela, mas de alguma forma cada nova demonstração não deixa de me chocar. Sorrio de volta, porém. - Além disso - ronrona ela, segurando meus braços, ainda caídos e desajeitados, e os colocando sem hesitação em torno de sua cintura fina, enquanto se encosta em mim -, meu marido está fora esta tarde, na embaixada da Espanha. Talvez fosse bom você esquecer um pouco suas preocupações, Bruno.

Então sua boca está na minha e eu simplesmente a deixo ficar. Minha consciência e minha vontade regridem até se tornarem um ponto infinitesimal no fundo de meu crânio e fico ali parado, quase inerte de cansaço e resignação, enquanto meu corpo reage como seria previsível. Entre os pensamentos soltos que circulam em minha cabeça enquanto os dedos dela percorrem o contorno do meu pescoço e começam a desatar minha camisa está a lembrança do olhar que ela trocou com Dumas na manhã anterior em meu quarto. Ele estava com medo dela. Essa mulher, aquela cuja língua palpita sobre meus lábios e que agora mesmo está tirando minha camisa, suas unhas arranhando de leve minha coluna ao subir, pode ter sido a responsável por mandar silenciá-lo.

Ela joga minha camisa no chão e desce a mão pelo meu peito, depois segura minhas mãos e me leva para a cama, afasta a cortina e me empurra até eu cair atravessado sobre o lençol. Acomoda-se em cima de mim - uma complexa manobra, considerando-se o volume de suas saias - e fecho os olhos quando seu cabelo roça a minha pele e sinto seus lábios no meu peito, movendo-se para baixo, ao mesmo tempo que sua mão massageia com perícia o lado interno de minha coxa, minha pele inteiramente desperta mas meus pensamentos ainda distantes, até que uma voz de mulher vinda de algum lugar além do quarto diz com toda a clareza:

- Madame?

Marie pula como se a tivessem ferroadado, fazendo sinal para eu pôr as pernas para dentro da cama.

- O que é, Bernadette?

Ouve-se uma batida tímida na porta.

- Posso falar com a senhora, madame? Sobre Katherine.

- Não pode esperar? - responde ela, irritada.

- Receio que não, madame. Ela está se queixando de febre e uma dor no estômago.

- Bem, não sou médica. Diga a ela que você vai chamar o cirurgião-barbeiro. Isso vai acabar logo com esse fingimento.

Uma pausa do outro lado da porta.

- Madame, não acho que ela esteja fingindo. Ela está muito quente. - A voz da governanta está tensa. - E está chamando pela mãe.

- Ah, está bem. Só um instante.

Marie revira os olhos, levanta-se e arruma o vestido com as mãos.

- Fique aqui - diz ela só com o movimento dos lábios, e puxa os cortinados ao redor de mim.

Fico deitado imóvel até escutar a porta se fechar, e então, com um supremo esforço da vontade, levo meus pensamentos de volta à tarefa que me trouxe.

Ajeitando os calções, corro à escrivaninha e examino os papéis que Marie deixou ali. "*Mon cher Henry*", começa a carta. Primeiro, penso que estava escrevendo para Henry Howard, mas, ao correr os olhos pelos papéis, surpreendo-me quando encontro uma menção a se apossar da coroa da Inglaterra depois de ocupar o trono da França. Seria endereçada ao rei Henrique, então? Convenço-me de que não li direito, obrigo-me a olhar outra vez com mais vagar e verifico que, no mesmo parágrafo, ela escreve que "sua prima escocesa" pode ser posta de lado com facilidade no devido tempo e que "o reinado de nosso soberano fraco" está com os dias contados. Sinto meu rosto se alongar de incredulidade quando compreendo. Esta carta se destina ao duque de Guise e está cheia de intimidades esparsas: referências à dor da separação, à crueldade da distância, lembrança de abraços, o desejo do reencontro assim que Deus permitir. No fim da carta, ela rabiscou um pós-escrito, com uma letra que indica ter sido às pressas: "Não sei quando você vai receber isto, pois não posso enviar pelos meus meios habituais." Ao lado da assinatura, desenhou uma rosa.

Devolvo o papel à mesa, lento e perplexo de espanto. Esse plano de invasão realmente se tornou tudo para todos; Marie fala de união, mas, enquanto Henry Howard planeja seu programa secreto, ela também conspira para que a situação a favoreça. Então ela é mais íntima do que eu pensava do duque de Guise, que evidentemente considera o trono inglês seu espólio legítimo depois que a questão de menor importância da troca de monarcas for resolvida. Qual será a ambição máxima de Marie, eu me pergunto - será que espera que seu marido esteja entre as baixas depois da queda do rei francês "fraco", para que ela possa ocupar um lugar ao lado de Guise? Volto à penteadeira e apanho outra vez o estojo de veludo verde, ainda sacudindo a cabeça. Por trás do discurso sobre pureza religiosa, sobre os deveres para com a Cristandade e as almas eternas do povo inglês, cada um deles está procurando alcançar a supremacia dinástica. Pode-se ter certeza de que Mendoza e o rei da Espanha também não estão cedendo seus recursos por devoção religiosa, penso, virando e revirando o estojo nas mãos. Se essa invasão acontecer de fato,

eles vão estraçalhar a Inglaterra entre si como cães vadios caindo em cima de um pedaço de carne. Elizabeth Tudor sem dúvida será uma das baixas, mas é possível que a jubilosa restauração de Maria Stuart também evolua rapidamente para um desenlace infeliz caso a facção errada prevaleça, e aqueles homens bons, sensatos, do Conselho Real - Walsingham, Burghley, Leicester - serão todos aniquilados. Esta pequena ilha, com suas estranhas manias e as poucas preciosas liberdades que oferece àqueles que, como eu, fizeram de Roma uma inimiga, será arremessada num turbilhão que fará todas aquelas profecias dos panfletos baratos sobre o fim dos tempos parecerem histórias da carochinha, e quem vai restar para restabelecer a ordem a não ser os poderes da França e da Espanha, financiados pelo papa?

O estojo verde nada me diz. Não sou especialista em jóias, portanto não tenho como saber se esta caixinha pode ser de Maria Stuart e ter chegado a Marie por intermédio de Dumas ou se é um tipo mais comum de estojo. Pensando no escrevente, porém, paro de repente e relembro, sob uma nova luz, o pós-escrito apressado de Marie. Ela não poderia enviar a carta por seus meios habituais - estaria se referindo a Dumas? Se Guise é amante dela, seria impossível mandar cartas para ele através do pacote diplomático da embaixada. Ela precisaria de outro mensageiro, um meio secreto de enviar cartas para a França. Guise tem seus próprios agentes e enviados na Inglaterra - ele já se comporta como se fosse um rei opcional - e Dumas, sempre indo e vindo pela cidade com cartas para Throckmorton e com a correspondência oficial da embaixada, poderia facilmente levar mais um conjunto de mensagens. Como eu bem sabia, ele estava mais do que disposto a prestar serviços adicionais para ganhar dinheiro - uma disponibilidade que acabou lhe custando a vida. Teria Marie pensado que ele me contara seu segredo? Lembro a figura do duque de Guise em suas visitas à corte do rei Henrique quando eu estava morando em Paris no ano passado: um homem bem-apegoado, de 30 e poucos anos, com exuberantes cabelos encaracolados e uma arrogância arrebatadora. O rei francês sempre parecia intimidado por ele. É fácil ver como ele poderia ser visto, por contraste, como o líder carismático que falta à França, sobretudo para uma mulher como Marie. Contemplo meu tronco nu no espelho e não posso deixar de imaginar se ela faz com ele o que quase ia fazendo comigo se a governanta não nos tivesse interrompido. Então aborreço-me comigo mesmo pelo rancor que esse pensamento me desperta.

Quando a fechadura estala, viro-me, na expectativa de vê-la, mas em vez de Marie é Courcelles quem está parado à porta com um pedaço de papel na mão. Ele pisca repetidamente, olha-me de cima a baixo, lança uma olhadela para a cama e faz diversas tentativas de falar antes de produzir uma palavra qualquer. - O quê...? Onde ela está?

- A filha ficou doente.

Ele olha para a porta, depois volta a me fitar, como se lutasse para aceitar o que está vendo. Então desce o braço e aperta o papel do lado do corpo.

- Você... ela...? - E acena vagamente na direção da cama.

Controlo minha vontade de rir de sua evidente falta de compostura. Gostaria de saber se Courcelles também é amante dela, se ela se diverte com ele enquanto escreve seus ardilosos *billets-doux* para Guise. A atitude do secretário certamente deixa transparecer uma sensação muito pessoal de ofensa. Limito-me a dar de ombros e levantar uma das sobrancelhas. Minha nudez e visível excitação tornam supérflua qualquer justificativa.

- Eu poderia perguntar o que o traz ao quarto particular dela - digo, em lugar disso, usando um tom de voz displicente enquanto me abaixo para apanhar minha camisa.

- Um mensageiro acabou de chegar da parte de lorde Henry Howard. - E ele brande sua carta dobrada para mim.

- Isso é tarefa sua, agora? Não deveria estar ocupado com os preparativos do enterro do pobre Dumas?

A frase o galvaniza. Ele avança para mim e aponta um dedo para meu rosto.

- Você acha que pode se safar de tudo, não acha? Vai conquistando a confiança de todo mundo com uma boa conversa, não respeita berço nem posição, acha que pode abrir seu caminho sem temer as conseqüências só porque sabe fazer rir o rei da França.

- Ah, pare com isso, assim você me encabula.

- Como acha que o embaixador vai reagir a isso, Bruno? - diz ele com voz sibilante, cutucando meu peito nu com a ponta do dedo e se curvando tanto para mim que seu rosto está quase tão próximo do meu quanto o de Marie estava há pouco. - Depois de toda a confiança que ele depositou em você. Não me espantaria se ele resolvesse despachá-lo de volta para a França. E deixasse o rei protegê-lo do que vai acontecer lá, se ele conseguir.

- E *o que* vai acontecer lá, Claude? - digo, insistindo em manter a voz despreocupada. - Algo que o rei Henrique devesse saber? Ou meu senhor embaixador? Alguma espécie de golpe de Estado, talvez? Sendo um súdito leal, tenho certeza de que você deveria revelar o que quer que saiba para proteger seu soberano. Ou sua lealdade agora é para com outros?

Visto a camisa e olho para ele com superioridade. Para minha satisfação, ele desvia o olhar primeiro. Espio por cima de seu ombro e dou com Marie parada à porta, os braços cruzados e os lábios comprimidos numa linha branca.

- Se meu marido ouvir uma palavra sobre isso, vocês dois vão estar no próximo navio para a França com a reputação tão manchada que nunca mais encontrarão um emprego na corte francesa - decreta ela, apontando para um e para outro. - Entenderam?

- Marie, eu não fiz nada! Vim trazer-lhe isto e o encontrei aqui. - Courcelles agita a carta para ela, magoado.

Ela olha para ele demoradamente, com ar de reprovação.

- Não seja dissimulado, Claude. Todos temos que guardar os segredos uns dos outros nesta casa.

Ela olha para ele e para mim e dou-me conta então de que Courcelles está familiarizado com este quarto, com esta cama. Observo Marie com uma raiva crescente. Ela sem dúvida sabe como se manter ocupada. O pior é que estou muito aborrecido comigo mesmo por sentir pelo menos uma pontada passageira de ciúme. E penso em Castelnau em sua noite solitária de vigília no gabinete e a raiva se transforma numa onda de culpa.

- Como está Katherine? - pergunto.

- Ela vai ficar bem. - O tom de voz agora é seco, prático, ao apanhar a carta e romper o lacre. Está claro que não sou mais necessário. - É melhor você ir, Bruno. E amarre sua camisa. Não queremos mexericos dos criados.

Courcelles me fulmina com um olhar de puro ódio quando chego à porta, mas minha atenção está na carta que Marie tem na mão. O que Howard teria para dizer a ela desde a noite anterior, a não ser que seja algo sobre mim?

- Bruno - diz ela, estendendo a mão com a palma para cima. - O estojo.

Reparo que estou ainda segurando o estojo de veludo verde. Entrego-o a ela balbuciando um pedido de desculpas. Ela estreita os olhos, depois seu semblante se suaviza e ela aperta rapidamente a minha mão.

- Talvez possamos retomar nossa conversa em outra ocasião do ponto onde paramos.

Levanto-lhe a mão e pressiono os lábios nela num gesto imponente só para irritar Courcelles, que parece prestes a explodir com o excesso de cólera. Posso não ter conseguido obter tudo o que vim aqui procurar, mas descobri a motivação secreta de Marie. Que papel Courcelles representa, então, eu me pergunto, contemplando-o da porta enquanto ele me olha com a expressão de um homem que neste momento cometeria um crime de bom grado? Será que sabe a respeito do duque de Guise ou acredita que ele próprio está destinado a substituir o embaixador ao lado de Marie quando a reconquista católica se consumir? Seja como for, sinto que os dois

cerraram fileiras contra mim, postados ombro a ombro me esperando sair para poderem discutir essa mensagem de Howard, e de novo fico furioso comigo mesmo por perceber que ela brincou comigo - o que é também um absurdo, considerando-se que fui eu que vim ao quarto dela com a intenção de lográ-la. Dirijo-lhes um último olhar e os deixo com suas maquinações. Ao passar pela porta do quarto da menina, escuto o som abafado de uma criança chorando.

Capítulo 17

City, centro de Londres,

3 de outubro do ano do Senhor de 1583

DE VOLTA AO MEU QUARTO, com a camisa fechada, preocupo-me cada vez mais pensando na carta de Henry Howard, que Courcelles e Marie devem estar lendo agora. Não vai contar nada que se aproxime da verdade, mas, se eu tivesse que adivinhar o que ele escreveu, diria que inventou alguma história sobre ter descoberto que traía a todos, alguma razão para me vigiarem até que ele encontre outra oportunidade de eliminar a ameaça que teme que eu represente.

Eu daria quase tudo neste momento pela possibilidade de encontrar Sidney, para vê-lo fazer pouco caso dos meus problemas socando meu ombro dolorido e depois puxar a espada em minha defesa. Mas Sidney está a quilômetros de distância em Barn Elms, e, com os homens de Howard à espreita, não garanto que chegasse inteiro na casa de Walsingham. O vento fustiga as molduras das janelas, fazendo-as chocalhar como dentes, e através das vidraças só enxergo nuvens cinzentas agitadas. Meu coração está apertado e não posso deixar de pensar que foi um erro vir para a Inglaterra. Pensei que me libertaria das perseguições, mas desde que pisei sem amigos nesta ilha parece que só fiz me colocar do lado oposto ao dos católicos que querem me matar. Daria na mesma ter ficado em Nápoles, penso, melancólico, muito embora saiba que a culpa é minha. Ninguém me obrigou a aceitar a oferta de Walsingham para trabalhar em sua rede de informantes. Aceitei porque o considerei um homem respeitável e porque, como disse a Fowler, acreditava que valia a pena defender as liberdades que a rainha Elizabeth estabelecera aqui contra a tirania de Roma. E - não posso me iludir - porque sabia que servir Elizabeth e seu principal ministro de Estado dessa forma poderia me trazer recompensas e patrocínio sem os quais nenhum escritor pode progredir. Agora, andando de um lado para outro no meu quarto, temo que minha vida esteja em perigo, seja saindo da embaixada ou ficando dentro dela.

Entretanto, não estou inteiramente sem amigos em Londres. Na ausência de Sidney, há uma pessoa um pouco mais perto daqui com quem posso fazer confidências. Se conseguir chegar até St. Andrew Hill e à casa de Fowler sem ser atacado, posso pelo menos ficar por lá com ele. Seria menos vulnerável acompanhado. Imagino outra vez o coitado do Dumas sendo agarrado ao passar pela entrada de uma ruela daquelas do cais, a corda apertando sua garganta sem que ele

pudesse tomar fôlego para gritar, debatendo-se pela vida sem ser visto enquanto seus braços e pernas estremeciam com os últimos espasmos e se imobilizavam, antes de seu corpo ser jogado como um saco de lixo dentro do rio. Se conseguir evitar esse mesmo destino por tempo suficiente para encontrar Fowler, posso pedir a opinião dele sobre minha teoria inacabada, formada durante minha inquieta sonolência dessa manhã: que Marie, instigada pelo duque de Guise, estava por trás da conspiração para envenenar Elizabeth no Dia da Ascensão. Ela pagou Dumas para roubar o anel enquanto Courcelles, com seu rosto sedutor, foi convocado para seduzir Cecily e fornecer-lhe os meios de matar. Por alguma razão, Cecily perdeu a coragem e teve que ser silenciada. Talvez a exibição de indícios apontando para uma ameaça católica tivesse como objetivo voltar a atenção da corte para os católicos simpatizantes ingleses conhecidos em seu meio. Seja como for, o único elemento que falta nesta equação é quem de fato cometeu os assassinatos. Não duvido de que Marie fosse fria o bastante para tirar a vida de alguém, mas lhe falta a força física; além do mais, ela veria a carnificina como trabalho para criados. Courcelles sempre me pareceu ser o tipo de homem que desmaiaria caso cortasse o dedo com sua faca ao jantar, mas talvez ele seja melhor ator do que penso. Ainda que isso fosse verdade, tanto Marie quanto Courcelles estavam ao meu lado no dia do concerto, quando Abigail Morley foi morta, portanto quem seria o cúmplice deles, o terceiro homem?

Apanho depressa meu gibão num momento de firmeza. Não vou ficar aqui andando dentro deste quarto esperando os matadores de Howard virem me encontrar. Ponho um manto sobre o gibão e então lembro que deixei minhas botas de montaria feitas de couro em Arundel House, por isso vou ter que usar os sapatos que reservo para os dias de bom tempo, ainda que a chuvarada recente tenha transformado as ruas num lamaçal. Antes de sair, levanto a tábua solta do assoalho debaixo de minha cama, onde guardo a caixa com o dinheiro que recebo de Walsingham. Não é uma fortuna - se comparada com os riscos que corro por ele -, mas pelo menos me proporciona um padrão de vida em Londres que o ordenado esporádico do rei Henrique não ofereceria. Vou ter que mandar fazer botas novas, pois ouvi dizer que ninguém sobrevive a um inverno londrino sem elas. Talvez convença Fowler a me acompanhar. Em todo caso, no caminho passo no gabinete de Castelnau para apanhar minha adaga e arriscar a sorte nas ruas da cidade. É melhor do que me encolher em meu quarto com teorias infundáveis se multiplicando na cabeça e nenhuma evidência concreta para prová-las ou contestá-las.

Só o mordomo do embaixador me vê sair furtivamente pela porta da frente, o manto puxado me cobrindo a cabeça. Ele pode contar a Marie e Courcelles que saí, se bem entender. Cheguei à conclusão de que, andando pelas ruas principais e mais movimentadas, haverá menos probabilidades de ter o mesmo fim de Dumas. Por

outro lado, é mais fácil cravar uma faca nas costelas de um homem e desaparecer na multidão. Mantenho minha faca no cinto e a mão no seu cabo de osso, os olhos esquadrinhando os dois lados da rua.

Na Fleet Bridge, escuto passos atrás de mim e me viro com tanta rapidez que meu perseguidor não terá tempo nem de se esconder nem de me atacar, mas a única pessoa que vejo é um menino magricela morrendo de frio, olhando para mim de boca aberta, nervoso. O olhar dele corre para a mão debaixo de meu manto e eu o reconheço: é o ajudante de cozinha Jem, do Palácio Whitehall, aquele que me trouxe a fatídica mensagem de Abigail Morley que a atraiu para a morte. Largo a adaga e me aproximo dele, tentando fazer uma cara menos ameaçadora. Ele tira um papel de seu colete.

- Jem? Desde onde você vem me seguindo?

- Desde Salisbury Court, senhor, se me permite. Ela me disse para esperar do lado de fora e abordar o senhor assim que saísse. Ela disse que não era para eu ser visto.

- Quem disse?

- É para eu dar isto ao senhor - diz ele, estendendo-me um papel.

Dou uma olhada no sinete, mas nada me diz. Abro depressa a mensagem e encontro, para minha surpresa, um chamado de Lady Seaton, a camarista da rainha. Está visitando amigos em Crosby Hall, na Bishopgate Street, e tem algo a me informar. Devo ir encontrá-la ali batendo à entrada dos comerciantes e perguntando por seu criado pessoal. Em outras circunstâncias, o tom autoritário do bilhete me daria vontade de amassá-lo e jogá-lo fora, mas desconfiei, quando falei com Lady Seaton naquela noite no Palácio de Richmond, depois do assassinato de Cecily Ashe, de que ela sabia mais do que estava disposta a falar. Por que de repente resolveu falar comigo agora, não sei, e também não descarto a possibilidade de se tratar de uma armadilha. O menino aguarda, indeciso, sem saber se sua tarefa está cumprida ou não.

- Obrigado, Jem. Quando o encarregaram disto?

- Só hoje de manhã, senhor. Depois do desjejum.

- Não sei como você ainda tem ânimo para levar mais recados.

Ele me olha com ar entristecido.

- Preciso comer, meu senhor.

- Claro, tem razão.

Aperto os olhos para o céu. Sob essa claridade fraca, é impossível adivinhar

a posição do sol, mas já deve passar de três horas. Lady Seaton vai estar me esperando agora, se o bilhete vier realmente dela. Pondero um instante se dou uma moeda ao menino para que ele me acompanhe através da cidade, mas decido que não: se alguém quiser me atacar, não vai pensar duas vezes antes de tirar o garoto do caminho, e não posso correr o risco de mais alguém ser vítima de violência por minha causa. Enfio a mão na bolsa que trago dentro do gibão e encontro uma moeda de 4 *pence*. Ele a põe no bolso, agradecido, e volta correndo pela Fleet Street, desviando-se com facilidade das pessoas e das carroças. Examino a rua, inquieto, depois que ele desaparece, mas os londrinos que seguem para a Lud Gate vão apressados, cabeças baixas, embrulhados em mantos para se protegerem do vento, passando por mim sem falar. Ninguém está olhando, e no entanto sinto os olhos da cidade em cima de mim, vindo das portas, ruas laterais e janelas fechadas, me sinto tão exposto como se andasse nu pelas ruas.

Com a carta de Lady Seaton na mão, viro-me e continuo meu caminho para a casa da guarda adiante, suas torrezinhas se projetando por cima do muro alto da cidade, mas meus nervos estão tensos como os de Dumas em nossa última caminhada juntos. Assusto-me como uma lebre ao menor movimento percebido com o canto do olho. Levo minha mente de volta à noite do concerto em Whitehall, à reunião fechada na sala de Burghley, quando o garoto Jem contou sua história. Ele não me pareceu brilhante o bastante para ser outra coisa além de sincero, mas existe uma possibilidade remota de ter entregue intencionalmente um recado a Abigail para fazê-la cair num arдил, e agora ter sido usado pela mesma pessoa para me atrair para outro. O homem do chapéu - quem era ele? O terceiro homem desconhecido de Marie e Courcelles? Mas, se Jem estava mentindo, o homem do chapéu talvez nem exista. O menino pode ter sido incumbido da tarefa por alguém da corte que ele conhecia e cujo nome não queria revelar.

Absorto com esses pensamentos, sigo por baixo de Lud Gate, forçando a passagem entre um rebanho de carneiros de ar pesaroso e procurando não olhar para o alto, para o naco podre de carne humana espetado por cima do arco central, um lembrete aos cidadãos sobre o preço da traição. Em vez de me dirigir para St. Andrew Hill, sigo por Cheapside, a larga rua pavimentada de pedra que divide a City ao meio de leste a oeste. Aqui, tenho a certeza de que estou sendo seguido, muito embora, cada vez que me vire, ache que fui lento demais para apanhá-lo, e nada veja que justifique meus medos, exceto o entrever de um manto sendo puxado para um vão de porta, que bem pode ter sido imaginado. É mais uma sensação de haver alguém seguindo meus movimentos, de olhos nas minhas costas enquanto ando. Entre as fachadas decoradas das oficinas dos ourives, com suas placas suspensas de cores variadas rangendo e oscilando como estandartes, as travessas oferecem ampla oportunidade para alguém se esconder, mas se eu me mantiver no

meio da rua, desviando dos que estão a cavalo e das carroças dos mascates, espero ter tempo e espaço para reagir caso alguém chegue perto demais. Na extremidade leste de Cheapside, onde se erguem o Stocks Market e o Great Conduit, viro para o norte pela Three Needle Street, passando pela fachada imponente do Royal Exchange, a construção em estilo flamengo que parece ter sido trazida inteira de algum ponto dos Países Baixos e instalada no meio de Londres. Logo se nota que esta é a área da City onde a riqueza se reúne. Mercadores vestidos com peles caras e chapéus com plumas sobem e descem apressados as escadarias do Royal Exchange, e as grandes casas afastadas da rua, por trás de seus muros, ou são recém-construídas e têm uma profusão de janelas ou são grandes construções monásticas reformadas depois que o pai da rainha mandou fechá-las. Mesmo assim, onde o dinheiro chega, o desespero vem atrás: mendigos tendo apenas míseras camadas de farrapos entre si e a umidade de outubro perambulam por perto das escadas, choramingando seus pedidos de esmolas aos comerciantes bem alimentados e cobertos de peles. Aqui, pelo menos, com mais riqueza visível, as pessoas também parecem estar mais vigilantes. Do lado de fora do Royal Exchange, vêem-se guardas uniformizados e armados com lanças, e alguns dos cidadãos bem-vestidos circulam acompanhados por criados pessoais. Se a pessoa que me persegue veio até aqui - e meu instinto me diz que ele está por perto -, vai ter que se movimentar com cautela. Encontro Crosby Hall na extremidade sul da Bishopgate Street, uma bela casa nova com fachada de frontão de tijolos vermelhos e arremate de pedra clara. Uma alameda estreita corre ao longo do muro do jardim, e presumo que a entrada dos comerciantes deva ser por ali. Ao dobrar a esquina, uma fria onda de medo me inunda e puxo minha faca, esperando que, se o ataque tiver que acontecer, vai ser agora, longe dos transeuntes. Ouço o ruído de uma porta que se abre. Retesmo, pronto para investir, o braço levantado, a faca na mão, quando uma moça com uma cesta coberta surge de um pequeno portão no muro e, ao me ver, grita como se eu a tivesse realmente apunhalado.

- Sinto muito - digo, embainhando a faca e me precipitando para ajudá-la a apanhar a roupa que caiu da cesta, mas ela se encosta no muro e continua gritando como se todas as legiões do inferno estivessem nos seus calcanhares. Deduzo que meu sotaque não está ajudando. Um homem meio careca e grandalhão, usando um avental sujo de cozinha, põe a cabeça para fora do portão, de punhos cerrados.

- O que está havendo ?

- Perdoe-me... um mal-entendido. Estou aqui para ver Lady Seaton, por favor? Meu nome é Giordano Bruno.

- Não dou 10 réis de mel coado pelo seu nome estrangeiro, aqui num mora

nenhuma Lady Seaton, não. Agora dá o fora antes que eu tenha que chutar a sua bunda espanhola suja.

- Ele está com uma faca - diz a moça, escondendo-se atrás do ombro carnudo dele.

Levanto as duas mãos.

- Lady Seaton é hóspede de seu senhor hoje, creio. Disseram-me que ela tem um recado urgente para mim. Será que pode fazer a gentileza de indagar? Posso esperar aqui.

- Você vai esperar é aqui mesmo. Num vai entrar com uma faca. Volta lá para dentro, Meg, até a gente resolver isso. - Segura o portão para a moça e ela corre de volta para dentro. O homem me lança um último olhar feroz.

- Diz seu nome de novo. Mas devagarinho.

- Bruno. Diga a ela que é o Bruno.

O homem faz que sim com a cabeça e o portão se fecha atrás dele. A alameda continua silenciosa. Encosto-me no muro virando a cabeça de um lado para outro, convencido agora de que fui enganado, que estou aqui parado nessa trilha cheia de lama provavelmente à espera de minha execução. Bem - reflito já vi a morte de perto mais de uma vez e aprendi um pouco como brigar em meus anos de fugitivo na Itália. Se me chamaram aqui para morrer, antes vou dar um bocado de trabalho a eles.

O tempo se arrasta, desisto de contar os minutos. Uma lufada de vento levanta uma porção de folhas secas pela alameda afora, e algumas se agarram às minhas pernas antes de saírem rodopiando. Quando o portão se abre novamente, dou um salto para um ponto mais afastado do muro, mão na cinta. Um homem grisalho com um gibão elegante e gola de rufos engomados aparece na entrada e me olha de cima a baixo.

- Você é Bruno? O mensageiro de Lady Seaton?

- Eh... sou eu. - Solto minha respiração devagar. Não parece que ele vai me matar. Será que o bilhete era mesmo verdadeiro, afinal?

- Entre. Sou o mordomo de Sir John Spencer. - Ele me conduz do portão para um pequeno pátio nos fundos da casa. Várias galinhas ciscam lá, talvez procurando grãos de cereal derramados dos sacos que estão ali para serem levados para os depósitos. - Espere aqui. Mas creio que devo lhe pedir para me entregar sua arma enquanto está dentro de nossos muros. - E estende a mão com uma expressão de quem pede desculpas.

Hesito ainda assim, mas, ao espiar por cima do ombro dele, sinto uma

sensação de alívio tão grande que minhas pernas quase se dobram, pois vejo a figura empertigada de Lady Seaton aparecendo na esquina da casa.

- Ah, aí está você, Bruno! Preciso que leve uma mensagem para mim ao palácio com urgência - diz ela de longe, naquele mesmo tom autoritário de antes.

Trata-se evidentemente de uma desculpa que inventou a fim de justificar a vinda de alguém malnascido à casa de seus amigos para procurá-la. O desempenho dela é deplorável, mas pelo jeito produz o efeito desejado. Cumprimento-a com uma profunda reverência. O camareiro me olha desconcertado, depois faz o mesmo e volta para dentro da casa sem pedir minha faca. Uma criada para e nos olha ao atravessar o pátio carregando um engradado de madeira, mas volta logo ao seu trabalho depois de um olhar duro de Lady Seaton. Ela me lança um sorrisinho azedo.

- Ainda não apanharam o monstro que matou minhas meninas - começa, com ar de acusação. - Sir Edward Bellay foi solto e inocentado depois que Abigail Morley foi encontrada, mas o senhor pode imaginar o burburinho na corte quando ele reapareceu, pobre homem. O mau cheiro da acusação leva tempo para se dissipar. As pessoas queriam que fosse ele, sabe, para poderem dormir tranquilas em suas camas. Mas agora a corte tem que ficar em suspense de novo, com medo, e algumas das minhas meninas estão quase histéricas. E a rainha está ficando impaciente.

- Eles têm esperança de apanhá-lo logo, acredito.

- Pfff. - Sua boca mostra o que ela acha disso. - Eles não sabem o que eu sei.

- O que é?

Ela me chama para um canto, ao abrigo de um depósito baixo feito de tijolos.

- Eles liberaram o corpo de Cecily Ashe para ser enterrado pelo pai na semana passada. O resto da família veio de Nottinghamshire. Houve uma cerimônia na Capela Real. Aproveitei a oportunidade para falar com a irmã mais nova dela.

Faço com a cabeça um sinal para que ela continue, consciente de que estou prendendo a respiração.

- Claro que o pai não permite que a pobre moça sequer se aproxime da corte depois do que aconteceu com Cecily, e não se pode culpá-lo, embora eu ache que isso não vá fazer grande diferença para as chances de casamento dela... Cecily é que era a beleza da família, o que é pior. - Ela funga. - Mas sabe como são as irmãs quando se trata de confidências.

Não sei, mas em todo caso balanço a cabeça, ansioso para não interromper.

- Consegui afastar a moça dos pais e a pressionei para que me contasse o que Cecily escrevera sobre aquele namorado dela.

- O que a senhora me garantiu que não existia?

Ela franze os lábios.

- Isso não importa. Parece que Cecily escrevia para a irmã toda semana. As cartas das damas de honra têm que passar por mim, é claro, mas elas encontram maneiras e jeitos de fazê-las sair do palácio. A irmã estava decidida a não me contar nada, mas sei ser extremamente persuasiva.

- Não duvido.

Ela assente com a cabeça, apaziguada.

- Bem... sobre esse namorado, Cecily escreveu para a irmã que estava prestes a se tornar condessa.

- Quer dizer que ele era um conde? - Meu sangue se acelera outra vez e, agitado, agarro a manga dela.

- Solte-me, por favor, Bruno. - E alisa a seda, mas, quando se digna a levantar o rosto outra vez, vejo que seus olhos estão brilhando de prazer com seu relato.

- Foi o que ele afirmou ser. No final, tive que arrancar isso da moça com ameaças. Disse a ela que se não me revelasse o nome dele e mais moças morressem, eu contaria à rainha em pessoa que ela era a responsável por encobrir o assassino. Isso a deixou apavorada, acredite. Essas meninas são muito teimosas aos 15 anos.

- Posso bem imaginar. - Visualizei a irmã apavorada encolhendo-se de medo da língua venenosa de Lady Seaton. - Ela lhe deu um nome?

- Não um nome, mas um título. Ela alega que Cecily nunca lhe disse o nome do rapaz. Contou apenas que ele dizia ser o conde de Ormond. - Faz uma pausa teatral para que eu possa digerir a informação. Encolho os ombros para indicar minha ignorância.

- Então... a senhora conhece esse homem?

Ela se vira para me encarar e parece achar graça.

- A questão é essa, Bruno. Não há ninguém com esse título na corte!

- Mas então ele poderia ser qualquer pessoa usando um título falso - digo. - Como isso vai nos ajudar?

- Eu não disse que se trata de um título falso, só que não há ninguém conhecido como conde de Ormond na corte, que eu saiba. E conheço todo mundo - acrescenta, como se eu tivesse insinuado outra coisa. - Achei que seria algo que você poderia investigar. Devo dizer que pode haver algum antigo nome de família

que tenha sido assimilado pelo de outra casa e esteja extinto. Os anais da nobreza da Inglaterra estão cheios de títulos subsidiários como esse, meio esquecidos.

- Portanto, ele era inglês, então?

Ela franze a testa, sem compreender bem a minha dúvida.

- Bem, suponho que sim. De que outro modo ele teria convencido Cecily de que possuía um título de conde?

Afasto o cabelo do rosto, impaciente, revendo minha teoria. Courcelles fala bem inglês, mas com sotaque francês tão forte que soa cômico aos falantes nativos. Lady Seaton tem razão; ele jamais seria convincente como um nobre inglês, e Cecily com certeza teria comentado com a irmã ou com Abigail caso seu maravilhoso pretendente fosse francês. Não, por mais que me frustre ter que abandonar a idéia, e apesar de o rosto de Courcelles se encaixar bem nela, não acredito que ele se fizesse passar pelo conde de Ormond.

- Mas como posso descobrir alguma coisa sobre esse título?

Ela me olha como se eu estivesse sendo idiota de propósito.

- O College of Arms mantém todos os registros. Em Derby Place, perto da St. Peter Street. Tenho certeza de que eles devem saber alguma coisa.

- Onde é Ormond?

- Como vou saber, Bruno? Não sou cartografa.

- A senhora falou com lorde Burghley sobre isso? - pergunto, curioso.

Ela contrai o rosto outra vez.

- Não existe estima entre lorde Burghley e mim. Sempre tive a sensação de que ele não se importa muito com as damas da rainha. As mortes são um problema político para Burghley, e ele vai encontrar uma solução política, pode ficar certo. Enquanto isso, minhas meninas estão apavoradas, Bruno, que esse criminoso ponha o olho em outras delas. Minha rainha também está com medo, embora nunca se vá ouvi-la admitir isso. Esses crimes são ameaças grotescas a ela. E isso está envenenando a atmosfera na corte. Agora olhamos para todos os homens com a pergunta: será este? Será aquele outro? Ele precisa ser encontrado e colocado num lugar onde não possa mais fazer mal a nenhuma de nós. - Ela enrola mais o xale em torno dos ombros quando outra rajada de vento agita as folhas no pátio. - Eu não quis ser tratada mais uma vez como uma mulher tola por lorde Burghley. Mas você tinha um jeito próprio, com suas perguntas apropriadas e seu olhar inteligente. Quando o vi com o embaixador francês na corte, percebi na mesma hora que você deve ser um dos recrutas de Francis Walsingham. Não precisa responder. Sou discreta como um túmulo.

Não admito nem nego nada.

- Posso lhe garantir, minha senhora, que estou fazendo todo o possível para apanhar esse homem, e que lhe sou grato por ter se incomodado em me procurar para isso. Acho, porém, que está enganada com relação a lorde Burghley. Ele também perdeu uma filha, e mais ou menos da mesma idade das duas moças.

Acho que ele se importa muito mais do que a senhora acredita.

Ela reflete sobre isso enquanto a cumprimenta brevemente com um movimento da cabeça e me dirijo para o portão.

- Bruno?

Viro-me e espero.

- Não esqueça suas boas maneiras. Meu título é bem verdadeiro, asseguro-lhe.

Mas torce um canto da boca de um modo malicioso. Curvo-me profundamente, desculpando-me, e, quando levanto a cabeça, ela já está voltando para dentro da casa.

Corro por Bucklersbury, onde a quantidade de boticários enche o ar de uma mistura singular de cheiros agradáveis de ervas, e não paro para olhar por cima do ombro. Se meu perseguidor ainda estiver atrás de mim, que se mostre, pois acho que deve haver algo importante nessa informação de Lady Seaton, sinto que a identidade desse esquivo criminoso está quase ao meu alcance. Ele seduziu Cecily Ashe com um rosto bonito e um título do qual se apropriou, ou inventou, ou talvez seja mesmo seu mas não é usado. Porém, se o título de conde de Ormond existe, ou se algum dia existiu, vou descobrir quem, entre os suspeitos que restam, pode ter alguma ligação com ele. Minha mente já se adianta aos fatos e se fixa em Throckmorton. Apesar de o ter encontrado apenas duas vezes em Salisbury Court, lembro que é um jovem de boa aparência, nenhuma grande beleza como Courcelles, mas bem-apegoado o suficiente para se encaixar na descrição. E inglês, de boa família - não poderia ter convencido Cecily de que tinha um título?

Meus pensamentos voam mais depressa do que meus pés. Sigo por Great St. Thomas Apostle, depois enveredo por Garlick Hill para chegar à Thames Street e rumar na direção oeste para St. Peter. Enquanto corro, agradeço a sorte de ter passado grande parte do verão perambulando pelas ruas da cidade, explorando seus bairros, os locais freqüentados pelos membros das guildas e pelos comerciantes, suas áreas mais ricas e as mais miseráveis. Queria conhecer as ruas, juntar as partes da cidade em minha cabeça. Já que pretendia fazer deste lugar o meu lar, achei que devia me dar o trabalho de conhecê-lo. Agora, ainda que nunca vá conhecê-lo tão intimamente quanto aqueles que nasceram com o fedor do Tâmis nas narinas, pelo

menos guardo na memória uma boa quantidade de ruas principais, e assim não preciso parar sempre e pedir informações a estranhos. Londres não é uma cidade amigável para os estrangeiros, portanto é melhor nunca admitir que se está perdido.

Na St. Peter Street, contudo, paro um homem bem-vestido para lhe perguntar se sabe onde fica o College of Arms. Ele aponta para um grande prédio de três andares mais adiante, no lado norte da rua. No bloco oeste do prédio encontro uma casa de guarda com a grade levadiça suspensa. Dentro do pátio quadrangular, um homem vestindo um tabardo com o brasão real posta-se na frente da porta principal e me pergunta a que venho. Paro, curvo-me para a frente e apoio as mãos nas coxas, tentando recuperar o fôlego. Ele me observa com certa preocupação.

- Preciso encontrar informações sobre um título em especial - digo, entre arquejos, quando consigo falar. Seus olhos se estreitam.

- Com que finalidade?

- Para ver se existe.

- A mando de quem?

Hesito. A autoridade de quem me serviria mais aqui? Não posso correr o risco de citar Walsingham e o relacionarem comigo e, se apelar para Burghley, vão pedir que eu mostre alguma carta ou sinete como prova - com toda razão, já que minha aparência não é nada profissional.

- Sou secretário particular do embaixador da França, o Seigneur de Mauvissière - declaro, aprumando-me e afastando o cabelo do rosto. Aproximome e baixo a voz. - É um assunto delicado.

Um lampejo de leve interesse passa pelo rosto dele. Balança a cabeça e abre a porta para mim. Vejo-me num salão de entrada pavimentado cujas paredes estão cobertas de estandartes de seda de cores suntuosas, que exibem uma coleção de figuras de leões, águias, unicórnios, grifos e basiliscos e ondulam suavemente à corrente de ar vinda da porta aberta.

- Vai precisar falar com um dos oficiais de armas - me informa o porteiro. Ambos olhamos em torno; o salão está vazio. - Espere um pouco.

Dirige-se a uma porta do lado oposto, os calcanhares ressoando no chão de pedra, enfia a cabeça pela abertura e chama alguém lá dentro. Passam-se alguns minutos em silêncio. Sorrio embaraçado para o meu guia, que sacode a cabeça na direção da porta, animador. Por fim, surge um homem robusto vestindo o mesmo tabardo, a papada saliente por cima da gola de rufos. Ele também me olha com desconfiança.

- Este cavalheiro - explica o porteiro, e não me escapa a nota de sarcasmo na

descrição - precisa verificar um título. Diz que vem a mando do embaixador francês e que é um assunto pessoal.

- Tem uma carta de autorização? - pergunta o homem da papada, que suponho ser o oficial de armas.

- Receio que não - respondo, dando um tapinha em meu gibão para provar.

Ele comprime os lábios e entrelaça as mãos. Por um momento, acho que vai se recusar a me atender.

- Tenho dinheiro - deixo escapar.

O homem dá um sorriso desbotado.

- Ah, o senhor não irá longe com isso. Qual é a natureza de sua investigação?

Olho de um para o outro.

- A sobrinha de meu senhor embaixador recebeu uma proposta de casamento de um cavalheiro inglês que alega ser herdeiro de certo condado - cochicho, para incluí-los na intriga. - Mas meu senhor não conhece esse título e quer verificar as referências do rapaz.

Os dois homens trocam um sorriso de entendidos.

- O velho truque de sempre - diz o mais velho, insinuando que lida com tais coisas todos os dias. Levanta a mão gorducha. - O College precisa gerar rendimentos para a conservação de nosso arquivo, compreende?

- Claro - digo, batendo no peito do gibão, onde guardo minha bolsa de dinheiro pendurada debaixo do braço sob o manto. O dinheiro que reservava para as botas novas vai ser sacrificado a uma causa mais nobre. - Qual é o preço?

- Depende do tempo que vou levar para encontrar o registro - responde ele e, como demonstração, escancara a porta por onde passou e vejo uma sala alta coberta do chão ao teto de prateleiras de madeira, cada uma contendo pilhas de manuscritos encadernados e rolos de papel. - Registros de concessão de brasões e árvores genealógicas que remontam a mais de 100 anos, desde que o College foi fundado pelo rei Ricardo III - diz ele, orgulhoso, apontando para a coleção como se fosse obra sua. - Que título espúrio é esse, afinal?

- O conde de Ormond - respondo. O nome já soa sinistro em minha boca.

- Ah, então não posso ajudá-lo - replica ele, desanimado. - É melhor guardar seu dinheiro.

- Por que não? Não é um título verdadeiro?

- Não é um título inglês - explica, com ênfase cuidadosa. - Acredito que seja escocês, e não mantemos registros da nobreza escocesa. Para isso, o senhor terá de viajar até Edimburgo.

Uma dezena de expressões devem ter se sucedido em meu rosto num instante, porque ele fica com pena de mim.

- Há alguém que talvez possa ajudá-lo, porém. Espere aqui.

E se encaminha para outra porta, andando cheio de importância. O som de seus passos desaparece, e então um cansaço tão grande se abate sobre mim que sou obrigado a me sentar ao pé da escadaria de mármore do salão de entrada.

- Para ser franco - diz o porteiro, que continua encostado na parede, pelo jeito interessado demais em minha busca para retornar a seu posto -, na maioria das vezes, os que alegam ser condes em geral não são. Quer dizer, os condes de verdade não precisam fazer espalhafato sobre isso.

Levanto a cabeça, que enfiei entre as mãos.

- Obrigado. Vou levar isso em consideração.

Depois de algum tempo, ouço os passos do oficial voltando. Atrás dele vem um homem de cabelos brancos arrastando os pés, vestido com a mesma farda e que, apesar de avançar lentamente, mantém uma postura ereta, militar.

- Este é Walter, nosso mais antigo oficial de armas - anuncia o homem da papada. - Ele guarda de memória a maioria dos nossos arquivos, sabe. Se algum dia formos destruídos por um incêndio - que Deus não permita -, vamos recorrer a Walter para recriar o nosso arquivo a partir daqui. - E bate na têmpora do homem. - Mas ele é escocês, e também conhece muita coisa sobre os títulos escoceses.

- Bem - diz o ancião, numa voz cheia, com aquelas vogais enroladas que aprendi a reconhecer. - Lamento dizer que a idade está roubando de mim os nomes e as datas um por um. Mas do condado de Ormond eu ainda me lembro, se lhe interessa.

Ponho-me de pé num salto, balançando a cabeça.

- Por favor... qualquer coisa que saiba a respeito.

- Bem - ele pigarreia, como quem se prepara para uma longa história. Nada caridoso, me vejo esperando que essa explicação seja breve. - O título vem do castelo de Ormond na Black Isle, sabe, mas o condado foi confiscado em 1455 depois de uma rebelião contra o rei escocês.

- Então o título está extinto?

- Tornou-se um título subsidiário dos duques de Ross, mas este também foi

perdido no início de nosso século. - Ele faz uma pausa, engole e ergue um dedo trêmulo, como um professor na escola esperando a atenção total de seus alunos. - Os duques de Ross eram Stewart, mas os condes de Ormond eram todos da casa Douglas.

Nem escuto direito o oficial de armas dizer seu preço. Meus dedos procuram a bolsa e entregam as moedas quase por conta própria enquanto continuo a fitar o ancião sem focalizar a vista nele. *Douglas*. O nome ressoa sem parar em meus ouvidos. Como não vi antes? Douglas, o criminoso de aluguel comprovado, com aquele encanto de fora da lei que se dirige tanto para as mulheres quanto para os homens, com seus sorrisos e piscadelas licenciosos, suas piadas sujas. Teria apostado na facção de Marie e dos Guise porque achou que eles têm mais chances de subir ao poder depois da invasão, ou eles apenas lhe ofereceram dinheiro suficiente para fazer os crimes valerem a pena?

Agradeço aos oficiais e saio trôpego para a rua. A claridade está diminuindo agora, um crepúsculo frio desce sobre a cidade e uma névoa fina se levanta e envolve os edifícios, tornando as ruas desconhecidas. Já vejo acenderem lampiões nas janelas ao longo das ruas. Puxo meu manto para junto do rosto, minha fanfarrice anterior desapareceu. Nessas ruas que vão ficando escuras, estou sozinho e vulnerável, e o que acabei de saber faz com que me sinta ainda mais exposto. Lembro o dia em que Douglas me encontrou tão de repente na rua, como se fosse por acaso. Já devia estar me seguindo na ocasião. O nevoeiro não será empecilho para ele, nem para os homens de Henry Howard, se eles vêm seguindo meu rastro, e o vigia noturno só vai começar a fazer suas rondas quando os sinos baterem oito horas. É uma questão de poucas centenas de metros pela St. Peter Street até St. Andrews Hill. Se Fowler estiver em casa, podemos alugar um barco para ir à casa de Walsingham esta noite, ou no mínimo até Whitehall para falar com lorde Burghley.

Sentindo-me mais corajoso, sigo pela St. Peter Street, mantendo-me junto à sombra dos prédios. Alguns cavaleiros solitários rumam para oeste, fora da cidade, trotando pelo meio da rua, e os últimos mascates passam por mim levando penosamente seus cestos e balaies em cima dos ombros. Os gritos das gaivotas no rio soam remotos e melancólicos no lusco-fusco. Caminho rapidamente, meu capuz na cabeça. O nevoeiro que aumenta aos poucos abafa os sons da cidade e faz outros ruídos ecoarem de pontos improváveis. Estou quase chegando à esquina quando um braço me agarra por trás, aperta meu pescoço e sou arrastado de costas para uma abertura entre duas casas. Tento gritar, mas ele me comprime a garganta. Meu agressor é um homem alto e forte, pois quase me levanta do chão e, apesar de tentar chutá-lo com os calcanhares, minhas pernas não o alcançam. Com a mão livre, ele prende meu braço esquerdo atrás das minhas costas, mas nessa manobra consigo torcer meu corpo o suficiente para sacar com a mão direita a adaga que está no

cinto. Ganho uma oportunidade com essa façanha e apenas uma fração de segundo para pensar nela enquanto ele aperta mais o braço em torno do meu pescoço. Arqueio as costas, curvo o braço direito e miro a faca para trás de mim no diafragma dele. Ele parece perceber o movimento pouco antes do golpe e tenta se esquivar, mas não é rápido o bastante. Ele solta um uivo de dor e afrouxa o aperto em meu pescoço o suficiente para eu inalar arquejando, dobrar os joelhos e em seguida levantar de repente, de modo que o alto da minha cabeça se choca com o queixo dele. Quando solta meu braço esquerdo, consigo girar o corpo e ficar de frente para ele, a faca levantada. Está mancando, mas não se intimida, embora eu seja mais leve e ligeiro, e recuo com uma sucessão de fintas, atraindo-o para a rua vazia, fora da segurança das sombras. Ele gira o braço para me dar um soco e eu me abaixo, ao mesmo tempo dando uma estocada com a faca, que cravo na carne macia do alto de sua coxa. Quando ele ruga e desce o punho para mim outra vez, chuto para cima e acertolhe a virilha, o que o faz cambalear e recuar. Porém ele é robusto e não está disposto a ceder terreno. Prepara um novo soco, eu recuo bruscamente e torço um dos pés numa saliência da rua. Caio de costas, batendo com força no chão, e o vejo se agigantar acima de mim. Ele leva a mão ao cinto, vislumbro um cintilar de aço e tento me afastar apoiado nas mãos e nos calcanhares, mas ele está quase me alcançando. O medo se espalha por meu corpo. Preparo-me para o impacto e então, inexplicavelmente, o agressor dá uma guinada, como se recebesse um golpe. Sua mão cai e sua forma sólida parece desmoronar. Rolo para me afastar e ele tomba para a frente, primeiro de joelhos e depois com o rosto, como uma grande marionete quebrada, e vejo que há uma seta de balestra se projetando de suas costas. Abalado, fico deitado imóvel, tentando entender essa intervenção, quando, pouco antes de conseguir perceber a sua presença, uma figura envolta num manto sai correndo das sombras e sobe velozmente Addle Hill, onde é engolida pelo nevoeiro.

Um gemido baixo sobe como uma borbulha do corpo a meu lado. Ele ainda não está morto, mas logo estará se ninguém o socorrer. Um medo diferente me acomete: se eu for encontrado aqui, vão presumir que o matei. Guardo minha faca na bainha, ponho-me de pé com as pernas bambas e lanço um último olhar a esse desconhecido, que certamente teria me despachado desta vida se meu igualmente misterioso anjo da guarda não estivesse por perto. O ar úmido se agarra a meu rosto. Quem era o homem que atirou com a balestra, e há quanto tempo vinha me seguindo? Olho rapidamente ao redor, perscrutando o nevoeiro em Addle Hill, onde o homem desapareceu. A rua está silenciosa. A distância, avisto um pontinho oscilante de luz da lanterna de alguém que se aproxima vindo da direção leste. Então limpo a roupa com as mãos e sigo apressado na direção oposta antes que alguém me encontre aqui.

Fowler enche uma xícara de vinho quente e me entrega, franzindo a testa, preocupado. Estou agachado num banquinho junto ao fogo em sua saleta, pequena e despojada, e ele está de pé, uma das mãos apoiada na cornija da lareira.

- Mas, veja bem, Bruno... Henry Howard é um aliado na conspiração da invasão - diz ele, quando termino o relato de minha emboscada na rua. - Se ele está mandando homens para atacá-lo, você precisa contar a Castelnau.

- Castelnau não exerce nenhuma influência sobre Howard. Ele só é útil aos conspiradores enquanto a embaixada for um centro de distribuição da correspondência deles com Maria Stuart. - Tomo um grande gole de vinho e aqueço as mãos na xícara. - Nenhum deles tem qualquer respeito por Castelnau ou pelo rei da França. Henry Howard decidiu simplesmente que sou um perigo e devo ser silenciado. Só vou estar seguro quando ele for preso.

Fowler estala a língua, impaciente. É a primeira vez que vejo sua placidez se abalar.

- Sei o que vai dizer - antecipo-me, levantando a mão para calar sua crítica não verbalizada. - Você me preveniu que minha travessura em Arundel poderia acabar mal, e tinha razão. Eu devia ter lhe dado ouvidos. Mas quase valeu a pena.

Ele suspira e corre a mão pelo cabelo.

- Nosso trabalho é assim. Pelo menos você estava disposto a se arriscar. - Há um tom de quase arrendimento em sua voz. - Mas é uma grande pena você ter perdido aquela árvore genealógica de Arundel House - acrescenta ele, inclinando a cabeça. - Teria mandado Howard direto para o cadafalso, seguindo os passos do irmão.

- Não tive escolha. Se não tivesse nadado até o barco teria sido morto ali mesmo. Você mandou informações a Walsingham sobre o jantar daquela noite, não mandou? Sobre a data e a lista de pontos de desembarque seguros?

- Com certeza - murmura ele. - Avisei a Phelippes logo cedo hoje de manhã. Claro que eu não tinha nenhuma prova escrita para apresentar. Deus do céu, Bruno! Henry Howard. - Ele sacode a cabeça e dá um assobio baixo, num misto de admiração. - Imagine o alcance da ambição desse homem... mal posso crer. Você acha que ele até fazia planos com relação ao rei Jaime da Escócia? Incrível.

- Ele é implacável. Tenho todas as provas de que preciso quanto a isso. - Esfrego o pescoço. - Mas ainda não lhe contei nem a metade.

Fowler levanta uma das sobrancelhas e puxa uma almofada, onde senta de pernas cruzadas, esperando o restante do meu relato. É verdade que não lhe contei tudo. Na narrativa de minha noite em Arundel House, deixei de fora qualquer

referência às pesquisas secretas de Howard. Também não contei a ele sobre o estranho misterioso que abateu meu atacante na St. Peter Street ainda há pouco. Em parte por orgulho, mas também porque sinto uma inquietação instintiva com relação ao que aconteceu. Desconfiei de que estava sendo seguido muito antes de Howard decidir que queria me matar. Talvez haja uma possibilidade de a pessoa que me salvou esta noite não ter feito isso por galanteria, mas para prolongar o jogo.

Tomo outro gole de vinho e conto sobre o chamado de Lady Seaton e sobre minha ida ao College of Arms. Quando chego à parte sobre a informação do velho oficial escocês, ele cobre a boca com a mão e apenas olha fixo para mim.

- Deus do céu - diz por fim.

- Não sei como não pensei em Douglas antes. Talvez porque ele fosse tão óbvio como criminoso. Mas ele sempre me pareceu muito desinteressado das intrigas dos outros.

Fowler sacode a cabeça, o maxilar contraído.

- Ele desempenha bem seu papel, o do mercenário lacônico. Mas Douglas é mais esperto do que todo mundo quando se trata de se promover. Foi como ele sobreviveu por esse tempo todo.

- Mas você alguma vez desconfiou dele?

- Não - responde com firmeza. - Imagino que tenha me passado pela cabeça por causa da história dele, mas não o considere mais seriamente porque não via que motivos poderia ter. Ele devia estar o tempo todo pesando as diferentes facções dos conspiradores, avaliando qual teria mais chances de chegar ao poder depois da invasão.

Por que você e ele se detestam tanto? - pergunto, depois de esvaziar meu copo.

O semblante calmo de Fowler se endurece.

- Ele é um homem completamente sem princípios. Bajula os lordes escoceses que cercam o jovem rei Jaime e joga um contra o outro. Tirar uma vida para ele não é algo importante. Mas sobretudo - e neste ponto seu rosto se ensombrece e a voz se reduz a um sussurro - ele tirou de mim o meu melhor amigo.

- Douglas o matou?

Ele abaixa os olhos.

- Não. Mas é como se tivesse feito isso. Ele está morto para mim agora: Patrick, Mestre de Gray, o equivalente na Escócia a visconde ou barão. Éramos amigos de infância, mas Douglas o afastou de mim e o influenciou para promover sua causa com Jaime.

Há tanta amargura silenciosa na voz desse moço que raramente demonstra qualquer emoção que me faz cismar sobre a natureza dessa amizade. Fowler parece sentir profundamente a sua perda. Observando-o, sinto uma afeição inesperada por esse homem que se tornou, por necessidade, meu confidente. Como conhecemos pouco a vida íntima dos outros. Talvez o discreto Fowler carregue um fardo oculto de sofrimento sob sua compostura exterior.

- Preciso levar todas essas informações para Walsingham sem mais tardar - digo. - Só ele pode me proteger dos matadores de Howard. Receio, porém, que o que houve esta noite tenha provado que, sem sombra de dúvida, não posso viajar sozinho. Você me acompanharia rio acima?

Ele hesita. Não sei se está com medo, não tem jeito de quem gosta de lutas.

- Não deveríamos ser vistos com frequência na companhia um do outro. - Em seguida, parece ceder e se levanta ajeitando a roupa. - Mas você tem razão, Bruno. Quem mais poderia ir com você? Venha. Vou buscar lanternas e mantos para nós. Tem dinheiro para o barco?

Faço que sim com a cabeça. Ele desaparece, deixando-me absorver o último calor do fogo antes de ser obrigado a sair de novo naquele nevoeiro londrino, que penetra até os ossos e esfria a pessoa de dentro para fora.

Reparo que Fowler colocou um cinto com uma espada por baixo do manto. Descemos em silêncio para Puddle Wharf segurando nossas lanternas no alto, muito embora façam pouca diferença no ar enfumaçado. O luar está quase escondido pelas nuvens e a cidade parece emudecida, sobrenatural, como se estivesse sob uma mortalha.

- Não temos nenhuma prova contra Douglas a não ser essa bisbilhotice de Lady Seaton - comento, quando chegamos ao cais vazio. - Ele vai argumentar que qualquer pessoa poderia ter usado um título extinto.

Fowler se inclina para a frente, esquadrinha o rio e chama:

- Olá, barqueiro! - Vira-se para mim, enquanto esperamos para ver se o chamado tem alguma resposta. - A essa altura, acho que não temos alternativa.

Douglas é conhecido por ter conseguido escapular por entre as malhas da rede na Escócia, mas a justiça escocesa pode ser comprada. Ele nunca teve que enfrentar a determinação de Walsingham. Se existe alguém capaz de extrair uma confissão, esse alguém é ele.

Não falo nada. Ambos conhecemos muito bem alguns dos métodos do principal ministro de Estado para extrair confissões. Walsingham sempre afirma que Deus permite que ele tenha sua consciência tranqüila quanto a esse assunto; que prefere submeter um homem inocente à tortura do que arriscar as vidas de muitos

outros deixando de reprimir uma conspiração em potencial. Sabe que não concordo com ele nesse ponto e que questiono o valor de qualquer informação arrancada de um homem cujos membros estão sendo puxados das articulações. Oriundo de um país governado pelo açoite do Santo Ofício, sei muito bem com que facilidade um homem ameaçado pela dor física diz qualquer coisa passível de agradar àquele que pode ordenar que essa dor cesse. Mas Walsingham já apresentou à sua consciência suas razões e ficou satisfeito com elas.

Fowler chama outra vez. Após alguns momentos, o ruído suave de remos na água atravessa a noite, seguido pela claridade indistinta da lanterna do barqueiro. Quando o barco se aproxima de nós, Fowler vira-se de repente e agarra meu braço.

- Tenho uma idéia melhor. E se levarmos Douglas em pessoa direto para Whitehall? É que eu o conheço de longa data. Ele tem um talento especial para farejar problemas no ar e sumir. Até encontrarmos Walsingham e ele decidir enviar homens armados para pegá-lo, Douglas já terá escapulido, posso quase garantir.

- De que modo vamos convencê-lo, porém? Isso com certeza o deixaria desconfiado.

Fowler reflete um instante.

- Vou dizer que Mendoza quer falar com ele. Isso deve despertar sua curiosidade. Ele sabe que a influência de Mendoza sobre Maria Stuart está aumentando, ao contrário da do pobre Castelnau. E Mendoza está sempre lá pela corte.

- Não sei. - Tenho dúvidas quanto a esse novo plano. Ocorre-me que Fowler é sensível demais quando se trata de Douglas, embora tenha razão: a viagem até Walsingham e depois de volta vai levar horas.

- Pense como ficaria melhor para a nossa imagem se entregássemos o homem a Burghley diretamente - diz ele, com voz ciciante.

- Para onde, cavalheiros? Segurem aqui.

O barqueiro joga uma corda do barco. Ela cai com um baque molhado no cais, eu a apanho e puxo.

- Para o outro lado do rio - diz Fowler, antes que eu tenha oportunidade de falar, enquanto ele embarca e ajeita o casaco. - Deixe-nos no cais de St. Mary Overy.

Ah, sim? Vão passear em Southwark, hein? - A luz da lanterna exagera a piscadela lasciva que ele nos lança. Sigo Fowler e entro no barco. As almofadas parecem absorver toda a umidade e o frio do ar e transferi-las para os meus calções.

- Vão voltar mais pobres, aposto! Tomem cuidado para não serem mordidos por uma

gansa de Winchester, hein. - Ele pisca outra vez e solta uma risada, dando impulso com o remo para sair.

- Gansa? - pergunto a Fowler, sem entender, franzindo a testa. Ele dá um sorrisinho.

- É uma expressão que significa pegar sífilis. Uma gansa de Winchester é uma prostituta. São chamadas assim porque o distrito está nominalmente sob a jurisdição do bispo de Winchester, que concede as licenças aos prostíbulos.

Procuro enxergar o outro lado, a margem sul do Tâmesa meio escondida pela névoa. Southwark, o burgo fora dos muros da cidade e de suas leis, um submundo de bordéis, antros de jogo e tabernas onde se realizam lutas ilegais - entre animais e entre seres humanos - que se espalhou como um fungo pela margem do rio. Os que negociam produtos contrabandeados ou livros ilegais fora dos barcos o fazem nas estalagens de Southwark. Piratas, salteadores, prostitutas, saltimbancos e padres incógnitos ficam lado a lado com funcionários do governo, advogados e cortesãos disfarçados para provar o fruto proibido do lugar. Assim que cheguei na Inglaterra, Castelnau recomendou que eu ficasse longe de Southwark. Naquelas ruas, cortam a garganta dos estrangeiros para se divertir, principalmente de homens de aparência como a minha. Vi muitos lugares como esse quando era um fugitivo na Itália, de modo que dei ouvidos ao conselho. Não admira que Fowler espere encontrar Douglas ali. Conforme o barqueiro vira o barco e rema para nos levar rio abaixo, experimento uma forte sensação de mau agouro. Se posso ser atacado numa rua principal da cidade antes do cair da noite, onde ainda há a possibilidade de o agressor ser descoberto pelos guardas, com certeza é rematada loucura seguir para a parte mais sem lei da cidade na escuridão da noite. Espio o perfil de Fowler: ele olha por cima da água, com ar determinado e intenso, concentrando o olhar na margem distante, uma das mãos pousada de leve no punho da espada. Pelo menos dessa vez vou ter alguém para me vigiar, penso, e me pergunto novamente quem teria disparado a seta que me salvou mais cedo.

Os degraus do desembarcadouro no cais de St. Mary Overy são estreitos e cobertos de limo. Pago o xelim ao barqueiro e vou atrás de Fowler, que sobe com cuidado, uma das mãos na parede úmida do molhe e a outra segurando a lanterna. Um passo em falso e mergulhamos na água negra que se agita lá embaixo. Saímos numa área aberta e enlameada onde desembocam duas ruas que se estendem para o sul, cada uma com fileiras de casas de dois e três andares muito juntas umas das outras e se projetando para a frente, de tal modo que seus frontões quase se encontram no meio, como as testas de duas pessoas conversando. Várias dessas casas foram nitidamente caiadas de branco para marcá-las como bordéis. Fowler faz um sinal para a direita. Eu o sigo, tão de perto que me arrisco a tropeçar nele no

meio do nevoeiro. A despeito do frio, há muita gente do lado de fora. Grupos de rapazes arruaceiros, com os braços pendurados nos pescoços uns dos outros e cantando a plenos pulmões cantigas de marinheiros ou versões pessoais obscenas de baladas de guerra. Mulheres com roupas de cores berrantes, em geral aos pares ou, lamentavelmente, com menos roupa do que deveriam para tanto frio, e figuras mais sinistras, as que ficam paradas em umbrais de portas com os mantos puxados sobre os rostos, observando e esperando. Onde há prostitutas, há jogo, sempre haverá grande procura de comida e bebida, e esta rua se gaba de uma abundância de tabernas, todas espalhando seus cheiros de carne assando e cerveja quente cada vez que alguém abre uma porta. Se eu não estivesse temendo pela minha vida de modo tão imediato, acho que iria apreciar a atmosfera de Southwark. Há uma certa vibração na noite, como se nós, que andamos furtivamente através do nevoeiro, fôssemos tácitos camaradas em nossa busca de prazeres ilícitos.

No meio dessa rua, Fowler abaixa a cabeça para passar por uma arcada entre dois prédios e envereda por uma viela estreita, que se abre num pequeno pátio com casas em três lados. À entrada do prédio da direita, uma moça com o corpete meio desatado balança o corpo junto à moldura da porta, enrolando uma mecha de cabelo em torno de um dedo. Com o olhar inebriado de bebida, ela nos fita com certo interesse quando passamos, examinando-nos dos pés à cabeça, mas Fowler não faz caso dela e abre a porta. Entramos no bar de uma taberna de teto baixo e vigas enegrecidas, mal iluminado e impregnado dos cheiros de fumaça de tabaco e corpos sem banho.

- Como sabe que vai encontrá-lo aqui? - cochicho para Fowler enquanto ele passa pelas mesas em que homens discutem ou cochilam por cima de suas cervejas.

- É aqui que o escocês dissidente vem beber - responde ele ciciando. - É como ele toma conhecimento do que se passa na nossa terra.

Pelo tom de voz dele, deduzo que não é só Douglas que vem à cata de informações neste lugar imundo. No outro extremo do bar, Fowler abre o ferrolho de mais uma porta e a segura para eu passar. Nesta saleta de fundos, Douglas está sentado a uma mesinha diante de outro homem, absorto num jogo de cartas. Há uma pilha de moedas no meio da mesa junto ao monte de cartas descartadas do baralho e uma jarra de cerveja. Ao lado, a chama de um lampião a óleo tremula à corrente de ar vinda da janela aberta na parede de trás. Douglas fuma um cachimbo comprido de barro que produz uma fumaça acre. Se não fosse a janela aberta, a saleta estaria tão enevoadada quanto a noite lá fora. Cada um dos homens tem uma moça sentada em seu joelho: gorduchas, dando risadinhas, criaturas intercambiáveis, com uma camada espessa de pintura no rosto e de ombros nus. Douglas relanceia o olhar para verificar o que o interrompe, cumprimenta brevemente Fowler e eu e faz um gesto

com a cabeça para a mesa.

Já vou estar com vocês, meus amigos - resmunga ele, segurando suas cartas no alto para ter a opinião de sua jovem companheira. Ela aponta para uma delas, e Douglas ri.

- Ainda bem que sou eu quem está jogando essa rodada, e não você, meu bem.

Ele separa uma e descarta um valete de copas. Observo suas mãos compridas e largas com uma fascinação macabra, a maneira delicada como ele segura a carta entre o polegar e o indicador. Essas mãos que apertaram os pescoços brancos e delgados de Cecily Ashe e Abigail Morley até a vida delas se esvair. As mesmas mãos que cortaram símbolos nos seios delas e que marcaram a insígnia do mensageiro no peito de Dumas como gracejo. Minha boca se enche de repente de bile amarga quando evoco a imagem. É só o que posso fazer para me controlar e não me atirar em cima dele.

- Desculpe, Monty - diz ele, rindo. - Vou lhe dar outra oportunidade mais tarde. Mas agora dê o fora. Esses cavalheiros têm assuntos particulares a tratar, pela cara deles.

O outro homem resmunga, mas tira a moça de seu joelho e passa por nós num rompante.

- Você e o resto - diz Douglas para a moça que está no seu colo, que faz bico e protesta, mas acaba aceitando uma moeda e um tapa no traseiro para sumir. Ele bate o cachimbo no lado da mesa, enche-o com tabaco novo e leva alguns momentos acendendo-o com o isqueiro. Quando afinal solta baforadas como se fosse uma lareira entupida, vira-se para mim.

- Querem beber alguma coisa, cavalheiros? - E aponta para a jarra. - Mando trazerem outra se estiver vazia.

Olho rapidamente para Fowler e ele faz um gesto de incentivo com a cabeça. Percebo, atônito, que ele quer que eu leve nosso ardil adiante. Pelo jeito, sua aversão a Douglas o impede até de falar diretamente com ele.

- Não vamos ficar - eu começo. - Estamos a caminho de Whitehall e temos um barco esperando. Viemos saber se você não quer vir conosco.

- Para Whitehall, é? - Ele dá baforadas, pensativo. - E o que vocês vão fazer em Whitehall que valha a pena me tirar de tão ilustre companhia?

- Henry Howard vai encontrar Mendoza lá e pediu que nos juntássemos ao grupo. Vão discutir o que deve acontecer depois da invasão - digo. Minha voz soa alta demais para o ambiente. Douglas me olha com os olhos estreitos e inala a

fumaça, como se a achasse nutritiva.

- É mesmo? Mendoza? Em Whitehall? - Ele fala com uma curiosidade indolente enquanto examina o forninho do cachimbo. - Não me parece muito provável, Bruno. Tem certeza de que todas aquelas pancadas na cabeça não o confundiram?

Baixo os olhos por um instante, maldizendo-me por ter dado ouvidos a Fowler. Deveria ter insistido que essa abordagem só serviria mesmo para deixar Douglas mais desconfiado. Relanceio os olhos por cima do ombro para Fowler procurando apoio, mas ele está olhando fixo para Douglas.

- Foi esse o recado que recebi - digo, tentando não titubear.

- Quando foi que você recebeu esse recado? Durante sua estadia em Arundel House? Aliás, encontrou alguma coisa interessante lá?

A voz ainda está jovial, mas há uma aspereza nela.

- Como disse?

- Bem, é que eu notei que você estava dando aquele vinho todo para o cachorro. Pensa que não sei distinguir um bebedor de verdade de um falso? Então deduzi que você devia ter alguma boa razão para querer passar a noite na casa. O que estava procurando? Provas da traição de Howard?

- Por que eu iria querer tal coisa?

- Pelo mesmo motivo de todos nós. Para vê-lo na Torre.

Olho para ele, incapaz de deslindar as implicações daquelas palavras. Seria isso uma confissão de que ele se associou à causa dos Guise? Que razão poderia ter para querer Henry Howard preso por traição?

- Eu... - começo, mas não sei o que dizer em seguida.

- Bruno esteve no College of Arms hoje à tarde - diz Fowler com voz branda atrás de mim. Viro-me depressa para ele, confuso. Que jogo está fazendo agora?

- Ah, é? - Douglas parece achar graça. - Um passatempo extravagante para um homem como você, Bruno, estudar história armorial. Descobriu mais alguma coisa interessante?

Canso-me daquele tom e da presunção de achar que é ele quem está bincando conosco.

- De fato, descobri. Fui procurar a linhagem do conde de Ormond.

- E mesmo? E por quê?

Olho de soslaio para Fowler. Confrontar Douglas numa taberna sórdida não é

nem um pouco o que eu pretendia. Podemos ser dois, mas não se sabe quantos dos homens que estão bebendo do outro lado da porta são amigos dele ou cúmplices. Meus ombros se contraem, e sinto que estamos indo pelo rumo errado.

- É um título de família seu, não é?

Cai um grande silêncio no ambiente.

- Meu? - Douglas ainda está sorrindo, mas dessa vez entre dentes. Põe o cachimbo em cima da mesa. - Ah, é muito provável. Existem tantas ramificações da família Douglas na Escócia quanto há estrelas no céu, Bruno. Ganhamos e perdemos mais títulos do que as missas que você rezou durante toda a sua triste vida. Por que isso interessa a você?

- Porque acredito que as jovens damas da corte foram mortas por um homem que diz ser o conde de Ormond - digo, puxando minha faca. Atrás de mim, escuto o ruído do aço deslizando quando Fowler tira a espada da bainha.

Douglas arremessa sua cadeira para trás abruptamente e se põe de pé num salto, o corpo preparado para se lançar para qualquer lado num instante. Pela rapidez da reação dele, vejo que, apesar de sua aparente devoção à vida desregrada, é de constituição forte e se movimenta como um homem em boas condições físicas. Depois de um momento, porém, ele explode numa risada.

- Ah, e você deduziu que fui eu, não é? Por causa de um título pertencente a um antepassado remoto, que qualquer pessoa poderia ter tomado emprestado? Acha que isso valeria alguma coisa num tribunal?

A risada dele soa agressiva e falsa na pequena sala. Desloco-me com cuidado em torno da mesa na direção dele, que recua para a parede, as mãos levantadas, palmas para cima.

- Se você é inocente, não há nada a temer - digo, e, com um calafrio, lembro que é esse o argumento de Walsingham quando ele interroga católicos suspeitos.

Douglas continua a sorrir de modo ambíguo. Afinal, abaixa as mãos, mas vejo que seu corpo ainda está tenso e alerta.

- Baixe essa faca, Bruno, e deixe de ser idiota.

- Você vai subir o rio conosco, Douglas. Não tem opção.

Falo com o máximo de autoridade que posso, a faca ainda levantada, apontando para ele. Douglas vira-se para Fowler com uma expressão de súplica no rosto.

- Isso mesmo, Bruno, baixe a faca.

A voz de Fowler continua branda e inexpressiva, mesmo quando me viro devagar, perplexo, ainda em dúvida se escutei direito, e encontro a espada dele

voltada para mim do outro lado da mesa. Douglas relaxa os ombros. Um longo silêncio se instala enquanto continuamos olhando uns para os outros.

- Ora, Bruno, você acha que uma mocinha como Cecily iria aceitar um anel de um velho bêbado com esta cara? - diz Douglas enfim, apontando para si. - Você está brincando. Não, eu nunca poderia me passar por conde, apesar do nome de família.

Ele dá um sorriso largo e cruza os braços, como se presenciasse um intervalo, mas meus olhos estão fixos em Fowler que continua a olhar para mim com aquela expressão inalterável, imperturbável. Então percebo, o que nunca fiz antes, que ele poderia com facilidade ser descrito como bonito. Seu rosto é de uma simetria perfeita, os traços bem desenhados e regulares, e os olhos são claros e sérios.

- Você.

Não há muito mais o que dizer.

Ele inclina um pouco a cabeça, mas não move a espada.

- O conde de Ormond, às suas ordens - diz, com a pronúncia impecável da aristocracia inglesa. - Você nos põe numa situação difícil, Bruno - acrescenta ele, com seu sotaque característico. - Eu estava contando com você para encontrar algo que incriminasse Howard ou o conde de Arundel a tempo de os prenderem antes de esse plano de invasão tomar corpo demais no exterior. Mas você começou a bisbilhotar nos lugares errados.

Aperto o cabo da faca. Fowler ainda está com a espada apontada para mim.

Avalio que poderia atravessar meu corpo com ela antes que eu chegasse em Douglas, mesmo com a mesa entre nós, e relaxo um pouco meu braço. Aparentemente convencido de que não estou prestes a investir, Douglas apanha seu cachimbo e se ocupa em reacendê-lo.

- Não compreendo - digo por fim. - Vocês querem que os outros conspiradores sejam presos? Pretendiam que a invasão fracassasse?

Fowler relanceia o olhar para Douglas, que dá de ombros, como se não se importasse.

- Você pode muito bem satisfazer a curiosidade dele - diz, sugando o cachimbo com força, a respiração curta, ofegante, tentando fazer o fumo acender. - Agora ele não pode mais contar nada a ninguém mesmo.

- A última coisa que queremos é que soltem Maria Stuart da prisão - diz Fowler, com voz macia. - Ela não pode chegar nem perto do trono inglês. Precisa ser condenada por traição.

- Quer dizer que cortejar Cecily Ashe, matá-la... tudo isso foi para incriminar os conspiradores e trair Maria Stuart? - sacudo a cabeça. - *Quem* vocês querem no trono, então? Elizabeth? Pensei que pretendiam que ela fosse envenenada.

Fowler olha para mim com ar de pena.

- Queremos o verdadeiro herdeiro no trono, Bruno. O rei que vai unir esse reino dividido, sob a orientação de seus conselheiros de confiança. O único herdeiro de Henrique Tudor cuja legitimidade nunca foi objeto de disputa.

Levo um momento para perceber de quem ele fala.

- O rei Jaime da Escócia? - Viro-me para Douglas. - Você fez tudo isso por ele? E quanto à mãe dele?

- Velha, doente, com excesso de peso, desatualizada, um poço de rancores e desejos de vingança - diz Fowler. - Ninguém quer uma mulher assim no leme de uma nação já dividida precariamente.

- Ninguém quer mulher nenhuma - arremata Douglas, com uma risada presunçosa.

- Mas os católicos ingleses usaram o nome de Maria Stuart como chamado de guerra por tempo demais para de repente mudarem de opinião - retruco. - Haveria revoltas se Elizabeth morresse e Maria não fosse solta.

- Você nos insulta, Bruno - diz Fowler, com um traço de sorriso, mostrando os dentes perfeitos. - Somos bastante inteligentes para levar isso em conta. É por essa razão que era tão importante fazer esse plano de invasão progredir até que os conspiradores principais fossem apanhados pelas autoridades de Elizabeth. E isso tem a ver com Maria Stuart, a família Howard e Castelnau e a mulher: todos julgados por traição, presos ou executados por Elizabeth. Antes que ela fosse tragicamente acometida de uma doença misteriosa em seu Dia da Ascensão.

- Sem os Howard, os católicos ingleses não poderiam organizar um jogo de cartas - acrescenta Douglas, com um gesto para o baralho em cima da mesa. - Elizabeth morre, não deixa herdeiros, os ingleses ficam sem leme, desorientados. Então se traz a única pessoa que pode restabelecer a ordem e a harmonia no país, junto com os lordes e os conselheiros escoceses em quem ele mais confia. - Ele sorri e aponta para si mesmo e para Fowler.

- Ou que melhor possam manipulá-lo - digo eu. - Mas Elizabeth já passou da idade de poder ter um herdeiro, portanto o rei Jaime vai herdar o trono de qualquer maneira. Por que correr tantos riscos para apressar esse dia?

- Elizabeth pode muito bem viver mais 30 anos - diz Fowler. - Ou alguma

conspiração católica pode depô-la em favor de Maria Stuart. Se não essa conspiração, uma outra. Os espanhóis entrariam aqui, e nosso rei poderia ser afastado completamente da sucessão. A espera traria um risco maior para a subida dele ao trono. Devemos sempre tomar as rédeas de nosso próprio destino, em vez de esperar que a Providência Divina se manifeste, não concorda?

Sacudo a cabeça, incrédulo.

- Meu Deus, que plano elaborado. Mas, dependendo de tantos elementos, estava fadado ao fracasso.

- Teria dado certo, se não fosse a moça. - Ele cerra os dentes e os músculos de seu queixo se contraem.

- Cecily - eu o encaro. - Então você a atraiu para sua conspiração fazendo-a se apaixonar por você. Mas ela mudou de idéia, foi isso?

- Ela parecia bastante animada. A rainha interviera alguns meses antes para interromper um romance que desabrochava porque não considerava o rapaz em questão um pretendente à altura. A moça estava furiosa e louca para se vingar - estimulei isso e ofereci a ela a oportunidade. Mas ela era impulsiva, não teve paciência de esperar pelo momento certo.

Uma expressão de arrependimento passa, fugaz, por seu semblante, mas não me iludo: ele só sente pena de seus planos terem fracassado.

- E você teve que matá-la. Mas aquela encenação, os símbolos astrológicos, a boneca de feiticeira, tudo isso foi para lançar suspeitas sobre os católicos? Vocês não se arriscavam a ver a segurança em torno da rainha ser reforçada ou os dois serem descobertos?

Ele faz um som com a boca descartando a hipótese.

- A partir do momento em que Cecily Ashe mudou de idéia e não quis mais me ajudar, ela teria que ser silenciada, não havia dúvida quanto a isso. E dificilmente a morte de uma das damas da rainha deixaria de ser esmiuçada, portanto decidimos que poderíamos usá-la abertamente para semear medo e confusão na corte e na cidade. Um populacho assustado estaria mais do que ansioso para apoiar um líder forte.

- E funcionou - observa Douglas, batendo o cachimbo no lado da mesa. - Pela maneira como as pessoas estavam falando nas tabernas, parecia que Belzebu iria sair do Tâmis e atear fogo à cidade. Estavam se cagando, todos, principalmente depois da segunda moça.

- Eu não pretendia matar a segunda moça - diz Fowler, quase em tom de desculpas. - Mas quando a vi falando com você na Holbein Gate, Bruno, comecei a

me preocupar. Cecily nunca soube meu nome verdadeiro, mas tive medo de que ela tivesse fornecido à amiga detalhes que pudessem me identificar, e imaginei que Walsingham tivesse pedido que você investigasse a morte. Assim, precisei garantir que ela também permanecesse em silêncio. Achei que, se copiássemos o primeiro crime, aquilo tudo teria laivos de astrologia e mágica - as pessoas pensariam que era obra de um louco desequilibrado tentando cumprir as profecias apocalípticas.

- Desequilibrado não estaria muito longe da verdade. Quer dizer que era você me seguindo, aquele tempo todo. E era você o homem do chapéu no concerto em Whitehall? - Estou me esforçando para juntar os pedaços da história.

Fowler faz que não com a cabeça.

- Era Douglas. Eu estava esperando num barco no rio. Quando o concerto começasse, eu sabia que o cais da cozinha ficaria deserto. A moça desceu seguindo as instruções do recado. Depois de dar fim a ela, tirei o velho guarda-pó que usava por cima da roupa e remei para a Privy Bridge, por onde entrei para assistir ao concerto.

- E Ned Kelley? Onde ele se encaixa, com suas visões e seus desenhos sobre as moças mortas?

Fowler franze o cenho. Ele e Douglas se entreolham, sem compreender.

- Quem é Ned Kelley? - pergunta Fowler.

Olho de um para outro. Ambos são hábeis na dissimulação, como sei muito bem agora, mas parecem realmente perdidos. Talvez Henry Howard estivesse falando a verdade sobre Ned Kelley, afinal de contas.

- Não faz mal. Mas há uma coisa que não compreendo - digo, não querendo deixar escapar nada. - Sem Cecily, Elizabeth continua viva. O que acontece com seu plano agora?

- Ainda falta um pouco para o Dia da Ascensão - diz Fowler, com um meio sorriso. - Tempo suficiente para pôr outras engrenagens em movimento.

- Você tem outro assassino?

- Há alguns jovens de sangue quente na França prontos a se imolar pela causa católica, sobretudo entre os partidários de Maria Stuart exilados em Paris, onde nosso amigo Gray está morando nos últimos anos, e fazendo amigos. Veneno teria sido mais elegante, mas um jovem que pode ser sacrificado com uma pistola na mão no meio da multidão, ainda mais um que tenha laços com a soberana... - ele não termina a frase, como se o assunto o entediasse.

- Espero que isso tenha esclarecido as coisas para você, Bruno - comenta

Douglas bruscamente, levantando-se e limpando o resto de cinzas de cachimbo da roupa. - Mas acho que chega de conversa, certo?

- Espere... e quanto a Dumas? - pergunto, alteando minha voz, pela necessidade de mantê-los falando.

- Antes de você aparecer e contratá-lo com o dinheiro de Walsingham, eu já lhe pagara para ele me dar uma idéia do teor da correspondência de Castelnau. Quando ele me contou que Maria Stuart estava enviando pacotes em separado para Henry Howard por intermédio de Throckmorton, dei-lhe uma quantia considerável para examinar o conteúdo desses pacotes: se haveria presentes, jóias, qualquer coisa que eu pudesse usar para fazer parecer que a moça tinha laços com Maria - explica Fowler. Douglas lança-lhe um olhar impaciente, mas imagino que Fowler sinta que me deve essa explicação, talvez em reconhecimento pela confiança equivocada que tive nele. - No entanto, logo percebi que a tensão de todos aqueles segredos era demasiada para ele. Dumas vendeu sua lealdade em excesso e não tinha temperamento para intriga. Eu sabia que ele iria desabar e acabar contando a você sobre o anel. Enquanto implorava pela vida, jurou não ter feito isso, mas não acreditei nele.

- Era eu o próximo em sua lista de pessoas a serem silenciadas? - pergunto, afastando-me dele de modo quase imperceptível na direção da janela. Sem tirar os olhos dos meus, ele faz o mesmo movimento.

- Eu estava contando com você para primeiro levar a prova indispensável do plano de invasão a Walsingham - responde ele, prático. - Até pensei que você pudesse encontrar um jeito de culpar Howard pelos crimes. Você parecia determinado a fazer isso. Mas sabia que enfim descobriria a verdade sobre o anel e então eu teria que decidir o que fazer com você.

- O que o rei Jaime prometeu a vocês dois? - pergunto, olhando de um para outro. - Quantas vidas vocês teriam ceifado para lhe garantir o trono? Ele deve ter lhes oferecido a Lua.

- Jaime nada sabe a respeito disso ainda - diz Fowler, como se se sentisse orgulhoso do fato. - É jovem e confuso demais com sua religião, seria uma vítima fácil de dramas de consciência. Vamos oferecer-lhe um trono quando ele não tiver escolha a não ser tomá-lo e depois nos agradecer.

- Visto que vocês não sabem o que significa ter consciência, não é? Qual é a sua religião, aliás... além do poder?

Inesperadamente, Fowler ri, uma risada sonora, aberta, e por um brevíssimo instante ele me lembra o homem que pensei que fosse.

- Não existe versão de crença que não possa ser interpretada de acordo com os fins políticos desejados. Pensei que tivesse aprendido isso com suas viagens, Bruno. Pessoalmente, eu aconselharia o jovem Jaime a optar pela Igreja Católica, mas só porque é onde repousa o equilíbrio do poder na Europa, apesar de...

- *Agora chega*, William. - Douglas bate com a mão aberta na mesa. - Temos que terminar esse negócio.

- O bar está cheio de gente do outro lado dessa porta - digo, elevando a voz, que falseia um pouco no meio da frase. Douglas vira a cabeça de lado e arreganha um sorriso.

- Sabe onde você está, Bruno? Em Liberty of the Clink, é o nome desse distrito. Oitocentos metros para sudoeste e estaríamos sob a jurisdição do xerife de Surrey. Oitocentos metros para o norte, do outro lado do rio, estaríamos sob o jugo das leis de Londres. Mas este pedacinho de terra aqui é controlado pelo bispo de Winchester, e ele não se importa com nada. Aqui, estamos todos fora do alcance da lei, meu caro. Poderíamos deixar seu corpo na rua do lado de fora de uma casa de tolerância e as pessoas simplesmente passariam por cima enquanto você apodrecesse.

Fowler ajusta a mão no punho da espada. Tenho menos que uma fração de segundo para tomar minha decisão. Antes que ele reaja, agarro o lampião a óleo em cima da mesa e o arremesso em cima dele. O homem tenta pular para trás, mas a chama incendeia sua manga e ele abaixa a espada para bater no braço com a mão livre. Quando Douglas se lança para mim da outra direção, levanto uma ponta do banco que está ao lado da mesa e o jogo nele. Furioso, ele o empurra para o lado, mas isso o retarda pelo tempo que levo para subir no peitoril da janela e me atirar lá fora. Aterrisso com estrépito no meio de latões de leite num pátio enlameado de depósito. Na extremidade oposta, um portão dá para uma rua lateral. Douglas pula da janela exatamente quando bato o portão atrás de mim e saio às cegas numa corrida desabalada pelas ruas enevoadas sem saber para onde estou indo.

Agora só o que posso fazer é correr dentro da noite opaca. Ouço um deles - ou ambos - vindo atrás, perto. Várias vezes acho que escuto a respiração deles, ou talvez seja a minha, sumindo na bruma branca enquanto meu coração martela nos ouvidos. As ruas aqui não são mais do que vielas, sem calçamento, de lama revolvida por cascos de animais e rodas de carroças. A medida que corro, o ar frio faz meus olhos se encherem de água, mas pelos sons e pelo flutuar da bruma acho que estou correndo para o rio. Numa esquina, esbarro em dois homens que gritam de indignação, mas estão bêbados demais para fazer mais do que isso. Solto-me deles e rezo para que façam meus perseguidores tropeçarem. No final desta rua estreita as

casas dão lugar a um espaço aberto. A névoa está mais fina e consigo distinguir as formas de árvores à minha esquerda. Mas ouço passos batendo no chão lá atrás e sigo em frente, para longe dos prédios. Alguns metros adiante o solo parece descer e quase caio numa vala, um dos canais abertos na terra que vão até a margem do rio. Um forte mau cheiro de lixo e esgoto emana dali. Derrapo, paro abruptamente e corro ao longo da margem olhando para o chão, até encontrar uma pequena ponte de madeira que o atravessa.

Continuo a correr, meu peito doendo quase a ponto de explodir, determinado a não olhar para trás, quando uma grande construção se agiganta de dentro do nevoeiro à minha direita, uma torre alta e circular com paredes de sílex. Um cheiro denso, acre, de excremento de animal e sangue sobe do chão, onde há palha pisada misturada com a lama que está por baixo. Devo estar em Paris Garden, na arena de ursos de Southwark, um lugar onde eu talvez possa me esconder. Mantendo-me junto à parede, ando a passos rápidos até encontrar um portão duplo baixo por onde entram os animais vindos de seus cercados. O portão é fácil de pular, e me vejo numa arena ampla, em que pairam farrapos de nevoeiro. No centro, fincada no solo, uma estaca robusta da qual pendem correntes soltas que se entrelaçam e, à volta toda, três fileiras de bancos de madeira com uma cobertura acima. Exausto, iço o corpo dolorido por cima do muro de tijolos que divide a arena das arquibancadas e deixo-o cair no chão por baixo da primeira fileira de bancos. Com o rosto virado para baixo, escuto minhas costelas movendo-se contra o chão, os ouvidos atentos ao mais leve som.

Parece que se passou apenas um instante e ouço a madeira ranger em algum ponto do lado oposto da arena. Em seguida, o murmúrio baixo de vozes, aparentemente vindo da entrada atrás de mim, embora a névoa distorça minha percepção.

- Daquele lado. - É a voz de Douglas, baixa e aflita. - Vou pelo outro.

Ouçó passos nos degraus de madeira atrás de mim. Raciocino que ficar parado vai me ajudar mais a esta altura do que se tentar sair rastejando. O retinir do aço na madeira, o rangido das tábuas quando ele se aproxima, tateando com a ponta da espada debaixo dos bancos de cada lado. Deve ser Fowler, então. Numa luta justa, homem a homem, acho que eu poderia subjugá-lo, mas ele tem uma espada e eu tenho apenas minha adaga de cabo curto. No lugar onde cresci, só os filhos de nobres aprendiam a duelar com espadas, e isso também não fez parte de meu treinamento como noviço dominicano. Aprender a lutar com punhos e faca tornou-se parte de uma educação necessária quando vivi como fugitivo na Itália, mas eu não poderia enfrentar um bom espadachim com uma espada de lâmina afiada.

Um pontinho de luz alaranjada oscila através do ar leitoso. Como a espada vem batendo e inspecionando aos poucos as tábuas, antecipo a descoberta de minha

pessoa rolando o corpo e dando um chute veloz para cima, visando à lanterna. Acerto o braço dele. Fowler pragueja mas não a larga. Ponho-me de pé e disparo por cima dos bancos de madeira, subindo para a fileira seguinte.

- Aqui! - chama ele, e vejo um segundo ponto de luz se deter na tribuna do lado oposto, depois começar a descer.

No entanto, o ruído de pés que ouvi antes vinha de cima, deste lado, mas não há tempo para pensar nisso agora, Fowler se desloca com agilidade por cima dos bancos, e mais de uma vez sinto o golpe de ar quando a espada dele corta a névoa a apenas centímetros de distância de mim. Desço outra vez até alcançar a mureta, pretendendo rolar por cima dela para cair na arena. Estou encurralado aqui, percebo, maldizendo minha própria estupidez. Vou ser obrigado a lutar contra os dois como os ursos que costumam ficar aqui, no meio deste círculo, presos à estaca, acuados por uma turba de cães ladrando que tentam atacá-los pelos lados. Apoio um pé no muro para pular para o outro lado, mas uma mão agarra meu manto e me puxa para trás. Perco o equilíbrio e caio por cima do muro na arena, batendo de lado com força. O piso é de areia e, apesar de estar sem fôlego, viro para cima ao mesmo tempo que ele salta por cima do muro e aterrissa a dois palmos da minha cabeça. Ele levanta a espada, eu cruzo os braços na frente do rosto e, naquele momento, esperando a lâmina descer, minha mente ganha uma lucidez repentina: sei com certeza que os mitos dos padres e pregadores não passam de histórias para crianças; que a morte, quando chega, não vem como um julgamento, mas como uma liberação; neste instante, vejo a mim mesmo como se estivesse numa fronteira entre dois mundos, no limiar do universo conhecido, pronto para ascender através das órbitas dos planetas em suas esferas, para o universo infinito além, com seus milhões de sóis, que Hermes Trismegisto chamava de Divina Mente. Vejo minha vida brevemente iluminada, e meu corpo relaxa para receber o golpe quando esse transe é interrompido por um assobio agudo, algo se movendo tão rápido que passa num borrão diante dos meus olhos, e por um uivo horripilante de Fowler, cuja espada cai da mão, esfolando minha perna quando ele tomba de lado apertando o braço.

Meu instinto retorna. Atiro-me em cima dele e o imobilizo. Uma seta de balestra se projeta de seu ombro. Ele berra por Douglas, mas a única resposta é um ruído frenético de passos correndo para a entrada. A outra lanterna está parada no chão, onde foi deixada. Fowler se debate, gemendo baixo e segurando o ombro, mas encosto minha faca na sua garganta e ele se deixa cair, o corpo frouxo. Ouço passadas nos degraus acima e depois o baque de alguém que pulou na arena. Levanto a cabeça e me sobressalto ao ver um rapaz alto vestido com um colete de couro sem mangas ajoelhar-se ao meu lado e examinar Fowler.

- Mirei na lanterna. Mas fiquei com medo de atingi-lo, senhor.

- Quem é você? - Quase não me atrevo a soltar o ar dos pulmões, minha faca ainda na garganta do escocês. A névoa suaviza os traços do estranho, fazendo-o parecer ainda mais jovem: deve ter uns 20 e poucos anos, com um queixo largo, a barba ainda rala.

- Tanner, senhor, Joseph Tanner. Às suas ordens. - Ele tira depressa o chapéu mole e o amassa na mão fechada. - Fui encarregado de vigiar o senhor. Disseram que tinha gente querendo matá-lo. E tinha mesmo. - Com a cabeça ele faz um gesto indicando Fowler, depois apanha a espada no chão de areia e a sopesa na mão, avaliando-a com olhar de entendido.

- Então você trabalha para Walsingham? - pergunto, enquanto a exaustão toma conta de mim e de repente estou congelando de frio.

- Sirvo Sir Philip Sidney, senhor - diz ele, ainda torcendo o chapéu nas mãos.

Fowler dá um grito estrangulado de dor entre dentes, e afundo meu joelho em suas costelas.

- Foi Sidney quem mandou você me vigiar? Quanto tempo faz que vem me seguindo?

- Desde a noite em que o senhor foi para Barn Elms, depois de ser atacado na estrada. Sir Philip mandou que eu prestasse atenção em quem tentasse segui-lo e nunca o deixasse desprotegido. Mas disse para só agir se eu achasse que a sua vida estava em perigo imediato.

- Por que você não se apresentou a mim?

O rapaz fica embaraçado.

- Sir Philip disse que o senhor poderia não gostar da idéia. Ele falou que o senhor é orgulhoso.

- Ah, ele falou isso, é?

Dou um sorriso. Parte de mim não gosta nem um pouco de Sidney decidir que não posso cuidar de mim mesmo e que preciso de um guarda-costas. A outra parte tem que admitir que, sem a intervenção do jovem Tanner, agora a espada de Fowler estaria atravessada no meu corpo.

- Ele também disse que era isso mesmo o que ele faria em pessoa pelo senhor, se não tivesse outros deveres. Tomar conta do senhor, quero dizer, como um amigo deve fazer.

- Vou agradecer a ele por isso. - Olho para Fowler e, mesmo com a fraca visibilidade, percebo que ficou muito pálido. Uma mancha escura se espalha pelo

tecido de seu gibão no ponto onde a seta lhe penetrou o ombro. - Este homem precisa de cuidados, Joseph. Temos que levá-lo para Whitehall.

Fowler se debate um pouco, mas sinto que está cada vez mais fraco. Não pode sangrar até morrer aqui ou perguntas demais vão ficar sem resposta - inclusive sobre o plano de assassinato no Dia da Ascensão, se ainda está de pé ou não, e quem pode ter sido incumbido de levá-lo a cabo. Tanner faz um gesto com a cabeça, concordando.

- Teremos que colocá-lo num barco, senhor. Nós dois juntos podemos carregá-lo até as escadas de Bank End, calculo.

Admiro o otimismo dele. Neste momento, não me acho capaz de carregar nem meu manto até o portão, mas me esforço para ficar de pé enquanto Tanner levanta Fowler, o que provoca mais queixas, porém suas lamúrias agora são mais fracas. O corpo dele está mole nos nossos braços, e mais pesado por causa disso, pois precisamos fazê-lo passar por cima dos portões por onde entramos. Ao curvar minhas costas para apará-lo enquanto Tanner o levanta do lado de dentro, vejo-me esquadrinhando as sombras líquidas dos dois lados caso Douglas possa estar em algum lugar ali por perto, esperando para agir.

- Havia mais um - diz Tanner, em tom de desculpas, enganchando o braço bom de Fowler em torno do pescoço e arrastando-o na direção do rio. - Não consegui detê-lo, senhor. Ele fugiu e achei mais importante me certificar de que o senhor estava bem. Este aqui é que estava com a espada.

A espada que agora carrego, estranhando o peso em minha mão, mas me sentindo muito mais seguro do que quando vinha para cá. Quem sabe eu possa aprender a usá-la, penso, sentindo-a cortar o ar quando curvo a mão para baixo devagar. Se vou continuar a serviço de Walsingham, seria útil. Ao chegarmos à escadaria, enquanto desço para chamar um barqueiro, mais uma vez me admiro com as reviravoltas inesperadas de minha vida. E eu que pensava que minhas ferramentas seriam apenas tinta e papel... Quando o barco chega ao cais, já estou plenamente convencido de que Douglas não pretendia voltar para ajudar seu companheiro de conspiração. O homem que deixou apenas os sapatos junto ao cadáver de lorde Darnley escapuliu mais uma vez para as ruas envoltas em nevoeiro, fora de alcance.

Três guardas armados usando as cores do palácio patrulham o desembarcadouro da Privy Bridge fora de Whitehall. Quando nosso barco se aproxima, eles apontam suas lanças para nós e perguntam a que viemos. Tanner declara ser um dos homens de Sir Philip Sidney e diz que temos urgência de falar com lorde Burghley. Ele é autorizado a desembarcar e conversa em voz baixa com um dos guardas enquanto os outros nos olham com desconfiança, eu com a espada desembainhada no colo escorando Fowler, que ainda está com a seta espetada no

ombro. Aparentamos ter saído de alguma escaramuça. Pressionei o ferimento de Fowler com a barra de meu manto a fim de estancar o sangue. Não sou médico, mas não acho que o ferimento seja grave a ponto de ameaçar sua vida. No píer, vejo o guarda levantar a lanterna quando Tanner tira um medalhão preso a uma corrente que traz ao pescoço. Deve ter alguma insígnia, porque parece satisfazer o guarda, que cochicha algo rapidamente a seus companheiros e faz um sinal para Tanner segui-lo e entrar pelo portão. Esperamos em silêncio. A cada ondulação das águas do rio, o barco balança e bate nas estacas do cais. O barqueiro me interroga com o olhar e resmunga sobre o tempo perdido. Entregolhe outra moeda para que fique quieto. Os dois guardas restantes nos vigiam, apoiados em suas lanças. Fowler muda de posição com um gemido baixo.

- Isso vai ser interessante para as relações diplomáticas com o rei Jaime quando a rainha souber de sua conspiração - digo em voz baixa, quebrando o silêncio. - Vocês pensaram nisso?

- Não sei do que você está falando - retruca ele, com voz áspera. - Tudo foi feito em nome de Maria Stuart. Ela está por trás dessa conspiração. Que provem o contrário. Onde estão as provas?

O rosto se abre num sorriso, fraco mas cheio de confiança. Ele pensa que seu plano ainda está intacto.

- Acha que Walsingham não o fará repetir o que me disse uma hora atrás?

- Ele pode tentar. Mas morro com o nome de Maria Stuart em meus lábios. Agora você não pode mais deter o desenrolar dos acontecimentos. E quanto a *você*, meu caro... - ele faz uma pausa, engolindo com dificuldade e depois passando a língua nos lábios ressecados - é melhor dormir com um dos olhos abertos a partir de agora. Archie Douglas não gosta de deixar assuntos por resolver.

Ele tosse e um fluxo de saliva branca escorre do canto de sua boca. Passos fazem ranger o desembarcadouro conforme o madeiramento vai se curvando ao peso dos recém-chegados: Walsingham com mais quatro homens armados, seguidos por Tanner. O ministro de Estado usa um manto forrado de pele que farfalha e se enrola nas suas pernas quando ele para abruptamente perto do barco e olha para baixo, o semblante impenetrável. Por um momento, ele não fala, simplesmente olha para Fowler com a mesma expressão imutável.

- William.

Na voz, ouve-se tudo o que o rosto não mostrará: arrependimento, raiva, decepção, traição - e irritação consigo mesmo pelo fracasso de seu discernimento.

- Sir Francis - retruca Fowler, a voz tão fraca que mal se ouve, mas com um inconfundível traço de sarcasmo.

- Ele está ferido - eu digo.

Walsingham faz um gesto breve com a cabeça.

- Tragam-no para cima. E cuidado com o braço dele - ordena aos guardas, a voz seca.

Um deles se adianta para o barco e, nesse instante, Fowler se senta, me dá um forte empurrão no peito, fazendo com que eu tombe de costas no fundo do barco, e se atira por cima da borda, levantando uma onda de água gelada que se espalha atrás dele. Os guardas se entreolham aflitos. Com suas armaduras, nada podem fazer. Um começa a desafivelar seu peitoral. Esquadrinho a água escura para todos os lados até onde consigo enxergar, mas Fowler desapareceu.

- Levante sua lanterna! - grita Walsingham para o barqueiro, correndo até a ponta do cais. Quase mais rápido do que um pensamento, relanceio os olhos para ele lá em cima, solto a presilha de meu manto, fecho bem os olhos e mergulho atrás de Fowler.

Mais uma vez, o choque do frio me corta a respiração e, enquanto bato as pernas para voltar à superfície, levo um instante para me reorientar.

- Ali! - chama o barqueiro, pendurando-se de modo instável na borda com a lanterna no alto e apontando. Viro-me, abrindo a boca para respirar, e vejo através dos véus esbranquiçados da neblina uma forma negra lustrosa surgir na superfície da água a uma pequena distância rio abaixo. Precipito-me para ele. Apesar de estar sendo carregado pela correnteza, não pode fazer grandes progressos com a seta ainda cravada no ombro, mesmo que estivesse exagerando sua fraqueza. Com umas poucas braçadas, quase o alcanço. Ele parece esmorecer e sua cabeça começa a afundar. Enchendo meu peito de ar, mergulho atrás dele. Lá, na escuridão silenciosa em torvelinho, minhas mãos tateiam cegamente e entram em contato com algo sólido. Dedos se fecham em meu braço. Luto para ir à superfície, mas ele segura bem minha manga e não solta, e seu peso é maior do que o meu. Esforço-me para passar um dos braços por baixo de seu ombro, batendo as pernas e pés loucamente para fazê-lo subir comigo, mas sua outra mão me prende como uma garra e me dou conta, tarde demais, de que ele não estava tentando fugir mas sim escapar à punição à qual o entreguei - estava querendo proteger seus segredos do interrogatório dos especialistas de Walsingham levando-os consigo para o fundo do rio. Talvez tenha até previsto que eu me lançaria impetuosamente atrás dele. Sua mão apalpa meu rosto. Ele não quer que nenhum de nós dois alcance o ar novamente. Debato-me contra ele e minha mão se choca com a haste de madeira da seta da balestra, que ainda se projeta de seu ombro. Torço-a com força para um lado, a mão dele se solta e dou um impulso vigoroso com as pernas, chegando à superfície quando meus

pulmões começam a arder. Aspirando com força, engulo uma grande quantidade da água imunda do Tâmis e engasgo violentamente. Receio afundar outra vez, mas algo vem bater em meu ombro e eu o agarro em desespero com a mão direita, a esquerda ainda segurando um pedaço da roupa de Fowler, que vai sendo puxado para o fundo por seu próprio peso.

- Pegue aqui! - grita uma voz, e pisco para enxergar o barco, agora com dois guardas no leme. É um dos remos que eles estendem para mim. Minha mão escorrega, mas ele consegue me fazer chegar perto do barco o suficiente para agarrar as costas do meu gibão; os dois me içam por cima da borda feito um peixe que se tira da água, e me dobro em dois, tossindo e expelindo a água.

Não consigo fazer minha voz me obedecer, meus dentes batem demais; então aponto freneticamente para a água, que um dos guardas sonda sem sucesso com o remo. Jogo-me para a frente. Eles não podem desistir agora, Fowler não pode triunfar por ter escolhido seu meio de escapar. Deixei muitas provas vitais me fugirem das mãos enquanto o perseguia, e ele não vai me privar dessa última. Meio enlouquecido de raiva, estou quase me jogando na água de novo, mas o guarda que me resgatou segura meu braço com firmeza, e quase ao mesmo tempo seu companheiro grita e a luz ondulante se espalha sobre uma forma negra que surge boiando. Fowler, apesar de todo o seu empenho, veio mais rápido à tona do que previa. Os guardas levam o barco para perto e se debruçam para apanhar o fardo encharcado, quase virando a pequena embarcação no processo.

- Está morto? - consigo perguntar afinal.

- Não sei. Sente-se - diz um deles, que pelo jeito já lidou antes com casos assim. Ele deita Fowler de costas e pressiona várias vezes seu estômago com força. Não há reação. O guarda se inclina mais, tenta de novo e apruma o tronco do homem quando seus lábios produzem um débil borbulhar, seguido por um fluxo de vômito aguado. Quando o outro guarda, remando contra a correnteza, nos faz chegar de volta ao cais, já vejo com satisfação que Fowler ainda está preso a este mundo por um fio tênue. Os guardas o transportam para cima das tábuas de madeira do cais e depois o carregam. Walsingham lança-lhe um olhar superficial quando eles passam.

- Está vivo?

- Sim, Excelência.

Ele balança a cabeça e então me estende a mão protegida pela luva de couro. Tremendo, piso no cais e minhas pernas se dobram sob o corpo. Walsingham se agacha a meu lado e pousa a mão no meu ombro.

- Se eu não soubesse que isso é impossível, Bruno, seria capaz de jurar que você fez um pacto com o próprio diabo. Você é indestrutível. Mas acho que o diabo

não teria coragem de fazer essa aposta. Teria medo de você ser mais esperto que ele.

Tento responder, mas estou tão gelado que não consigo controlar as intensas convulsões que me sacodem o corpo. Walsingham sorri e dá um aperto paternal em meu ombro.

- Ah, sei que você não acredita no diabo, assim como não acredita em Deus - sussurra ele. - Você trabalhou bem, Bruno, mais uma vez. Vou colocá-lo aos cuidados do conde de Leicester e, quando estiver aquecido e descansado, vou escutar essa história.

Ele se põe de pé, mas puxo seu manto e faço-o voltar.

- Acredito no mal - consigo articular entre dentes quando o rosto dele está ao lado do meu.

Ele balança a cabeça uma vez, levanta-se e vai embora. Um guarda com um archote estende a mão para me ajudar a levantar, passa meu braço dormente por cima de seus ombros e me leva para dentro do palácio.

Capítulo 18

Mortlake,

1º de novembro do ano do Senhor de 1583

EM MORTLAKE, AS ÁRVORES e as cercas vivas à margem do rio estão prateadas de geada, imóveis como cenários pintados de um teatro, sob o duro céu azul. Sinto o caminho que sai dos degraus do rio quebradiço sob meus pés, o gelo da noite tendo enrijecido a lama encaroçada da trilha, como se todas as marcas tivessem sido talhadas em granito cintilante. O sol está baixo mas brilhante, roçando na paisagem e no telhado torto de John Dee com reflexos de ouro pálido. Mas, ao passar pelo portão, sinto meu coração pesado, e, quando Jane Dee abre a porta da frente para mim, vejo que andou chorando. Ela me abraça rapidamente e depois faz um gesto com a mão por cima do ombro.

- Tente chamá-lo à razão, Bruno, porque eu não consigo. - As palavras saem entrecortadas, cheias de emoção contida.

Hesito, mas concluo que talvez seja melhor não lhe perguntar nada ainda.

O laboratório parece despido. Hoje, nada respira, nada borbulha nem cheira mal, nem produz fumaça, e vários destiladores foram esvaziados e desmontados. Dee está de pé junto à sua bancada de trabalho, jogando livros a esmo dentro de um baú aberto. Pigarreio, ele levanta a cabeça e seu semblante se abre num largo sorriso de orelha a orelha.

- Bruno!

Ele salta por cima de um caixote cheio de garrafas de vidro, que tilintam de modo alarmante quando seu pé esbarra nelas, e me dá um abraço apertado.

- Você está de bom humor - observo, esperando não ter falado num tom amargo demais.

- Como não poderia estar, meu amigo? - Ele me segura os ombros e me encara, os olhos brilhando. - Boêmia, Bruno. Pode imaginar? Praga! Nem você foi a Praga em suas muitas viagens. Vou para a corte de um imperador filósofo, que também busca verdades escondidas, um lugar onde os que procuram os conhecimentos antigos não escritos nos livros dos fundadores da Igreja não são perseguidos e condenados, mas reverenciados e incentivados! - Ele dá uma sacudidela em meus ombros, como se isso tornasse sua visão mais clara. - O imperador Rodolfo é o governante mais esclarecido da Europa. Dizem que sua corte

é repleta de raras maravilhas. Pombos de madeira que voam realmente e...

- Você não é obrigado a ir - interrompo. - Henry Howard está em prisão domiciliar e logo será transferido para a Penitenciária Fleet. Fowler está preso como suspeito da autoria dos crimes da corte. Dee, seu nome agora está limpo.

- Não é tão simples assim, como deve saber. - Ele baixa os olhos, pesaroso.
- Ontem recebi a visita do secretário do conde de Leicester.

- O que ele queria?

- Trouxe-me um presente da rainha. Quarenta anjos de ouro, acredita?

- Então você ainda conta com as boas graças dela! - digo, animando-me.

- Dela, sim. - Ele puxa a barba. - Mas não do Conselho Real. Foi um presente de despedida, Bruno, e eu seria um tolo se o considerasse outra coisa além disso. Uma prova da estima dela, sim, mas também uma forma de me agradecer por tornar mais simples sua conduta a meu respeito ao partir sem alvoroço. Depois desse problema recente na corte, Burghley vai preparar mais leis contra astrólogos e os que dizem fazer profecias e revelações, e ela não poderia mais continuar a me apoiar publicamente. Estou com 56 anos... não é uma oportunidade extraordinária para mim? - Ele dá à voz outra vez um tom de entusiasmo forçado.

- Mas e quanto a...? - Aceno vagamente com a mão ao redor do quarto. E quanto a mim, é o que quero de fato dizer, e me repreendo por ser tão egoísta. A perspectiva de Londres sem Dee, agora que Sidney também ficou tão distante, é desoladora para um herege estrangeiro no exílio. Vendo o laboratório dele despojado assim, os livros no baú, percebo quanto vou sentir sua falta. - ... todos os seus livros? - concluo, de modo pouco convincente.

- O irmão de Jane virá morar aqui e cuidar da biblioteca - diz ele, com ar despreocupado. - Claro que você pode vir usá-la sempre que desejar, Bruno, não se preocupe com isso.

Sou tentado a perguntar a ele se Jane também encara isso como uma oportunidade extraordinária, a de ter que desenraizar sua família e atravessar metade da Europa com duas crianças pequenas. Pela cara dela, sei a resposta - mas não sei o que ela espera que eu diga. Dee tem razão: os rumores que ainda persistem sobre os crimes na corte, a inquietação a respeito das profecias - tudo isso precisa ser suprimido pelo governo para que a ordem se restabeleça. Que outra escolha ele tem? Meu amigo iria estar automaticamente do lado errado das novas leis, por isso Elizabeth o está banindo sutilmente para salvar sua vida e reputação. E louvável que ele esteja tão determinado a encarar esse banimento como um novo recomeço. E é o que venho tentando fazer nos últimos sete anos, embora isso se torne mais difícil a

cada ano que passa. A idade e a distância trazem uma saudade de casa que nem toda a liberdade de que desfruto na Inglaterra - ler, escrever e publicar sem medo da Inquisição - pode compensar inteiramente.

- Venha - diz Dee, chamando-me ao seu gabinete particular, onde vi Ned Kelley inventar as palavras apocalípticas dos espíritos. Aqui também a parafernália de Dee relacionada à magia está sendo empacotada e encaixotada para viagem. A bola de cristal e os sinetes estão num escrínio ornamentado embrulhado no lenço de seda vermelha, os cadernos e os diários estão empilhados ao lado.

- Conte-me, então - diz ele, batendo de leve na tampa de uma das arcas e fazendo sinal para que eu me sente ali. - Acusaram Howard?

- Ele ainda está sendo interrogado. Só o que têm contra ele é o mapa dos pontos seguros de desembarque e a lista de nobres católicos, os documentos encontrados com Throckmorton quando ele foi interceptado na estrada. Querem alegar que a letra é de Howard, mas ele nega, é claro. E a rainha está preocupada em proceder com cuidado com ele. - Essa cautela de Elizabeth é fonte de grande ansiedade para mim, muito embora eu não conte isso a Dee. A recusa dela em permitir que Howard seja submetido ao que prefere chamar de "interrogatório rigoroso" deixou tanto Dee quanto o Conselho Real num impasse, e, caso ele não seja formalmente acusado de crime de traição, há grande probabilidade de ela preferir libertá-lo para apaziguar seus súditos católicos. Se isso vier a acontecer, não tenho dúvida de que ele não vai demorar a me procurar.

- Mas com certeza eles deram buscas em Arundel House? - Dee continua a andar de um lado para outro, apanhando objetos, mudando-os de lugar, pelo jeito desorientado entre seus pertences parcialmente empacotados.

- De cima a baixo, de acordo com o que Walsingham me contou. - Fico hesitante. - Eles não encontraram o livro, John. Ele teria comentado caso o tivessem achado, tenho certeza.

Dee sacode a cabeça, tristonho.

- E pensar que você o teve nas mãos. Escute, enquanto eu estiver na Boêmia, Bruno, vou procurar todos os tratados, todos os manuscritos e panfletos em antiquários sobre criptografia que puder encontrar. Vou consultar os sábios mais renomados do imperador Rodolfo. E nesse ínterim você precisa conseguir reaver o livro - diz, e aponta um dos dedos para mim.

- Não havia nada que incriminasse Philip Howard quando vasculharam a casa de Throckmorton - digo. - O conde e a mulher foram sensatos e se afastaram da corte até o destino de Howard ser decidido. Aposto que antes de ser preso Henry

pediu ao sobrinho que guardasse o livro.

Dee põe a cabeça de lado e reflete sobre isso.

- Bem... você tem essa missão enquanto eu estiver fora. - E sorri com ar triste. - Throckmorton vai ser enforcado, suponho? E Fowler?

- Quando terminarem com ele na Torre - respondo, e ambos ficamos em silêncio.

Fowler, fiel à sua palavra, nada confessou. Os torturadores mais hábeis da Torre não conseguiram fazê-lo repetir a bravata que me fez naquela taberna de Southwark. Como precaução, Walsingham vai realizar uma missão diplomática na Escócia depois do Dia da Ascensão, na esperança de afastar o jovem rei Jaime das facções rivais de conselheiros e persuadi-lo de que relações pacíficas com Elizabeth serão mais benéficas para seu reino. Por enquanto, todas as energias do Conselho Real estão empenhadas em descobrir se mais alguém pode ter assumido posições na suposta conspiração de assassinato do Dia da Ascensão.

- Este país - começa Dee, depois abre as mãos como se não encontrasse as palavras. - Quando eu tinha a sua idade, Bruno, acreditava que Elizabeth Tudor nos libertaria das superstições e da tirania de Roma. Entretanto, quando vejo o que eles se dispõem a fazer para preservar essa liberdade, sinto-me obrigado a questionar o que lucramos. Walsingham diria que não se pode defender o bem de muitos sem derramamento de sangue, mas eu não sei. - Ele suspira. - Só posso dizer que não sinto pena de deixar esta ilha para trás por algum tempo. A não ser pelo fato de que vou sentir falta de nossas conversas, meu amigo.

- E eu também - digo, comovido. Tenho vontade de falar mais, de contar que ele se tornou como um pai em meu exílio, mas neste momento percebo um movimento às minhas costas e vejo-o lançar um olhar fugaz por cima de meu ombro para a entrada. Ele sacode a cabeça, reconhecendo a pessoa. Viro-me e de repente não acredito no que meus olhos veem, pois lá está Ned Kelley, um lenço vermelho puído amarrado no pescoço e um caixote de livros nos braços.

- Este aqui já está pronto para viagem - diz ele. - Oh, olá, Dr. Bruno. Como vai sua cabeça? Soube que levou um bom golpe. - E arreganha um sorriso malicioso, mostrando os dentes tortos.

- Seu desgraçado. - Fervo de raiva. Corro para ele e o agarro pela frente da camisa, e ele deixa o caixote cair, fazendo os livros rolarem pelo chão. Giro o braço para trás e Kelley berra alguma coisa, mas é a mão de Dee que se fecha em meu punho cerrado antes que eu acerte na cara debochada do vidente.

- Calma, Bruno, compreendo seus sentimentos. Mas Ned e eu passamos

muitas horas analisando tudo o que se passou entre nós e ele está arrependido.

- Arrependido? - Largo Kelley e me viro para Dee, incrédulo. - Ele vendeu você! Aceitou dinheiro de Henry Howard para destruí-lo... e você ainda o deixa entrar em sua casa? Em nome de Deus, John, você perdeu o juízo?

- Bruno. - A voz soa triste e doce como nunca. Ele pousa a mão no meu braço. - Ned estava muito influenciado por aquela mulher. Agora que ela se foi, voltou a ser ele mesmo, e eu o perdoei, como faria com um filho pródigo. Acho que você pode compreender quanto um homem pode desviar sua consciência do que é certo por causa dos encantos femininos.

- Foram os encantos da bolsa de Henry Howard, e você sabe disso.

Sacudo a mão dele de meu braço. Então era isso o que Jane queria dizer com chamá-lo à razão. Todo o afeto que senti por Dee momentos antes parece ser abafado pela fúria que me invade ao ver sua confiança obstinada em Kelley.

- E ele tentou me matar enquanto você estava no palácio. Jogou uma pedra na minha cabeça. - E esfrego minha têmpora, agora curada, mas com uma cicatriz vermelha em curva.

- Isso é uma calúnia - diz Kelley, recuando e saindo do meu alcance. - Você não tem como provar.

- Você está tão iludido assim? - digo, virando-me para Dee. - Ele não tem dom nenhum, John. Não sabe nenhuma língua especial para falar com espíritos. Não passa de um charlatão de espetáculos itinerantes de feiras. Eu vejo isso, sua mulher também, por que você não consegue?

Eu não pretendia levantar minha voz para ele, que ficou magoado, e ao mesmo tempo estou cheio de remorso e satisfeito. Não quero fazer disso minha despedida, mas não posso me desculpar pelo que sei que é verdade.

Kelley se abaixa para apanhar os livros que caíram e tira a poeira deles.

- Vamos levar todos estes, senhor?

- Não sei. - Dee passa o dorso da mão pela testa. Sua animação parece ter se evaporado e ele fala com um ar cansado e confuso. - Ponha-os em cima da mesa, Ned, vou examiná-los daqui a pouco. Pode nos deixar a sós agora?

Kelley sacode a cabeça e sai depressa, com um último sorriso triunfante para mim. Encaro Dee.

- Vai levá-lo com você?

- Vou. Ah, não revire os olhos para mim assim, Bruno. Ned tem um temperamento inconstante. Isso tem a ver com seu dom. Mas ele confessou sua

falcatrua e cortou todos os laços com Howard e Johanna. Agora ele está decidido a continuar nosso trabalho anterior. Diz que está canalizando uma energia renovada dos espíritos, que estão ansiosos para se comunicar.

- A única coisa que ele está canalizando é a pressa de sair da Inglaterra antes que seja preso por causa de suas dívidas - digo, cheio de veneno.

- Ah, meu caro Bruno, acho que nunca vamos estar de acordo no que se refere a Ned, mas não nos separemos desse jeito - diz ele, e percebo que não vou fazê-lo mudar de opinião. - Tenho um presente para você. - Remexe no meio dos papéis em sua escrivaninha e tira de lá um volume lindamente encadernado em pele de bezerro, que me entrega quase timidamente. Abro-o para examinar a guarda e descubro que se trata de um exemplar de *Comentários*, de Erasmo, o mesmo livro que fui obrigado a jogar na latrina na noite em que tive que fugir do mosteiro em Nápoles, sete anos antes. Dee sempre gostou dessa história e costumava pedir que eu repetisse.

- Achei que você deveria ter sua própria edição - diz ele, sem me fitar. - Não é proibido aqui. Cuidado para não deixá-lo cair na latrina.

- É lindo.

Acaricio a capa e dessa vez sou eu quem tem que desviar o olhar, para que ele não veja minhas lágrimas. A porta, viro para olhá-lo ali, entre os instrumentos de sua mágica, a barba comprida iluminada pela luz do sol que entra pela janela, e penso que desejaria ter o talento da pintura. Eu o representaria assim, como está agora - teimoso, desorientado, um pouco triste e mais sábio do que a maioria - para o caso de nunca mais vê-lo nesta vida.

No vestíbulo, Jane me abraça outra vez. O pequeno Arthur se pendura em sua saia.

- Devo realmente amar John, Bruno, senão por que agüentaria tudo isso?

- Kelley ainda pode cair do navio no mar durante a viagem, quem sabe - digo.

Ela ri e enxuga uma lágrima com as costas da mão antes que escorra.

- Pode ser, se eu tiver alguma coisa a ver com isso. - Faz uma pausa, torcendo o avental nas mãos. - Vá com Deus, Bruno. Você é um bom homem, só Deus sabe como há poucos assim.

- Cuide do que está sob a sua guarda, então - digo, com uma reverência. - E crie bem esse rapazinho. - Arrepio os cabelos de Arthur e ele se esconde atrás da mãe, dando risadas.

- E você, tente não se meter em encrencas.

- Quem dera eu soubesse como. Não procuro o perigo, Jane: é ele que me persegue.

Ao dizer isso, lembro a advertência de Fowler sobre Douglas, que me vem à cabeça toda noite quando me deito para dormir. Os crimes foram solucionados e a invasão impedida, mas o perigo não passou. Fico ruminando se algum dia vou saber o que é viver sem o medo de ter uma faca no pescoço, mas digo a mim mesmo que nem a rainha da Inglaterra conhece essa paz. Esta é a natureza da nossa época, e não é preciso nenhuma profecia antiga nem conjunção de planetas para explicá-la.

Epílogo

Palácio de Whitehall, Londres

17 de novembro do ano do Senhor de 1583,

*Vigésimo quinto ano da Ascensão de Sua Majestade
Elizabeth Regina ao Trono da Inglaterra*

O ESTANDARTE REAL É ERGUIDO até o topo do mastro. Por um instante, ele tremula fortemente à brisa, vermelho e dourado contra o azul esmaecido do céu, e ouve-se a multidão inteira prender a respiração. O tempo parece ter parado, há destinos em jogo - até que o estandarte desce e, de cada uma das extremidades da arena, cresce o ruído dos cascos e um borrão de cores primárias quando os competidores vêm galopando a toda velocidade um contra o outro, a plumagem rebuscada de seus elmos e arreios correndo atrás deles. Preparo-me para o momento do impacto - nunca aprendi a gostar disso como um esporte, embora hoje, excepcionalmente, esteja inclinado a me deixar arrebatado pela comemoração coletiva, pela pompa, pela atmosfera quase histórica de adulação à mulher que se senta acima da cena do combate, em sua tribuna voltada para a arena, a cabeça apequenada por uma enorme e rígida gola de renda. De nossos lugares nas arquibancadas, cada um dos movimentos dela é uma dispersão de luz quando suas jóias cintilam ao sol. A meu lado, Castelnau também está tenso: o cavaleiro mais próximo de nós, sua montaria ataviada com um traje quadriculado azul e branco, levanta o escudo com habilidade para se esquivar da lança de seu oponente. Ouve-se um estalo nauseante quando o outro é atingido diretamente no ombro. Durante alguns momentos aflitivos, ele tenta se manter na sela, mas o impacto é forte demais e ele tomba de costas, aterrissando com um rangido metálico na areia. Irrompe uma onda estrondosa de aplausos. Nós, os espectadores, nos levantamos, aclamando e batendo os pés, de tal modo que as arquibancadas de madeira sacodem precariamente sob nós. O cavaleiro vitorioso diminui a marcha de seu cavalo e o refreia ao fazer a volta, trotando displicente pela arena antes de remover o elmo e se curvar numa profunda reverência à rainha, ainda montado em sua sela. De algum ponto mais a leste, um dobrar de sinos de igreja se une à cacofonia. Olho para a janela da tribuna. Estamos longe demais para ver o grupo real em grandes detalhes, embora, sendo um dignitário estrangeiro, Castelnau tenha recebido bons lugares para o torneio. Mas consigo distinguir Elizabeth no centro, rodeada por suas damas de

honra, todas vestidas de branco. Abaixo minha cabeça por um instante e fecho os olhos, não em oração, mas numa homenagem silenciosa a Cecily Ashe. Se sua consciência não tivesse triunfado sobre sua paixão pelo homem que acreditava ser o conde de Ormond, a dinastia Tudor poderia ter acabado esta manhã. E, creio, se nunca tivesse encontrado Fowler, se não tivesse alimentado um rancor passageiro de menina contra a rainha, se ele tivesse sido menos persuasivo ou ela mais cautelosa, poderia estar sentada agora com seu vestido branco ao lado de Elizabeth. Abigail Morley também, se não tivesse sido confidente de Cecily, se nunca tivesse me conhecido ou me entregado o anel, poderia estar batendo palmas e gritando de alegria na tribuna com as outras moças. "Se", sempre o "se".

Correndo os olhos pela grande multidão na arena de justas, penso com meus botões se alguém mais já reparou na quantidade de guardas armados em meio aos arautos, aos membros das guildas em seus fardamentos com as cores próprias, aos conselheiros municipais e advogados em suas togas características, aos bispos e nobres em seus ricos trajes atrás da rainha, emoldurados em correntes de ouro. Nesse último mês, os fiscais alfandegários de todos os portos da costa sul ficaram ocupados detendo jovens ingleses e escoceses vindos da França ou dos Países Baixos. Um que foi pego tentando passar com uma pistola carregada pela alfândega em Rye também trazia relíquias católicas escondidas em seus pertences, mas o obstinado silêncio de Fowler persiste até na Torre, portanto não há como ter certeza se ele estava blefando sobre um assassino substituto ou se, agora mesmo, uma figura sombria está se movendo entre os milhares de espectadores, ou aguardando pacientemente no meio dos milhares de londrinos reunidos por trás das paliçadas que foram erguidas ao longo de toda a Whitehall e a Strand, por onde a rainha irá desfilar em cortejo após as justas para ouvir um sermão em St. Paul. Ela pode se portar com mais cortesia e dignidade do que nunca, mas, para Walsingham, Burghley e Leicester, enquanto não for levada em segurança para seus aposentos à noite, este dia será um dos mais preocupantes que já viveram. Walsingham suplicou-lhe que desistisse do desfile público, mas ela insistiu que seu povo precisa vê-la, radiante, orgulhosa e forte, sem ser intimidada por ameaças, sejam elas de planetas ou de católicos.

Descemos das arquibancadas, algo penoso entre tantos convidados, todos competindo para ir ocupar seus lugares ao longo do caminho junto a Holbein Gate para melhor avistar a rainha quando ela iniciar seu desfile.

- Marie teria gostado disso - comenta Castelnau, quando avançamos em lento progresso, arrastando os pés, comprimidos de todos os lados por cidadãos eminentes envoltos em suas peles.

- O senhor deve sentir falta dela - digo. Estamos tão perto um do outro no meio da massa humana que sinto seu tronco subir e descer quando ele suspira.

- Foi melhor para todo mundo ela voltar a Paris. Quando prenderam Throckmorton e Howard, eu sabia que estariam batendo na nossa porta em seguida. Achei que teria melhor chance de manter a embaixada livre de suspeita se Marie não fosse interrogada. - Além do mais - ele relanceia o olhar em torno e baixa a voz -, minha mulher tem estado ausente para mim há muito tempo, debaixo ou não do mesmo teto. Foi um erro trazê-la para cá. Não duvido de que existam outros em Salisbury Court que sentem a ausência dela mais intensamente do que eu.

Espio por cima do ombro para onde está Courcelles, que vem mais atrás devagar, separado de nós na aglomeração por um punhado de gente. Ele percebe e me lança o olhar zangado, desafiador, que se tornou sua expressão permanente desde que Marie partiu. Imagino se Castelnau tem noção de que despachou a mulher direto para os braços do duque de Guise, cujas ambições, estou certo, foram contrariadas apenas temporariamente. Seria capaz de apostar que Courcelles sabe muito bem disso e se tortura todos os dias com esse pensamento.

- Ainda assim, tivemos sorte, Bruno - diz Castelnau, como se quisesse se convencer. Minha entrevista com Francis Walsingham foi o momento mais desagradável de minha carreira, não me acanho de lhe dizer. Como eu temia, parece que estavam vigiando os movimentos de Throckmorton havia algum tempo, e não sabemos ainda quanto da correspondência que ele transportava foi interceptado. Mas até agora não fui diretamente acusado de nada. Tenho a impressão de que escapei por pouco - acrescenta ele, e ouço o tremor em sua voz.

Mais do que ele imagina, penso. Quando Throckmorton foi preso, além do mapa de locais seguros para desembarque e a lista de nomes, ele também levava a última e irrefletida carta de Castelnau a Maria Stuart, na qual o embaixador reafirmava sua lealdade à causa dela contra as acusações de Howard. Foram só meus argumentos a Walsingham em favor dele e a relutância da rainha em criar uma tempestade diplomática com a França que livraram Castelnau de repercussões mais graves.

- Maria Stuart sempre foi inteligente o bastante para jamais fazer de seu próprio punho nenhuma referência direta à trama para libertá-la - eu o tranquilizo. - Deixe-os concluir que a coisa toda foi uma fantasia irresponsável arquitetada pelos partidários dela em Paris. Se tivessem alguma coisa contra o senhor, a esta altura já a teriam usado.

O embaixador sacode a cabeça, os lábios pressionados numa linha branca.

- Eles mal começaram com o pobre Throckmorton. Nem gosto de pensar o que estão fazendo com ele, e o que mais pode surgir. Se o rei Henrique for metido nisso, Bruno, já imaginou as consequências?

Posso bem imaginar as conseqüências de o rei francês descobrir por intermédio da rainha da Inglaterra que seu embaixador estava envolvido numa conspiração do duque de Guise para derrubá-la. Mas nesse caso o rei Henrique ficaria totalmente ocupado com as intenções do duque de Guise a respeito de seu próprio trono, reflito.

Bato de leve no ombro de Castelnau e murmuro palavras de confiança.

- Tudo isso porque não sei dizer não para minha mulher - queixa-se ele com amargura.

Poderia dizer a ele que está longe de ser o único a ter essa fraqueza, mas duvido que isso servisse de muito consolo.

- Ela achava que fosse você, sabe... - acrescenta, voltando-se para mim.

- Achava que fosse eu o quê?

- O traidor em nosso meio. Ela e Courcelles foram categóricos em afirmar que foi você quem nos traiu. Mas sabe o que eu lembrei a eles?

- O quê? - Procuro manter meu rosto o mais neutro possível.

- Onde está Archibald Douglas? Hein? - Ele me acotovela, satisfeito com seus próprios poderes de dedução. - Ninguém o viu ou ouviu falar dele desde as prisões. Aí está a resposta, bem na nossa cara. E ele é justamente o tipo de homem cuja lealdade pode ser comprada por um xelim. Não acha?

- Sem dúvida.

- Não, nunca confiei nele. Veja bem, aí está William preso sob suspeita dos assassinatos dessas moças na corte, embora eu não consiga imaginar como chegaram a essa conclusão. Sempre o achei um homem tão ponderado. E quem sabe o que ele pode vir a contar sob tortura. - Ele contrai o rosto. - Não vou me sentir a salvo de acusações na Inglaterra por muito tempo, Bruno. O que, presumo, seja o preço de uma consciência culpada. Mas lhe digo uma coisa: nunca mais vou me envolver ou à embaixada de Sua Majestade em atividades secretas dessa natureza, não importa quem tente me convencer. - Ele suspira. - Às vezes me pergunto se é possível realmente saber qual é a verdade da mente de outro homem por trás do rosto que ele mostra.

Murmuro algo em assentimento e viro meu rosto de lado para não ter que encontrar seu olhar.

Quando chegamos perto do fim da arena de torneios, começa a haver empurrões e a multidão se acotovela. As pessoas se aborrecem e reclamam quando alguém tenta abrir caminho à força para chegar ao portão. Quando ele nos alcança, vira-se e vejo que se trata de Mendoza, o embaixador espanhol, com o rosto duro

como granito por trás da barba preta. Ele aponta um dedo cabeludo em riste que quase encosta no rosto de Castelnau.

- Meu soberano está furioso - dispara, entre dentes.

Castelnau apruma o corpo com dignidade.

- Quando é que ele não está?

- Fui intimado - Mendoza abaixa a voz mais ainda, o esforço de reprimir sua ira fazendo seu rosto ficar cinzento -, eu, dom Bernardino de Mendoza, fui intimado a comparecer diante de uma comissão de Conselheiros Reais para prestar contas de meus atos como se fosse um menininho! Você também foi?

- Ainda não - responde Castelnau, inalterável, enquanto atravessamos o portão e saímos na rua, onde funcionários e mais guardas armados nos fazem formar filas ordenadas para passar por baixo da Holbein Gate para um local atrás das paliçadas.

- A rainha acusa o rei Filipe de conspirar contra ela - continua Mendoza. - Não percebe que posso ser expulso por causa disso?

- Assim como eu.

- Mas não vejo você ser interrogado. E no entanto foi alguém em Salisbury Court que nos traiu contando nossos planos para Walsingham.

- Walsingham prendeu Throckmorton. Revistaram a casa dele. Pelo que sei, ele tanto levava e trazia a sua correspondência com Maria Stuart quanto a minha. Talvez suas cartas fossem menos cautelosas. - Castelnau permanece admiravelmente calmo.

Mendoza se exaspera e vira seu olhar furibundo para mim.

- Não sou eu quem mantém um inimigo declarado da Igreja Católica sob meu teto. Eu já lhe disse isso antes, Michel, você está sendo feito de bobo. Se eu for expulso da Inglaterra, meu soberano vai fazer você e seu rei pagarem caro por isso.

Estou prestes a me defender quando passo os olhos na multidão do outro lado da rua e meu coração se descompassa. Entre os muitos rostos juntos, tenho certeza de que o vi: um brevíssimo instante, um lampejo de reconhecimento, aquele sorriso zombeteiro sob a aba de um velho chapéu, a piscadela lacônica e ele se foi, sumiu no mar de gente. Eu pestanejo, tento encontrá-lo novamente, mas não há sinal dele, e me pergunto se não fui buscar seu rosto no fundo de meus terrores noturnos. Mas não posso correr o risco. Então esquivo-me por trás de Castelnau, abrindo caminho em meio a espectadores irritados tentando chegar à margem da corrente humana, até poder pegar na manga do guarda mais próximo.

- Encontre Walsingham - digo, ofegante, sacudindo-o.

- Hein? Quem é você? Tire as mãos de cima de mim. - Ele se afasta para baixar sua lança. Ponho as mãos para cima.

- Por favor, você precisa alcançar Sir Francis Walsingham. Diga-lhe que Douglas está aqui. Diga-lhe que a rainha não pode passar pelas ruas. Precisa encontrá-lo urgentemente. A vida dela corre perigo. Diga a ele que foi o italiano quem avisou.

Ele olha para mim longamente, confuso, como se pesasse com que grau de seriedade levar isso em conta. Sacudo a cabeça, frenético, instando-o a agir.

Afinal, levanta a lança e grita:

- Abram caminho aí! Abram caminho, depressa!

Quando me convenço de que ele vai de fato transmitir meu recado, perdi Castelnau e Mendoza na multidão. Esgueiro-me no meio da massa compacta de pessoas, o olhar indo de um rosto a outro, a mão, como sempre, apoiada no cabo da faca debaixo do manto.

Mais tarde, no Grande Pátio do Palácio de Whitehall, permaneço nas sombras com o pescoço inclinado para trás, respirando o ar gelado e vendo os fogos de artifício espalharem centelhas alaranjadas e douradas sobre a cortina de um azul profundo do céu, penachos de fogo colorido que fulguram brevemente e se desmancham em fumaça, enquanto os convidados arrulham e dão gritinhos estridentes feito crianças.

Esse espetáculo é quase o encerramento das comemorações do dia. Quando terminar, vamos para o Grande Salão assistir a uma série de peças curtas de teatro de fundo histórico, variações sobre o tema da grandeza de Elizabeth e de sua semelhança com várias heroínas míticas. Eu queria ir para casa, mas Castelnau recusou-se terminantemente. Agora, como ele me disse, é fundamental demonstrar uma dedicação impecável à rainha durante o tempo que for necessário até o embaixador reconquistar suas boas graças. Mas Elizabeth ainda está viva, e isso é digno de ser comemorado. Sua passagem pelas ruas em cortejo, embora atrasada por causa da minha intervenção, seguiu por insistência dela, mas ocorreu sem incidentes, e, pela algazarra das turbulentas festas de rua além dos muros e o clamor incessante dos sinos das igrejas pela cidade, seus súditos estão unidos festejando ruidosamente sua lealdade a ela. Talvez Douglas nunca tenha estado aqui hoje. Talvez seja assim que eu vá viver de agora em diante, imaginando o rosto dele em toda aglomeração, assustado como o pobre Léon Dumas, e vejam só no que isso deu.

Levanto os olhos além do resplendor dos fogos de artifício para o céu

infinito. A noite está clara, e as estrelas, tão brilhantes que parecem pulsar. De que eu precisaria para calcular a distância entre elas?, penso.

- Quantos mundos novos você descobriu, Bruno?

Desperto assustado de meu devaneio, viro-me e dou com Sidney encostado numa parede, uma taça de vinho na mão. Com ar de culpa, olho em torno para ver se Castelnau está por perto, mas não há nem sinal dele.

- Uma infinidade deles - digo, sentindo meus ombros se relaxarem.

- Onde se encontra Deus, então, se não há nenhuma esfera de estrelas fixas?
- pergunta ele num sussurro. - Onde termina o universo?

- Por definição, um universo infinito não termina, seu pateta - respondo, com um sorriso largo.

- Então onde? Além das estrelas?

- Ou nelas, talvez. Nas estrelas, nos planetas, na chuva e nessas pedras sob nossos pés, e em nós. Ou talvez em lugar nenhum.

- Bem, acho melhor você deixar idéias desse tipo fora de seu livro - diz ele porque Sua Majestade está ansiosa para o ler.

- O quê?

Ele dá uma risada.

- É sua recompensa, meu amigo. Walsingham contou a ela que você está escrevendo um livro sobre os céus. A rainha pediu que você mandasse encadernar um exemplar e fosse apresentá-lo pessoalmente na corte quando estiver pronto. - Ele me dá um tapa no ombro e me oferece seu copo. - Sabe-se que Sua Majestade é uma mulher de um intelecto prodigioso, mas desejo sorte a ela quando for decifrar suas teorias. - Sidney olha para os arabescos esbranquiçados de névoa no alto. - Se eu tentar, por um minuto que seja, imaginar um universo que nunca termina, receio que minha cabeça es quente demais e exploda.

- Então não tente. - Dou um gole na bebida e devolvo-lhe a taça. - Por favor, transmita meus agradecimentos. Sinto-me honrado.

- E deve ficar, mesmo. Um aval da rainha vai fazer esse livro ser comentado em todas as academias. Só procure não escrever nada muito polêmico.

- Você me conhece, Philip.

- Sim, conheço. Por isso estou avisando. Ela não dará patrocínio a um escritor que insinua que não existe um Deus, não importa quantas vezes você salve a vida dela.

Admito que sim, balançando a cabeça, e por um longo tempo ficamos ali, olhando para a vastidão desconhecida acima de nós.

- Fiquei triste ao saber da partida de John Dee - comenta ele, enfim. - Não tive oportunidade de me despedir. Vou sentir falta do velho mago.

- E eu também - digo, comovido. - É duro, já que ele nada fez de errado, exceto ser manipulado como um tolo. O vidente Kelley não tinha ligação nenhuma com os crimes, afinal. Enxerguei o que eu queria que fosse verdade. Algumas coisas são mesmo apenas coincidências, afinal de contas.

- Mas as pessoas obcecadas pelo medo de planetas e profecias não vão acreditar nisso. Dee era uma figura polêmica demais para ser tolerada na corte, mesmo antes dessa situação terrível. - Sidney suspira e passa a mão no cabelo. - O gosto por questões ocultas será a perdição dele, pressinto. Assim como a sua, *amico mio*.

Ele se vira para mim e aperta de leve meu ombro. Por um momento, olhamos o céu em silêncio outra vez.

- Você não daria qualquer coisa para subir até as esferas, Philip, para viajar além das extensões dos céus e compreender o que existe lá?

- Daria qualquer coisa menos a minha alma - responde ele, enfático. - Você não desistiu, então. Ainda acredita que o livro de Howard vai lhe ensinar como fazer isso?

- Howard acredita que esses ensinamentos podem torná-lo imortal.

- Pode ser tarde demais para ele experimentar, se for acusado de traição. Onde está o livro agora?

- Não sei. Só Howard pode nos dizer isso. Ou talvez o sobrinho dele.

Sidney se vira para olhar para mim. Os fogos de artifício quase terminaram agora, e somente os archotes nas braçadeiras em torno do pátio fornecem alguma claridade. O rosto dele está manchado por sombras em movimento.

- Você já enfiou em sua cabeça que vai mesmo procurá-lo, não é? - Como não respondo, ele bate a mão na testa e dá um passo atrás. - Pelo sangue de Cristo, Bruno, esqueça isso, está bem? A rainha e os ministros mais importantes dela lhe devem muito. E você tem uma renda e tempo disponível para escrever um livro que terá enorme repercussão na Europa, como Copérnico fez antes. E tudo o que você queria, não é?

Reconheço que é verdade com um pequeno abaixar da cabeça.

- Pois então! Não jogue tudo isso fora perseguindo glórias passageiras.

Howard já tentou matar você e John Dee por causa desse livro, e não posso ficar vigiando você o tempo todo.

- Você tem razão, eu sei.

- Prometa-me que vai deixar de lado essa história do livro de Hermes? Henry Howard não pode pegá-lo onde está agora, e o conde de Arundel é piedoso e covarde demais para examiná-lo, se é que está com ele. O livro está protegido. Deixe-o de lado.

Hesito. Sidney aponta um dedo para meu rosto, assumindo a expressão de um professor.

- Muito bem, então.

- Bom homem. Agora acho melhor ir procurar minha mulher. Ainda nem sinal de um herdeiro, sabia? - acrescenta ele, como se não conseguisse compreender por que ninguém resolve isso. - E não é por falta de tentativas. Tome, termine isso aqui, já bebi demais.

- Sinto muito ouvir isso - digo, quando ele me entrega o copo. - Ainda assim, você só está casado há dois meses.

- E isso deveria ser tempo de sobra para minha semente fazer seu trabalho. - Faço uma careta e ele ri, batendo-me com força no braço outra vez, depois dá uns passos para trás. - Não esqueça o que eu disse - continua. - Você me fez um juramento solene.

No pátio que vai se esvaziando aos poucos, fico imóvel e olho para cima outra vez, minha cabeça o mais inclinada que posso, de modo que estou quase curvado para trás, e imagino o céu inteiro girando ao meu redor e eu sendo o ponto de apoio. Nada prometi e, ao ver uma estrela cadente atravessar com seu rastro uma constelação, piscar e sumir no escuro, recordo a sensação daquela capa de couro, as páginas antigas endurecidas, as verdades cifradas no livro escondido que um dia pode me mostrar o que existe além do mundo visível, lá longe, entre os mistérios do infinito. Olhando para cima, vejo uma última explosão de fogos cortar as trevas com uma luz carmesim, espalhando fagulhas como um banho de chuva brilhante. E por um momento, o céu fica iluminado, manchado da cor do sangue.



Table of Contents

Prólogo

Mortlake, casa de John Dee,
3 de setembro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 1

Barn Elms, casa de Sir Francis Walsingham,
21 de setembro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 2

Palácio de Richmond, sudoeste de Londres,
21 de setembro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 3

Salisbury Court, Londres,
26 de setembro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 4

Salisbury Court, Londres,
27 de setembro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 5

Palácio Whitehall, Londres,
28 de setembro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 6

Mortlake, Londres,
29 de setembro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 7

Palácio Whitehall, Londres,
30 de setembro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 8

Palácio Whitehall, Londres,
30 de setembro do ano do Senhor de 1583, cont.

Capítulo 9

Salisbury Court, Londres, 1o de outubro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 10

City, centro de Londres,
1o de outubro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 11

Mortlake, sudoeste de Londres,
1o de outubro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 12

Barn Elms, sudoeste de Londres,
1o de outubro do ano do Senhor de 1583, Noite

Capítulo 13

Salisbury Court, Londres,
2 de outubro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 14

Arundel House, Londres,
2 de outubro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 15

Arundel House, Londres,
3 de outubro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 16

Salisbury Court, Londres,
3 de outubro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 17

City, centro de Londres,
3 de outubro do ano do Senhor de 1583

Capítulo 18

Mortlake,
1º de novembro do ano do Senhor de 1583

Epílogo

Palácio de Whitehall, Londres
17 de novembro do ano do Senhor de 1583,
Vigésimo quinto ano da Ascensão de Sua Majestade Elizabeth Regina ao Trono
da Inglaterra